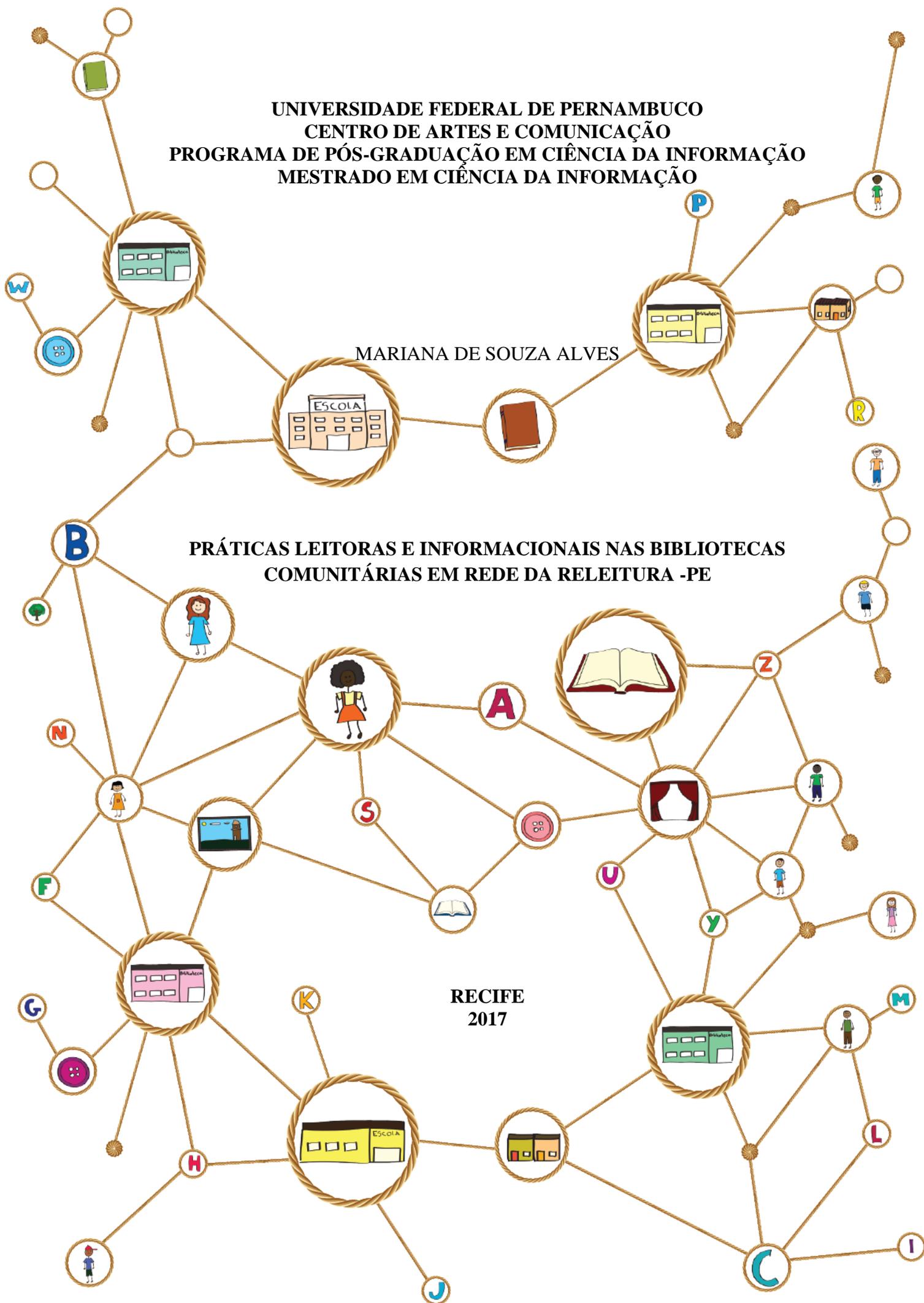


UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MARIANA DE SOUZA ALVES

PRÁTICAS LEITORAS E INFORMACIONAIS NAS BIBLIOTECAS  
COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA -PE

RECIFE  
2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

MARIANA DE SOUZA ALVES

**PRÁTICAS LEITORAS E INFORMACIONAIS NAS BIBLIOTECAS  
COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA -PE**

**RECIFE  
2017**

MARIANA DE SOUZA ALVES

**PRÁTICAS LEITORAS E INFORMACIONAIS NAS BIBLIOTECAS  
COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA -PE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Artes e Comunicação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

**Área de Concentração:** Informação, Memória e Tecnologia.

**Linha de Pesquisa:** Comunicação e Visualização da Memória.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia (PPGCI/UFPE).

**Co-Orientador:** Prof. Dr. Diego Andres Salcedo (DCI/UFPE).

**RECIFE  
2017**





**Serviço Público Federal**  
Universidade Federal de Pernambuco  
**Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI**

**MARIANA DE SOUZA ALVES**

***Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em Rede da Releitura -PE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 27/03/2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> D<sup>ra</sup> Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> D<sup>ra</sup> Maria Cristina Guimarães Oliveira (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Lourival Pereira Pinto (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> D<sup>ra</sup> Ester Calland de Sousa Rosa (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco



Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação  
Av. da Arquitetura, S/N - Cidade Universitária CEP 50740-550  
Recife/PE - Fone/Fax: (81) 2126-7728 / 7754  
[www.ufpe.br/ppgci](http://www.ufpe.br/ppgci) - E-mail: [ppgci@ufpe.br](mailto:ppgci@ufpe.br)



*Dedico à Releitura, Bibliotecas Comunitárias em Rede – RMR-PE e a todos aqueles que acreditam num mundo mais leitor.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado forças para superar mais um desafio, por toda a proteção divina, pela vida, pela família e pelas conquistas alcançadas.

Agradeço à minha família, especialmente a minha mãe e minha irmã, Juliana, por me darem sempre o apoio emocional e familiar necessário para seguir em frente. Não há ninguém no mundo mais admirável que minha mãe. Nela, encontro sempre forças e vejo que a vida é muito mais que pequenas coisas que supomos nos abalar.

A minha orientadora, Anna Elizabeth, por me alertar a me manter sempre no meu “coquinho”, embora eu sempre destoasse um pouco e fosse difícil me conter. Sobretudo, por me deixar crescer enquanto pesquisadora, nunca me entregando os peixes, mas sempre me ensinando a pescar. Pelo apoio imenso que me deu nos momentos em que precisei e por ter sido mais do que uma orientadora.

Ao meu co-orientador, Diego Salcedo, por estar sempre aberto a debates e discussões e estar sempre disponível, contribuindo muito com as minhas reflexões.

Ao professor Lourival Pinto, que está comigo desde o começo da minha trajetória e que me ajudou a não desistir da Biblioteconomia, dando-me muitas oportunidades de crescimento. Agradeço por todas as nossas conversas e discussões, que me faziam repensar e refletir sobre a pesquisa.

A Ester Rosa, por ter aceitado o convite para a banca e pelas cuidadosas leituras e valiosas contribuições ao texto. Também por ter sido um divisor de águas da pesquisa, quando me apresentou algumas propostas que me levaram a estruturar o trabalho do modo como eu queria fazer, mas não sabia como. Meus sinceros agradecimentos.

A Cida Fernandez, por toda a paciência em tirar minhas dúvidas e pelo apoio fundamental no repasse e facilitação de informações em todos os momentos em que precisei, pois, mesmo com muitos compromissos, sempre me deu atenção. Aprendo muito em todas as nossas conversas. Admiro muito você, toda sua força e inteligência. Você é uma pessoa inspiradora. Agradeço também ao curso de Mediação de Leitura, que foi essencial para minhas reflexões, e ao apoio e compartilhamento de experiências das minhas colegas e meus colegas do curso.

À professora Májory Miranda, pelas orientações e conselhos. Agradeço por ter me proporcionado o contato com a Ciência da Informação, que me abriu tantos horizontes, e a todo o estímulo fornecido, por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava que era capaz.

À professora Cristina Oliveira, também por acreditar em mim, mas do que eu, por sempre ser essa pessoa tão generosa, doce, sábia e humilde que nos ensina a ter um olhar mais crítico perante o mundo.

À professora Gilda Verri, pela atenção e olhar ávido de sempre aos nossos escritos, pelo prazer da leitura de *Templários da Ausência*, uma obra-prima sobre nossas bibliotecas pernambucanas.

À professora Leilah Bufrem, de quem tive a honra de ser aluna, por ser esse doce de pessoa, sábia, humilde, solidária e, sobretudo, muito alegre, pelas orientações muito pertinentes de sempre e por nos contagiar com a sua alegria.

Às professoras Maria Auxiliadora Carvalho, Vildeane Borba, Edilene Silva e aos professores Fábio Pinho e Flávio Brayner, que foram fundamentais na minha formação como bibliotecária e como pesquisadora.

Sou eternamente grata às minhas amigas Skalate Jéssica e Danielle Martins, por estarem sempre comigo. Vocês são pessoas incríveis e lindas. Sem vocês, teria sido muito mais difícil. Também a Andreza Melo, Domingos Santiago, Tamires Lima e Klaudia Sales, pela fundamental ajuda dispensada no decorrer da pesquisa.

Gratidão à minha turma de mestrado, pelos momentos de alegria, de partilha e de angústia passados juntos. Sem vocês, também teria sido mais difícil. Não é fácil dizer em poucas linhas o quão importante são nossas partilhas e nossas trocas. Foi muito bom ter conhecido cada um de vocês e termos tido a oportunidade de conviver e aprender juntos.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, pelo apoio direto e indireto dado em sempre me apoiarem e me darem força no andamento da pesquisa, e especialmente aos colegas mestrandos e doutorandos, pelos desafios que passamos e por compartilharmos nossas angústias e alegrias.

Agradeço à Abraão Antunes Silva, a Isabella Medeiros, bibliotecária da Biblioteca Central da UFPE, a Bruno Trajano, Mitsuo André e Nadi Presser, pela disponibilização e facilitação de textos para pesquisa.

Agradeço também a Luiz Felipe Galvão e Gabriel Santana, pelas conversas que me ajudaram a refletir sobre pontos-chaves do processo da pesquisa.

A Suzana Wanderley, pelo apoio e pelas orientações.

A Eni Viera, pelo design e ilustração da capa.

Sou profundamente grata a Roberta Paiva pelo olhar cuidadoso na revisão do trabalho.

A Daniel Pereira, pela força, companheirismo e afeto.

Enfim, sou grata, sobretudo, a todos os gestores, mediadores e interagentes da Releitura-PE, que são pessoas incríveis, símbolos de luta e resistência diária, por todo o apoio e paciência e a todas as pessoas com quem tive contato nas bibliotecas comunitárias durante minha trajetória.

“

A matéria-prima da literatura são as palavras. Palavras artisticamente elaboradas. Assim, o prazer da leitura reside na possibilidade que as palavras têm de nos encantar, de construir diante de nós um universo novo, mágico, possível, com sua reserva de vida paralela, que nos permite certo deslocamento de nosso eixo, permite-nos viver experiências novas, permite-nos colocar no lugar do outro.

Ler, portanto, não é apenas “viajar”, não é apenas passatempo. É mais.

É a capacidade do maravilhamento com uma rima, com uma construção frasal, com a beleza que as palavras, muitas vezes recriadas ou usadas num sentido não literal, podem propiciar.

Desta forma, a leitura não seria apenas preenchimento de horas vagas ou algo descompromissado, visto que só pretende suscitar um prazer de passatempo, seria sim o encontro com um universo de beleza, propiciando um prazer estético, que encanta quem descobre seus enigmas, sua lógica, seu jogo.

Precisamos, pois, perceber que a leitura tem de ser capaz de oferecer, neste mundo globalizado e facilitador um prazer diferenciado, que só ela mesma pode propiciar. Prazer que não pode ser substituído por outro. Prazer singular, sui generis. O prazer da descoberta do tanto de magia que as palavras, em sua possibilidade de construir histórias e arquitetar poemas, têm.

Aliás, quem afiança que ler é prazer, muitas vezes esquece o tanto de sofrimento que pode envolver a leitura

A leitura literária tem a função de aprimorar o humano que existe entre nós

Caio Riter (2009, p. 53).

”

## RESUMO

Analisa as práticas leitoras e informacionais existentes em quatro bibliotecas comunitárias, da Releitura-PE, a saber, Biblioteca Amigos da Leitura, Biblioteca do CEPOMA, Biblioteca Multicultural do Nascedouro e Biblioteca Popular do Coque, a partir de dois pilares: das ações que ela realiza e das condutas/vivências/sentimentos dos sujeitos envolvidos com essas bibliotecas. De maneira específica busca a) caracterizar as comunidades, o histórico, os serviços, o acervo e os interagentes das bibliotecas comunitárias escolhidas; b) verificar a interação dos participantes com a leitura e com a informação; c) identificar quais são as práticas de gestão e organização dos espaços bem como as práticas de mediação de leitura e cultura realizadas nas bibliotecas; e d) compreender qual a importância das práticas de informação e leitura para os participantes da pesquisa. Utiliza como embasamento teórico uma reflexão que busca discutir o conceito de leitura de maneira ampla, bem como sua relação com os conceitos de mediação e apropriação da informação. Também esboça considerações sobre o conceito de informação e suas implicações com as práticas informacionais. Realiza ainda explanação conceitual sobre bibliotecas comunitárias, buscando compreender as singularidades dessa tipologia de bibliotecas, além de sua relevância no que se refere à formação de leitores e cidadãos críticos e ao desenvolvimento social da comunidade. Discute também acerca das iniciativas nacionais e locais para a construção de políticas na área do livro, leitura e bibliotecas apresentando um panorama da conjuntura pernambucana e da atuação da Releitura nesse processo. Do ponto de vista metodológico, realiza um estudo de caráter bibliográfico com pesquisas em diversas fontes e suportes documentais aliado a uma investigação empírica de coleta de informações acerca das bibliotecas comunitárias e coleta de depoimentos dos sujeitos que fazem parte dessas bibliotecas, tais como gestores, mediadores de leitura e interagentes, por meio de entrevistas semiestruturadas, as quais foram analisadas e categorizadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo definida por Bardin (2008). Conclui que as práticas leitoras e informacionais dos sujeitos são múltiplas e se revelam tanto individualmente, nas maneiras de ler e de se informar, como coletivamente, nas seguintes práticas: gestão, organização e incidência política; formação e capacitação da equipe; comunicação e divulgação das ações; mediação de leitura e ações culturais; articulação com entidades locais e interação com a biblioteca. A biblioteca, por sua vez, foi considerada pelos gestores, mediadores e interagentes como um espaço vivo, local de convivência, leitura, aprendizado e lazer. Também ficou clara a relevante função da biblioteca como instrumento de politização e desenvolvimento da cidadania e da autonomia. Além de ser um espaço estimulador de sonhos e de humanização, tido muitas vezes como essencial, a ponto de ser um projeto de vida desses sujeitos.

**Palavras-chave:** Biblioteca comunitária. Leitura. Informação. Releitura -PE.

## ABSTRACT

It analyzes readers and informational practices existing in four community libraries, from the Reitura-PE, namely Library Amigos da Leitura, CEPOMA Library, Nascedouro Multicultural Library and Coque Popular Library, based on two pillars: of the actions she realizes and of the behaviors/experiences /feelings of the involved with these libraries. Specifically the research seeks a) characterize the communities, the history, the services, the collection and the interaction of the chosen community libraries; b) verify the interaction of the participants with reading and information c) to identify the practices of management and organization of the spaces as well the practices of mediation of reading and culture carried out in the libraries and d) understand the importance of the information and reading practices for the research participants. It uses as a theoretical basement a reflection that seeks to discuss the concept of reading in a broad way as well as its relation with the concepts of mediation and appropriation of information. It also outlines considerations about the concept of information and its implications for informational practices. It also carries out a conceptual explanation about community libraries in order to understand the singularities of this typology of library as well as its relevance in the formation of critical readers and citizens and the social development of the community. It also discusses national and local initiatives for the construction of policies of book, reading and libraries area, presenting a panorama of the conjuncture of Pernambuco and the work of Releitura in this process. Methodologically, he carries out a bibliographic study with researches in several sources and supports, together with an empirical investigation of information collection about community libraries and collection of testimonies of the individuals that are part of these libraries, such as managers, reading mediators and interactors, through semi-structured interviews, which were analyzed and categorized using the Content Analysis, technique according to Bardin (2008). It concludes that the reading and informational practices of the individuals are multiple and are revealed individually in ways of reading and informing themselves as well as collectively in the following practices: management and organization and political incidence; training and qualification of the team; communication and dissemination of actions; mediation of reading and cultural actions; articulation with local entities and interaction with the library. The library, in turn, was considered by managers, mediators and interactors as a living space, place of coexistence, learning and leisure. The relevant function of the library as an instrument of politicization and development of citizenship and autonomy was also clear, besides a stimulating space of dreams and humanization to the point of being an essential a life project of these individuals.

**Keywords:** Community Library. Rading. Information. Releitura-PE.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Categorização dos dados .....	78
<b>Figura 2</b>	Localização das bibliotecas comunitárias da Releitura no mapa da Região Metropolitana do Recife .....	86
<b>Figura 3</b>	Localização bairro Alto José Bonifácio .....	90
<b>Figura 4</b>	Fachada da Biblioteca Amigos da Leitura .....	91
<b>Figuras 5-6</b>	Atividades na Biblioteca Amigos da Leitura .....	93
<b>Figuras 7-8</b>	Espaço da Biblioteca Amigos da Leitura .....	94
<b>Figuras 9-10</b>	Interagentes da Biblioteca Amigos da leitura .....	95
<b>Figura 11</b>	Fachada da Biblioteca do CEPOMA .....	96
<b>Figura 12</b>	Localização bairro Brasília Teimosa .....	96
<b>Figuras 13-14</b>	Maracatu Nação Erê .....	98
<b>Figura 15</b>	Mala de leitura da Biblioteca do CEPOMA .....	102
<b>Figura 16</b>	Correio poético .....	102
<b>Figura 17</b>	Parada Literária .....	103
<b>Figura 18</b>	Interagentes da Biblioteca do CEPOMA .....	104
<b>Figura 19</b>	Espaço da Biblioteca do CEPOMA .....	105
<b>Figura 20</b>	Localização do bairro de Peixinhos .....	106
<b>Figuras 21-22</b>	Antigo Matadouro de Peixinhos .....	107
<b>Figura 23</b>	Grupo Musical de jovens de Peixinhos .....	109
<b>Figura 24</b>	Organização dos livros para a criação da Biblioteca do Nascedouro .....	110
<b>Figura 25</b>	Semana de Cultura de Peixinhos .....	110
<b>Figuras 26-27</b>	Atividades da Biblioteca Multicultural Nascedouro .....	112
<b>Figuras 28-29</b>	Bibliobôca Mambembe .....	114
<b>Figura 30</b>	Acervo da Biblioteca do Nascedouro .....	115
<b>Figuras 31-32</b>	Espaço da Biblioteca do Nascedouro .....	116
<b>Figura 33</b>	Fachada Biblioteca Popular do Coque .....	118
<b>Figura 34</b>	Localização do bairro Joana Bezerra .....	119
<b>Figuras 35-36</b>	Atividades na Biblioteca do Coque .....	122
<b>Figuras 37-41</b>	Encontro com as mães e oficinas de artesanato na Biblioteca do Coque .....	123
<b>Figuras 42-43</b>	Comemoração de datas festivas na Biblioteca do Coque .....	124
<b>Figuras 44-45</b>	Espaço e acervo da Biblioteca do Coque .....	126
<b>Figura 46</b>	Vinis de histórias infantis .....	132
<b>Figura 47</b>	Romances “Sabrina”, “Júlia” e “Bianca” .....	134
<b>Figura 48</b>	Livraria Livro Sete .....	136
<b>Figura 49</b>	Esquema representativo dos desdobramentos das práticas leitoras e informacionais .....	149
<b>Figuras 50-51</b>	Uso de redes sociais para comunicação e divulgação das ações .....	158
<b>Figuras 52-53</b>	Uso de cartazes e panfletos para comunicação e divulgação das ações.....	158
<b>Figuras 54-57</b>	Atividades envolvendo brincadeiras .....	163
<b>Figuras 58-59</b>	Práticas de mediação de leitura .....	164
<b>Figuras 60-61</b>	Encontro com escritores nas bibliotecas .....	165
<b>Figuras 62-65</b>	Rodas de leituras .....	166
<b>Figuras 66-67</b>	Práticas mediação cultural .....	167
<b>Figuras 68-71</b>	Outras práticas culturais realizadas nas bibliotecas .....	168
<b>Figuras 72-73</b>	Estudantes desenvolvendo práticas de leitura .....	172
<b>Figuras 74-75</b>	Estudantes participando de atividades de leitura na biblioteca BCEPOMA e na escola .....	173
<b>Figuras 76-77</b>	Produção dos estudantes de escola parceira da BMN .....	174
<b>Figuras 78-79</b>	Visitas a locais culturais .....	175

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Sujeitos entrevistados .....	69
<b>Quadro 2</b>	Dias e quantitativo de entrevistas .....	71
<b>Quadro 3</b>	Ocupação dos sujeitos gestores e mediadores de leitura .....	127
<b>Quadros 4 e 5</b>	Idade e nível de escolaridade dos interagentes .....	128
<b>Quadro 6</b>	Nomes substituídos dos sujeitos da pesquisa .....	128
<b>Quadro 7</b>	Fontes de informação utilizadas pelos entrevistados .....	145
<b>Quadro 8</b>	Práticas leitoras e informacionais.....	148
<b>Quadro 9</b>	Práticas de gestão e organização e incidência política.....	153
<b>Quadro 10</b>	Práticas de formação e capacitação da equipe.....	157
<b>Quadro 11</b>	Práticas de comunicação e divulgação das ações.....	161
<b>Quadro 12</b>	Práticas de mediação de leitura e ações culturais.....	170
<b>Quadro 13</b>	Práticas de articulação com entidades locais.....	176
<b>Quadro 14</b>	Práticas de interação com a biblioteca pelos interagentes.....	180

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Formas de acesso ao livro .....	138
<b>Gráfico 2</b>	Formas pelas quais os sujeitos se informam .....	146
<b>Gráfico 3</b>	Formas de comunicação e divulgação de ações realizadas nas bibliotecas .....	159
<b>Gráfico 4</b>	Motivos pelos quais os sujeitos interagem com a biblioteca .....	178

## LISTA DE SIGLAS

<b>ABRINQ</b>	Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos
<b>ACESA</b>	Associação Cultura Esportiva Social Amigos
<b>BAL</b>	Biblioteca Amigos da Leitura
<b>BCEPOMA</b>	Biblioteca do CEPOMA
<b>BCI</b>	Biblioteconomia e Ciência da Informação
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
<b>BMN</b>	Biblioteca Multicultural do Nascedouro
<b>BN</b>	Biblioteca Nacional
<b>BPC</b>	Biblioteca Popular do Coque
<b>BRAPCI</b>	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
<b>CAPES</b>	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
<b>CASC</b>	Comunidade Assumindo Suas Crianças
<b>CEEL</b>	Centro de Estudos em Educação e Linguagem
<b>CCLF</b>	Centro de Cultura Luiz Freire
<b>CEPOMA</b>	Centro de Educação Popular Mailde Araújo
<b>CI</b>	Ciência da Informação
<b>CHESF</b>	Companhia Hidrelétrica do São Francisco
<b>COPPE/UFRJ</b>	Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>CSU</b>	Centro Social Urbano
<b>CTCD</b>	Centro Tecnológico de Cultura Digital de Peixinhos
<b>DLLLB</b>	Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas
<b>DLLLB</b>	Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas
<b>ENANCIB</b>	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
<b>FBN</b>	Fundação Biblioteca Nacional
<b>FDBLLL/PE</b>	Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura
<b>FUNCULTURA PE</b>	Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura
<b>GTs</b>	Grupos de Trabalhos
<b>HQ</b>	História em Quadrinhos
<b>IBERBIBLIOTECAS</b>	Programa Ibero-Americano de Bibliotecas Públicas
<b>IBICT</b>	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
<b>IC&amp;A</b>	Instituto C&A
<b>MABI</b>	Movimento Arrebrandando Barreiras Invisíveis
<b>MCBL</b>	Movimento Cultural Boca do Lixo
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>MinC</b>	Ministério da Cultura
<b>NEIMFA</b>	Núcleo Educacional dos Irmãos Menores de Francisco de Assis
<b>PELL</b>	Plano Estadual do Livro e da Leitura
<b>PIBID Diversidade</b>	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a Diversidade
<b>PNAIC</b>	Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa
<b>PNBE</b>	Programa Nacional Bibliotecas da Escola
<b>PNBEM</b>	Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio
<b>PNC</b>	Plano Nacional de Cultura

<b>PNL</b>	Política Nacional do Livro
<b>PNLD</b>	Programa Nacional do Livro Didático
<b>PNLL</b>	Plano Nacional do Livro e da Leitura
<b>PROLER</b>	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
<b>RMR</b>	Região Metropolitana do Recife
<b>RNBC</b>	Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias
<b>SABIN</b>	Sociedade dos Amigos da Biblioteca Nacional
<b>SESC</b>	Serviço Social do Comércio
<b>SNBP</b>	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
<b>SOCINFO</b>	Programa Sociedade da Informação
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UNESCO</b>	Organização das Ações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
<b>UNICEF</b>	United Nations Children's Fund

## SUMÁRIO

<b>1 PONDO A LINHA NA AGULHA: considerações iniciais</b> .....	18
<b>2 PRÁTICAS LEITORAS: mediação e apropriação informacional</b> .....	22
<b>3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS: a interação como fator de busca, uso e compartilhamento de informações</b> .....	30
<b>4 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS</b> .....	39
4.1 COMPREENSÃO CONCEITUAL .....	39
4.2 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS COMO DISPOSITIVOS DE ACESSO E CRIAÇÃO DE INFORMAÇÃO, LEITURA E CULTURA .....	47
4.3 POLÍTICAS NACIONAIS E LOCAIS PARA BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS .....	53
<b>5 DESENHO METODOLÓGICO</b> .....	61
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	61
5.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA .....	63
5.3 COLETA DE DADOS .....	66
5.3.1 Critérios e escolhas .....	67
5.3.2 Aspectos éticos .....	69
5.3.3 Aplicação das entrevistas e vivências .....	70
5.4 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	73
5.4.1 Transcrição das entrevistas: escuta e organização das informações .....	74
5.4.2 Categorização e análise das entrevistas: identificando as práticas .....	76
<b>6 TECENDO COMUNIDADES LEITORAS</b> .....	79
6.1 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE – RELEITURA-PE .....	79
6.2 AS BIBLIOTECAS DA RELEITURA: em defesa do direito à leitura .....	85
6.2.1 Biblioteca Amigos da Leitura.....	90
6.2.2 Biblioteca do CEPOMA .....	95
6.2.3 Biblioteca Multicultural do Nascedouro .....	105
6.2.4 Biblioteca Popular do Coque .....	117
<b>7 DESCOBRINDO OS ATORES E SUAS PRÁTICAS</b> .....	127
7.1 A LEITURA COMO FIO: maneiras de ler e de se informar .....	130
7.1.1 Práticas leitoras .....	130
7.1.2 Práticas informacionais .....	143
7.2 A BIBLIOTECA COMO ARTESÃ: costurando as histórias de leitura .....	148
7.2.1 Práticas de gestão e organização e incidência política .....	150
7.2.2 Práticas de formação e capacitação da equipe .....	154
7.2.3 Práticas de comunicação e divulgação das ações .....	157
7.2.4 Práticas de mediação de leitura e ações culturais .....	161
7.2.5 Práticas de articulação com entidades locais .....	170
7.2.6 Práticas de interação com a biblioteca pelos interagentes .....	176
7.3 ALINHAVANDO REDES E PRODUZINDO NOVOS TECELÕES .....	180
7.3.1 Uma peça fundamental .....	181
7.3.2 Um lugar para estar, ler, se educar e se divertir .....	183
7.3.3 Produção de sentimentos e valores .....	187

<b>8 PREGANDO BOTÕES:</b> algumas considerações .....	191
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	198
<b>APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO</b> .....	213
<b>ANEXO A - CLASSIFICAÇÃO POR CORES</b> .....	215
<b>ANEXO B - CARTA DE ANUÊNCIA</b> .....	216
<b>ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS) .....	217
<b>ANEXO D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> (PARA MENORES DE 12 a 18 ANOS) .....	219
<b>ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS) .....	221
<b>ANEXO F - TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE</b> .....	223

Leitoras e leitores  
Preparem-se para conhecer  
Uma rede de bibliotecas  
Difusora do saber  
Que com a união das comunidades  
Colocou o fio para tecer  
Pense num povo guerreiro  
Chega faz gosto de ver

São sete comunidades leitoras  
Que possuem bibliotecas vivas  
Iniciativas das comunidades  
Que só tem gente atrevida  
Pois lutou por uma biblioteca  
Para melhorar suas vidas  
Preste atenção minha gente  
Porque dessa história, ninguém duvida

No litoral sul do Recife  
Temos o prazer de encontrar  
Um povo teimoso medonho  
Que criou um centro popular  
Em busca de um objetivo:  
Suas crianças educar!

As crianças aprendem cedo  
O que é ler e escrever  
Mas aprendem também cultura  
Não é só o ABC  
Antes de tocar, dançar e pintar  
Sempre pedem para ler  
E ainda tem o Maracatu  
Com o grupo Nação Erê

No centro sul do Recife  
Existe a comunidade do Coque  
Símbolo de resistência e luta  
Com eles a insistência é forte  
Pois criaram uma biblioteca  
Para ajudar seus mascotes

Saibam que esta biblioteca  
É bastante popular  
Muito conhecida pelas crianças  
Que adoram estar lá  
Tem até um grupo de fuxiqueiras  
Que fazem arte para danar  
E uma contadora de histórias  
Que faz todo mundo se encantar

No alto das ladeiras recifenses  
Tem um grupo muito sabido  
Que uniu leitura e esporte  
E conseguiu fazer bonito  
Hoje tem uma biblioteca

Que só traz frutos queridos

Nessa união pela leitura  
Muitas portas foram abertas  
Crianças conheceram a cultura  
Através da Biblioteca  
E da amizade com livro  
Surgiu muita coisa bela

Lembra do que lhes avisei?  
Aqui ninguém fraqueja não  
Temos ainda uma biblioteca  
Que esta sempre em ação  
É a mais antiga de todas  
Com muita disposição

Do matadouro ao nascedouro  
O lixo se fez livro  
Na biblioteca de Peixinhos  
Ele nos leva ao infinito  
A um mundo mágico cheio de afetos  
Que nos tornam mais sabidos

No Perú a alegria é presente  
Muita arte, cidadania e esporte  
A literatura encanta a todos  
Mais ainda que o Shopping

E os bem pequenos também tem vez!  
O Lar Mei Mei os acolhe direitinho  
Seja para as mães ou pros baixinhos  
Tem muita história para alegrar tudinho

A gurizada sempre corre  
Para a biblioteca da Mangueira  
Que consegue transformar o dia a dia  
Em muita leitura e brincadeira

Só mesmo o amor e a coragem  
Fazem desse povo guerreiro  
Pois o amor pela leitura  
Vale mais que o dinheiro  
Que eles tenham sempre força  
Para ajudar seus parceiros  
Já que não desistimos nunca  
Porque somos brasileiros

Deixo aqui minha admiração  
Por uma Rede tão ativa  
Que conseguiu pela leitura  
A transformação de vidas  
E nosso agradecimento  
A essas pessoas comprometidas!

(Mariana Alves, junho de 2016)

## **1 PONDO A LINHA NA AGULHA:** considerações iniciais

As bibliotecas comunitárias são espaços que têm alcançado destaque social pela forma com a qual gerenciam e promovem suas ações em prol do acesso à leitura, informação e cultura das classes menos favorecidas. Surgem geralmente em bairros marginalizados por iniciativa da própria população, que busca suprir as demandas de leitura desses locais, além de ser um espaço alternativo à inoperância das bibliotecas escolares e distância das bibliotecas públicas.

Na Região Metropolitana do Recife (RMR), em Pernambuco, o grupo de bibliotecas comunitárias Releitura-PE vem desenvolvendo um trabalho relevante de formação de leitores em comunidades periféricas. Criada em 2007, essa articulação conta hoje com sete bibliotecas e tem a missão de revigorar e qualificar suas bibliotecas integrantes, com o fim de democratizar o acesso ao livro e à cultura escrita, tendo como princípio a leitura como um direito humano.

A ideia de estudar a Releitura partiu do meu interesse e envolvimento com as bibliotecas comunitárias durante a graduação do curso de Biblioteconomia. Esse envolvimento incluiu trabalhos voluntários, projetos de extensão, atividades de disciplinas, visitas às bibliotecas e participação em eventos promovidos por elas.

Com a minha pesquisa de conclusão de curso realizada em 2014 sobre um mapeamento do tema “bibliotecas comunitárias” na literatura científica brasileira (ALVES; SALCEDO; CORREIA, 2017), pude descobrir as limitações e possibilidades que permeavam o campo. Tendo como objetivo caracterizar o estado da arte das bibliotecas comunitárias na Ciência da Informação (CI) do país, realizamos um levantamento em três bases de dados de grande representatividade no campo da CI no Brasil (artigos científicos da BRAPCI, anais do ENANCIB no repositório Questões em Rede e teses e dissertações BDTD – IBICT) durante o recorte temporal de 1973 a 2013.

Dessa forma, constatamos que os assuntos mais discutidos eram sobre os criadores de bibliotecas comunitárias e formas de gestão das bibliotecas, sendo a maioria dissertações. Havia também estudos de casos específicos de uma biblioteca em particular (os relatos de experiência), estes em sua maior parte em forma de artigos científicos (ALVES; SALCEDO; CORREIA, 2014).

Com esse retrato, identificamos que eram escassos os estudos com usuários de bibliotecas comunitárias, e também que eram raros os estudos sobre tais equipamentos de forma geral. Sobretudo, que as bibliotecas comunitárias do Recife não estavam representadas no panorama científico nacional da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), nos documentos que foram recuperados. No entanto, no que tange a outros tipos de documentos,

como trabalhos de conclusão de curso e anais de encontros estudantis, identificamos a existência de estudos sobre as bibliotecas comunitárias desta região (SILVA, 2013; BOTELHO, 2010; SOUZA, 2010; SOUZA, BEZERRA, BRÁZ, 2010).

Ao contrário de outros tipos de bibliotecas, não tirando o mérito de nenhuma delas, as bibliotecas comunitárias possuem uma representação no quadro nacional de publicações científicas pouco representativo (FELL et. al., 2014; BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011). O resultado fica abaixo do esperado, tendo em vista a quantidade de bibliotecas comunitárias existentes no nosso país. Em 2010, o levantamento realizado por Machado (2008) identificou cerca de 350 iniciativas por todo o Brasil. Nove anos depois, sem dúvida, esse número aumentou mais que o dobro. Estima-se que existam mais de 10.000 experiências desse tipo no país (AO NOSSO..., 2016, *on-line*).

Ao chamar a atenção para isso, queremos enfatizar a importância para a área da BCI de desenvolver mais estudos sobre esse tipo de biblioteca para entender como funcionam esses espaços e o quanto eles contribuem para a educação e emancipação dos sujeitos.

A pesquisa sobre bibliotecas comunitárias também fortalece a atuação dessas bibliotecas enquanto espaços públicos de informação, trazendo mais visibilidade e mais reconhecimento por parte da academia e do poder público. Além de contribuir para despertar o interesse do bibliotecário em participar de tais bibliotecas, na troca de conhecimento técnico e científico da área e enriquecimento de experiências para sua atuação.

Aliado a isso, apontamos a responsabilidade social da área e seu compromisso com os estudos de cunho social ou emancipatório. Apesar de o momento contemporâneo de estudos na CI estar se caracterizando por ter uma abordagem mais cognitiva e social, a maioria das discussões trazidas pelo campo ainda possui um cunho positivista e quantitativo e se preocupa mais com as temáticas sobre tendências tecnológicas e recuperação da informação, o que pode marginalizar alguns temas da área (ARAÚJO, 2009; FELL et. al., 2014).

Ademais, Wersig e Neveling (1975) afirmam que todas as práticas científicas devem ser respaldadas por alguma demanda social que as justifiquem: “nos dias de hoje a questão de transmissão de conhecimento para aqueles que precisam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser a verdadeira questão da Ciência da Informação” (WERSIG; NEVELING, 1975, p.134). Nesse sentido, as pesquisas no campo da CI precisam ter certo compromisso “não apenas com a informação voltada exclusivamente à produção científica e tecnológica do setor produtivo ou a dos grandes centros universitários brasileiros” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 12), mas também com as demandas sociais.

Daí advém o interesse em estudar as bibliotecas comunitárias enquanto espaços públicos de informação, pois elas constituem um local de acesso à informação e cultura das classes populares. Classes estas que, muitas vezes, por estarem geográfica e socialmente localizadas na periferia, são desprovidas da devida assistência social e educacional que o Estado tem a lhe oferecer por dever, fazendo com que surjam diversas iniciativas populares no campo da educação, saúde e esportes.

Ao mesmo tempo, são espaços ricos de conhecimentos e necessitados de estudos e incentivos por parte da CI, a qual objetiva “contribuir para a informação se tornar, cada vez mais, um elemento de inclusão social, trazendo desenvolvimento para as pessoas e nações, [existindo assim] uma responsabilidade social como fundamento para a ciência da informação definindo sua atuação na sociedade” (FREIRE, 2006, p.17).

Por isso, para contribuir com a ampliação da visibilidade dessas experiências, bem como compreender e caracterizar as práticas informacionais e leitoras das bibliotecas comunitárias, realizamos este estudo na Releitura por ser um coletivo de destaque em termos de tempo de atuação e articulação político-social que luta e resiste diariamente em busca de comunidades mais leitoras e informadas.

Sendo assim, nossa questão de pesquisa reside no fato de compreender quais são as práticas informacionais e leitoras existentes nas bibliotecas comunitárias, a partir de dois pilares: das ações que ela realiza e das condutas/vivências/sentimentos dos sujeitos envolvidos com essas bibliotecas.

A partir disso, temos como objetivo geral investigar as práticas informacionais e leitoras nas bibliotecas comunitárias da Releitura de forma a descobrir o que é produzido e vivenciado nesses espaços a partir da interação com a informação e com a leitura. Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) caracterizar as comunidades, o histórico, os serviços, o acervo e os interagentes das bibliotecas comunitárias escolhidas; b) verificar a interação dos participantes com a leitura e com a informação; c) identificar quais são as práticas de gestão e organização dos espaços, bem como as práticas de mediação de leitura e cultura realizadas nas bibliotecas e d) compreender qual a importância das práticas de informação e leitura para os participantes da pesquisa.

Para embasar nossa questão de pesquisa, propomos para nossa reflexão teórica nos capítulos dois e três uma discussão que parte do pressuposto de que a apropriação informacional é adquirida por meio de um processo mediacional cuja base é a leitura. Em virtude disso, os sujeitos constroem um conjunto de práticas informacionais e leitoras por meio de processo dialógico e interacional nas ações de busca, uso e compartilhamento de informações numa

perspectiva sociocontextual, bem como se apropriam de fontes, atribuindo sentidos, sentimentos e vivências às suas ações.

Dando seguimento ao esboço teórico, no capítulo quatro o texto continua com uma breve explanação conceitual sobre bibliotecas comunitárias, buscando compreender as singularidades dessa tipologia de bibliotecas e sua relevância no que se refere à formação de leitores e cidadãos críticos e ao desenvolvimento social da comunidade. Também discutimos acerca das iniciativas nacionais e locais para a construção de políticas na área do livro, leitura e bibliotecas, apresentando um panorama da conjuntura pernambucana e da atuação da Releitura nesse processo.

Em seguida, apresentamos no capítulo cinco os caminhos metodológicos pelos quais a pesquisa se enveredou, descrevendo seu caráter bibliográfico, com pesquisas em diversas fontes e suportes, e seu caráter empírico de coleta de informações acerca das bibliotecas comunitárias e coleta de depoimentos dos sujeitos que fazem parte dessas bibliotecas por meio de entrevistas semiestruturadas. Para a interpretação e categorização dos dados, utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo descrita por Bardin (2008).

Por fim, a apresentação dos resultados se dá no capítulo seis, quando caracterizamos as bibliotecas e suas comunidades, histórico, serviços, acervos, interagentes, entre outros elementos que são singulares a cada uma delas; e também no capítulo sete, quando esboçamos as práticas informacionais e leitoras dos sujeitos conforme o cotejo de seus relatos.

Convidamos o leitor a conhecerem um pouco mais sobre o universo, histórico e práticas de atuação dessas bibliotecas comunitárias pernambucanas enquanto expressões genuinamente populares que buscam, por meio do acesso à leitura e à informação, contribuir para a emancipação e formação humana e cidadã dos sujeitos que com elas interagem.

## 2 PRÁTICAS LEITORAS: mediação e apropriação informacional

Esboçaremos aqui, sem nenhuma intenção de esgotar o assunto, algumas noções do conceito de leitura para discutir seu lugar na CI, a importância das práticas de mediação de leitura, concepções sobre a leitura literária e a leitura como um direito humano e, por fim, o letramento literário de modo a compreender algumas facetas dos modos de ler e as formas de apropriação da leitura. A proposta é apresentar as relações entre as práticas informacionais com as práticas leitoras, já que, no nosso enfoque, elas se complementam e dão suporte teórico para as análises que foram realizadas, tendo em vista as práticas dos sujeitos da pesquisa no contexto das bibliotecas comunitárias.

A leitura, ou melhor, sua mediação é um dos objetivos de qualquer biblioteca, pois todas as ações internas e externas realizadas por ela dependem da leitura (*lato sensu*). Apesar do sentido óbvio dessa afirmação, observa-se que o interesse e preocupação por ela na Biblioteconomia e Ciência da Informação tem diminuído ou quase obliterado, como se ela não fizesse parte do espaço de análise dessas duas áreas (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 1). Isto porque, conforme Almeida Júnior (2007, p. 2) explica, a Ciência da Informação e a Biblioteconomia colocaram em um plano inferior de interesse “tudo aquilo que aparentemente não se refere à informação. A leitura foi entendida dessa forma e, portanto, considerada como prescindível na ânsia de galgar um enganoso status dentro da Ciência da Informação”.

Todavia, concordamos com o autor quando afirma que, ao contrário do que esse movimento sinaliza, a leitura é peça fundamental para a existência da informação. Pois é a partir da leitura que ocorre a apropriação informacional, ou seja, é no ato da leitura que a informação se concretiza. Sem uso da leitura, é impossível prover sentido às ações desenvolvidas pela Biblioteconomia e Ciência da Informação, pois ambas possuem a leitura como base de sustentação (ALMEIDA JÚNIOR, 2007).

Dito isto, reforçamos o quão imprescindível são as práticas leitoras para o desenvolvimento das ações nos espaços informacionais. Porém, a leitura aqui deve ser entendida em sentido amplo e, portanto, na sua interação com outras linguagens, e não apenas com o texto escrito, como ocorre frequentemente.

Para Almeida Júnior, é possível dizer que existem duas grandes formas de se compreender a leitura: “em um sentido stricto (a leitura do texto escrito) e em um sentido lato (a leitura abrangendo as várias mídias ou formas de expressão) (ALMEIDA JÚNIOR, 2012, *online*). A informação, por seu turno, também deve ser entendida em comunhão com outras mídias, além do texto escrito como a imagem fixa, a imagem em movimento e o som). Assim, o texto

literário, a música, uma palestra, uma peça teatral, uma *realia* ou um quadro suportam informações que são apropriadas por meio da leitura num processo mediacional (ALMEIDA JÚNIOR, 2007).

Dessa forma, leitura, aqui, para além de uma decodificação mecânica das letras, é compreendida como um movimento sensorial, emocional e fisiológico que envolve diversas instâncias do saber, do sentir e do ser (MARTINS, 1997). Assim como Paulo Freire (2011), que defende a leitura do mundo, ao invés de apenas a leitura da palavra, consideramos que a formação de leitores exige uma dinâmica inclusiva que abarque todos os tipos de leitura, não apenas a do texto escrito, e que compreenda a realidade e o contexto que permeiam essas linguagens. Logo, a leitura não diz respeito somente aos letrados, a leitura das imagens, dos símbolos, das cores, da música, da dramaturgia, do filme, das conversas também são elementos que fazem parte da formação leitora.

Diversas experiências envolvem o ato de ler, que vão desde um teor mais pragmático e utilitário até uma vertente mais social e imaginativa. Conforme a antropóloga francesa Michele Petit (2008), a leitura pode contribuir em diversos aspectos como acesso ao conhecimento, à instrução, apropriação da língua, construção de si mesmo, de uma identidade singular, extensão do horizonte de referências e desenvolvimento de novas formas de sociabilidade e da autonomia perante os discursos dominantes.

A leitura literária, por sua vez, é uma forma primorosa de adentrar no universo da fabulação e do encantamento e, conseqüentemente, de adquirir habilidades mais instrumentais. Cândido (2012, p. 23) conceitua literatura como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Tal manifestação está presente do analfabeto ao erudito, do causo à HQ, e, sendo assim, corresponde ao uso da palavra para a criação de mundos ou um sentimento de mundo (COSSON, 2014), cuja presença é imprescindível a qualquer povo.

Denomina-se leitura literária a ação que tem por objetivo principal a apreciação de uma expressão literária pela intencionalidade do prazer, do gosto pela leitura e da dimensão imaginária proporcionadas por esta prática cultural. Nestas obras, a linguagem se apresenta como um elemento criativo capaz de promover uma prática de questionamento do mundo e permitir a ampliação do universo do leitor (PAULINO, 2016). Possui em seu bojo a liberdade criativa e imaginativa e não é apenas desfrutada pelos letrados, pois, conforme relata a autora:

Em sociedades ágrafas, circulam textos literários orais, através de brincadeiras com sons das palavras, contações de histórias, além das criações de imagens desenhadas ou esculpidas. Tais práticas ocorrem também hoje no mundo letrado, entre sujeitos alfabetizados ou não, o que permite que se amplie o universo da interação leitor-texto (PAULINO, 2016, *on-line*).

Tal tipo de leitura é relevante também porque, diante do universo artístico, é uma fonte de prazer inesgotável que propicia ao sujeito a imersão em um mundo diferente e ficcional. O usufruto de uma obra literária possibilita a emergência de infinitas sensações e, desse modo, o prazer não se liga apenas ao engraçado ou ao conhecido, mas também se relaciona com todos os desafios e descobertas que envolvem o ato de ler, que pode exigir esforço e causar sofrimento.

Assim, para Ana Maria Machado (2008), as dificuldades e as possibilidades de superação da leitura são sentimentos que geram muito mais prazer do que a atração da leitura fácil, conhecida.

Em outras palavras, esse prazer da leitura não precisa necessariamente estar associado ao divertido, ao leve, ao engraçado, ao empolgante – e essa confusão é um dos maiores equívocos com que nos deparamos quando se usa essa expressão no caso da literatura infantil e juvenil. Pode ser encontrado em textos assim, claro [...]. Mas não é exclusivo deles. Pode estar na fruição deliciada de realidades literárias bem diversas. Num livro denso como um pesadelo, de atmosfera meio soturna e quase desagradável, falando de experiências dolorosas e angustiantes, de Lygia Bojunga. Na abstração exigente da linguagem poética de uma obra de Bartolomeu Campos de Queirós. No estranhamento sutil propiciado pelo clima onírico de um conto de Marina Colasanti [...] (MACHADO, 2008, p. 59).

Leitura e literatura são consideradas por nós como um direito humano a que todos devem ter acesso. Para Cândido (2012, p. 23) não existe homem que possa viver sem ter contato com alguma espécie de fabulação, e, sendo assim, a literatura parece corresponder a uma necessidade universal que precisa ser sanada e cuja satisfação constitui um direito: “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade”. Tal humanidade encontra-se, sobretudo, na construção da empatia, pois a ficção atua de modo a criar um estímulo imaginativo que nos permite conhecer vários lugares e viver a vida de outras pessoas. Neil Gaiman (2013, *on-line*) exemplifica dizendo que:

[...] Quando você assiste TV ou vê um filme, você está olhando para coisas acontecendo a outras pessoas. Ficção de prosa é algo que você constrói a partir de 26 letras e um punhado de sinais de pontuação, e você, você sozinho, usando a sua imaginação, cria um mundo e o povoa e olha através dos olhos

de outros. Você sente coisas, visita lugares e mundos que você jamais conheceria de outro modo. Você aprende que qualquer outra pessoa lá fora é um eu, também. Você está sendo outra pessoa e quando você volta ao seu próprio mundo, você estará levemente transformado.

Da mesma forma, a biblioteconomista colombiana Silvia Castrillón (2011) acredita que a leitura não é um luxo, obrigação, algo bom ou ruim, mas um direito histórico, cultural e político que deve ser garantido. A leitura deve ser incentivada e cultivada não apenas como uma forma de afastar pessoas da violência, mas também como um elemento que faça parte do cotidiano da vida delas:

Teríamos então, ao menos em nossos países, de definir a leitura e a escrita como direitos, como práticas que ajudam as pessoas a construir sua individualidade, a criar seu espaço no mundo e a estabelecer relações com os demais. Como necessidades relacionadas com a participação cidadã, e não, como estamos acostumados a vê-las, como um luxo associado ao ócio e ao tempo livre ou como uma obrigação escolar (CASTRILLÓN, 2011, p. 93-94).

Acreditamos, portanto, que ler é um direito e que seu poder de transformação pode ajudar as pessoas a se entenderem melhor enquanto sujeitos cidadãos e atores da sua própria história. Como Riter (2009) nos diz, ser leitor faz diferença porque nos permite construir novos sentimentos e experiências:

[...] ser leitor é possibilidade de construção de um ser humano melhor, mais crítico, mais sensível; alguém capaz de se colocar no lugar do outro; alguém mais imaginativo e sonhador; alguém um pouco mais liberto dos tantos preconceitos que a sociedade vai impondo-nos a cada dia, a cada situação enfrentada. Ser leitor, acredito, qualifica a vida de qualquer pessoa (RITER, 2009, p. 35).

O leitor se configura, por conseguinte, como um elemento fundamental no processo de leitura e apropriação da informação, pois, para que essa ação ocorra, é necessária a ativação do seu repertório intelectual para que ele, junto com o autor, interaja de modo a construir conhecimento. Nas palavras de Petit (2008, p. 26), “os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas”.

Entretanto, ao se tratar de um espaço informacional de formação de leitores, cabe destacar a figura de outro importante elemento no processo de mediação de leitura, que é o mediador. Ele é responsável por colaborar na construção de um leitor mais maduro no

movimento interacional que relaciona obra-leitor, tendo “o encargo de encaminhar o leitor à novas descobertas e aventuras” (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2008, p.3). Isso não quer dizer que sejam mediadores apenas os sujeitos que trabalham na biblioteca, mas todos aqueles que trocam, indicam, comentam e sugerem leituras entre si.

Lembramos também que todo ato de mediação pressupõe uma interferência. Tal interferência que pode ser realizada pelo profissional da informação ou não vai ao encontro da ideia da suposta neutralidade desse profissional, pois não existe mediação imparcial, mas, pelo contrário, toda interferência é salutar, desde que não seja confundida com manipulação, embora esta possa existir de modo inconsciente (ALMEIDA JÚNIOR, 2007).

A mediação da leitura se constitui, desse modo, como uma forma de apresentar e de estimular a leitura de uma obra. O mediador de leitura tem a função de possibilitar experiências de apreciação da obra, de fruição estética, que aproximem as relações entre a obra e o leitor, ampliando seu universo de leitura. Ele é também o ator que vai facilitar e conduzir o acesso aos textos, quando estes ainda são estranhos ao leitor. Não é papel do mediador impor suas impressões sobre a obra, mas estimular e despertar o interesse do leitor por ela (RITER, 2009; NEITZEL; BRIDON; WEISS, 2016).

As mediações de leitura ocorrem não só em ambientes informacionais institucionalizados, mas também no ambiente familiar, na vida cotidiana. É de grande valor, inclusive, que elas sejam realizadas desde a infância, pois vão alimentando os sentimentos de liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia que são fundamentais para o desenvolvimento da criança. Bartolomeu Campos de Queirós (2009) defende que tais elementos

[...] são também pertinentes à construção literária. Daí a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos – que inauguram a vida – como essenciais para o seu crescimento. Nesse sentido, é indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância.

Fanny Abramovich (1997), escritora especialista em Literatura Infanto-Juvenil, fala o seguinte sobre a importância da contação de histórias para o imaginário da criança:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] Ler histórias sempre, sempre... É poder sorrir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice

desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Além da infância, a leitura literária é reveladora para todas as fases da vida. As bibliotecas comunitárias interagem com essa diversidade de público e, para elas, a formação de leitores torna-se um compromisso e um desafio na medida em que lhes exige mais sensibilidade e sabedoria do que preconceitos ou imposições.

Em conformidade com esse fato, Chartier (1988, p. 104) menciona que “é preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude”. Vale dizer, não apenas legitimar os cânones, alijando, assim, outros gêneros, mas considerar a leitura de outros tipos de texto, sobretudo pelos jovens que são acusados de não leitores. O autor continua dizendo:

O problema não é tanto o de considerar como não-leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para **conduzir esses leitores**, pela escola mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras (CHARTIER, 1988, p. 104, grifo nosso).

A condução desses leitores, portanto, é feita pelo mediador. É ele quem vai aos poucos mostrando outras possibilidades aos leitores e estes vão ampliando seu repertório leitor. O resultado disto são encontros prazerosos entre leitores e entre leitores com leituras que promovem a produção de sentidos e os diversos tipos de apropriação.

Sobre os sentidos da leitura e as formas de apropriação, agora mais especificamente ligadas ao objeto livro, Goulemot (2009, p. 113) considera que ler é uma prática cultural, um local de produção de sentido, “de compreensão e de gozo”. Também crê que nunca lemos o conhecido, pois toda leitura é resultado de uma relação comparativa do contato do livro com outros livros. Ler será, portanto, continua o autor, “fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória das leituras anteriores e de dados culturais” (GOULEMOT, 2009, p. 113).

Além dos fatores relacionados ao repertório do leitor, para Roger Chartier (2009, p. 100), as maneiras de ler e as significações produzidas pela leitura estão condicionadas tanto à estrutura puramente textual, indicada pelo autor do texto, como à organização tipográfica intencionada pelo editor-livreiro. Ambas podem sugerir leituras plurais de um mesmo texto, devido às “disposições individuais, culturais e sociais de cada um dos leitores”. Além disso, o próprio objeto livro revela marcas das maneiras populares de ler.

Ao traçar um esboço histórico sobre o uso da leitura, o autor perpassa várias facetas das formas de ler, como a leitura oral ou silenciosa; a leitura intensiva (que se apropria de forma profunda física e mentalmente do material impresso) ou extensiva (numerosa) e a leitura privada (íntima, individual) ou coletiva (comunitária, geralmente associada à leitura em voz alta). Nas palavras do autor, isso se refere a:

Antes de mais nada, dar á leitura o estatuto de uma prática criadora, inventiva, produtora, e não anulá-la no texto lido, como se o sentido desejado por seu autor devesse inscrever-se com toda a imediatez e transparência, sem resistência nem desvios, no espírito dos seus leitores. Em seguida, pensar que os atos da leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro das maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositado no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objeto explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (CHARTIER, 2009, p. 78).

Além dessas diversas práticas de leitura, gostaríamos de trazer o conceito de outro elemento que faz parte desse processo de atribuição de sentido à obra pelo leitor, qual seja, o *letramento literário*, pois, embora saibamos que toda leitura tem seu valor, porquanto o ato de ler em si já é transformador, apostamos na leitura literária como uma forma de leitura que possui uma dimensão estética diferente daquela de outros tipos de textos.

O fenômeno citado é definido por Cosson (2016) como o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Quer dizer, é um movimento dinâmico que ocorre durante toda a vida, desde as cantigas de ninar até a leitura e romances ou a visualização de novelas e filmes, e tem como significado principal a ideia da apropriação, ou seja, tomar para si, sentir-se pertencido àquela obra por meio da internalização e da reflexão dela. Para o autor:

[...] não se trata simplesmente de um conjunto de obras consideradas relevantes, nem o conhecimento de uma área específica, mas sim de um modo muito singular de construir sentidos que é a linguagem literária. Essa singularidade da linguagem literária, diferentemente de outros usos da linguagem humana, vem da intensidade da interação com a palavra que é só palavra e da experiência libertária de ser e viver que proporciona (COSSON, 2016, *on-line*).

No entanto, a apropriação da leitura e da escrita também funciona como uma forma de defesa, pois “ficar excluído da escrita é ficar excluído do mundo” diz Petit (2008, p. 43). Portanto, não saber ler e escrever é uma forma de exclusão.

Não apenas uma exclusão boba, isto é, a impossibilidade de acesso ao livro ou a suportes de leitura, mas uma exclusão social, aquela que torna boa parte da população como não público do texto escrito e, considerando que o poder também se vale da escrita, transformando a população como alijada, marginalizada das condições de cidadania (ALMEIDA JÚNIOR, 2012, *online*).

Sendo assim, o lugar da leitura nas bibliotecas organiza-se de maneira singular e estruturante, como um modo de formação por meio da garantia do direito à leitura, sobretudo à leitura literária. Em uma perspectiva ampla, a leitura é aqui apresentada como um mote para a fruição estética de uma obra artística, bem como para a educação cidadã e humana, além do enfretamento das condições de exclusão social.

Com isso, foca-se na importância do ato de ler e da produção de sentidos por meio da leitura literária, a qual é sempre envolta de uma rede de mediações e de um repertório construído pelo leitor. As maneiras e os motivos de ler são plurais e nem sempre convergem. Eis, então, as infinitas possibilidades de interpretação propiciadas pela obra.

Portanto, as maneiras singulares de ler, as construções derivadas da leitura e as instâncias que envolvem a mediação da leitura, convergem nas práticas de leitura que são as atividades, sensações, os modos de ler dos sujeitos com fins de uso estético ou utilitário desde que façam sentido para elas. Essas práticas buscam por meio de experiências leitoras formar leitores e conseqüentemente abrir novos caminhos para a vida desses sujeitos.

### **3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS:** a interação como fator de busca, uso e compartilhamento de informações

A informação está imbricada em todas as práticas sociais, como algo que precisa do sujeito para atribuir sentido, e cujo contexto é vital para seu significado. Podemos dizer que todos os seres humanos usam e interagem com a informação, cada qual com suas peculiaridades. Todas as pessoas precisam de informação para realizar suas práticas sociais, sejam elas pessoais, recreativas, profissionais ou acadêmicas. Sendo assim, as informações estão inseridas em todas as ações diárias, pois buscam-se informações cotidianamente para realizar diversas atividades (CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015).

Procuramos neste capítulo delinear, inicialmente, o conceito de informação como um fenômeno que se apresenta sob três faces - material, subjetiva e social - nas quais os sujeitos constroem mediante ações cognitivas e interacionais com outros sujeitos com autonomia para perceber o que é informativo para ele ou para o grupo. Em seguida, para fundamentar o conceito de práticas informacionais, fizemos uma breve introdução aos estudos de usuários e apresentamos as práticas informacionais como uma tendência emergente deste campo.

Em termos terminológicos, a palavra *informação* tem origem latina, do verbo *informare*, traduzida para o grego como *informatio e informo*, que significa dar forma a algo, construir uma ideia, moldar a matéria. Na Idade Média, o termo foi usado no sentido ontológico e epistemológico de dar forma a alguma coisa e no sentido pedagógico de instruir (CAPURRO; HJØRLAND, 2007).

Na transição da Idade Média para a Idade Moderna, o uso do termo *informação* no sentido de dar forma à matéria passa a ser empregado no sentido de comunicar alguma coisa a alguém, sendo considerado, portanto, algo intangível. Todavia, essa abstração do conceito de informação deixou de existir até o surgimento da Teoria da Informação na metade do século XX (CAPURRO; HJØRLAND, 2007), teoria esta que influenciou diretamente as primeiras formulações acerca do conceito de informação na CI.

A Teoria Matemática da Comunicação, ou, como ficou conhecida, a Teoria da Informação se apresenta como uma concepção física da informação ao concebê-la como um elemento que pode ser medido e calculado. Criada pelos engenheiros norte-americanos Claude Shannon e Warren Weaver em 1949, essa teoria propôs analisar a eficácia da transferência de informação apenas sob um ponto de vista sintático, não considerando os fatores semânticos e pragmáticos associados a ela. Dessa forma, o tipo de informação estudado foi a informação

objetiva, a qual poderia ser processada em sistemas para a recuperação de informações (CAPURRO, 2003; WERSIG, 1996; ARAÚJO, 2011; ALMEIDA, 2015).

A partir dessa perspectiva, a informação também pode ser compreendida como um dado ou como uma coisa. Buckland (1991) defende que todos os registros e objetos são potencialmente informativos e que a informação como coisa merece ser estudada na CI por ser a única forma de informação que é diretamente tratada pelos sistemas de informação. Argumenta ainda que as pessoas são informadas não apenas por meio de comunicados convencionais, mas também a partir de uma extensa variedade de objetos e eventos.

No entanto, para que ocorra o processamento desta informação, é necessária a mobilização de estruturas que denotem significados a ela. A interpretação da informação e a atribuição de valor a um documento são elementos que caracterizam a vertente cognitiva da informação, que procura ver como o usuário atribui sentido à informação e como ele é transformado durante o processo informacional (CAPURRO, 2003), ou seja, como aquela informação alterou o seu estado de conhecimento (BARRETO, 2002).

Contudo, ao invés dessa interpretação ser considerada apenas num plano subjetivo individual, para alguns autores ela é determinada nos contextos social e cultural (CAPURRO; HJØRLAND, 2007). A faceta social da informação, portanto, vai além da cognição ou da individualidade do sujeito, considerando os condicionamentos sociais e materiais da existência humana (CAPURRO, 2003).

Assim, o que define o processo informacional são as próprias definições do que cada sujeito cognoscente social considera como informação, do que ele seleciona e coloca como critério para acessar ou descartar, num processo sócio-histórico (CAPURRO, 2003). Produzir, acessar ou compartilhar informações “pressupõe em seu ato, o reconhecimento direto por parte do indivíduo de que é ele o principal protagonista desse processo complexo que envolve tanto entidades humanas como não-humanas” (SILVA; NUNES, 2014, p. 253).

A informação revela-se, portanto, como o resultado da interpretação que o indivíduo faz da sua realidade. A construção do conhecimento se dá em um plano individual, grupal e social de forma dialética entre a objetividade da realidade e a significação subjetiva que lhe é atribuída pelos sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 2014).

Nesse sentido, as duas primeiras abordagens indicam que a informação possui uma dimensão material, de um lado, e uma dimensão subjetiva, de outro. A dimensão social/interacionista surge, então, a partir da consideração dessas duas facetas, ao defender que tanto o caráter processual de transferência de informação como a construção de sentidos pela cognição dos sujeitos atuam inseridas em um contexto social (ØROM, 2000; ARAÚJO, 2014).

Contexto tal formado por uma realidade pragmática, permeada pela linguagem, tecnologia e cultura, resultado dos significados construídos de forma interpretativa e coletiva pelos sujeitos (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996).

Para fins desta pesquisa, concordamos com Almeida Júnior (2007) quando afirma que a informação não existe a priori, mas apenas se concretiza no momento da mediação. O que existe antecipadamente é o documento ou o suporte, mas a apropriação da informação se dá quando o sujeito mediante leitura em sentido amplo (decodificação e decifração da mensagem até compreensão inferente) constrói a informação. A informação aqui é considerada uma fonte abaladora de geração de conflitos que, ao invés de diminuir as certezas, suscita novas perguntas, e assim proporciona a construção de novos conhecimentos (ALMEIDA JÚNIOR, 2009).

Por mediação da informação, compreende-se o processo que vai desde a comunicação via suporte até a transformação do conhecimento do sujeito. O que não se refere apenas ao sujeito estritamente em sua estrutura individual, mas tendo como dependente e co-construtor também o coletivo (aspectos históricos, sociais, interação com outros sujeitos) (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, 2007).

A apropriação informacional, por sua vez, não se refere apenas a uma ação de consumo ou recepção da informação, mas remete à ideia de alteração, mudança e produção de conhecimento (ALMEIDA JÚNIOR, 2007). Nos ambientes informacionais, continua o autor:

A mediação está presente, de maneira não explicitada, na seleção, na escolha dos materiais que farão parte do acervo da biblioteca, em todo o trabalho de processamento técnico, nas atividades de desenvolvimento de coleções e, também, no serviço de referência e informação. Presente em todas essas ações, a mediação faz parte do próprio objeto da área de informação. Especificamente, em relação à área de Ciência da Informação, o seu objeto passaria a ser mais a mediação do que a informação (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2008, p. 6-7).

Numa relação associativa, foi por este mesmo caminho que se enveredaram os estudos de usuários de informação. A maioria das pesquisas sobre usuários realizados até a década de 1980 deteve uma preocupação muito voltada para os sistemas de informações e não para os usuários. Essas investigações, que foram denominadas como parte da abordagem tradicional de estudos de usuários, tratavam a informação de forma objetiva, como algo externo ao indivíduo. Consideravam usuários como receptores passivos de informação e, por meio de estatísticas e modelos, tentavam predizer seu comportamento (DERVIN; NILAN, 1986).

Por considerar a informação como um dado incompleto, à qual o indivíduo atribui sentido, surge a abordagem alternativa, compreendendo que a busca de informações deve ser contextualizada na situação real e particular onde ocorreu. Quanto aos usuários, esta abordagem considera a individualidade do sujeito e suas percepções individuais, preocupando-se em compreender como as pessoas chegam ao entendimento das coisas. Defende que os sistemas de informação devem ser modelados de acordo com o usuário, com a natureza de suas necessidades de informações e com seus padrões de comportamento de busca, de forma a maximizar sua própria eficiência (FERREIRA, 1995; MARTUCCI, 1997).

Diante do cenário em que essas abordagens emergiram, deve-se reconhecer o valor das contribuições trazidas por elas. Ao trazer o usuário para o centro da discussão e considerar seus aspectos subjetivos em relação ao uso da informação, tais abordagens mudaram o panorama dominante e deram um grande passo para o campo dos estudos de usuários. Porém, apenas a perspectiva cognitiva não é suficiente.

Por isso, esses modelos impulsionaram o desenvolvimento de mais estudos que tentaram cada vez mais entender os aspectos que orbitam o usuário da informação para estudá-lo da forma mais adequada. Uma das limitações desses modelos agrupados na perspectiva cognitiva é a de que, embora ela coloque os sujeitos no centro da investigação e analise as influências contextuais do ponto de vista do usuário, identifica timidamente as influências sociológicas no processo de produção, consumo, busca, uso e compartilhamento da informação.

É em função disso que Savolainen (2006, *on-line*) constata o aparecimento desde a década de 1990 de um novo paradigma, aliado a uma análise mais social, o qual assume que tanto os sistemas como os usuários estão relacionados em um contexto histórico e social, e que isto influencia suas práticas. Dessa forma, observa-se que, para estudar os usuários de forma mais holística, deve-se ultrapassar as características mecânicas de um sistema ou da perspectiva cognitiva do sujeito, valorizando com mais ênfase seu contexto.

Como exemplo dessa nova tendência, temos a proposta de Hjørland e Albrechtsen (1995) em sua abordagem da *domain analysis* (análise de domínio), que contempla tanto a estrutura cognitiva individual e subjetiva como a perspectiva social e intersubjetiva. Os autores defendem uma interação entre as duas instâncias construindo uma análise sociocognitiva, que considera o plano contextual e social como fatores que influenciam as práticas informacionais e que essas ações só podem ser compreendidas por meio do contexto.

Araújo (2008, 2010a, 2012) faz uma associação comparativa entre as abordagens de estudos de usuários com os paradigmas da Ciência da Informação propostos por Capurro (2003). Para aquele autor, o paradigma físico da informação estaria relacionado à abordagem

tradicional centrada no sistema, o paradigma cognitivo à concepção alternativa centrada no usuário e o paradigma social associado à abordagem “interacionista” dos estudos de usuários, que também é denominada abordagem social, abordagem integrativa/relacional (COURTRIGHT, 2007), sociocognitiva (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995) ou modelo emergente (RABELLO, 2012).

Diante desse novo cenário de desenvolvimento teórico e empírico dos estudos de usuários com mudanças em suas teorias e métodos, novos conceitos para o campo surgiram, enfatizando o caráter abrangente, plural e contextual dessas investigações. Uma dessas tendências está ligada ao conceito de práticas informacionais e outra ao conceito de interagente. Delinearemos nossa fundamentação teórica a partir desses dois conceitos por julgarmos serem termos pertinentes para nosso objeto de pesquisa.

Esclarecemos inicialmente que o conceito de práticas informacionais vem sendo utilizado como uma nova vertente de pesquisas no campo dos estudos de usuários. Todavia, a perspectiva aqui lançada não se limitará apenas aos estudos dos sujeitos que usam e interagem com os serviços das bibliotecas comunitárias, mas propõe uma análise que abarque tanto as pessoas que usam a biblioteca como as que trabalham na biblioteca.

O conceito de práticas informacionais surge em busca de uma potencialização de estudos mais voltados para o contexto interacional e social dos usuários, assim como para estudar de maneira mais livre os usuários que não apenas estejam vinculados a uma unidade de informação. Em outras palavras, propõe estudos voltados também para outros ambientes que, embora não tenham o fim maior de disseminar informação, são locais onde a circulação da informação é presente, tais como “salões de cabeleireiro, espaço de jogos onde pais interagem com seus filhos, clubes e clínicas de saúde”, entre outros (PETTIGREW; FIDEL; BRUCE, 2001, p. 58, tradução nossa).

Ademais, o conceito se preocupa em analisar o contexto em que os usuários estão envolvidos e procura diferenciar-se do conceito de comportamento informacional em busca de uma visão mais holística de compreensão os usuários.

Nesse sentido, no final da década de 1990 para a década de 2000, as pesquisas sobre estudos de usuários começaram a dar mais atenção às variáveis históricas, sociais e culturais que envolvem o processo informacional, a fim de transcender a estrutura cognitiva. Percebeu-se que o contexto e a situação influenciam diretamente nas práticas de informação dos usuários (COURTRIGHT, 2007).

Os pesquisadores dessa vertente têm procurado estudar o tema de maneira mais abrangente do que os projetos tradicionais de pesquisa. Acreditam que o contexto deve ser

entendido de forma mais ampla e defendem “estudos qualitativos mais ricos e detalhados de situações e contextos específicos, a fim de compreender as várias formas sutis, em que as pessoas recebem e modelam a informação” (BATES, 2010, *on-line*, tradução nossa).

Em se tratando de contexto, Courtright (2007) esclarece que ele se difere de uma situação, posto que o primeiro é um quadro mais amplo em que o usuário ou o sistema de informação opera, enquanto a segunda é a circunstância por meio da qual uma necessidade de informação surge. Um contexto pode abarcar diversas situações: “inclui aqueles elementos que têm uma influência mais duradoura e previsível sobre as práticas informacionais do que a situação; situação será vista como uma parte potencial do contexto” (COURTRIGHT, 2007, p. 273, tradução nossa).

A autora identifica a existência de quatro formas pelas quais o contexto é tratado na literatura, a saber: contexto como container, pessoa no contexto, contexto socialmente construído e contexto relacional/integrativo. Para fins desta pesquisa, iremos nos apropriar do conceito de contexto integrativo/relacional (*embeddedness*), que destaca os fatores institucionais, tecnológicos, culturais e políticos como elementos que limitam e motivam a busca informacional.

Para este tipo de contexto, as interações entre pessoas e entre pessoas e elementos não-humanos acontecem em um contexto dinâmico e complexo que se relaciona a todo momento. Sugere-se um conceito de mudança em que os atores não são apenas formados pelo contexto, mas fazem parte dele. E ainda, não só os atores definem o contexto, mas o pesquisador também exerce uma função nesse processo.

Voltando ao conceito de prática informacional, Savolainen (2007) reconhece que esse termo “tem permanecido um tanto ambíguo, e os pesquisadores têm encontrado dificuldades na tentativa de traçar fronteiras claras com os conceitos relacionados” (SAVOLAINEN, 2007, p. 125). Não obstante a divergência entre os conceitos, é possível adotar aquela perspectiva que mais se adequa à pesquisa que se quer desenvolver.

Conforme Savolainen (2007), o comportamento informacional e as práticas informacionais são, de maneira geral, formas pelas quais as pessoas lidam com informações. Entretanto, não são termos sinônimos, mas carregados de sentidos distintos, originados por concepções teóricas e discursos diferentes.

Os argumentos de Savolainen (2007) afirmam que o conceito de práticas informacionais é mais orientado social e contextualmente do que o conceito de comportamento informacional. A ideia de prática informacional desloca a ênfase das habilidades e motivações dos indivíduos isoladamente para a busca e o uso da informação construída dialogicamente em meio às

interações sociais. O conceito de prática informacional, de acordo com a concepção de Savolainen (2007) e Mckenzie (2002, 2003), liga-se aos fatores contextuais de busca e compartilhamento de informações, colocando os fatores sociais e culturais no plano central de análise.

Savolainen (2008) se utiliza da fenomenologia de Schutz e da teoria da prática de Schatzki para definir o conceito de práticas informacionais que procura reconhecer a natureza social da busca da informação para a resolução de um problema, ao invés de focar apenas nas atividades de informação reguladas por necessidades informacionais individuais (COX, 2012).

As práticas informacionais podem ser entendidas, portanto, como "conjunto de maneiras social e culturalmente estabelecidas para identificar, buscar, usar e compartilhar as informações disponíveis em várias fontes, tais como televisão, jornais e Internet" (SAVOLAINEN, 2008, citado por DAVENPORT, 2009, p. 2590). Savolainen expande a pesquisa de informação ampliando o foco para além da busca, abrangendo o uso e compartilhamento de informações e transcendendo para ambientes fora do local de trabalho, fora das organizações, na preocupação com a busca e o uso da informação na vida cotidiana de modo contextual.

Percebe-se aqui uma relação entre as práticas informacionais e o contexto, assim como postulada por Coutright (2007) em relação ao contexto integrativo/relacional, que reconhece nos fatores institucionais, tecnológicos, culturais e situacionais elementos motivacionais e limitantes do processo de busca, uso e compartilhamento da informação.

A abordagem sobre as práticas informacionais é importante, destarte, por considerar o sujeito um ator social que, além de ser um ser ativo na busca e compartilhamento de suas ações, realiza suas ações em meio a uma coletividade e atribui significado a elas. Ao protagonizar essas ações, os sujeitos demonstram competências informacionais no ato da busca, uso, apropriação, produção e compartilhamento dessas informações, incluindo-se nisto a capacidade de fazer relações, discernir, inferir e usar a informação de forma adequada, além de entender como informação não apenas aquela ligada ao conhecimento científico, mas também ao saber do povo, ao senso comum e ao mundo empírico (ALMEIDA JÚNIOR, 2016).

Conforme dito mais acima, optamos por considerar para esta pesquisa o uso do termo *interagente* em detrimento do termo *usuário* pelo fato de o primeiro pressupor a ideia de participação e troca, tão característica do contexto atual, não tão enfatizada pelo segundo. Utilizaremos também termos como *sujeitos*, *atores* e *leitores* para nos referirmos aos entrevistados da pesquisa.

Apesar de o termo *usuário* ser amplamente utilizado até hoje nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, escolhemos utilizar a proposta lançada por Corrêa

(2014), que argumenta em prol da ideia de unilateralidade e passividade implícita nesse termo (PRIMO, 2005), pelo qual se subentende que o sujeito adentra um espaço de informação apenas para o uso intenso ou não do espaço e dos recursos, como se não ficasse explícita no termo a ideia de permuta de contrato entre pessoas.

Reforçamos, a nossa escolha parte de uma concepção terminológica pela qual optamos, mas não estamos renegando de maneira alguma o uso do termo *usuário*: a fizemos apenas por adequação ao nosso objeto de pesquisa.

Sendo assim, o contexto colaborativo e dinâmico permeado por diversas mídias e por uma ampliação das formas de interação que se apresenta na atualidade termina por promover um contato maior entre as pessoas envolvidas num espaço informacional. Ademais, apesar de o termo *interagente* estar mais dirigido para os estudos envolvendo interação por computador, ele pode ser aplicado a diferentes contextos de atuação (CORRÊA, 2014).

Terminologicamente, “interação” (*inter-ação*: ação entre) quer dizer ato de reciprocidade entre dois ou mais corpos; atividade compartilhada; ação recíproca entre homem-equipamento; conjunto de atividades entre membros de uma comunidade ou, na Física, “processo em que o estado de uma partícula é alterado devido à ação de outra partícula ou de um campo” (INTERAÇÃO, 2016, *on-line*). Parte-se, portanto, de uma noção de mutualidade na qual não só há troca, mas também alteração entre uma das partes, o que se liga em uma relação direta com os conceitos de mediação e apropriação da informação. Conforme conceito:

A mediação da informação permite e exige concepção de informação que desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação. Dessa forma, defendemos que o usuário é quem determina a existência ou não da informação. A informação existe apenas no intervalo entre o contato da pessoa com o suporte e a apropriação da informação. Como premissa, entendemos a informação a partir da modificação, da mudança, da reorganização, da reestruturação, enfim, da transformação do conhecimento. Assim entendida, ela, informação, não existe antecipadamente, mas apenas na relação da pessoa com o conteúdo presente nos suportes informacionais. Estes são concretos, mas não podem prescindir dos referenciais, do acervo de experiências e do conhecimento de cada pessoa. Em última instância, quem determina a existência da informação é o usuário, aquele que faz uso dos conteúdos dos suportes informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 97).

Identifica-se, diante do exposto, que o conceito de práticas de informação também compreende as ações de mediação da informação e apropriação da informação, as quais pressupõem um movimento de partilha por meio da leitura que promove a interação e a

negociação entre sujeitos, de forma que eles se apropriem de informação e produzam conhecimento (GUARALDO, 2012).

Nesse sentido, para além do uso da informação, a concepção de negociação e compartilhamento da informação torna o processo de mediação uma ação conjunta de diálogo, interação e discussão que promove e estimula as práticas informacionais dos sujeitos. A interação pressupõe participação efetiva dos sujeitos e ação transformadora, oportunizada pelo diálogo.

Assim, para fins desta pesquisa, práticas informacionais e leitoras são conceitos tratados de forma ampla. Eles implicam as ações de busca, produção, apropriação e compartilhamento de informações, as quais são adquiridas mediante o uso da leitura por um processo mediado por diversos interferentes contextuais, humanos, culturais e tecnológicos. Os conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores e vivências adquiridos e transformados durante esses processos também compreendem as práticas informacionais e leitoras.

A seguir, apresentaremos uma discussão em torno do conceito de biblioteca comunitária, no que tange às suas singularidades e relações com outros tipos de biblioteca. Também falaremos da importância da biblioteca comunitária como dispositivo estimulador da leitura, informação e cultura e, por fim, esboçaremos as políticas existentes ligadas à área do livro, leitura e bibliotecas.

## 4 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

As Bibliotecas comunitárias são iniciativas que surgem de forma espontânea, na maioria das vezes em comunidades de baixa renda ou lugares geralmente marginalizados, a partir de vontade individual ou coletiva de grupos da sociedade civil, de forma solidária e voluntária para suprir as demandas de leitura desses locais. Outro motivo pelo qual elas surgem é a falta de estrutura das bibliotecas escolares e a inoperância e distância das bibliotecas públicas em relação aos bairros mais periféricos.

Dito isto, este capítulo tem o objetivo de apresentar o que se compreende por biblioteca comunitária e suas relações com a biblioteca pública e popular, bem como os motivos que provocaram o seu surgimento. Ressaltará que, embora sejam tipologias diferentes de bibliotecas, as bibliotecas públicas, comunitárias e escolares possuem diversos problemas estruturais causados pela falta de apoio do governo, necessitando, portanto, de ações conjuntas em busca de políticas públicas para a causa do livro e da leitura. Por fim, discutirá a importância da biblioteca pública e da biblioteca comunitária como dispositivos de educação e cultura para a formação de sujeitos leitores, cidadãos mais conscientes, e para o desenvolvimento local das comunidades.

### 4.1 COMPREENSÃO CONCEITUAL

Para chegar ao conceito de bibliotecas comunitárias, é necessário traçar uma breve explanação do que é uma biblioteca pública e como sua atuação impulsionou o surgimento das bibliotecas populares e comunitárias. As bibliotecas públicas se configuram como organizações mantidas pelo Governo Federal, regional ou municipal com o objetivo de fornecer de modo equitativo a todos os cidadãos o acesso ao conhecimento e à informação por meio de diversos recursos e suportes (UNESCO, 1944; THE PUBLIC..., 2001).

O Manifesto IFLA/UNESCO afirma ainda que a biblioteca pública deve fornecer recursos e serviços nos variados suportes informacionais e culturais para atender às necessidades da população no que se refere à educação, informação, desenvolvimento pessoal, cultura e lazer, tendo a importante função de promover a democracia por meio do conhecimento e da reflexão.

Os eixos que mais se destacam nos objetivos da Biblioteca Pública descritos no Manifesto são o da estimulação da leitura e criatividade nas crianças e jovens, a promoção do conhecimento e apreciação da cultura em todas as suas manifestações, além do fornecimento

de informação utilitária, científica e escolar a toda a comunidade. Ficam claras, portanto, as funções educativa, cultural, recreativa e informativa da biblioteca pública delineadas por Almeida Júnior (1997).

Conforme Suaiden (1995) destaca, a verdadeira função da biblioteca pública só é alcançada quando ela possui uma íntima interação com a comunidade. Sem essa interação, é difícil cumprir com seu objetivo de ser um dispositivo de acesso à informação a todo tipo de cidadão, e, mais ainda, faz com que haja perda de investimento público, devido à sua subutilização por parte da população. Por isso, é preciso que exista engajamento da biblioteca pública com seus usuários, para que, cientes da importância da biblioteca, possam atuar e lutar juntos por mais incentivos e apoio governamental (SUAIDEN, 1995).

Essa aproximação com a comunidade e com seus interagentes se revela também na necessidade que a Biblioteca Pública tem de estender e interiorizar os serviços bibliotecários para atender aos habitantes da zona rural e das periferias e interagir melhor com esse público. Quando isso não ocorre, a biblioteca corre o risco de perder sua função social e a razão de existência.

Esse risco é presente porque tradicionalmente a biblioteca pública preservou e reproduziu os interesses da classe dominante, ao invés de priorizar os interesses da população. Tal caráter elitista sempre privilegiou o atendimento aos habitantes do centro da cidade, área onde as bibliotecas públicas geralmente estão inseridas (SUAIDEN, 1995; ALMEIDA JÚNIOR, 1997).

Suaiden (1995) segue relatando que, tendo em vista o fato de a biblioteca pública não ter conseguido ampliar seus serviços à periferia e zona rural e ao fato de a biblioteca não priorizar seu acesso à população mais afastada, esses grupos de pessoas mais humildes acabam se desmotivando a frequentar este espaço.

Para sanar suas necessidades, tal população concebe como suas fontes de informação professores e diretores das escolas, contribuindo para a perda do objetivo da biblioteca pública de ser um centro irradiador de informação e cultura. Outro fator que contribui para esse quadro é o despreparo do bibliotecário para atuar nesses espaços, e por isso uma reformulação dos currículos acadêmicos de Biblioteconomia, segundo o autor, é premente (SUAIDEN, 1995).

Tendo em vista esses fatores elencados, aliados ao fato de não existirem bibliotecas públicas em muitos locais e, sobretudo, a falta de investimentos do aparelho estatal apontada por vários autores da área para as bibliotecas existentes (SUAIDEN, 1995; ALMEIDA JUNIOR, 1997, MILANESI, 1989), - e constatada por levantamentos estatísticos municipais (CENSO..., 2010; RELATÓRIO PRELIMINAR, 2012) - observa-se o surgimento e

emergência de novos tipos de bibliotecas para atender à população mais carente, a exemplo das bibliotecas populares e comunitárias.

As bibliotecas populares podem ser compreendidas de duas maneiras. A primeira se refere a um movimento estadonovista de forte cunho populista, também ligado à concepção de Educação Popular, ocorrido entre as décadas de 1930 a 1950 em algumas cidades do país, que tinha na instalação de bibliotecas uma maneira de educar a população e aumentar seu conhecimento cultural (VERRI, 2010).

Verri (2010, p. 76) explica que, no Recife, essas experiências de bibliotecas populares “vinham do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte, tendo como padrão as das cidades dos Estados Unidos”. No entanto, o termo *popular* também foi utilizado pela sociedade para se referir a projetos genuinamente populares, ou seja, oriundos do povo (MACHADO, 2008). Por isso, algumas bibliotecas comunitárias também têm no nome o termo popular.

No caso das bibliotecas populares em Recife, apesar de elas serem mantidas pelo governo municipal, sua proposta de criação foi feita justamente em função do distanciamento da biblioteca pública dos bairros mais marginalizados da cidade. Além desse motivo, Verri (2010 p. 87) esclarece que a Biblioteca Pública de Pernambuco, apesar da longa existência (desde meados do século XIX), tinha benefícios de atuação limitados a poucos usuários, “sem complementar o sistema educacional e sem força política, a Biblioteca Pública não se habilitava ou não apresentava condições de atuação mais ampla, restringindo suas atividades a uma elite tradicional, de cunho conservador, voltado para pesquisas históricas ou jornalísticas”.

Destarte, diante do cenário de miséria social da capital pernambucana e da ineficiência da biblioteca pública, o Diretor da antiga Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife, Manoel de Souza Barros, propõe a criação de bibliotecas populares dinâmicas no Recife, com fins de melhora do índice cultural do povo pobre. Na sua justificativa, ele argumenta:

Invoca-se, quase sempre, o fato de ser o Recife já servido por uma biblioteca estadual. Sem querer fazer apreciações em torno dessa entidade, somos obrigados a explicar que a mesma não tem condições de penetração entre as camadas populares pobre do Recife. Situada no centro, ela serve mais a um grupo de professores e intelectuais e a pequeno número de leitores de revistas, jornais e outros periódicos (REGUEIRA COSTA, 1954 citado por VERRI, 2011, p. 2).

As bibliotecas populares foram construídas e desenvolvidas conseguindo sobreviver bem durante alguns anos, constituindo um fato inédito na cena recifense que possibilitou num

curto espaço de tempo o planejamento e idealização da criação de bibliotecas populares. A inovação foi fazer possível o encontro entre o livro e o povo. A empolgação com que se realizaram as ações foi poucas vezes encontrada no cenário político e social da cidade. A área democrática resultante do fim do Estado Novo reformulou um quadro que antes não considerava a população pobre. Contudo, por uma série de dificuldades políticas e econômicas, esses traços foram se enfraquecendo (VERRI, 2010).

Não deixa de ser interessante citar ainda uma passagem dita por Edson Nery da Fonseca, em concordância com Verri (2010, p. 19), segundo a qual “o admirável movimento cultural do Recife dos anos de 40 e 50 fracassou por ter sido uma iniciativa governamental. Já em 1943, Rubens Borba de Moraes explicava o sucesso da biblioteca pública nos Estados Unidos por ser criada e administrada pela comunidade”. Não tomando a fundo os limites dessa afirmação, ou seja, não eximindo o dever do aparelho governamental, estamos querendo reforçar apenas a importância da participação comunitária na interação com as bibliotecas públicas como um elemento fundamental de sua manutenção.

Em fins dos anos 1970, o período militar no país causou uma grande estagnação, além de repressão e censura nos espaços de informação e leitura da cidade. No período de redemocratização, tanto as bibliotecas públicas quanto as populares foram se reerguendo aos poucos, fazendo eclodir na década de 1990, em meio aos movimentos sociais, o surgimento de várias iniciativas comunitárias, entre elas a criação de bibliotecas. Tais bibliotecas se diferenciam das bibliotecas públicas e populares por serem criadas e mantidas pelas próprias camadas populares e por manterem uma relação mais direta com as pessoas ao seu redor. Com um tempo, essas bibliotecas foram sendo denominadas bibliotecas comunitárias.

Ao iniciar por uma discussão conceitual do termo, Almeida Júnior (1993) considerou que a biblioteca comunitária seria uma modalidade do conceito de biblioteca alternativa. Esta última é definida por ele como sendo todas as propostas que viessem mudar ou alterar os trabalhos da biblioteca tradicional, a exemplo dos conceitos de “Biblioteca-Ação Cultural”, “Biblioteca-Centro Cultural” do Flusser, “Centro de Documentação Popular”, Serviço Referencial e de Informação, bem como bibliotecas populares e comunitárias.

Posteriormente, em complemento à concepção de Almeida Junior (1993), Machado (2008) aponta cinco elementos peculiares às bibliotecas comunitárias que as distinguem dos outros tipos de biblioteca. São eles:

- 1.a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural.

2. a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social.
3. o processo de articulação local e o forte vínculo com a comunidade.
4. a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas.
5. o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação (MACHADO, 2008, p. 60-61, grifos do autor).

Ressaltamos que, de fato, as bibliotecas comunitárias não deixam de ter o caráter alternativo à biblioteca pública como destacado por Almeida Junior. Mas também concordamos com Machado quando destaca os outros elementos, pois eles representam de maneira concreta a forma de constituição das bibliotecas comunitárias, sobretudo aquelas que fazem parte do nosso lócus de pesquisa, a Releitura.

O fato de serem criadas *pela* e não apenas *para* a comunidade significa que, ao invés de ser uma iniciativa criada unicamente por uma instância superior (governo, empresa privada) para uma comunidade, é instituída pelos próprios membros da comunidade com a ajuda de instituições parceiras, embora existam exceções.

A biblioteca comunitária também atua como agente de inclusão, lutando pela inserção daqueles que são excluídos da sociedade da informação (VIEIRA, 2007), conforme descrito no segundo elemento, reivindicando o direito de todos ao acesso à leitura, que muitas vezes é negligenciado pelo Estado. Para sobreviver, é necessária uma ampla habilidade de negociação e articulação social com a comunidade – escolas, comerciantes, moradores, associações, igrejas, como é destacado no terceiro ponto.

O forte vínculo com a comunidade é outro fator de destaque dessas bibliotecas, que faz com exista uma reciprocidade de ações, na qual ambas as partes são beneficiadas. Uma comunidade pode ser entendida como um grupo de pessoas que convivem em uma mesma área territorial e que compartilham condições de vida semelhantes. Porém, embora a localização seja uma característica necessária de uma comunidade, o que garante sua existência é a partilha de experiências e modos de vida que promovam certa coesão social. Essa coesão confere a seus membros gera um sentimento de responsabilidade e comprometimento que, movidos pelas relações familiares e vicinais essencialmente orgânicas e intuitivas, saem em busca de seus objetivos (SUAIDEN, 1995; MACHADO, 2008).

É interessante observar que as propostas de Flusser (1980) para a caracterização de bibliotecas, que ele denominou como “verdadeiramente públicas” em oposição à biblioteca tradicional, adequam-se em grande medida às ações realizadas pelas bibliotecas comunitárias. Diz o autor que, por meio de uma dimensão criativa e mediadora, a biblioteca verdadeiramente

pública deve não só oferecer a informação, mas também “analisar criticamente a herança cultural” em forma de ação. Além disso, defende que esse tipo de biblioteca possibilita ao “não-público” (ou usuários potenciais, população marginalizada) a condição de autor, para que eles também escrevam seus livros.

O autor pontua também que, ao contrário da biblioteca tradicional, que é implantada e por isso corre o risco de ser rejeitada pela população, na biblioteca-ação cultural, não existe esse perigo, pois foi criada pela comunidade e não para a comunidade, respondendo, portanto, às aspirações deste grupo. Por fim, assinala que, para além de atender a usuários, o animador-bibliotecário da biblioteca verdadeiramente pública deverá fazer parte da comunidade, prezando por uma postura verdadeira política (FLUSSER, 1980).

Esses pontos elencados por Flusser (1980) são, em grande parte, encontrados nas bibliotecas comunitárias, ao menos nas bibliotecas da nossa pesquisa, como veremos mais à frente. O trabalho com a herança cultural, bem como o estímulo à produção pelos usuários, é uma prática frequente entre as bibliotecas, que sempre buscam valorizar a cultura local e proporcionar atividades de escrita e produção cultural.

A circunstância de elas serem criadas pela comunidade, de fato, faz dela um dispositivo de interesse da comunidade, que, por sua vez, disponibiliza informações e ações que atendem aos anseios do grupo. E, por fim, todos os responsáveis pelas bibliotecas comunitárias fazem parte da comunidade e mantêm uma incidência política presente em todas as ações.

As bibliotecas comunitárias se apresentam, portanto, como um novo tipo de biblioteca que, apesar de também serem espaços públicos de informação, são mantidas por pessoas da sociedade em geral (FERNANDEZ; MACHADO, 2016). Constituem espaços que buscam ser um local de acesso à informação, leitura e cultura de pessoas que, muitas vezes, não possuem outros espaços de educação, cultura e lazer.

Também podem ser conceituadas como espaços de leitura que surgiram por iniciativa das comunidades e são gerenciados por elas, ou ainda aqueles espaços que, embora não tenham sido iniciativas das próprias comunidades, voltem-se para atendê-las. São locais que preservam sua natureza de uso público e comunitário em sua essência, tendo como princípio fundamental a participação de seu público nos processos decisórios e avaliativos (O QUE ..., 2014).

As bibliotecas comunitárias podem ainda ser consideradas uma “instituição de memória e de interação de práticas de aprendizagens e de mudanças sociais” (PRADO, 2009, p. 1). São formas de organização social, criadas para a produção, e troca e registro de conhecimentos locais, gerando, a partir disso, uma memória social (PRADO, 2009; PRADO; MACHADO, 2008).

As razões para a criação de bibliotecas comunitárias são muito singulares e difíceis de serem generalizadas, pois cada criador teve um motivo especial para criar sua biblioteca. Porém, percebe-se que geralmente estes locais são criados por pessoas que sempre tiveram um envolvimento com livros e/ou por acumularem muitos livros em casa resolvem abrir esse acervo para a comunidade e criar uma biblioteca. Tais espaços também podem surgir a partir de iniciativas individuais ou coletivas internas (Igrejas, grupo de jovens, associação dos moradores ou idosos) ou externas (ONGs, empresas privadas) (MACHADO, 2008; VIERA, 2007; MADELLA, 2010).

Quanto aos motivos, cabe reforçar que, em muitas regiões, elas são uma forma de afastamento dos jovens do tráfico de drogas e das diversas situações de vulnerabilidade social. Também se constituem uma alternativa à inexistência de espaços culturais nas regiões mais periféricas, e, na maioria das vezes, como uma forma de complementar ou até mesmo suprir o papel da biblioteca escolar e pública. Nesse sentido, além de reforço escolar ou atividades de leitura e alfabetização, as bibliotecas comunitárias também fornecem informação utilitária típica da biblioteca pública, servindo de ponto de referência para a comunidade.

No que se refere aos locais em que estão implantadas, Carneiro (2016) identifica que as bibliotecas comunitárias surgem em diversos ambientes, podendo ser eles domésticos (garagem, varanda, jardim), comerciais (padarias, restaurantes, lojas), ambientes ambulantes ou livres (geladeiras, caixas, bicicletas, ponto de ônibus) ou em um espaço próprio para este fim.

O acervo, em sua grande maioria, é formado por obras doadas, seja através de campanhas, doações dos próprios criadores e de seus familiares, assim como pessoas externas que, ao tomarem conhecimento da biblioteca, fazem suas doações (VIEIRA, 2007). Poucas bibliotecas possuem um critério de seleção estabelecido, ocorrendo, na maior parte delas, recebimento das doações sem nenhum tipo de critério. Da mesma forma, o processo de catalogação dos livros também não é regular (MACHADO, 2008).

Sobre o tipo de material que compõe estes acervos, identifica-se comumente livros de literatura infanto-juvenil e adulta, nacional ou estrangeira, livros paradidáticos, enciclopédias, dicionários, histórias em quadrinhos e revistas. Algumas possuem também filmes em DVD, mapas e discos (MACHADO, 2008).

Seus funcionários podem ser os próprios idealizadores das bibliotecas, jovens da comunidade que podem ter relação ou não com a biblioteconomia, além de outros atores externos. As bibliotecas estão abertas a atender a qualquer pessoa da sociedade. Geralmente contemplam os estudantes do bairro, moradores em geral e pessoas em situação de rua (MACHADO, 2008).

Ao se tratar de uma biblioteca que surge na comunidade e para a comunidade, diferentemente dos outros tipos de bibliotecas, como as públicas, escolares ou universitárias, que possuem bibliotecários como os profissionais responsáveis pelos espaços, nessas bibliotecas esse cargo fica majoritariamente sob o comando dos idealizadores dos projetos ou de pessoas voluntárias (MACHADO, 2008).

Devido à falta de uma política pública que garanta recursos próprios para as bibliotecas, sobretudo as comunitárias, elas sofrem com o déficit de recursos humanos. As equipes dessas bibliotecas são formadas por pessoas voluntárias ou que recebem uma ajuda de custo para manter a biblioteca em funcionamento. Isso causa uma rotatividade alta de pessoas, “implicando uma inconstância na execução de projetos” (SANTANA, 2014, p. 20).

Todavia, essas pessoas, apesar de na maioria das vezes não ter formação específica em Biblioteconomia, possuem outros valores e habilidades que são fundamentais para sua atuação, como serem leitoras, ter formação política, amor à comunidade e aos livros e empatia com os usuários (BASTOS; GALLI; ROMÃO, 2013). Conforme constatado por Silva (2011, p. 162), apesar da ausência de bibliotecários nas bibliotecas comunitárias, “as iniciativas parecem funcionar de maneira mais eficaz”. Contudo, essa eficácia “não se encontra materializada nos procedimentos técnicos e formalização organizacional, mas na presença espontânea dos usuários e na demonstração de ser este, um espaço necessário à comunidade” (SILVA, 2011, p.161).

Assim sendo, se os recursos humanos são escassos, os financeiros são mais ainda. Para manter esses espaços, os coordenadores das bibliotecas procuram articular variadas formas de negociação com diversas instâncias da sociedade, seja com prefeituras, universidades, empresas, fundações ou bancos.

Algumas se mantêm apenas com as taxas cobradas por atraso de livro; outras estabelecem parcerias com a comunidade ou com os integrantes da biblioteca para a doação de uma quantia mínima por mês para ajudar nas despesas mensais. Muitas delas se inscrevem nos editais de financiamento ou premiação para iniciativas do tipo (MACHADO, 2008).

Isso ocorre porque essas instituições não possuem um tipo de política pública para lhes amparar. Machado (2008) explica que as políticas públicas para bibliotecas comunitárias não podem ser pensadas de forma isolada. Elas têm de ser planejadas de forma integrada com as políticas públicas para bibliotecas públicas e escolares.

Essas políticas são necessárias, seja porque as iniciativas individuais não possuem condições de se sustentar sozinhas em longo prazo ou porque, na posição de iniciativas apoiadas por estruturas do Terceiro Setor, não podem estar sujeitas aos riscos decorrentes do modelo

neoliberal de responsabilidade social que essas empresas carregam (MACHADO, 2008; 2010). A seguir, partiremos para uma compreensão da importância social que as bibliotecas públicas e comunitárias possuem tanto na vida de seus interagentes, no que se refere ao fomento à leitura, escrita e criação, quanto no desenvolvimento da comunidade no âmbito da sustentabilidade local. Na seção seguinte, voltaremos a discutir algumas políticas existentes relacionadas a essas tipologias de bibliotecas.

#### 4.2 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS COMO DISPOSITIVOS DE ACESSO E CRIAÇÃO DE INFORMAÇÃO, LEITURA E CULTURA

Como visto, as bibliotecas comunitárias se conformam como uma nova tipologia de bibliotecas, tendo em vista sua origem, forma de atuação e manutenção financeira e estrutural. Ao mesmo tempo, compartilham com as outras bibliotecas várias características, assim como os desafios perante a falta de recursos e de políticas que garantam sua sustentabilidade.

Queremos, nesse momento, defender a função social fundamental que as bibliotecas comunitárias possuem na vida das pessoas e nas comunidades em que estão inseridas. Tal função social é evidenciada na transformação de vidas de jovens em situação vulnerável, na vida das crianças que se alfabetizam na biblioteca, na vida de mães e avós que retomam o hábito da leitura, entre tantos outros benefícios que são proporcionados pela biblioteca, sobretudo por meio da literatura e da arte.

Dessa forma, as bibliotecas comunitárias são espaços que surgem da iniciativa popular, como uma alternativa à inexistência de espaços culturais e bibliotecas públicas nas comunidades. Ainda atuam como uma forma de afastamento dos jovens das diversas situações de violência e vulnerabilidade social (VIEIRA, 2007; MACHADO, 2008; SILVA, 2011). Como reforçado por Botelho (2010, p. 22-23), a intenção desses espaços é transformar de alguma forma sua localidade:

[...] quase sempre marcada pela violência, jovens envolvidos com drogas, desemprego, precariedade nos serviços de saúde, educação e cultura. Levar informação através do livro, da leitura e atividades culturais a essas comunidades marcadas por privações de todos os níveis, é apontar um caminho diferente à marginalidade. É contribuir para o desenvolvimento pessoal do indivíduo e de uma comunidade mais próxima da cidadania.

Sobre esse último aspecto, a crença de que a leitura possui um papel transformador na vida dos jovens é destacada também por Petit (2009, p.13), quando afirma que a leitura contribui

para que crianças, adolescentes e adultos “encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência. Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra”.

Nesse caminho, embora o direito à informação, educação e cultura seja garantido pela legislação brasileira, não dispomos de meios que possibilitem tal acesso para todos. A baixa quantidade de bibliotecas, a falta de uma cultura livresca e o baixo nível de educação impedem que esses direitos sejam concretizados. Contudo, devemos lutar em busca da efetivação desses direitos e, ao mesmo tempo, apoiar política e socialmente as iniciativas paralelas que promovem, por meio da ação comunitária, esse acesso à educação e à leitura. Tais ações e a garantia desses direitos são condições básicas para o exercício da cidadania (VIEIRA, 2007). A importância da informação e da leitura é destacada por Targino (1991), que a considera um bem comum:

[...] que pode e deve atuar como fator de integração, democratização, igualdade, cidadania, libertação, dignidade pessoal. Não há exercício da cidadania sem informação. Isso porque, até para cumprir seus deveres e reivindicar seus direitos sejam eles civis, políticos ou sociais o cidadão precisa conhecer e reconhece-los e isto é informação (TARGINO, 1991, p. 155).

Esta mesma leitura é, por sua vez, indissociável da escrita e da criação. Além do acesso à leitura, informação e educação, a biblioteca comunitária também é local da criação. A criação aqui vai ser analisada sob os vieses da ação cultural, da escrita e da mediação cultural, por serem formas de atuação singulares das bibliotecas comunitárias.

Nesse sentido, o bibliotecário e escritor brasileiro Augusto Milanesi propõe um novo modelo de biblioteca, no qual o antigo modelo, que apenas organizava e disponibilizava as informações, cede lugar ao modelo que considera a biblioteca como espaço de produção e criação. A partir do momento em que a biblioteca assume a função de casa da cultura, a criação permanente torna-se seu objetivo primordial. O autor defende que “é necessário que as pessoas, articulando o seu próprio discurso, possa expressá-lo por meio da escrita, da fala, do gesto, das formas, dos sons e, sempre que possível registrá-lo” (MILANESI, 2003).

Freire (2011, p. 33) já se referia à biblioteca popular “como um centro de cultura e não como um depósito silencioso de livros”. O autor a considera “fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação ao contexto”, estimulando a criação de trabalhos em grupos que sejam verdadeiros seminários de leitura, buscando tanto seu aprofundamento crítico como a compreensão da sua significação.

O autor de *A importância do ato de ler* continua: “Se antes raramente os grupos populares eram estimulados a escrever seus textos, agora é fundamental fazê-lo, desde o começo mesmo da alfabetização para que, na pós-alfabetização, se vá tentando a formação do que poderá vir a ser uma pequena biblioteca popular com a inclusão de páginas escritas pelos próprios educandos” (FREIRE, 2011, p. 43).

Nesse sentido, esses autores defendem que as bibliotecas além de possibilitarem o acesso à informação em si, devem promover a possibilidade de criação. Esta criação pode ser proporcionada tanto pela ação cultural como pela mediação de leitura.

Coelho Neto (1997, p. 32) define ação cultural como “conjunto de procedimentos, envolvendo recursos humanos e materiais, que visam pôr em prática os objetivos de uma determinada política cultural”. Para isso, uma ação cultural deve articular agentes culturais previamente preparados para atender a públicos específicos com o objetivo de “fazer uma ponte entre esse público e uma obra de cultura ou arte”. O autor destaca que a intenção maior de uma ação cultural é dar condições necessárias para que o grupo crie seu próprio universo cultural.

De modo mais específico, Flusser (1983, p. 163) analisa a ação cultural em bibliotecas, considerando esta ação uma prática ligada à dimensão política da profissão do bibliotecário e como instrumento fundamental de atuação das bibliotecas. A ação cultural efetiva privilegia a criação cultural ao invés do consumo cultural. Da mesma maneira, dá maior relevância à discussão, ao invés da neutralidade da cultura, e tem por objetivo maior suscitar uma cultura literária viva e não apenas oferecer livros.

Dessa forma, para que uma biblioteca se torne um centro cultural, é necessário que ela se volte também para os usuários potenciais, ou seja, dê a palavra ao não-público, permita a criação e recriação, o diálogo. Nesta biblioteca, o desenvolvimento cultural da comunidade é feito tanto pelo conhecimento da cultura que já existe como pela criação da cultura “que está constantemente a se fazer” (FLUSSER, 1983, p. 166).

O autor tece ainda considerações sobre o que o livro representa nas ações culturais em bibliotecas. Para ele, o livro não é um objeto, números estatísticos de empréstimos ou uma coisa com fim em si mesma, mas algo que permite aos sujeitos dialogar com o autor, com um tempo histórico distante, com um grupo social e étnico diferente, favorecendo que os leitores construam leituras e releituras (FLUSSER, 1983). Em outras palavras, Borges (2000, p. 12) assevera: “pois, o que é um livro em si mesmo? Um livro é um objeto físico num mundo de objetos físicos. É um conjunto de símbolos mortos. E então aparece o leitor certo e as palavras [...] saltam para a vida, e temos uma ressurreição da palavra”.

Desse modo, Pinto (2013), de maneira mais específica ainda, a partir dos pilares teóricos de Blumer, com a interação simbólica; de Freire, com a ação cultural para a liberdade, e de Vygotsky, com a interação social, considera as bibliotecas comunitárias como dispositivos de ação cultural. Para ele, essa ação é feita tanto por meio da formação de leitores como pela mediação cultural que envolve as várias manifestações artísticas, como música, literatura, cinema, artes etc. Parte do princípio de que as bibliotecas são dispositivos de ação, ou seja, ambientes vivos e não apenas um local com livros.

Nessa perspectiva, o autor defende que “o mediador deve pensar sempre nas identidades (ou significações) e nas memórias da comunidade onde a biblioteca está inserida. Assim, deve ser um dispositivo que preserva a cultura local, e cuja preservação é baseada nos registros das memórias”, além da disseminação da cultura contemporânea. Sustenta ainda que “as bibliotecas comunitárias são espaços de memórias e possibilidades de emancipação de suas comunidades e por isso não devem se manter silenciadas, reproduzindo o discurso repressivo dominante (dominação simbólica), mas sim devem emancipar sua própria cultura, rompendo os muros da periferia” (PINTO, 2013, p. 29).

Sobre isso, Cavalcante e Feitosa (2014, p. 262) expõem que a invisibilidade a que o mundo hegemônico e globalizado submete as comunidades locais não deve ser aceita por elas. Isso faz com que as ofertas informacionais divulgadas não correspondam às demandas comunitárias. Dessa forma, os sujeitos necessitam que os difusores de informação, como as bibliotecas, escutem suas “peculiaridades culturais e simbólicas”, fazendo-as informação e notícia, “produtoras e fomentadoras de informação”.

Concordamos com Pinto (2013), ao afirmar que as ações culturais em bibliotecas são ações que buscam dar vida aos livros. Quer dizer, para além de uma leitura em si mesma, a ação cultural busca desdobramentos, releituras, possibilita dar novas vozes ao texto, retrabalhar o texto em novos gêneros ou suportes, permite mesclas. A mediação de leitura é considerada pelo autor uma das principais formas de realizar a ação cultural.

Da mesma forma que Flusser, o autor acredita no poder da leitura, na sua dimensão subversiva e criativa, que estimula a imaginação e traz novas referências ao repertório do leitor. Numa mediação literária, além da condição estritamente necessária de o mediador ser leitor, convém também se utilizar estratégias de leitura que valorizem e motivem os ouvintes/participantes a partir do contexto em que eles estão inseridos, de seus gostos. A extrapolação do texto com perguntas, relações intertextuais, releitura com outras linguagens também são elementos essenciais (PINTO, 2013).

É comum e peculiar às bibliotecas comunitárias o desenvolvimento de ações culturais (MACHADO, 2008; COSTA, 2011). Essas ações são marcas registradas de atuação dessas bibliotecas, que pretendem, com a animação cultural, disseminar manifestações culturais, artísticas e literárias de forma a aproximar cultura e arte de seu público.

A mediação de leitura, por sua vez, também é uma prática frequentemente adotada pelas bibliotecas comunitárias como forma de promover o gosto pela leitura, pois sabe-se que muitas pessoas não possuem acesso a práticas leitoras.

Nas comunidades periféricas, marcadas pela exclusão social com moradias precárias, alto índice de desemprego e falta de serviços básicos, essa situação é comum entre seus habitantes. Daí advém a importância do mediador de leitura como um agente que promove o encontro entre o leitor e o livro de forma prazerosa e interessante, possibilitando a construção de suas próprias experiências leitoras e contribuindo para a emancipação de seus saberes (ONG CIRANDAR, 2014).

Além de todos os benefícios que a leitura e a informação podem trazer para os indivíduos a partir do acesso ao conhecimento oferecido pelas bibliotecas, seja em forma de ação cultural, pela mediação de leitura ou por simplesmente disponibilizar um espaço para a discussão de temas comunitários, oficinas, empréstimo de livros, busca por informação utilitária, entre outros, as bibliotecas comunitárias também contribuem para o desenvolvimento local de suas comunidades.

Sendo assim, Cavalcante e Feitosa (2014) apontam que o acesso à leitura e à informação oferecido pelas bibliotecas possibilita o conhecimento e a produção de saberes locais produzidos no cotidiano das comunidades. A importante função do acesso e compartilhamento da informação para a sustentabilidade das comunidades é indispensável para mitigar as desigualdades sociais e possibilitar a inclusão social de seus membros.

Nesse tocante, a melhora das condições de vida de uma população está intimamente ligada ao valor que seus habitantes dão à informação e à leitura como necessidade primária para o desenvolvimento local, já que sabemos do seu potencial esclarecedor e subversivo. Cavalcante (2014) destaca algumas contribuições que o acesso à informação pode trazer à comunidade:

- Para tomada de decisões relativa à solução de problemas específicos do cotidiano.
- Para auxiliar a pequenos comerciantes e artesãos a melhorarem seu negócio.
- Para auxiliar no combate à situação de pobreza existente na comunidade, ajudando a criar atividades produtivas.
- Para as que as donas de casa ajudem seus maridos a melhorarem a renda da família.

- Para que os pais auxiliem na educação dos filhos [ou os filhos na educação dos pais].
- Para o fortalecimento de suas associações, sindicatos, cooperativas etc.
- Para encontrar soluções para os problemas de saúde.
- Para ajudar a resolver problemas jurídicos.
- Para estimular a prática do desenvolvimento local.
- Para se unir contra qualquer tipo de dominação, reconhecendo seus direitos e deveres (CAVALCANTE, 2014, p. 29).

Neste caso, a informação atua como insumo para desenvolver o capital humano e a economia local. A comunidade constitui o território propício ao compartilhamento de informações e conhecimentos fomentando um ambiente de aprendizagem que fornece condições a inovação local, a partir da criatividade popular e de uma dinâmica de cooperação e interação. A sustentabilidade de tais locais é adquirida por meio uso social da informação e do capital social de seus membros mediante relações de confiança, cogestão, coparticipação, referências socioculturais e objetivos comuns (ALBAGLI, 2003; GADOTTI; GUTIÉRREZ, 1993).

As ações destacadas por Cavalcanti (2014) também se conformam como algumas das benesses promovidas pelas bibliotecas comunitárias para as comunidades em que se localizam, demonstrando o quão importante elas são para a emancipação de seus habitantes. Tais iniciativas são relevantes para a valorização da cultura local e para o atendimento das necessidades específicas de sua população, tendo em vista o fato de muitas vezes essas comunidades não estarem representadas nos meios de difusão de informação mais amplos, como a própria biblioteca pública ou a mídia.

Partindo de uma compreensão sociológica de informação como “aquilo que medeia nossas relações com o mundo e entre nós mesmos, como matéria-prima comunicacional” (CAVALCANTE; FEITOSA, 2014, p. 259), os autores consideram que as necessidades de informação de comunidades locais não são dadas por vias do modelo hegemônico midiático, mas pelas “relações que se estabelecem no interior das comunidades ou à luz dos seus desejos comuns”.

Em outras palavras, as expectativas informacionais das comunidades são oriundas do patrimônio cultural delas, de sua tradição, memória e identidade. Nesse sentido, atualmente instauram-se novas lógicas para pensar o atendimento a essas demandas. Primeiramente, tem-se que, com o advento das tecnologias de informação e seus efeitos ubíquos, o usuário sai da posição de espera e torna-se simultaneamente buscador/mediador e produtor de informação. Sob esse olhar, os autores assinalam que “essa lógica altera as práticas informacionais do acesso

e do direito a elas – mensagens e notícias agendadas pela mídia – dando ao usuário o poder de decisão antes impensado” (CAVALCANTE; FEITOSA, 2014, p. 261).

Vale lembrar que o protagonismo e a peculiaridade das necessidades informativas também é destacada por Capurro (2003), como também por Silva e Nunes (2014). Consideramos, a partir de um olhar sociocognitivo, que os membros da comunidade exercem um papel ativo, mediante um processo de compreensão e interpretação de informação. Consideramos também a dialogicidade das interações sociais e o papel ativo do sujeito na construção e ressignificação de sentidos.

A seguir, discutiremos a respeito das iniciativas governamentais que estão sendo realizadas em prol das bibliotecas públicas e comunitárias e os desafios na criação de políticas públicas para a área.

#### 4.3 POLÍTICAS NACIONAIS E LOCAIS PARA BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS

Comprendemos que é função do Estado garantir à população direitos fundamentais que lhes proporcionem uma vida digna, que inclui não apenas o direito ao sistema público de saúde, educação, saneamento e segurança, mas também o direito aos bens culturais, como bibliotecas públicas, museus e arquivos. As políticas públicas podem ser entendidas como estratégias que “servem para mudanças sociais que têm como princípio a igualdade social, sendo, portanto, um processo dinâmico, permanente e contínuo, contraditório, fruto geralmente da ação e/ou posição dos vários movimentos sociais nos estados capitalistas” (FERREIRA, 2006, p. 115). São resultados do diálogo e da intervenção entre sociedade civil e o Estado para prover garantias de caráter permanente aos serviços públicos de que ela necessita.

Nos âmbitos nacional, estaduais e municipais o país possui algumas ações em torno das políticas públicas para área do livro e da leitura que vêm avançando ao longo dos anos, em alguns Estados de forma mais tímida tendo em vista a pouca atenção dada a este setor pelas gestões locais. Na verdade, muitas das ações que vem sendo propostas se referem mais a políticas de governo, do que a políticas públicas, de fato.

As bibliotecas públicas e municipais são criadas e mantidas pelo Estado e município, geralmente ligadas às Secretarias de Educação ou Cultura, mas, no âmbito das políticas públicas, vinculam-se institucionalmente à área de Cultura, estando, portanto, subordinadas ao Ministério da Cultura (MinC).

Entre algumas ações voltadas para a implementação e o fortalecimento de bibliotecas e para os programas de incentivo à leitura criadas pelo MinC, merecem destaque a criação do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), ambos criados em 1992 e subordinados à Fundação Biblioteca Nacional (FBN) até 2015. Depois dessa data, eles passaram a ser vinculados à Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB) (MACHADO, 2008; FERNANDEZ; MACHADO, 2016).

Machado (2008) relata que alguns desses programas, por estarem subordinados à FBN, ficaram impossibilitados de agir de maneira mais autônoma e que outros não conseguiram agir de maneira articulada e completa, mas de forma pontual e fragmentada. Apesar de o Ministério da Cultura ser o responsável pelas políticas públicas para bibliotecas, outros órgãos e ministérios federais também se preocuparam em incluir em seus programas ações que de alguma forma orientassem esses espaços. O Ministério da Educação (MEC), por exemplo, criou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o Programa Nacional Bibliotecas da Escola (PNBE), a Política de Formação de Leitores e o Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio (PNBEM) (MACHADO, 2008).

O Ministério da Ciência e Tecnologia, por sua vez, considerou as bibliotecas públicas para a implantação do Programa Sociedade da Informação (SOCINFO), em 1996. E o Ministério da Reforma Agrária lançou o projeto Arca das Letras, em 2003. As fragilidades desses programas e ações consistem na forma de ação isolada e falta de integração entre os diversos programas. Para Machado (2008), seria o SNBP o responsável por essa função de articulação, o que não ocorria.

Em 2003, é instituída pela Lei n. 10.753, de 30 de outubro de 2003, a Política Nacional do Livro (PNL), com diretrizes que visam, entre outros pontos, a garantir o direito de acesso ao livro, apoiar a difusão e comercialização do livro, incentivar o hábito da leitura, instalar e ampliar o número de livrarias e bibliotecas, estimular a produção intelectual de escritores brasileiros e tornar o livro mais acessível a pessoas com deficiência (BRASIL, 2003). A criação da PNL constitui um marco importante para a área, posto que “reconhece o direito de acesso e uso do livro e fixa a obrigação do Estado em desenvolver políticas para fomentar a sua cadeia de produção, ampliar o acesso à leitura e melhorar a formação de leitores” (AUSÊNCIA..., 2015).

Outro marco fundamental criado a partir do movimento Viva Leitura, do Ano Ibero-Americano de leitura e da PNL e lançado pelo Governo Federal por meio dos Ministérios da Cultura e Educação em 2006 é o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). O Plano surgiu justamente com o objetivo de integrar os programas, projetos e ações sobre livro, leitura,

literatura e biblioteca, que com o Decreto n. 7.559, de 1º de setembro de 2011, instituiu-se como uma de política de Estado para a área (BRASIL, 2011).

De fato, a proposta foi uma conquista e teve um forte cunho participativo quando conseguiu articular as diversas instâncias da sociedade, como a cadeia produtiva, a cadeia mediadora de instituições públicas e privadas e a sociedade civil (MACHADO, 2008; PLANO..., 2016). Em continuidade a isso, essa mesma participação é necessária e fundamental para a consolidação dessas políticas, pois, como lembra Botelho (2010), para que haja uma maior eficiência das políticas públicas, é preciso que os Estados e Municípios construam seus próprios Planos Estaduais e Municipais do Livro e da Leitura.

Em 2007, é criado o Programa Mais Cultura, o primeiro programa no país a incluir ações para as bibliotecas comunitárias a partir do conceito de Pontos de Cultura, ação do Programa Cultura Viva (MACHADO, 2008). Em 2010, o Programa Mais Cultura lança dois editais para modernização e apoio a Bibliotecas Municipais e Públicas para angariar recursos para a aquisição de mobiliário, equipamento e acervo.

Outra ação importante deste mesmo ano foi o lançamento do I Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais para identificação e mapeamento destes equipamentos culturais em prol de uma melhor fundamentação das políticas públicas (SILVA, 2014).

Neste mesmo ano, também é aprovado o Plano Nacional de Cultura (PNC), que, assim como o PNLL, foi resultado de encontros com a sociedade civil, por meio de conferências nos estados e municípios brasileiros.

Dentre as iniciativas por parte do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e do Ministério da Cultura, destacamos: a) o 1º Concurso Pontos de Leitura 2008 – Edição Machado de Assis, que selecionou 516 iniciativas; b) Edital de Apoio a Bibliotecas Comunitárias e Pontos de Leitura, de 2012; c) Prêmio Leitura para Todos: Projetos Sociais de Leitura, em 2014 (BIBLIOTECA NACIONAL, 2014).

Em 2012, o SNBP vinculou-se ao Programa Ibero-Americano de Bibliotecas Públicas – IBERBIBLIOTECAS, e desde esse ano realiza anualmente inscrições de projetos. Em 2016, lançou a *4ª Convocatoria de Ayudas* e destina-se a bibliotecas públicas e comunitárias de países e cidades membros do Programa, a saber: Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Espanha, México e da cidade de Medellín, na Colômbia. O objetivo do IBERBIBLIOTECAS é “consolidar as bibliotecas públicas como espaços de livre acesso à informação e à leitura, de trabalhar pela inclusão social e de contribuir para a qualificação da educação e do desenvolvimento” (PROGRAMA..., 2016, *on-line*).

Outras ações do Ministério da Cultura em parceria com a Secretaria PNLL, a DLLL B e o SNBP foram o Edital de Fortalecimento do Sistema Nacional de Cultura e do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, além dos seguintes prêmios: a) Prêmio às Boas Práticas e Inovação em Bibliotecas Públicas, em 2014; b) Prêmio Todos Por Um Brasil de Leitores, em 2015; c) a 8ª edição do Prêmio Viva Leitura, em 2016, que integra as ações do PNLL e ocorre desde 2006 (SILVA, 2014).

É necessário ressaltar, no entanto, que, embora estejam ocorrendo alguns avanços na área do livro, leitura e bibliotecas no plano federal, faltam ainda políticas públicas efetivas no que se refere a políticas de Estado para a manutenção e continuidade das bibliotecas públicas, escolares e comunitárias. Neste panorama, torna-se essencial a construção e efetivação dos planos estaduais e municipais do livro e leitura para que haja destinação orçamentária concreta para as bibliotecas.

Já as iniciativas municipais e estaduais são tímidas, mas vêm avançando ao longo do tempo. De acordo com pesquisa realizada por Machado em 2008, a maioria dos municípios do país não possuía políticas públicas específicas para bibliotecas, destacando-se apenas algumas cidades brasileiras da região Sul e Sudeste. Contudo, este cenário vem mudando, sobretudo no que tange à construção das Planos Municipais do Livro e da Leitura por parte dos municípios.

No Estado de Pernambuco, essas iniciativas têm partido especialmente de dois coletivos: a Releitura – PE e o Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura. Em estudo feito por Silva (2014), a autora constata que a atenção dada às bibliotecas deste Estado por parte do governo estadual e municipal não é suficiente, tendo em vista os vários problemas encontrados em tais espaços, conforme o I Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais de 2010 (CENSO NACIONAL DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 2010) e o Mapeamento Preliminar realizado pelo referido Fórum durante o 1º Encontro de Bibliotecas Públicas em Pernambuco de 2012 (RELATÓRIO PRELIMINAR, 2012).

Este evento se mostrou relevante tanto para a identificação da situação das bibliotecas públicas, escolares e comunitárias como para a indicação dos novos caminhos possíveis. A ação gerou dois documentos que foram enviados à Secretaria de Educação e Cultura do Estado, quais sejam: a Carta do Recife, com os principais pontos de reivindicações, e o mapeamento do setor de bibliotecas públicas no Estado de Pernambuco (PRINCIPAIS..., 2012; UNIR ..., 2012).

Como verificado por Silva (2014), a existência de iniciativas municipais de apoio às bibliotecas na região pernambucana, além de serem escassas, muitas vezes fomentam mais o elo produtivo do livro (editoras, livreiros) do que o elo mediador (bibliotecas), o que também

foi constatado por Machado (2008). Além disso, muitas das políticas que existem para bibliotecas são falhas, pois não atendem às especificidades de todas as bibliotecas, sobretudo as comunitárias, sem falar na concorrência desleal entre os diferentes tipos de bibliotecas que são impostas pelos editais (BIBLIOTECAS..., 2015b).

Nos dados levantados no citado Relatório Preliminar do Encontro, a maior presença tanto em número de bibliotecas quanto de pessoas, foram referentes às bibliotecas comunitárias (33), seguido das bibliotecas escolares (17) e por fim das bibliotecas públicas e municipais (15). Destacamos alguns dados referentes a esse levantamento para apresentar uma noção do quadro em que se encontram tais bibliotecas, mas ressaltando a não dispensa ao original (SILVA, 2014), sobretudo por que as especificidades de cada dado não serão mostradas aqui.

No Estado de Pernambuco, das 185 cidades existentes tem-se que 85% possuem bibliotecas públicas abertas. Apesar de representar um bom número, isso não quer dizer que elas funcionem adequadamente, já que grandes problemas estruturais encontrados nessas bibliotecas impedem seu funcionamento eficiente (CENSO NACIONAL DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 2010; SILVA, 2014; AO NOSSO ..., 2016).

Desse modo, destacamos alguns dos principais resultados do diagnóstico: a) a diversidade do acervo é maior nas bibliotecas escolares e comunitárias; b) em termos de acessibilidade, as três tipologias mantêm poucas obras em braile e áudio-livros; c) a atualização do acervo é maior nas bibliotecas escolares e comunitárias; d) a aquisição do acervo é feita em sua maioria por meio de doações e uma pequena parte por compras, embora na maioria das bibliotecas públicas seja por doação; e) o acervo das bibliotecas comunitárias é majoritariamente automatizado; já nas escolares e públicas, esse número é bem reduzido; f) especificamente quanto às bibliotecas públicas e municipais, verificaram-se dois dados curiosos: primeiro que, de 15 bibliotecas participantes, apenas uma delas possuía computadores suficientes para o uso da equipe e usuários. Por outro lado, todas as bibliotecas desenvolviam alguma atividade de mediação de leitura (SILVA, 2014).

A esse cenário estadual, soma-se o quadro municipal na cidade do Recife, em que, na Região Metropolitana, considerando os três municípios que possuem bibliotecas integrantes da Releitura, quais sejam: Jaboatão dos Guararapes, Olinda e Recife, existem apenas seis bibliotecas públicas. Dentre elas, apenas uma é estadual e as outras cinco são municipais, com três delas situadas em Recife para atender a uma população de cerca de 2, 5 milhões de habitantes. Se fizéssemos um recorte para a capital pernambucana, então teríamos uma cota de 1.533.580 pessoas para quatro bibliotecas, o que corresponde a uma demanda de 400 mil

pessoas para cada biblioteca, quando a média nacional é de uma biblioteca para 35 mil habitantes (AO NOSSO ..., 2016).

É em função desse panorama que a sociedade civil vem atuando em busca de melhorias para esses espaços e da construção de políticas públicas. Como dito anteriormente, para que o PNLL seja cumprido em sua plenitude, é necessário que os estados e municípios criem seus próprios Planos. Consta-se que, mesmo depois de dez anos de existência do Plano Nacional, a maior parte dos Estados ainda não possui seus planos implementados (QUAL..., 2015).

Sobre isso, Pernambuco possui a Lei n. 12.829, mais conhecida como a Lei Coutinho, promulgada desde 2005, que dispõe sobre a Política Estadual do Livro. Esta lei representa uma referência para o Estado discutir as demandas do setor e serve de mote para a construção do PELL (CERVINSKIS; SANTANA, 2014).

No referido estado nordestino, como citado, a mobilização da sociedade civil por políticas de leitura tem partido do Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura, que surgiu em 2006 e tem como integrantes a Rede de Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana do Recife (Releitura), o Centro de Cultura Luiz Freire, as Coordenadorias de Literatura das Secretarias de Cultura e de Educação de Pernambuco, o Departamento de Ciência da Informação da UFPE, a Biblioteca Pública do Estado, além de diversas outras entidades profissionais do setor do livro.

O FDBLLL se reúne mensalmente na Biblioteca Pública Estadual na cidade do Recife e congrega diversas entidades ligadas à cadeia produtiva e mediadora do livro, além de representantes de cidades do interior (sertão, agreste e mata sul e norte), entidades privadas, representações das Secretarias de Cultura, universidade. O Fórum vem se fortalecendo cada vez mais e atraindo mais adeptos em busca da construção do PELL. Dois integrantes da Releitura também atuam no Conselho Estadual de Políticas Culturais, constituindo a voz das bibliotecas comunitárias na busca por políticas públicas nesse segmento (RELEITURA BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE, 2016).

A atuação do Fórum na incidência sobre as políticas públicas do Estado permitiu a aprovação da Lei do Livro nos municípios de Olinda, Recife e Caruaru, e as forças no momento estão sendo todas direcionadas para a construção do Plano Estadual do Livro e da Leitura (PELL) para o Estado de Pernambuco (QUAL..., 2015).

Entre os anos de 2013 a 2016, foram realizadas diversas pré-escutas itinerantes para coletar informações sobre a situação das bibliotecas públicas, escolares e comunitárias por todo o Estado de Pernambuco, além de quatro Encontros Estaduais de Bibliotecas Públicas, Escolares e Comunitárias e uma pré-escuta dos elos criativo e produtivo do livro. Em 2016, a

partir de demanda do Fórum, a Assembleia Legislativa convocou uma audiência pública com vistas a tornar público o processo de construção do Plano. Ainda neste ano, foi definido o Grupo de Trabalho que fará a elaboração do PELLB, contendo dois integrantes da Releitura.

Neste contexto, apesar de as bibliotecas comunitárias proverem acesso à educação e cultura nos bairros da periferia de Recife, contribuindo para a melhoria de vida das comunidades e da população, elas ainda sofrem com a falta de apoio do aparelho estatal. Embora exerçam um importante papel “no atendimento a algo que é de evidente interesse da sociedade, ao prestar serviços públicos num nível em que o próprio Estado se demonstra incapaz de cumprir, elas ainda lutam por reconhecimento e apoio dos governos. Praticamente todas são mantidas por fundos privados” (BIBLIOTECAS..., 2015a, p. 13).

Diante desse quadro, percebemos que algumas conquistas já vêm sendo alcançadas. No entanto, pelo fato de muitas delas fazerem parte de políticas de governo, elas tornam-se insuficientes para atender às demandas das bibliotecas comunitárias. Tais espaços lutam por políticas públicas perenes, que lhes amparem no que diz respeito à sua autonomia financeira, sobretudo para que consigam desenvolver ações contínuas, com recursos destinados a elas.

Assim, quando apontamos no início do texto que uma das causas do aparecimento da biblioteca comunitária foi por conta da pouca aproximação das bibliotecas públicas com suas comunidades, sabemos também que esse distanciamento é reflexo da falta de apoio estatal a esses equipamentos culturais, que sofrem com a carência de recursos humanos e financeiros para realizar suas atividades. Por isso, destacamos essas informações referentes especificamente às bibliotecas pernambucanas, que tornam ainda mais evidente o surgimento do grande número de bibliotecas comunitárias no Estado.

Em contrapartida, apesar de o investimento público ser imprescindível ao funcionamento dessas bibliotecas, é importante também - e as bibliotecas comunitárias estão cada vez mais caminhando nesse sentido - que esses espaços desenvolvam formas de se manter sustentáveis por meio da mobilização de recursos culturais, políticos e financeiros. Nessa perspectiva, a sustentabilidade é considerada para além dos recursos financeiros, pois valoriza, sobretudo, as pessoas, seus saberes e costumes (FERNANDEZ; RONDON, 2017). Desse modo:

Se as equipes de profissionais das bibliotecas públicas incorporarem esse conceito de mobilização de recursos às suas práticas de trabalho cotidianas e buscarem ampliar a capacidade de comunicar e de mobilizar pessoas, articular em redes e participar mais em espaços públicos haverá um aumento e diversificação das fontes de recursos e, com isso se ampliará o poder de

transformação dessa realidade em que há pouco investimento público. Dessa forma, essa carência de investimentos públicos poderá deixar de ser um obstáculo, uma vez que as ações da biblioteca poderão parcialmente acontecer, com qualidade e pertinência, revelando ao poder público a necessidade de cumprir a mínima parte que lhe cabe: garantir a estrutura, o quadro funcional, a formação e os aspectos estruturais para assegurar o direito à informação, à cultura e ao lazer a partir do funcionamento e uso desses equipamentos (FERNANDEZ; RONDON, 2017, p. 19).

A partir desse panorama traçado, que discutiu conceitos, importância e formas de sustentação das bibliotecas comunitárias, apresentaremos a seguir os caminhos metodológicos que percorremos para responder à nossa questão de pesquisa, qual seja: relevar as práticas de leitura e informação existentes nas bibliotecas da Releitura no que tange às formas de relacionamento e interação entre os sujeitos com as bibliotecas, numa perspectiva dialógica e mediacional.

## 5 DESENHO METODOLÓGICO

Para que esta pesquisa pudesse ser concretizada, realizamos uma trajetória baseada no método científico. Esse método incluiu não apenas a aplicação de técnicas e instrumentos, mas também teve por base um fundamento epistemológico para sustentá-lo, pois, conforme assinala Severino (2007, p. 100), “a ciência é sempre uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real”.

Ainda conforme este autor, o método científico é um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que dão acesso às relações causais existentes entre os fenômenos, ou seja, é por meio da observação dos fatos da realidade que começamos a questionar o porquê de eles ocorrerem e, a partir daí, problematizá-los através de um ponto de vista lógico e sistemático (SEVERINO, 2007).

Dessa forma, nossa problematização parte da curiosidade em conhecer quais são as práticas informacionais e leitoras existentes nas bibliotecas comunitárias da Releitura por meio dos serviços e atividades realizados e das práticas dos sujeitos que integram tais bibliotecas.

Realizamos para chegar a tal objetivo uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, que nos foi útil tanto para embasar os conceitos da pesquisa como para fundamentar as análises dos dados, bem como nos utilizamos de instrumentos como observação, questionário e entrevistas para coletar informações mais diretamente ligadas ao campo. A análise, organização, interpretação e comparação desses dados foi feita mediante a técnica de Análise de Conteúdo, que permitiu a criação de relações e categorias entre os temas para uma melhor compreensão de tais práticas.

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Para investigar as práticas informacionais e leitoras nas bibliotecas comunitárias, utilizamo-nos de uma pesquisa com objetivo exploratório e descritivo do tema. Para embasar nossa prática empírica, realizamos uma pesquisa teórica. A pesquisa de campo incluiu a realização de entrevistas e posterior análise de dados, conforme técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2008).

De acordo com os objetivos, esta pesquisa é caracterizada como exploratória e descritiva (VERGARA, 1997), já que inicialmente pretende contribuir em âmbito teórico com a investigação dos estudos sobre Bibliotecas Comunitárias, mais especificamente sobre as práticas leitoras e informacionais existentes em tais espaços, porquanto é um tema que requer mais exploração no campo da CI.

É descritiva também porque procura estudar as características, levantar opiniões e atitudes de uma população e descobrir associações entre variáveis (GIL, 2002). Esse caráter se justifica na medida em que propomos um estudo qualitativo, mediante entrevista com um grupo de pessoas vinculadas às bibliotecas comunitárias com vistas a conhecer os usos e relações desses sujeitos com a informação e com a leitura.

Trata-se também de uma pesquisa qualitativa, que objetiva compreender um estado da representação da realidade que não pode ser captado numericamente. Minayo e Sanches (1993, p. 247) esclarecem que a pesquisa qualitativa “adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente”. Embora não tenhamos conseguido abranger profundamente as questões colocadas na pesquisa, procuramos tratar os dados de maneira a valorizar as singularidades dos sujeitos em detrimento de generalizações.

Para explorar o objeto de estudo, quanto aos meios, a pesquisa se caracteriza por ser bibliográfica e de campo (GIL, 2002). A pesquisa bibliográfica envolveu todo o referencial teórico que apresentou inicialmente noções sobre o conceito de leitura e as práticas ligadas aos seus usos. Também contemplou uma discussão em torno do conceito de informação enquanto construção social, e por fim estruturou um esboço sobre conceitos e práticas relacionadas às bibliotecas comunitárias. Em seguida realizou um levantamento de fontes para compor a caracterização das bibliotecas comunitárias, que se constituiu nossa primeira fase dos resultados da pesquisa, conforme Capítulo 6.

O levantamento de fontes bibliográficas é uma etapa importante da pesquisa por proporcionar o contato com a literatura científica da área, possibilitando intimidade do pesquisador com o assunto pesquisado (MEDEIROS, 2009; SEVERINO, 2007). A pesquisa bibliográfica acerca das fontes consultadas para a realização desta pesquisa abrangeu diversos tipos de materiais e suportes, desde bases de dados até documentos internos ou no prelo.

As bases de dados especializadas da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação utilizadas foram como a BRAPCI, o Repositórios em Rede, a base Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no Portal do IBCT, e o Portal da CAPES. Utilizamos fontes de natureza nacional e internacional em suas múltiplas mídias, tais como livros, revistas, artigos, dissertações e teses, textos, documentos e imagens publicados em sites e blogs, vídeos, documentos institucionais das bibliotecas, textos em processo de publicação, manuais, dicionários, livros literários, entre outros.

Para complementar os dados sobre a caracterização das bibliotecas que não foram encontrados nas fontes escritas ou orais às quais tivemos acesso, fizemos entrevistas informais

aos gestores ou mediadores de leitura de cada biblioteca solicitando informações sobre os serviços, histórico da instituição e dados quantitativos atualizados sobre usuários e acervo. Nestas entrevistas, os nomes dos sujeitos foram identificados e referenciados, conforme Capítulo 6, mas constituiu uma etapa anterior à realização das entrevistas formais para a coleta de dados. Nesta etapa, apresentada no Capítulo 7, estes nomes verdadeiros não são revelados, mas substituídos por outros nomes.

## 5.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Com o fim de conhecer mais profundamente as práticas informacionais e leitoras existentes nas bibliotecas comunitárias, utilizamos como instrumento de pesquisa a observação, o questionário e a entrevista semiestruturada.

A observação é um recurso importante, por permitir ao pesquisador contato com o campo e com os sujeitos a serem pesquisados para facilitar a compreensão de seus depoimentos. Além disso, ajuda no entendimento das intenções implícitas ou os “não-ditos do discurso” dos indivíduos (SILVA, 2008, p. 116). Para nossa pesquisa, a observação foi utilizada para analisar os espaços físicos das bibliotecas e descrevê-lo na seção de caracterização de cada uma delas (seção 6.2), bem como para adentrar nos espaços das bibliotecas e sentir a rotina e as ações nela realizadas. Essas observações ocorreram sistematicamente nos anos de 2015 e 2016 em dois momentos: o primeiro ao visitar os espaços para conversar informalmente com a equipe da biblioteca, e na etapa das entrevistas para a coleta de dados. Contudo, ressaltamos que o contato desta pesquisadora com as bibliotecas é anterior.

O questionário foi utilizado apenas como uma forma de sistematizar os dados acerca das informações essenciais de cada biblioteca para que isso pudesse ser descrito na pesquisa da forma mais justa possível, conforme Capítulo 6 (embora as singularidades de cada uma também tenham sido consideradas). Mesmo que algumas informações já tivessem sido encontradas em algumas fontes, como elas não estavam atualizadas, surgiu a necessidade de aplicar tal instrumento. Neste questionário, além das perguntas de identificação de cada biblioteca, questionaram-se também aspectos sobre os serviços oferecidos, quantitativo e temáticas do acervo, quantitativo e perfil dos usuários, formas de identificação das demandas dos usuários, modos de manutenção da biblioteca e, por fim, endereços e contatos atualizados (APÊNDICE A).

A entrevista, por sua vez, visa compreender a realidade social dos atores sob o ponto de vista deles, apreendendo os sentidos atribuídos pelos sujeitos aos fatos (POUPART, 2014).

Entretanto, ao se trabalhar com a entrevista enquanto instrumento de pesquisa, é preciso atentar-se a alguns cuidados, pois, para além de um meio exclusivamente técnico, a entrevista é um instrumento que perpassa por questões epistemológicas, teóricas e metodológicas do estudo científico (POUPART, 2014).

Na segunda etapa dos resultados da pesquisa, trabalhou-se, portanto, com a entrevista semiestruturada por ser um tipo de entrevista menos rígida; logo, mais flexível, a qual, “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

De acordo com Poupart (2014), a entrevista semiestruturada ou não dirigida é considerada um dos melhores instrumentos para apreender o sentido que os atores dão às suas condutas, pois permite a exploração detalhada e profunda da realidade dos entrevistados a partir da perspectiva e interpretação deles próprios. O autor reforça que a entrevista qualitativa, por ser mais flexível, também permite que o entrevistado se expresse mais livremente conforme suas próprias categorias e sua linguagem. Embora não elimine totalmente todos os riscos da pré-estruturação, ela reduz esses riscos em certa medida, porque possibilita ao entrevistado falar mais livremente e escolher os assuntos que julga pertinentes, sendo o papel do entrevistador facilitar, por meio da mediação, as expressões do sujeito pesquisado (POUPART, 2014).

Outra vantagem é que tal tipo de entrevista, em oposição ao questionário e à entrevista estruturada, “favorece a emergência de dimensões novas não imaginadas, de início, pelo pesquisador” (POUPART, 2014, p. 225), dimensões estas que podem ser essenciais para a compreensão do universo do entrevistado. Além disso, essa entrevista não diretiva possibilita em grande medida um nível de detalhamento e aprofundamento maior na compreensão do fato ou objeto, favorecendo “vasculhar mais a fundo a experiência do entrevistado”, da mesma forma permitindo uma melhor exposição de sua experiência (POUPART, 2014, p. 226).

Uma das críticas apontadas à entrevista semiestruturada é a questão da subjetividade do pesquisador e de suas influências político-institucionais, que podem alterar o teor dos dados ou até mesmo omiti-los. Alguns pesquisadores defendem que a subjetividade é tanto uma contribuição como um empecilho à objetivação dos fenômenos. Outros reconhecem que o discurso produzido pelas entrevistas é uma construção mútua entre o entrevistador e o entrevistado. Por isso, são necessárias cautela e atenção do entrevistador na produção e reprodução dos relatos (POUPART, 2014)

Neste sentido, foi construído um roteiro de entrevista com as questões que desejamos conhecer dos entrevistados, que foi reformulado e lapidado durante todo o processo de

planejamento da pesquisa até o momento da coleta no campo. Ressaltamos que, como em qualquer pesquisa dessa natureza, as previsões a serem feitas na formulação dessas questões não é algo fácil, exigindo, além da firmeza do alcance dos objetivos, uma visão estratégica sobre quais elementos serão necessários questionar para se chegar ao desejado.

Destarte, por tratar-se de uma pesquisa que permite várias possibilidades, naturalmente, no momento das análises foi percebida a necessidade de inclusão de outras perguntas, que nem sempre puderam ser complementadas por outros meios, ou seja, foi um processo dinâmico. A criação do guia da entrevista foi personalizada de acordo com os três grupos de sujeitos que nos propomos entrevistar, havendo, no entanto, algumas perguntas em comum.

O *primeiro bloco* do roteiro consistiu em perguntas sobre a identificação dos sujeitos, como bairro, escolaridade, formação, ocupação, biblioteca comunitária utilizada, tempo de envolvimento com a biblioteca ou com a Releitura, idade, escolaridade dos pais, quantidade de pessoas que moravam com ele em casa e quais pessoas além dele também interagem com a biblioteca. Essas quatro últimas perguntas foram feitas apenas para os interagentes e tinham o objetivo de conhecer de forma superficial algumas condições contextuais que eles viviam. O conjunto de perguntas como um todo visava a saber a localização de cada sujeito, se morava na comunidade ou não, a formação educacional e ocupação, há quanto tempo conheciam a biblioteca, pois todos esses pontos convergem e têm relação com o envolvimento dessas pessoas com as bibliotecas.

O *segundo bloco* de perguntas objetivava compreender como se deu o conhecimento e o envolvimento dos sujeitos com as bibliotecas e/ou com a Releitura e como era o dia a dia de interação com tais espaços. Assim, para os gestores e mediadores de leitura, questionou-se qual o objetivo de cada biblioteca e/ou da Releitura; qual função deles na biblioteca ou na Releitura; como ocorre o planejamento das atividades e serviços que são oferecidos; como se dá a comunicação e divulgação das atividades e qual a percepção dos colaboradores em relação à interação da comunidade com as bibliotecas.

Ainda neste bloco, especificamente para os usuários, perguntou-se a frequência de uso, as atividades e serviços desfrutados por ele, bem como se existia algo que eles desejassem ter na biblioteca. Especialmente para as educadoras, indagou-se como elas percebiam a relação da escola com as bibliotecas comunitárias e como ocorria a interação e o retorno dos alunos depois das atividades e depois da realização do projeto.

O bloco seguinte buscou saber a relação dos participantes com a leitura e com a informação, portanto, o histórico de leitura dos entrevistados, desde as primeiras lembranças da infância até os dias atuais, incluindo os tipos de suporte e gêneros lidos por eles. Também se

perguntou se a biblioteca comunitária tinha algum tipo de influência na relação deles com a leitura, se os participantes usavam outras bibliotecas e se a leitura tinha importância para a vida dos colaboradores. Além disso, questionou-se como eles faziam para ter acesso à informação e por meio de que fontes, meios e suportes.

O último bloco almejou descobrir qual a importância das práticas de leitura e informação e da biblioteca comunitária para os entrevistados, bem como se houve alguma mudança depois do encontro com esses espaços, a fim de compreendermos a relevância e o impacto dessas ações nas comunidades.

Com o resultado do levantamento de fontes e a aplicação destes três instrumentos, alcançamos o cumprimento dos nossos quatro objetivos específicos, na medida em que o primeiro é contemplado tanto no Capítulo 6 como um todo como na seção 6.2 dos resultados na pesquisa, que corresponde ao segundo bloco de perguntas da entrevista; e os outros três são contemplados nas seções 7.1 a 7.3. Os detalhes sobre a aplicação dos nossos instrumentos serão tratados na seção a seguir, quando descreveremos os momentos e as condições em que ocorreram as entrevistas.

### 5.3 COLETA DE DADOS

Para compor os resultados da pesquisa, utilizamos para a coleta de dados os seguintes instrumentos, já citados: pesquisa bibliográfica, observação, questionário e entrevistas. O Capítulo 6, que descreve e caracteriza cada biblioteca, foi realizado mediante a reunião de diversos materiais coletados, categorizados e analisados disponíveis em vários suportes, como textos e imagens de blogs, sites, notícias, fontes estatísticas e geográficas, sites governamentais e não governamentais, documentos internos, manuais, questionários à equipe da biblioteca, entrevistas informais, observação, DVDs, vídeos do Youtube, dissertações e teses, folders, monografias, entre outros.

As observações sistemáticas foram realizadas tanto no ano de 2015 como no ano de 2016. Porém, ressaltamos que a pesquisadora já conhecia a maioria das bibliotecas por meio de experiências anteriores. Inicialmente, em 2015, a pesquisadora propôs a realização destas visitas para informar sobre a pesquisa que iria ser realizada nessas bibliotecas e para um contato inicial com os sujeitos que delas fazem parte, cujo resultado compõe as entrevistas informais utilizadas no Capítulo 6.

Também foram realizadas visitas no começo do ano de 2016 e posteriormente no momento das entrevistas formais. Nessas observações, foram anotados aspectos que chamaram

a atenção da pesquisadora tanto no que tange à estrutura física, para a descrição dos espaços, como reflexões no que se refere à conjuntura que envolve as comunidades, as bibliotecas e os sujeitos.

Outra forma de coleta de dados foi a aplicação de questionários que serviram para complementação dos dados referentes à caracterização de cada biblioteca, cujo envio foi feito durante o primeiro semestre de 2016. Houve dificuldade no recebimento dos questionários, pelos mesmos motivos elencados por Almeida (2005, p.39), tais como “respostas incompletas, possibilidade de atraso na devolução ou mesmo de não devolução do questionário, impossibilidade de auxílio ao respondente no caso de dificuldade de compreensão das questões”, entre outros fatores. Contudo, com alguns cuidados e algumas interferências, conseguimos receber todos os questionários.

Por fim, a nossa última forma de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada coletada com os sujeitos participantes da pesquisa. Como os detalhes de construção deste instrumento já foram descritos na seção anterior, vamos nos ater agora a detalhar os critérios utilizados para a escolha das bibliotecas e dos entrevistados.

### 5.3.1 Critérios e escolhas

Considerando que esta pesquisa quer conhecer e caracterizar as práticas informacionais e leitoras existentes nas bibliotecas comunitárias e que isso inclui, além do levantamento de dados relativos a diversos pontos de análise de cada biblioteca (histórico, comunidade, serviços, interagentes, comunidade e acervo), a realização de entrevistas abertas com os sujeitos que fazem parte delas, que resultam em objetivos extensos e exaustivos, optamos por realizar a pesquisa em apenas quatro bibliotecas que integram a Releitura.

Os critérios utilizados para a escolha das bibliotecas foram dois. Primeiramente, buscamos estudar as bibliotecas que estivessem em consonância com o conceito de biblioteca comunitária definido por Machado (2010), que preconiza que uma biblioteca comunitária é um espaço construído **pela e para a comunidade**. Isto não quer dizer que são desconsideradas as iniciativas que não têm exatamente essa natureza, mas é apenas uma singularidade conceitual que nos permite identificar o impacto de ações criadas genuinamente pelas comunidades.

Outra questão que fundamenta esse conceito relaciona-se, sobretudo, à questão da sustentabilidade dessas bibliotecas. A partir do momento em que os membros da comunidade criam uma biblioteca comunitária, existe um enraizamento comunitário que faz com que seus participantes liderem essas ações e se sintam pertencidos e acolhidos por ela, tornando mais

difícil o abandono desse projeto. Ou seja, são iniciativas que partiram dos **membros da própria comunidade e são mantidas por eles.**

O outro critério adotado se refere ao período em que a biblioteca foi criada. Esse critério foi adotado devido à nossa necessidade em compreender o impacto, as mudanças e a importância da biblioteca comunitária na vida dos sujeitos. Para que isso seja conhecido, supomos ser necessário que a biblioteca esteja atuando há um certo tempo na comunidade.

Diante desses critérios, as bibliotecas que formaram o corpo empírico da pesquisa foram em ordem alfabética: **Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura**, criada em 2004 por um morador do bairro junto com algumas instituições parceiras; a **Biblioteca do CEPOMA**, criada em 2006 dentro de um centro de educação popular fundado pela comunidade; **Biblioteca Multicultural do Nasedouro**, criada em 2000 por jovens da comunidade junto com instituições parceiras e **Biblioteca Popular do Coque**, criada em 2006 por uma moradora da comunidade junto com instituições parceiras. Até hoje, todas essas bibliotecas são mantidas pelos membros da comunidade, idealizadores e parceiros.

Em relação à escolha dos depoentes, as entrevistas foram feitas com três grupos de sujeitos. Em consonância com Silva (2008), como nosso objetivo não é estabelecer generalizações, leis ou padrões sobre as práticas informacionais e leitoras dos sujeitos, mas sim compreender suas ações no seu contexto social, o quantitativo dos indivíduos em termos de amostra não foi nossa preocupação mais relevante. Ademais, a nossa postura metodológica está relacionada ao nosso pressuposto teórico, o qual considera que tanto a informação como a leitura são instâncias construídas pelos indivíduos em seu contexto social cotidiano, sendo ele, portanto, protagonista de suas práticas (SILVA, 2008).

O primeiro grupo de pessoas está ligado a sujeitos envolvidos com a Releitura como um todo, ou seja, não estão necessariamente vinculados a uma biblioteca específica. Foram eles: o ex-coordenador da Releitura, a bibliotecária da Releitura, uma pessoa representante do Centro de Cultura Luiz Freire e uma pessoa representante do Centro de Estudos em Educação e Linguagem. Não foi possível realizar a entrevista com uma pessoa que representaria a parceria com o Programa Prazer em Ler, ficando assim essa representação a cargo da representante do CCLF, que contemplou nossos questionamentos por ser consultora do referido Programa.

Para o grupo de gestores e mediadores das bibliotecas, escolhemos entrevistar três pessoas de cada biblioteca, sendo um o gestor de cada biblioteca (que, por sinal, lidera a biblioteca desde sua criação) e dois mediadores de leitura a partir dos critérios de tempo de envolvimento com o espaço e disponibilidade para dar entrevista. Para as educadoras, inicialmente planejavamos entrevistar uma para cada biblioteca, já que todas possuem parceria

com as escolas. No entanto, com o decorrer da pesquisa, os contatos só fluíram com duas dessas educadoras.

Por fim, como o volume de interagentes por biblioteca é grande e já contávamos com 18 pessoas para entrevistar, por ser uma pesquisa dessa natureza, não poderíamos nos estender mais. Então, optamos por nos dirigirmos a uma biblioteca por dia e entrevistar os usuários que estivessem no perfil e se dispusessem a dar entrevista. Nestes casos, os critérios adotados foram em relação à idade, isto é, ter mais de 10 anos, pois as perguntas seriam melhor compreendidas a partir dessa faixa etária, e ser um usuário assíduo.

O segundo grupo sujeito se refere a pessoas diretamente ligadas à gestão da biblioteca, bem como a atividades de mediação de leitura ou atividades de mediação entre instituições, como no caso de educadoras da Rede Municipal de Ensino, que têm parceria com as bibliotecas. Os critérios foram tempo de envolvimento com o espaço e disponibilidade para dar entrevista. Foram consideradas para esse grupo também pessoas que, embora não estivessem mais atuando na biblioteca, tivessem participado do início do processo ou tenham atuado durante muitos anos no espaço, conforme o Quadro 1:

**Quadro 1** - Sujeitos entrevistados.

<b>Pessoas e instituições ligadas à Releitura como um todo</b>	<b>Biblioteca</b>	<b>Gestores, mediadores e educadores.</b>	<b>Interagentes</b>
Ex-coordenador da Releitura (durante 2007 -2011) Bibliotecária da Releitura (desde 2015) Representante do CCLF Representante do CEEL	Amigos da leitura	1 GB 2 ML	3 I
	CEPOMA	1 GI 1 GB 1 ML 1 E	3 I
	Multicultural do Nascadouro	1 GB 2 ML 1 E	3 I
	Popular do Coque	1 GB 2 ML	3 I

**Legenda:** GB: Gestor da Biblioteca; GI: Gestor da Instituição; ML: Mediador de leitura; E: Educadora; I: Interagente.

**Fonte:** Elaboração própria (2016).

### 5.3.2 Aspectos éticos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFPE, conforme parecer consubstanciado de número 1.588.461 em junho de 2016, sendo enviada em abril de 2016 e aprovada em junho do mesmo ano. Conforme resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996), este procedimento é necessário para a garantia da dignidade, autonomia e vulnerabilidade dos sujeitos a serem entrevistados para que sejam resguardados dos possíveis riscos aliados a ela.

Assim, todas as quatro bibliotecas comunitárias assinaram uma Carta de Anuência (conforme modelo no ANEXO B) autorizando a realização da pesquisa no local, bem como todos os sujeitos entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (conforme modelo nos ANEXOS C, D e E), cujo objetivo é assegurar a privacidade e integridade dos sujeitos ao mesmo tempo em que autoriza o uso do depoimento para fins científicos. A pesquisadora também assinou um Termo de Compromisso e Confidencialidade (conforme modelo no ANEXO F) confirmando o sigilo e a privacidade dos sujeitos da pesquisa, assegurando a divulgação anônima dos mesmos e mantendo o armazenamento dos dados.

Não podemos deixar de relatar o quão difícil foi a concretização desta etapa. Além da burocracia imensa e da falta de orientações mais claras por parte do Comitê de Ética, já que a plataforma de submissão é complexa e pouco adequada às áreas das Ciências Sociais e Humanas, os tutoriais são incompletos e o tempo de duração para aprovação da pesquisa é longo.

Tal discussão já vem sendo travada há vários anos no âmbito nacional, cujo embate parte da não concordância da imposição de normas e exigências das pesquisas clínicas a todas as áreas do conhecimento, inviabilizando, assim, as pesquisas de caráter sociológico e antropológico, além da extrema burocratização para tal aprovação (MAIA et al., 2014). Sem falar nas polêmicas que envolvem a pouca efetividade dos termos de consentimento informado (MEIRELLES; GONZÁLES DE GÓMES, 2016) e a não necessidade do anonimato para essas áreas em questão.

### **5.3.3 Aplicação das entrevistas e vivências**

Depois de estabelecidos os critérios e feitas as escolhas, iniciamos o agendamento das entrevistas com os entrevistados via contatos por e-mail, redes sociais na internet ou pessoalmente. O local combinado para a realização das entrevistas ficava a cargo do entrevistado. Entretanto, a maioria delas foi realizada nas bibliotecas comunitárias. Aconteceram encontros também nas escolas municipais, numa escola privada, na Biblioteca

Pública do Estado, num Café, na UFPE e no CCLF. O quantitativo de entrevistas por dia também variou de uma a cinco entrevistas.

Sendo assim, a coleta dos depoimentos ocorreu do dia 30 de setembro ao dia 07 de dezembro de 2016, incluindo o pré-teste, conforme Quadro 2. Ao todo, foram 31 entrevistas, perfazendo um total de quase 40 horas (sendo o menor tempo de entrevista 29 minutos e o maior tempo de entrevista 6 horas) e 305 páginas de transcrição, além das horas passadas antes e depois das entrevistas em cada biblioteca ou local da entrevista.

**Quadro 2-** Dias e quantitativo de entrevistas.

Mês	Dia	Quantidade de Entrevistas
Setembro	30	4
Outubro	03	3
	04	1
	06	1
	07	3
	10	1
	18	2
	19	2
Novembro	28	3
	30	3
Dezembro	02	1
	05	1
	06	3
	07	5

Fonte: Elaboração própria (2017).

O pré-teste, por sua vez, foi realizado com o gestor e interagentes da Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiaries, localizada no bairro da Ilha do Retiro, zona norte do Recife, sendo criada em 2005. Como um dos critérios para a realização do pré-teste é que o sujeito tenha em certa medida as mesmas características dos sujeitos com os quais se vai realizar a pesquisa, escolhemos esta biblioteca por ela se adequar a este critério e, sobretudo, por ela já ter sido integrante da Releitura.

O momento do pré-teste foi importante para o que iria ocorrer posteriormente. Cheguei à biblioteca às 09h30min da manhã e saí às 15h00min. Conversei com o gestor no período da manhã sobre o espaço e a rotina diária da biblioteca; em seguida, fiz a entrevista, que durou cerca de 01h35min. À tarde, retornei, dessa vez para entrevistar os interagentes, em sua maioria crianças que ficaram muito entusiasmadas quando souberam que poderiam ser entrevistadas.

No, entanto como a entrevista delas exigia a assinatura dos pais ou responsáveis, não foi possível fazer com todas, mas apenas com aquelas que moravam próximas à biblioteca cujos pais estavam disponíveis no horário.

O pré-teste serviu para fazer pequenas reformulações em alguns termos das perguntas e para readequar o vocabulário no momento em que fossem feitas as perguntas para os interagentes, pois alguns tiveram dificuldades em entender as perguntas e expressar suas vivências.

A realização do pré-teste foi um momento relevante de previsão das possíveis ocorrências que surgiriam. O depoimento do gestor foi muito relevante pelo seu nível de envolvimento com a biblioteca e pelo histórico de desafios e conquistas enfrentados e superados por ela. Foi, enfim, um dia emocionante de contato com esta história, e alegre, de interação com as crianças e participação das atividades.

Assim, foram feitas as outras entrevistas. Tentamos fazer as entrevistas em locais calmos, para que pudesse haver concentração dos entes da entrevista e para que as gravações de voz pudessem ficar com o menor nível de interferência possível. Todavia, isso nem sempre foi possível. Houve muitas interrupções e ruídos, que exigiram da pesquisadora atenção para a retomada das falas e serviram de intervalos para processar o que tinha sido dito e suscitar novos questionamentos.

As entrevistas foram sempre iniciadas com a leitura e explicação do TCLE, bem como com a coleta das assinaturas para o preenchimento deste documento. Vale ressaltar que esse procedimento, em certa medida, prejudicava o andamento da entrevista, pois demandou um tempo de leitura (a pesquisadora fez a leitura e explicação em voz alta do termo em todas as entrevistas), além da coleta das assinaturas das testemunhas, o que atrapalhou um pouco.

O roteiro da entrevista serviu de guia de fato. Por isso, foi descrito em uma seção e não posto como apêndice, já que foram feitas outras perguntas a depender da necessidade, para compreender melhor as histórias que estavam sendo delineadas, mas sempre com cuidado para não atrapalhar o desempenho da entrevista, como nos alertou Poupart (2014). Também utilizamos um gravador de voz por meio de um aplicativo do aparelho de celular da pesquisadora, mas, antes, sempre foi perguntado ao entrevistado se ele autorizava a gravação da voz.

O processo de entrevistas exigiu, além da atenção da pesquisadora em se manter extremamente alerta durante todo o processo de entrevista, um trabalho intensivo de deslocamento via transporte coletivo sob o verão recifense, como as entrevistas foram feitas em locais diversos e as próprias bibliotecas são situadas em locais diferentes.

Ao mesmo tempo, foram momentos muito prazerosos, de rica experiência e de amadurecimento, que exigiram atenção e cuidados. Sempre com olhos fixos nos entrevistados, a pesquisadora pôde sentir os momentos de surpresa, de alegria e de gratidão de muitos deles por terem tido a oportunidade de recordar esses momentos e o brilho nos olhos nas experiências de contentamento ou de superação.

#### 5.4 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise dos dados consiste numa fase de organização do material, para facilitar a compreensão e a interpretação das respostas. Ademais, visa a dar sentido amplo e relacionado aos dados, com base na literatura e em conhecimentos e experiências adquiridas anteriormente pela pesquisadora. A análise de dados qualitativos permite o estabelecimento de relações entre os seres e os fenômenos, extraindo os conceitos implícitos nos discursos.

Assim, os resultados dessa pesquisa, que se encontram nos Capítulos 6 e 7, incluem o trabalho de organização e análise de dados tanto no que tange à caracterização de cada biblioteca, pois nesta fase, fizemos o cotejo e resgate de informações que estavam espalhadas em diversas fontes e documentos, incluindo documentos internos de cada biblioteca, manuais, análise exaustiva dos posts dos blogs desde o início de cada site até julho de 2016 (a biblioteca com maior quantidade de posts foi a Biblioteca Popular do Coque, com 227 lidos e analisados, e o blog da Releitura, com 70), informações das entrevistas informais, vídeos, entre outros. Como também a organização e análise dos dados da entrevista formal da coleta de dados, que foi uma fase mais detalhada de contato com os sujeitos da pesquisa.

Para a análise das entrevistas formais, usamos a técnica da análise de conteúdo definida e estrutura por Laurence Bardin, que define essa forma de análise de dados como um conjunto de técnicas de análise das comunicações (discursos orais ou textos escritos) que usa procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A análise de conteúdo foi escolhida porque considera mais as significações (o conteúdo) do que a forma (a análise de ocorrência).

O objetivo da análise de conteúdo é a inferência de elementos do seu discurso que revelem sua relação com o que se deseja pesquisar (BARDIN, 2008). Tal inferência visa a conhecer as condições de produção e recepção a partir de indicadores quantitativos ou qualitativos e constitui um processo intermediário entre as etapas de descrição (síntese da ordenação das características do texto depois de tratado) e interpretação (atribuição de significados a essas características). Bardin (2008) enfatiza o caráter dedutivo e inferente dessa técnica, que permite ir além do conteúdo das mensagens.

Para proceder tal análise, a autora recomenda a execução de três fases cronológicas:

- a) Pré-análise: que visa a sistematizar as ideias iniciais para conduzir de maneira precisa as operações posteriores;
- b) Exploração do material: fase fatigante e longa de codificação, decomposição ou enumeração das regras pré-formuladas de análise;
- c) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: momento de significação dos dados brutos por meio de quadros de resultados, diagramas, modelos e figuras que condensam e dão destaque às informações dadas pela análise (BARDIN, 2008).

Optou-se nesta pesquisa por realizar uma análise categorial, que constitui uma operação de classificação seguida de reagrupamento segundo o gênero de acordo com critérios definidos anteriormente. Opera por meio do desmembramento do texto em unidades (categorias) conforme análise temática proposta (BARDIN, 2008). Nesta pesquisa, os temas em questão foram delineados em função das duas questões básicas da pesquisa: as práticas informacionais e as práticas leitoras dos sujeitos envolvidos com as bibliotecas comunitárias.

Essas categorias são classes ou etiquetas em que um grupo de elementos sob um título genérico é agrupado em função de suas características comuns. Todavia, reforça-se que as categorias aqui utilizadas não buscam apenas incluir os elementos comuns de cada grupo, mas sim apresentar seus conflitos, singularidades, diferentes posicionamentos sobre um fato e multiplicidade de visões, práticas e afinidades.

#### **5.4.1 Transcrição das entrevistas: escuta e organização das informações**

Conforme sugerido por Bardin (2008), realizamos nossas análises seguindo as três fases indicadas. Para compor a primeira fase de organização dos dados, foram feitas as transcrições das entrevistas, seguidas de sua leitura. As transcrições foram iniciadas no dia 11 de outubro de 2016 e finalizadas no dia 03 de janeiro de 2017. As 40 horas de gravações de áudio, muitas vezes sem contar a leitura do TCLE, resultaram num volume de 305 páginas de entrevistas a serem analisadas.

Para guiar o processo de transcrição, tomamos por base o texto dos autores Manzini (2008) e Duarte (2004). A transcrição de uma entrevista semiestruturada gravada em áudio é o ato de transpor as informações orais em informações escritas, mas não se trata de um processo mecânico. Para além da ação de “escutar e escrever”, a transcrição de entrevistas requer cuidados e critérios metodológicos adequados, sobretudo sensibilidade do pesquisador.

Manzini (2008) considera que a transcrição é a terceira fase do processo de entrevista, já que a primeira consiste no planejamento do roteiro a ser aplicado e a segunda é a entrevista propriamente dita. Tratou-se de um processo longo, difícil e trabalhoso, demandando tempo e cuidados na execução. Manzini (2008) constata que cada hora de gravação pode durar até seis horas de transcrição para um pesquisador treinado. De fato, apesar de não termos conseguido computar a duração do tempo de transcrição, percebemos que as horas giraram em torno ou ultrapassaram essa média.

Citando Marcuschi (1986), Manzini (2008) destaca que a transcrição deve ser feita com base nos objetivos da pesquisa, assinalando o que se convém para a análise. Dessa forma, como nossas entrevistas não tinham um fim linguístico, mas a relevância estava no conteúdo temático da mensagem, desconsideramos algumas marcas da oralidade que se repetiam, mantendo apenas o uso de gírias ou outras expressões características dos sujeitos. Sobre isso, Duarte (2004, p. 221) é enfática quando assevera que:

Entrevistas podem e devem ser editadas. Exceto quando se pretende fazer análise de discurso, frases excessivamente coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas, vícios de linguagem, cacoetes, erros gramaticais etc. devem ser corrigidos na transcrição editada. É importante, porém, manter uma versão original e uma versão editada de todas as transcrições.

Fizemos também alguns ajustes de grafia nas citações escolhidas, sem descaracterizar os depoimentos, pois, conforme recomenda Manzini (2008, p. 13):

[...] parece ser conveniente que as falas transcritas, para serem apresentadas publicamente, recebam pequenos ajustes na grafia, pois, a experiência tem mostrado que as falas escritas como, por exemplo, alcançá (alcançar), tá (estar), vô (vou) não tem sido bem recebida pelos próprios participantes ao fazerem a leitura do material escrito. Isso é fácil de ser vislumbrado: imagine que um professor, um médico, ou um especialista possa apresentar uma fala dessas? Além de chocar o sujeito de pesquisa, para um leitor desavisado, a fala transcrita pode ser elemento que produz estigma. Ou seja, apesar de saber que a fala cotidiana pode pouco se assemelhar com a fala culta, ao tomar contato com a forma real da fala transcrita, o entrevistado pode levar um grande choque.

Outros critérios utilizados foram a inclusão de sinais como “inaudível”, “pausa” e “risos”, a indicação dos momentos de interrupção quando chegavam outras pessoas à procura do entrevistado, como pausas para tomar água ou para a coleta da assinatura de testemunhas, bem como recortes de momentos em que não se tratava de assuntos ligados às entrevistas.

Para o processo de transcrição, independentemente do roteiro da entrevista, foi considerada a fala literal da pesquisadora, pois, mesmo com o guia, as verbalizações das perguntas sempre sofreram alterações na forma como foi questionada ou esclarecida: “por isso, a transcrição deve se reportar à forma como a pergunta foi emitida durante a entrevista e não usando os recursos de copia e cola do computador” (MANZINI, 2008, p. 5). O autor esclarece ainda que:

A linguagem é um instrumento humano que permite expressar a mesma ideia em diferentes formas. De repente, no momento da entrevista, o entrevistador faz uma pergunta de uma forma diferente daquela que estava no roteiro, mas que parece ser melhor do que aquela pergunta que fora planejada e que constava do roteiro. A transcrição vai deixar transparecer essa informação. Também é comum a necessidade de refazer a pergunta no momento da entrevista, pois o entrevistador tem a sensibilidade de perceber a situação concreta e refaz a pergunta de outra forma. Essas informações serão importantes para inclusive reformular, melhorar e adequar o roteiro original (MANZINI, 2008, p. 5).

De fato, essas reformulações ocorreram e não poderia ser diferente, devido ao caráter intrínseco de dinamicidade deste instrumento. Manzini (2008) também esclarece que o ato da transcrição já constitui uma pré-análise do material. Por isso, a escuta e leitura do material coletado foi suscitando algumas reflexões e possíveis relações entre os textos das entrevistas, tendo em vista as lembranças dos outros depoimentos. Tais observações foram anotadas nas margens dos documentos e posteriormente serviram de apoio para a categorização.

#### **5.4.2 Categorização e análise das entrevistas: identificando as práticas**

Ainda conforme Bardin (2008), na segunda fase de exploração, foram feitas leituras e releituras das entrevistas depois de transcritas. Inicialmente, foram feitas leituras de cada entrevista de modo individual, destacando algumas percepções e reflexões. Depois, criamos tabelas em um documento de edição de texto com as perguntas de cada bloco do roteiro. No cabeçalho da tabela, havia as perguntas e na primeira coluna os nomes de todos os entrevistados.

Em seguida, foi feito um processo de decomposição das entrevistas, por meio de uma nova leitura das entrevistas de modo individual, retirando trechos representativos do discurso de cada entrevistado referentes a cada pergunta e colocando-os nas tabelas. Assim foi feito com cada entrevista e em cada bloco.

Nesse momento, iniciava-se a terceira etapa de tratamento e interpretação dos dados obtidos, conforme classificado por Bardin (2008). De posse desse quadro estruturado, partíamos para a fase de interpretação dos fragmentos dos discursos, de modo a articular a fala dos sujeitos. Além de realizar um cruzamento desse material com as referências teórico/conceituais que orientaram o trabalho (DUARTE, 2004).

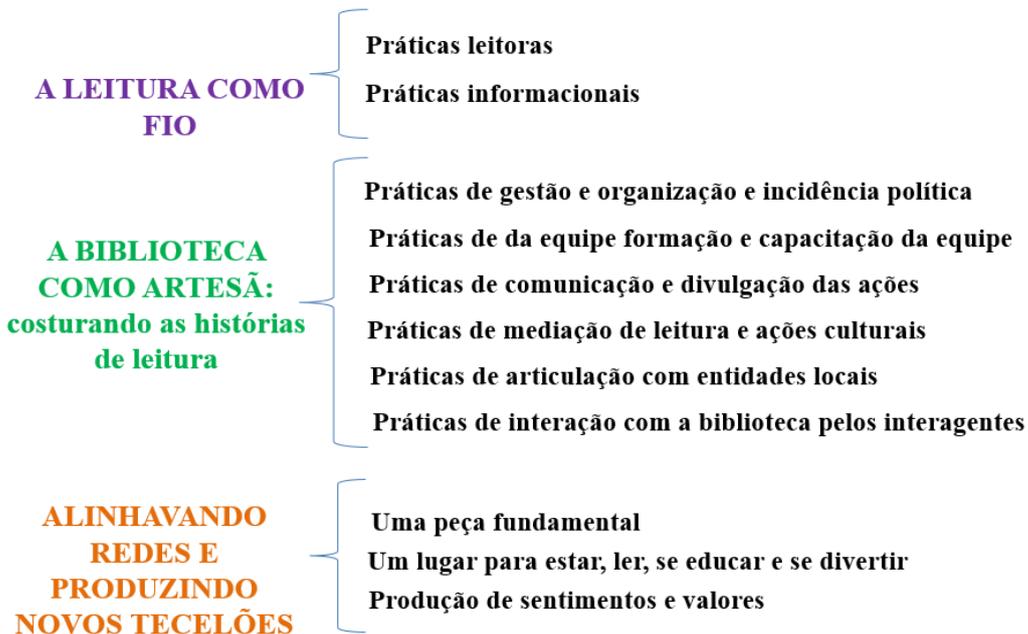
Sobre este último tópico, salientamos que, apesar de nossas análises terem sido feitas à luz do nosso referencial teórico como forma de articular as afinidades e divergências entre a teoria e a prática, observamos nitidamente o que alerta Duarte, e por isso não trouxemos constantes arremates teóricos em todos os relatos dos entrevistados:

[...] a fala do entrevistado tem valor nela mesma quando tomada como fonte de conhecimento e não pode ser utilizada como mera ilustração das teorias explicativas. Se recolhido e analisado de forma correta, o material fornecido por nossos informantes tem concretude, densidade e legitimidade suficientes para, se for o caso, fornecer subsídio e base para questionarmos nossos pressupostos e mesmo concepções teóricas estabelecidas e consolidadas (DUARTE, 2004, p. 223).

Ainda conforme Duarte (2004, p. 222), o processo de análise implicou a construção de um novo texto, permitindo um diálogo entre as falas “aproximando respostas semelhantes, complementares ou divergentes de modo a identificar recorrências, concordâncias, contradições, divergências etc.”. Neste momento, foram surgindo os primeiros insights para a denominação das categorias. No entanto, as categorias criadas não surgiram conforme a ordem do roteiro, mas foi feito um movimento reflexivo diferente, que considerou outras categorias de análise.

Desse modo, a categorização escolhida não é uma categorização linear temporal, mas temática, pois procurou apresentar uma delimitação para responder a três questionamentos principais, quais sejam: o que impulsionou os entrevistados a forjarem as bibliotecas ou a se relacionarem com esses espaços, como a interação com a leitura e com a informação (categorias: práticas leitoras e informacionais).

Em seguida, como eles aplicam esse arsenal de conhecimentos em ações como a criação da biblioteca, elaboração de atividades, articulação da Releitura e estabelecimento de parcerias (categorias: práticas de gestão, mediação de leitura, articulação) e, por fim, como todas essas práticas são ressignificadas por eles, qual a relevância disso para cada um. A partir disso, foram criadas as três categoriais maiores, que se subdividiram em outras menores, conforme Figura 1.

**Figura 1:** Categorização dos dados

**Fonte:** Elaboração própria (2017)

Ressaltamos que as categorias foram criadas como forma de destacar alguns aspectos relevantes, mas que os assuntos e os depoimentos se entrelaçam em mais de uma delas. Também é importante assinalar que nem todo o conteúdo das entrevistas foi considerado, mas apenas aquele que se relacionava com nossos objetivos.

As análises foram realizadas tendo como base principal as entrevistas, mas também foram usadas as anotações e reflexões advindas das vistas *in loco* quando das realizações das entrevistas, para as que foram feitas nas bibliotecas, e em reflexões do referencial teórico. Esta etapa consistiu, portanto, na segunda fase de revelação das práticas informacionais e leitoras dos sujeitos, as quais serão apresentadas no Capítulo 7.

A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre a Releitura e, em seguida, descreveremos os principais pontos relacionados à caracterização de cada biblioteca.

## 6 TECENDO COMUNIDADES LEITORAS

Neste momento, apresentaremos a Releitura e seu processo de formação enquanto um coletivo de bibliotecas que se formou para somar forças em prol de comunidades mais leitoras, bem como descreveremos as características de cada biblioteca escolhida para fazer parte da pesquisa de forma mais detalhada, contemplando os principais pontos de análise de cada uma, como comunidade, histórico, atividades e serviços, acervo, usuários e peculiaridades.

### 6.1 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE – RELEITURA-PE

A Releitura, Bibliotecas Comunitárias em Rede da Região Metropolitana do Recife, é uma articulação que surgiu em 2007, inicialmente com quatro bibliotecas comunitárias. Posteriormente, mais quatro bibliotecas se reuniram com o grupo para se fortalecerem enquanto coletivo, com troca de informações, ajuda mútua e aprimoramento na formação (RELEITURA, 2013). Até 2013, a Releitura era composta por dez bibliotecas integrantes. Hoje, conta com sete bibliotecas. O coletivo tem como missão fortalecer e qualificar as bibliotecas comunitárias da Região Metropolitana do Recife visando à formação de comunidades leitoras na perspectiva de construção de um projeto de sociedade mais justa, plural e democrática (RELEITURA, 2014).

As bibliotecas que fazem parte da Releitura atuam nos municípios de Jaboatão dos Guararapes, Olinda e Recife, atendendo a cerca de 15 mil pessoas entre crianças e jovens e suas famílias. O coletivo busca fortalecer e democratizar o acesso ao livro e à cultura escrita nessas comunidades por meio de diversas ações em cada biblioteca. Além de buscar fomentar o quadro político-pedagógico das bibliotecas comunitárias e lutar pela construção de políticas públicas em prol da leitura e biblioteca (RELEITURA, 2013, 2014).

A iniciativa do grupo Releitura na RMR enquanto uma rede de bibliotecas comunitárias é pioneira no Brasil, influenciando a formação de outras redes de bibliotecas comunitárias no país. Atualmente, ela integra também a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), um coletivo formado por várias redes estaduais e regionais de bibliotecas comunitárias (RELEITURA, 2013).

O trabalho em rede, além de pioneiro, destaca-se pelos benefícios que seus membros têm ao trabalharem juntos. Para Botler e Santana (2014), a Releitura se apresenta como uma comunidade de aprendizagem que busca, a partir do compartilhamento de interesses e valores, intercâmbios e troca de conhecimentos para fins coletivos. A Releitura, ao considerar que as bibliotecas são espaços coletivos de participação, permite que todos os seus integrantes sejam sujeitos consultivos e deliberativos. A articulação com a comunidade e a troca nas relações

pessoais revela uma dimensão recíproca e solidária que configura o trabalho em rede. Nas palavras dos autores, as evidências podem ser vistas:

[...] tanto nas práticas de gestão de projetos de leitura, mediação de leitura, organização do acervo, espaços de leitura, o que aprofundou o relacionamento entre as bibliotecas na perspectiva da melhoria de cada uma na medida de suas necessidades e a partir das aprendizagens com as mais experientes, ampliando o repertório de livros e leituras, formas de organização e ambiência dos espaços de leitura, para ação dos coordenadores das bibliotecas e dos mediadores de leitura. Estes espaços, portanto, trazem sentido de ampliação das possibilidades de participação e formação política (BOTLER; SANTANA, 2014, p. 9).

Desde o início, a Releitura conta com a parceria do Centro de Cultura Luiz Freire, em 2007, e do Instituto C&A (IC&A), em 2008, por meio do Programa Prazer em Ler. Participa e atua junto ao Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura (FDBLLL/PE) para a criação dos Planos Estaduais e Municipais do Livro e da Leitura. Em 2012, tornou-se parceira do Centro de Estudos em Educação e Linguagem da UFPE, que promoveu, em 2014, uma série de ações, entre as quais o subprojeto do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) (RELEITURA, 2014).

Além disso, a Releitura iniciou um processo de formação em comunidades indígenas pernambucanas que fazem parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a Diversidade (PIBID Diversidade) (RELEITURA, 2014). Nesse mesmo contexto, formou recentemente uma parceria por meio do Projeto Intercâmbio Cultural Recife Xucuru, que visa ao intercâmbio entre mediadores de leitura das bibliotecas comunitárias e ambientes de leitura do povo indígena Xucuru/PE, por meio do compartilhamento de experiências e do resgate da tradição oral (PROJETO..., 2016).

Possui ainda articulação com entidades públicas, como as bibliotecas municipais de Casa Amarela e Afogados, com a Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco e com a Secretaria de Educação do Recife, por meio do Programa Manuel Bandeira, com o MinC, com o cadastro no Sistema Nacional de Bibliotecas e pontos de leitura, com a Coordenadoria de Literatura do Estado de Pernambuco e com entidades privadas, como o projeto Bagulhadores do Mió, contadores de história e escritores que participam das atividades das bibliotecas (RELEITURA, 2014).

A parceria fundamental estabelecida desde o início com o CCLF e o Instituto C&A proporciona ao coletivo tanto o apoio técnico-pedagógico e financeiro como formação política. Por meio do Programa Prazer em Ler do IC&A, a Releitura recebe formações referentes à

gestão, espaço, mediação de leitura e acervo, além de sempre se reunir com polos de outros estados brasileiros para trocar experiências, conhecer e compartilhar as boas práticas.

As discussões e atividades iniciais que a Releitura se propôs a oferecer e realizar enquanto grupo se fundamentavam na autoformação da equipe, bem como na compreensão e entendimento do coletivo, que incluía a discussão de textos teóricos sobre formação de leitores e estudos sobre o funcionamento de uma rede. Outra questão era sobre a avaliação e manutenção do acervo, com a troca de experiências entre as bibliotecas integrantes, e a formação de campanhas de doação de livros para a composição dos acervos.

O debate em conjunto para a formulação de alternativas sustentáveis para a manutenção dos espaços, assim como discussões em busca de políticas públicas de incentivo ao livro, leitura e bibliotecas no âmbito municipal, estadual e federal, também foram questões visadas pelo coletivo. Além da criação de eventos e seminários para discutir propostas e apresentar suas experiências (BIBLIOTECA..., 2009).

Esses pilares foram sendo construídos e fortalecidos aos poucos. A formação da equipe de gestores e mediadores da rede, assim como a troca de experiências com outras instituições, são duas preocupações essenciais da Releitura. Para fomentar isso, ela sempre buscou formar parcerias, além de criar e participar de eventos sobre a temática. A Releitura sempre procurou também promover ações que lhe capacitassem com conhecimentos relacionados à mediação de leitura, educação, direitos e proteção da criança e do adolescente - público com mais presença nas bibliotecas - planejamento e gestão de instituições, sustentabilidade e incidência política, entre outros (RELEITURA BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE, 2016).

No que se refere à formação da equipe das bibliotecas, além da parceria com o IC&A, a Releitura possui uma parceria, desde 2012, com o CEEL-UFPE. As formações são capacitações, instruções e orientações oferecidas sobre temáticas diversas que envolvem o universo das bibliotecas, seu público e suas comunidades. Elas se dão em uma dupla via, na qual tanto a Releitura recebe formação como também oferece formação. Esta última se deu quando a Releitura foi se revigorando com as formações e experiências, e desde 2013 passou a oferecer formações pedagógicas para profissionais diversos que estejam interessados em capacitação na área de bibliotecas e leitura. A proposta formativa se baseia em oficinas sobre estratégias para mediação de leitura, dinamização de espaço da biblioteca, gêneros literários e classificação por cores (RELEITURA, 2013).

As formações recebidas no CEEL sobre, por exemplo, como elaborar projetos para a submissão de editais, como trabalhar leitura, literatura e escrita foram fundamentais para o desenvolvimento das ações da Releitura enquanto um conjunto articulado de bibliotecas. O

caráter mais marcante dessa parceria está na troca de conhecimentos entre as duas partes. O Centro, como um espaço universitário, possibilitou o encontro dos gestores e mediadores das bibliotecas com os teóricos da Educação e Literatura, ao passo que os membros docentes do Centro puderam vivenciar e conhecer a prática das bibliotecas comunitárias no dia a dia de suas ações nas comunidades. Isso promoveu um aprimoramento e enriquecimento cultural a ambos os lados, que sempre ressaltam a importância dessa parceria (PARCERIA..., 2012).

As pessoas que fazem parte das equipes das bibliotecas têm formação nas áreas de pedagogia, literatura e cultura, e essas parcerias só vêm a somar às habilidades dos mediadores. Com tal formação, aliada às formações complementares de que elas participam e, sobretudo, devido à experiência no dia a dia com as diversas atividades propostas pelas bibliotecas, que envolvem a cuidadosa e planejada seleção de leituras e dinâmicas, eles formam um coletivo de referência para fornecer formações dentro dessas temáticas.

A Releitura participa e atua em diversos eventos que ocorrem no âmbito da leitura e do livro em Pernambuco e em outros estados. A participação da Releitura e das bibliotecas integrantes nos eventos se faz seja com sua presença na programação, através de algum estande ou oficina, como nas feiras de livro, seja com a participação de seus gestores, mediadores e interagentes nas atividades da programação, como ouvintes das palestras, debates ou oficinas.

A busca por políticas públicas na área do livro, leitura e biblioteca é outra preocupação primordial da Releitura. As iniciativas comunitárias sobrevivem por meio de doações e de disputas em editais públicos. Parcerias com instituições privadas são essenciais, mas garantem apoio apenas de forma pontual (RELEITURA, 2013). No que se refere à incidência política para a formulação de políticas públicas para as bibliotecas, a Releitura atua com bastante veemência, sobretudo por meio do Fórum, conforme descrito na seção 4.3, quando tratamos da participação da Releitura na construção de políticas locais.

A manutenção das bibliotecas comunitárias da Releitura se dá tanto através de apoio governamental quanto por meio de iniciativas privadas, seja através de edital de financiamento de projetos, seja por prêmios. No entanto, todas essas ações são pontuais, posto que não garantem a sustentabilidade contínua das bibliotecas.

No âmbito Federal nacional, têm-se os editais do Minc, do SNPB, os prêmios do Viva Leitura e da Biblioteca Nacional, entre outros. Na esfera Estadual, os editais do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura PE), por meio da Secretaria de Cultura, já possuem linhas de financiamento específicas para as bibliotecas comunitárias. Tal inclusão foi feita mediante intervenção política por parte da Releitura em discussões e debates com este órgão (SILVA, 2016).

Na rede privada, o apoio também é feito por meio de editais de financiamento, como o Instituto C&A e bancos em geral. Além de editais internacionais, como algumas bibliotecas já conseguiram em instituições da Alemanha, e nacionalmente através de parcerias governamentais, como o IBEROBIBLIOTECAS. A submissão dos projetos é feita tanto coletivamente, enquanto Releitura, como individualmente, por cada biblioteca, e sempre é analisada qual é a melhor forma de enviá-la (SILVA, 2016).

No que se refere ao âmbito metodológico, o coletivo possui uma proposta político-pedagógica definida a partir de conceitos construídos coletivamente, com o objetivo de atender às especificidades de cada biblioteca, bem como os princípios gerais que eles adotaram para seguir. Dentre esses conceitos que integram locais, ações e grupos, os quais estão diretamente ligados às bibliotecas, cabe destacar as definições adotadas pela Releitura acerca de alguns termos:

- **Biblioteca Comunitária:** espaços de leitura que surgem por iniciativa ou demanda das comunidades e são gerenciados com sua participação, tendo envolvimento do público nos seus processos decisórios e avaliativos, e acreditam nos pilares abaixo relacionados:
- **Incentivo à leitura:** ler é uma prática social fundamental à formação do cidadão, e importante via de acesso ao conhecimento e à cultura.
- **Mediação:** ação capaz de orientar e promover o desenvolvimento do gosto pela leitura e da cultura letrada nas comunidades onde as Bibliotecas comunitárias estão inseridas.
- **Espaço:** local ambientado de forma orientada e adequada para estimular a interação do leitor com os vários gêneros e suportes de leituras e com outros leitores.
- **Acervo:** livros e outros suportes, preferencialmente de literatura, que considerem critérios de qualidade e interesses dos leitores, organizados de forma a propiciar a autonomia na escolha.
- **Gestão da Biblioteca:** processos e procedimentos articulados que visem ao alcance dos objetivos, planejados, monitorados e avaliados de forma participativa por diferentes atores.
- **Comunidade:** grupo de pessoas para as quais a biblioteca foi criada. Aquelas pessoas que devem ser servidas pela biblioteca. A comunidade pode ser uma unidade política: cidade, nação, região, estado, país etc. Pode ser ainda um grupo especializado ou associado: universidade, escola, agência governamental ou organização.
- **Usuário:** aquele que utiliza os recursos informacionais da biblioteca, também conhecido como leitor, consulente e cliente. Divide-se em usuários reais e potenciais. Os usuários reais são aquelas pessoas que efetivamente utilizam os serviços da biblioteca, enquanto os interagentes potenciais são os sujeitos que a unidade também visa a atender, mas alguma razão impede o uso dos recursos informacionais por estas pessoas (RELEITURA, 2012).

Para trabalhar em conjunto, a Releitura de bibliotecas comunitárias atou inicialmente sob a estrutura de uma coordenação, mas posteriormente decidiu não possuir uma entidade centralizadora, mas sim atuar com uma gestão compartilhada, na qual todas as bibliotecas são corresponsáveis por sugerir, compartilhar, propor em conjunto e deliberar com a consonância de todos. Para garantir esse tipo de gestão, é necessário manter alguns princípios e valores, tais como:

- Ética e impessoalidade político-partidária.
- Solidariedade e reciprocidade: ação cooperativa entre as bibliotecas e instituições de incentivo à leitura.
- Visibilidade e Comunicação: ação de comprometimento de divulgação e legitimação das bibliotecas parceiras, contribuindo para a visibilidade e o fortalecimento das bibliotecas que compõem a Rede.
- Autonomia: ação que preserva a autonomia de cada biblioteca entre as demais bibliotecas e a sujeitos externos, garantindo liberdade na gestão financeira e pedagógica da Rede em deliberações conjuntas, sem influências partidárias ou submetendo-se a política de outros.
- Democracia: ação que defende o direito de voz e voto nas reuniões, bem como liberdade de expressão de qualquer biblioteca.
- Respeito às diferenças: ação que preza pela igualdade entre as bibliotecas guardando suas diversidades culturais, religiosas e pedagógicas, não permitindo discriminação de raça, etnia, gênero, orientação sexual, diferenças físicas ou mentais, de classe ou religião.
- Formação continuada: ação que busca criar, estimular e manter espaços de formação continuada entre os gestores e mediadores no âmbito pedagógico, cultural e político.
- Proatividade: ação inerente à Rede que precisa do agir crítico e estratégico de seus membros para procurar alternativas de superação de dificuldades ou falhas, e assim fortalecê-la (RELEITURA, 2012).

Além disso, em favor da proposta de descentralização da gestão, foram formados grupos de trabalho (GTs) divididos em cinco eixos, que atuam em diálogo constante: 1- Formação, 2- Comunicação, 3- Participação e Incidência Política, 4- Mobilização e Eventos e 5- Gestão Compartilhada. Cada GT é responsável por montar estratégias de ação para o desenvolvimento das ações previstas em cada grupo em prol de toda a Releitura (RELEITURA, 2014).

A Releitura ainda possui dois tipos de funções, que podem ser identificadas nas bibliotecas: os articuladores e os mediadores. Os articuladores são responsáveis pelo

planejamento, execução e avaliação das ações. Os mediadores, por sua vez, são responsáveis pelas atividades de atendimento ao público e mediação de leitura. Sendo assim, seguem as atribuições de cada uma dessas funções:

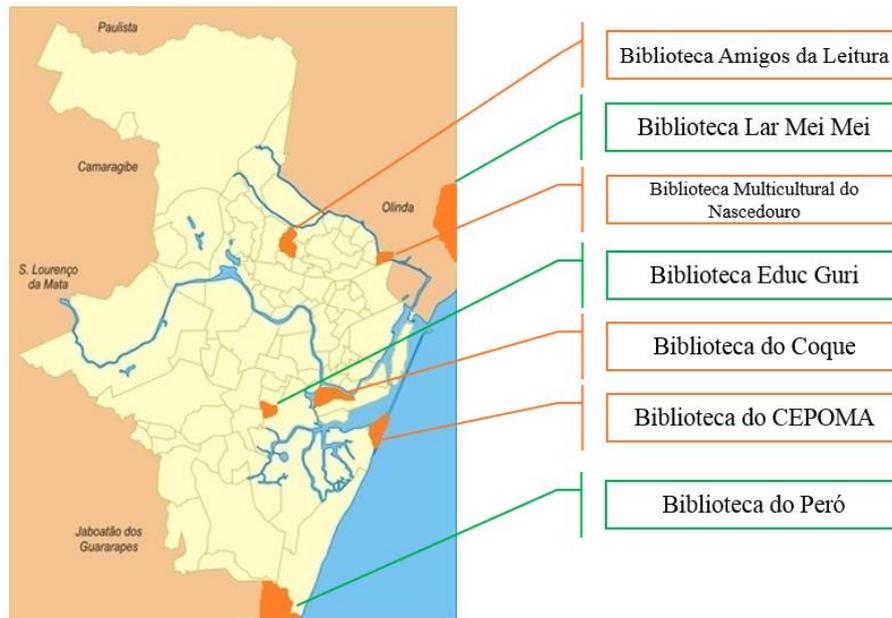
- Perfil do articulador: Ser leitor, ético, mediador de leitura, liderança democrática, comunicativo, participativo. Função: Participar das reuniões (ordinárias e extraordinárias), produção de relatórios, apropriar-se das atividades de sua biblioteca, ser o elo de comunicação da sua biblioteca com a Rede e vice-versa, autonomia - desde que não fira os princípios de sua instituição.
- Perfil do mediador: Ser leitor, domínio das técnicas de mediação e escrita, comunicativo, articulado. Função: Apropriação do acervo; planejar junto à equipe, executar e avaliar as mediações; classificação, catalogação e automação do acervo; participação nas formações da rede e nas ações coletivas em nível de mediação e empréstimo. Tem como responsabilidade planejar as ações/atividades juntamente com a equipe, distribuir as atividades, garantir o monitoramento, avaliação e sistematização (garantir a manutenção pasta de dados das atividades, como foto, lista de presença e todos os materiais para relatórios, programações e registros de logística das atividades etc.) (RELEITURA, 2012).

A Releitura possui ainda uma bibliotecária, que contribui no planejamento e acompanhamento dos processos técnicos de catalogação, classificação e indexação dos acervos, organização dos eventos e reuniões e, além disso, é membro do Conselho Estadual de Políticas Culturais. Dito isto, na próxima seção, comentaremos com detalhes cada biblioteca escolhida para compor a pesquisa.

## 6.2 AS BIBLIOTECAS DA RELEITURA: em defesa do direito à leitura

Apresentaremos de forma breve as bibliotecas comunitárias que formam a Releitura e alguns pontos em comum existentes nessas bibliotecas. Em seguida, será apresentada cada biblioteca comunitária que fez parte da pesquisa. A Releitura atualmente é composta por sete bibliotecas comunitárias localizadas em três cidades da Região Metropolitana do Recife: Olinda, Jaboatão dos Guararapes e Recife, conforme Figura 1.

**Figura 2-** Localização das bibliotecas comunitárias da Releitura no mapa da Região Metropolitana do Recife.



**Fonte:** Elaboração própria (2016).

A **Biblioteca comunitária Amigos da Leitura** está localizada no bairro Alto José Bonifácio, Zona Norte do Recife, sendo criada em 2004 a partir de um morador da comunidade, o educador social Fábio Rogério Silva, em parceria com outras instituições. O acervo possui cerca de 3 mil itens, inclusive jogos, sendo sua maior parte livros infantis. Possui cerca de 200 interagentes cadastrados e uma frequência de 60 diariamente, majoritariamente crianças e jovens (RELEITURA, 2013; SILVA, 2016).

A **Biblioteca comunitária do Centro de Educação Popular Mailde Araújo - CEPOMA** foi criada em 2006 pelo próprio Centro, composto por pessoas da comunidade para atender às necessidades de leitura literária das crianças frequentadoras do espaço, situada na comunidade de Brasília Teimosa, zona sul do Recife. As crianças do Centro podem desfrutar de um acervo de quase 3.500 exemplares, com livros em sua maioria de literatura infanto-juvenil. Atende em média a 70 crianças do Centro, além da comunidade, e possui cerca de 500 interagentes cadastrados na biblioteca, com uma média de 20 que a frequentam diariamente (RELEITURA, 2013; SANTANA, 2016).

A **Biblioteca Comunitária Educ Guri** foi criada em 2011 por membros de sua comunidade, estando localizada no bairro da Mangueira, zona centro-sul do Recife. A biblioteca oferece mediação de leitura, cursos e rodas de leitura. O acervo possui cerca de 2 mil

livros, distribuídos entre literatura infantil, juvenil e adulta. Possui cerca de 100 interagentes cadastrados, em sua maioria crianças (RELEITURA, 2013).

A **Biblioteca Lar Meimei** faz parte da Creche Escola Irmã de Castro, criada em 2006 para atender às necessidades das crianças a partir da primeira infância. Localizada no Bairro Novo, no município de Olinda-PE, seu acervo literário é composto por mais de 3.500 livros de literatura nacional e estrangeira, com ampla diversidade temática, além de jogos interativos educativos e multimídia para contemplar em torno de 300 interagentes cadastrados (RELEITURA, 2013).

A **Biblioteca Comunitária Però** faz parte do Instituto Però do Shopping Guararapes, sendo criada em 2008 pelo próprio Instituto. Localiza-se numa área do estacionamento do centro comercial citado no bairro de Piedade, no município de Jaboatão dos Guararapes, RMR, mas atende a crianças de bairros vizinhos também. Possui um acervo de aproximadamente 5.100 livros, estando a maioria cadastrada no sistema Biblivre. Seu público é formado em grande parte por crianças e adolescentes alunos da instituição, que, no entanto, vêm se diversificando e aumentando em função das atividades externas, atraindo as escolas públicas. Atende a cerca de 750 interagentes cadastrados e 35 diariamente (RELEITURA, 2013; MACIEL, 2016<sup>1</sup>).

A **Biblioteca do popular do Coque** foi criada em 2006 pela moradora do bairro Maria Betânia, junto com instituições parceiras. Localizada na Ilha Joana Bezerra, na região centro-sul do Recife, a biblioteca possui quase 3 mil livros em seu acervo, com diversos gêneros da literatura infantil, juvenil e adulta. Atende a quase 200 interagentes cadastrados, com uma frequência de 600 leitores mensalmente, sendo a maioria deles crianças e adolescentes (RELEITURA, 2013; ANDRADE, 2016<sup>2</sup>).

A **Biblioteca Multicultural do Nascledouro** foi criada em 2000 por jovens da comunidade de Peixinhos, bairro situado na divisa entre Recife e Olinda, é uma ação permanente do Movimento Cultural Boca do Lixo (MCBL), o qual mantém a gestão do espaço até hoje. Possui um acervo extenso e diversificado, com quase 6 mil exemplares, que inclui literatura, romances, quadrinhos, revistas, enciclopédias, filosofia, artes, entre outros. Atende a quase 900 interagentes cadastrados, em sua maioria crianças, jovens e adultos (RELEITURA, 2013; OLIVEIRA, 2016<sup>3</sup>).

---

<sup>1</sup> Dados conseguidos de Hugo Maciel por meio de resposta do questionário (2016).

<sup>2</sup> Dados conseguidos de Rafael do Nascimento Andrade por meio de resposta do questionário (2016).

<sup>3</sup> Dados conseguidos de Antônio Oliveira por meio de resposta do questionário (2016).

Em relação ao espaço físico, embora os locais das bibliotecas possuam cada qual configurações diferentes, eles têm muitos elementos em comum. A começar pela faixa: a maior parte delas possui seu nome e desenho da entrada criado por meio da arte do grafite. Os espaços são geralmente acessíveis, a maioria delas funciona no térreo, estando apenas duas localizada no segundo piso.

O desenho do salão de leitura é sempre formado por um tapete de chita, tecido de grande uso no Nordeste, com estampas floridas que revelam a cultura e identidade local, acompanhados de almofadas coloridas. Ao redor do tapete, ficam estantes expositoras com livros infantis de capa à mostra, e não apenas suas lombadas, uma estratégia fundamental de convite à leitura, principalmente para a autonomia das crianças e adolescentes. Nesse sentido, a altura em que os livros são expostos nas estantes também demonstra essa preocupação com a autonomia e responsabilidade do leitor, na medida em que colocam nas prateleiras mais baixas literatura infantil e livros de imagens, por exemplo, e, nas mais altas, literatura juvenil e adulta.

A organização do acervo, por sua vez, é feita da mesma forma em todas as bibliotecas da Releitura no que se refere ao sistema de gerenciamento e à classificação. O sistema utilizado pelas bibliotecas para cadastro de interagentes e de acervo, realização de empréstimos, devoluções e outros serviços é o Biblivre<sup>4</sup>. Tal sistema foi escolhido por ser o programa gratuito que mais se adequou às necessidades iniciais da Releitura.

No entanto, o sistema vem atendendo parcialmente às necessidades das bibliotecas, porque possui algumas funções que vão além dos procedimentos de que eles realmente necessitam, causando algumas dificuldades na inserção dos dados por pessoas que não são formadas na área de Biblioteconomia. Para otimizar tal situação a Releitura está em busca de um sistema que atenda de forma mais adequada ao perfil dessas bibliotecas e já vem propondo algumas sugestões aos órgãos públicos e acadêmicos. Com exceção dessa questão, o programa vem atendendo às demandas diárias das bibliotecas (FERNANDEZ, 2016).

Para a classificação dos livros de literatura infantil, juvenil e adulta, foi adotada a Classificação por Cores desenvolvida por Cida Fernandez, biblioteconomista e Coordenadora do Programa Direito à Leitura do CCLF, que atua com a Releitura desde quando ela foi criada. A principal motivação para a criação do sistema foi possibilitar a autonomia dos sujeitos enquanto leitores, bem como seu desenvolvimento enquanto sujeitos políticos. Além disso,

---

<sup>4</sup> Software desenvolvido pela Sociedade dos Amigos da Biblioteca Nacional (SABIN), com apoio da Coppe – Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ).

também procura promover a democratização do conhecimento com a participação ativa dos interagentes (BIBLIOTECA COMUNITÁRIA AMIGOS DA LEITURA, 2013).

Essa classificação divide a literatura em dois níveis: primeiro por faixa-etária, depois por gênero literário/assunto (ANEXO A). A sinalização no livro é feita por meio de fitas de cetim, na qual cada faixa etária e gênero possui uma cor diferente. São realizadas formações para capacitar os gestores e mediadores para o entendimento dos princípios e dilemas da classificação, bem como as estratégias mais adequadas de classificar.

Em relação ao público das bibliotecas, percebe-se que a maior parte dele é formada por crianças, adolescentes e jovens. O público de adultos e idosos existe também, mas sua frequência é menor. Para atender ao interesse desse grupo, as bibliotecas fazem atividades e oficinas direcionadas para esse perfil. Existem muitas bibliotecas com casos de mães e avós que tiveram seu contato com a leitura mais aprofundado e transformado depois dessas ações nas bibliotecas.

As bibliotecas possuem uma troca de experiência constante e realizam ações em comum. Atividades criadas por uma biblioteca são muitas vezes compartilhadas por outras. Porém, apesar das semelhanças e confluências citadas acima, cada biblioteca possui uma peculiaridade, que lhe deixa “a cara da comunidade”, como veremos a seguir.

Por fim, conforme já descrito nos critérios da pesquisa para escolha das bibliotecas e dos entrevistados, iremos nos aprofundar no estudo de quatro bibliotecas integrantes da Releitura, a saber: a Biblioteca Amigos da Leitura (BAL), Biblioteca do CEPOMA (BCEPOMA), Biblioteca Multicultural do Nascedouro (BMN) e Biblioteca Popular do Coque (BPC).

Falar de todas essas bibliotecas foi um desafio porque elas possuem muitos anos de estrada e muitas experiências para contar. Cada conversa, cada visita, as leituras dos blogs, sites e a visualização dos vídeos nos fez adentrar nas diversas atividades vivenciadas por elas. Percebe-se que, em muitos casos, as histórias de vida pessoais se confundem com a história das bibliotecas, tanto dos interagentes como dos gestores e mediadores.

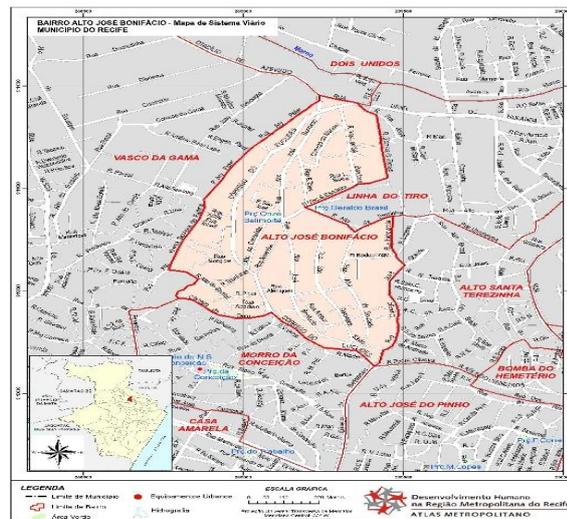
Fica claro, portanto, que nossa tentativa de descrição é apenas um recorte do constante trabalho que essas bibliotecas desenvolvem diariamente, sendo impossível dimensionar todos os seus efeitos e reverberações. Apesar de não ter sido possível realizar uma descrição exaustiva de todos os aspectos que envolviam cada espaço, tentamos levantar o maior número de fontes e informações possíveis para caracterizar as principais ações e fatos de cada biblioteca. A seguir, convidamos os leitores a conhecerem a história e características de cada biblioteca, cada qual com suas peculiaridades, mas com o mesmo objetivo de formar um mundo leitor.

### 6.2.1 Biblioteca Amigos da Leitura<sup>5</sup>

A Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura está localizada na comunidade do Alto José Bonifácio, bairro de Casa Amarela, Zona Norte do Recife, sendo criada em 15 de dezembro de 2004. A criação partiu da iniciativa de um morador da comunidade, o educador social Fábio Rogério Silva, em parceria com técnicos do Porto Digital, representantes da Associação Profissional de Bibliotecários de Pernambuco e o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil (NOSSA HISTÓRIA, 2016; BIBLIOTECA COMUNITÁRIA AMIGOS DA LEITURA, 2016).

A comunidade do Alto José Bonifácio possui aproximadamente 18 mil habitantes em uma área de 57,7 hectares (Figura 2) (MELLO, 2012). Dados do site da Biblioteca afirmam que pelo menos 83% dos moradores na faixa etária de 15 anos estão alfabetizados, ou seja, são todos leitores em potencial dos livros da biblioteca (NOSSA HISTÓRIA, 2016).

**Figura 3-** Localização bairro Alto José Bonifácio.



**Fonte:** Prefeitura do Recife  
(<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/alto-jose-bonifacio>).

O bairro não possui nenhuma biblioteca pública e as que existem na cidade são bem distantes da comunidade, ficando a mais próxima, Biblioteca Popular de Casa Amarela, a cerca de três quilômetros de distância, totalizando 25 minutos de ônibus ou cerca 40 minutos a pé. Em relação às escolas públicas, das três que existem, apenas duas possuem bibliotecas, e dentre

<sup>5</sup> Localização e Contatos: Endereço: Rua Alto da Conquista, 303 – Alto José Bonifácio – CEP: 52.080-360 Recife – PE. Telefones: (81) 98767.9274 – Fábio Rogério Coordenador// 3262.2220 – Biblioteca. E-mail: bibliotecaamigosdaleitura@gmail.com. Site: bibliotecaamigosdaleitura.com.br. Facebook: Biblioteca Amigos da Leitura. Funcionamento: segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 16h; sábado das 09h às 12h.

essas duas, uma não funciona e outra não tem condições de atendimento à comunidade. Tal situação torna a biblioteca “o único espaço democrático de incentivo à leitura no bairro”, agindo diretamente “com a cultura e a educação da comunidade, pois, é espaço singular para o exercício livre do direito à leitura literária, à cultura e à informação” (BIBLIOTECA COMUNITÁRIA AMIGOS DA LEITURA, 2013, *on-line*).

Em frente à biblioteca comunitária, está a quadra poliesportiva do bairro, inaugurada em 2008, sendo a primeira quadra poliesportiva pública coberta do Recife. É um dos locais mais frequentados pelos moradores, inclusive crianças e jovens que vão praticar esportes e participar de atividades de escolas e igrejas, o que facilita a interação entre a comunidade e a biblioteca (MELLO, 2012).

A Biblioteca Amigos da Leitura passou quatro anos em um espaço cedido pelo referido Sindicato, isto é, de 2004 a 2008, e após o rompimento do convênio, foi transferida para a casa do idealizador da biblioteca. A partir de 2009, a biblioteca começou a integrar a Releitura, o que ajudou a ampliar o número de parceiros, como o CCLF e IC&A. Essa parceria, aliada à aprovação de um projeto pelo Funcultura, em 2010, possibilitou à biblioteca conseguir um outro espaço (Figura 3), onde se encontra até hoje, cujo aluguel é mantido por essa entidade.

**Figura 4-** Fachada da Biblioteca Amigos da Leitura.



**Fonte:** Fanpage Biblioteca Amigos da leitura  
([www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/](http://www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/)).

A entrada da Releitura e as novas parcerias somaram forças e recursos para que a biblioteca realizasse uma reinauguração do espaço em 2015, com uma renovação física e estrutural da biblioteca, em termos de mobiliário e acervo, conseguidos através do apoio do Programa Prazer em Ler (NOSSA HISTÓRIA, 2016; BIBLIOTECA COMUNITÁRIA AMIGOS DA LEITURA, 2016; SILVA, 2016).

Fábio Rogério Silva é educador físico e dá treinamento à crianças e jovens da comunidade nas modalidades de futsal e futebol. Tais atividades esportivas, vale destacar, são sempre mediadas por uma leitura, o que faz com que as crianças estejam sempre envolvidas com a leitura.

Além do empréstimo de livros e ações de leitura, os serviços oferecidos são voltados também para ações culturais e educativas e informações e cursos de interesse social. Em relação aos serviços, são realizados diariamente atendimento à comunidade, empréstimos de livros, mediações de leitura (individual, em grupo, leitura compartilhada). Semanalmente, a biblioteca oferece orientação à pesquisa escolar e extraescolar e rodas de leitura. As atividades mensais e anuais incluem encontros com escritores, oficinas de leitura, exposições literárias, sessões de cinema seguida de debate, malas de leitura, semana do conto. De modo mais detalhado, as atividades são:

- Promoção e estímulo à leitura: são realizadas sessões de contação de histórias, rodas de leitura, encontros com escritores, oficinas de leitura, exposições literárias, entre outras.
- Democratização do acesso ao cinema: sessões de cine-debates, cine-recreação.
- Orientação à pesquisa escolar e extraescolar: são oferecidos serviços de orientação a estudantes que necessitem realizar trabalhos escolares ou que tenham interesses específicos de conhecer algum tema com mais aprofundamento.
- Rodas de leitura e linguagens: atividade realizada quinzenalmente para estudos das histórias produzidas pelos autores pernambucanos, nas quais se planeja posteriormente o encontro com o autor da obra no encontro com Escritores.
- Contação de história: ação de ler o livro ou contar a história do livro para as diversas idades, podendo ser forma lúdica ou não.
- Mediação individual: atividade desenvolvida no atendimento individual ao leitor para o empréstimo de livros e DVDs quando este chega sem uma determinada preferência ou mesmo quando devolve o livro ou mídia emprestada, tomando informações sobre as opiniões do leitor sobre a obra.
- Mediação de leitura com o livro: atividade de mediação de leitura realizada semanalmente com a leitura compartilhada de livros de literatura.
- A Biblioteca vai à sua casa: atividade realizada mensalmente, na qual as famílias poderão levar 10 livros para casa, ficando responsáveis por eles durante um mês, lendo e emprestando para os vizinhos. A mala é acompanhada de uma lista com o acervo disponibilizado e um caderno para o registro de impressões da família.

- Encontro com o escritor: atividade realizada trimestralmente com a participação de autores pernambucanos para discutir sua obra. A perspectiva é realizar parcerias com editoras, associação de escritores e autores locais, visando ao patrocínio dessa atividade, como forma de divulgação da obra e seus autores.
- Amigo da palavra: visitas nas casas dos moradores da comunidade oferecendo uma poesia declamada ou lida ao pé do ouvido.
- Semana dos contos: atividade realizada uma vez ao ano, na qual se enfoca uma semana de contos literários e narrativas orais para despertar o público infanto-juvenil. Atividade articulada com outra biblioteca da região e outros atores de fomento à leitura.
- Mobilização e comunicação: são realizadas iniciativas para a produção de jornais; atualização do site, Facebook e outras ferramentas eletrônicas; visita monitorada à biblioteca, divulgação das atividades na comunidade e entre parceiros para a visibilidade das suas ações e serviços.
- Também são realizadas oficinas de dobraduras (origami) e garrafa pet. Assim como disponibilização de jogos de tabuleiro. Artesanato para pais das crianças e moradores, chá poético, conto na praça, clube de leitura para adolescentes, entre outros (EDUCAÇÃO, 2016).

**Figuras 5-6** – Atividades na Biblioteca Amigos da Leitura.



**Fonte:** Fanpage Biblioteca Amigos da leitura ([www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/](http://www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/)).

O acervo da biblioteca, em sua maior parte, é composto de livros infantis. Atualmente, a biblioteca já possui mais de 500 livros catalogados no sistema e um total de 1.500 exemplares disponíveis. Além destes livros infanto-juvenis, encontram-se também livros de literatura brasileira e estrangeira, psicologia, filosofia, religião, culinária, veterinária, direito, jardinagem, artes (música, teatro, folclore, fotografia), autoajuda, sociologia, história geral, apostilas para concursos, guias, almanaques e revistas. A catalogação e classificação dos livros são realizadas de acordo com os já citados padrões adotados por todas as bibliotecas que fazem parte da

Releitura. Tanto o cadastro de materiais como o de interagentes, assim como os empréstimos, são feitos pelo sistema Biblivre (NOSSA HISTÓRIA, 2016).

**Figuras 7-8** –Espaço da Biblioteca Amigos da Leitura.



**Fonte:** Fanpage Biblioteca Amigos da Leitura ([www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/](http://www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/)).

Em relação aos interagentes, a faixa-etária mais frequente são as crianças. A biblioteca possui 160 interagentes cadastrados e uma frequência média de 60 interagentes por dia (SILVA, 2016). “Além da frequência espontânea, os pequenos são estimulados a partir das ações de mediadores de leitura, que desenvolvem atividades com e sem o livro, leituras compartilhadas, produção de textos, entre outras atividades de promoção da leitura” (NOSSA HISTÓRIA, 2016, *on-line*).

Em entrevista ao gestor da biblioteca, Fábio Rogério Silva informa que os interagentes procuram muitos livros de literatura e que a frequência dos jovens é maior no final da tarde, por conta do alto índice de jovens que estudam em Escolas de Referência. Os pais das crianças, apesar de elogiarem e reconhecerem o papel da biblioteca na vida dos filhos, não a frequentam muito. Por isso a equipe da biblioteca sempre realiza atividades e cursos para atrair os pais das crianças e os adultos. Os interagentes expressam suas demandas informacionais mediante a sugestão de livros em um caderno, que são atendidas posteriormente com recursos destinados à compra de livros (SILVA, 2016).

**Figuras 9-10** - Interagentes da Biblioteca Amigos da Leitura.



**Fonte:** Fanpage Biblioteca Amigos da Leitura <[www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/](http://www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/)>.

Além de Fábio Rogério Silva, a equipe da biblioteca é formada por mediadores que atuam na mediação de leitura, organização do acervo, espaço e administração. Atualmente, a biblioteca é a ação principal da Associação Cultural Esportiva Social Amigos (ACESA), que é uma Associação sem fins lucrativos criada pela equipe da Biblioteca para atuar no desenvolvimento social, assistencial, educacional, cultural e informativo da comunidade. Fábio Rogério Silva conta que, além de um espaço de leitura, a biblioteca procura ser um espaço de discussão social para os assuntos da comunidade e sua equipe planeja trazer mais profissionais para atuar de forma interdisciplinar com os interagentes e seus familiares, como psicólogos e assistentes sociais, para fornecer-lhes acompanhamento integral (SILVA, 2016).

### 6.2.2 Biblioteca do CEPOMA <sup>6</sup>

O Centro de Educação Popular Mailde Araújo (CEPOMA) é uma organização não governamental (ONG) sem fins lucrativos que surgiu em 1982 inicialmente como escola comunitária, e hoje como Centro de Educação Popular, na comunidade de Brasília Teimosa, zona sul do Recife. É um Centro de interesse social, educacional e cultural e desenvolve um trabalho com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social (SOBRE MIM, 2008).

<sup>6</sup> Localização e Contatos: Endereço: Rua Dragão do Mar, 205, Brasília Teimosa – Recife PE – CEP:51010-110; Telefones: (81) 3326-6509. E-mail: [cepoma@bol.com.br](mailto:cepoma@bol.com.br) Blog: [cepoma.blogspot.com](http://cepoma.blogspot.com). Facebook: CEPOMA. Funcionamento: segunda a sexta-feira, das 7:30h às 11:30h e 13:30h às 17:30h.

**Figura 11** – Fachada da Biblioteca do CEPOMA.



**Fonte:** Blog da Biblioteca do CEPOMA (<http://cepoma.blogspot.com.br/>).

A comunidade de Brasília Teimosa, como o nome já indica, não nega sua identidade de resistência. A teimosia estampada no seu nome se refere ao processo de ocupação e persistência que seus moradores, sobretudo pescadores, tiveram no final dos anos de 1950, quando resistiram às ameaças de despejo, destruição e incêndio dos barracos na antiga favela do local (GRZYBOWSKI, 1989; SOUZA, 2010). Atualmente, a comunidade que se localiza entre os bairros do Pina e do Porto de Recife possui cerca de 19 mil habitantes em uma área de 61 hectares, conforme dados de 2010 (PINA, 2016).

**Figura 12-** Localização bairro Brasília Teimosa.



**Fonte:** Prefeitura do Recife (<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/brasil-ia-teimosa>).

O CEPOMA possui uma proposta pedagógica de unir educação e cultura popular, promovendo, assim, a aprendizagem pela prática cultural. A cultura popular é vivenciada

através de suas manifestações, sobretudo regionais, dentre as quais se destacam maracatu, o frevo, o coco, a ciranda, o bumba-meu-boi em termos de música, dança e enquanto tradição cultural (BIBLIOTECA CEPOMA, 2016).

Além dessas expressões, são trabalhadas também outras linguagens, como pintura, a dança clássica e contemporânea, teatro e leitura. Nesse processo, as crianças e jovens adquirem competências de convivência, solidariedade, respeito, aperfeiçoamento da leitura e escrita, potencialização da criatividade e imaginação.

A prática pedagógica desenvolvida procura valorizar a vivência das crianças e jovens com vistas a explorar uma leitura do mundo, construindo sua autonomia e autoestima. A formação proposta através das práticas culturais almeja ampliar o conhecimento dos educandos, apresentando-lhes princípios de ética, solidariedade e trabalho em grupo para lidar com as situações cotidianas e desenvolver a cidadania e criticidade (BIBLIOTECA CEPOMA, 2016).

Como citado, antes de ser um Centro Popular, o espaço era uma escola comunitária chamada Escola Nova de Brasília. A escola foi criada por um grupo de educadoras da própria comunidade para atender a crianças e adolescentes de baixa renda. Foi um trabalho pioneiro de educação alternativa para o ensino infantil que se manteve por meio de apoio de várias entidades, como igrejas, associações de bairro e da própria comunidade, que lutava por uma educação de qualidade. Funcionou em vários locais, até que em 1998 conseguiu uma sede própria, onde realiza suas atividades até hoje. A pedagogia utilizada se baseava nos princípios freirianos adaptados à realidade da comunidade e na cultura popular (SANTANA, Isamar, 2016).

Embora se sentisse muita necessidade de livros e ainda não existisse uma biblioteca, não se deixava de trabalhar com a leitura e a escrita, mas, pelo contrário, era a leitura do mundo que precedia a leitura da palavra (FREIRE, 2011). As experiências do leitor educando eram potencializadas através da leitura de textos fotocopiados, passeios nas ruas e troca de experiências que desenvolviam uma alfabetização contextualizada. A preocupação com a formação das crianças não era apenas o ensino, mas sim a educação para a vida, que incluía perguntas do tipo “como ela está se sentindo” ou “como está o relacionamento em casa com a família”, fazendo-a protagonista da sua história (SOUZA, 2016).

A cultura popular, por sua vez, era trabalhada numa pedagogia que valorizava as expressões populares, inicialmente com as linguagens do mamulengo e bumba-meu-boi, depois com pintura, desenho, literatura e com o grupo de dança “Prá-Pular” e o maracatu Nação Erê. Em 1989, o nome da Escola Nova de Brasília foi alterado a pedido das crianças e adolescentes

para Centro de Educação Popular Mailde Araújo, em homenagem a uma das educadoras e fundadoras do espaço, que faleceu de forma súbita (CEPOMA, 2007).

Em 1993, o CEPOMA cria o Maracatu Nação Erê, primeiro maracatu infantil de baque virado de Pernambuco. Nação Erê, em Yourubá, quer dizer “nação da criança”. É composto por crianças e adolescentes dos 03 aos 16 anos de idade e desenvolve, além de um trabalho cultural, um trabalho educativo. O estudo da cultura africana, a dança e a percussão que envolvem as oficinas e ensaios de maracatu, conduzem as crianças à descoberta e percepção da vinculação familiar que os símbolos, ritmos e mitos africanos possuem com a cultura delas, fortalecendo os laços com a identidade étnico-racial (CEPOMA, 2007).

**Figuras 13-14 – Maracatu Nação Erê.**



**Fonte:** Fanpage da biblioteca do CEPOMA <<https://www.facebook.com/cepoma2015/>>.

Os ensaios do grupo Nação Erê acontecem sempre às sextas-feiras a partir das 17h, na orla de Brasília Teimosa. O grupo faz parte da agenda cultural da cidade, fazendo apresentações no ciclo carnavalesco, junino e natalino. As crianças, além de tocar e dançar, também compõem músicas. A canção que segue é um exemplo:

### **Nação Erê <sup>7</sup>**

Com N escrevo Nação  
Com E escrevo Erê  
Com as palavras da corte mirim  
Essa é a Nação Erê

Nação Erê  
É de baque virado é de Maracatu  
Nação Erê

<sup>7</sup> Para assistir ao vídeo da letra cantada, acessar: <<https://www.youtube.com/watch?v=A3voOKtcq5s>>.

Não é só baque virado é nosso Olorum

O CEPOMA foi quem me ensinou  
 A gostar do Maracatu  
 E as zabumbas tocando em Luanda  
 Os Erês vêm cantando Olorum  
 A rainha que se coroou  
 As baianas foi quem se inspirou  
 Com amor ilumina o caminho  
 O caminho que a corte passou

Falando em criança Olorum escutou  
 Olorum é a força da nossa nação

Nação Erê  
 É de baque virado é de Maracatu  
 Nação Erê  
 Não é só baque virado é do nosso Olorum<sup>8</sup>

**Fonte:** (MARACATU NAÇÃO ERÊ, 2010, *on-line*).

O estudo feito por Silva (2003) sobre o Nação Erê identificou que a prática artístico-pedagógica desenvolvida pelo grupo possibilita o desenvolvimento de aptidões artísticas aos educandos, integração social e afetiva, construção de identidades culturais através da dança e da música enquanto manifestação da cultura popular, entre outras habilidades e comportamentos cidadãos e culturais.

A história da biblioteca se inicia com a doação de cerca de 400 livros feita pela Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq) pelo programa Biblioteca Viva para as escolas comunitárias no ano de 2000. A partir daí, forma-se o “cantinho de leitura”, que fortalece as ações do Centro. No ano de 2005, Isamar Martins de Santana, atual gestora da biblioteca, é convidada para fazer uma formação com as crianças sobre cultura africana e maracatu, por meio da mediação de leitura.

Em 2006, inicia-se a parceria com o Instituto C&A, quando a escola conseguiu aprovar o projeto “Leitores Brincantes” pelo Programa Prazer em Ler. Como Isamar era a única que tinha formação superior, ela ficou responsável pela organização dos livros e pela mediação de leitura, nascendo assim a biblioteca. A parceria com o Instituto possibilitou a promoção de formações continuadas para a equipe no que tange à capacitação e sensibilização para a leitura e o livro, cujos ensinamentos foram fundamentais e bem aproveitados pelas educadoras. Além

---

<sup>8</sup> Autor: Arnaldo Júnior (Coleção Erê – Crianças que tocam o Brasil. Selo Palavra Cantada).

de permitir a reestruturação do cantinho de leitura, com a aquisição de novos livros e montagem de um espaço mais aconchegante e lúdico (CEPOMA, 2007).

Em 2010, por conta de algumas exigências dos Parâmetros Curriculares da Educação Infantil que não puderam ser atendidas, a instituição deixa de ser escola comunitária e passa a ser apenas Centro de Educação Popular, focando nas oficinas de leitura, pintura, dança, percussão e maracatu, as quais realiza até hoje (SOUZA, 2016). Também neste ano a biblioteca se tornou um Ponto de Leitura do MinC como reconhecimento do seu esforço em parceria com a comunidade local (SILVA, 2013).

O centro possui cinco educadoras que são “oficineiras” de leitura também. Cada educadora traz sua turma para a biblioteca ou para a sala da oficina e faz a mediação da história. A leitura e a biblioteca são os pilares do centro. Todas as atividades são permeadas pela leitura, porque é ela que abre as portas para as outras expressões artísticas e para a escrita. Desde as primeiras formações que o centro trabalha a sensibilização pela leitura nas educadoras e é esse diferencial que faz com que as crianças que lá ingressam saiam com um arcabouço amplo de conhecimento. Parte-se do princípio de que a leitura é um direito humano fundamental, pois é ele que vai dar acesso aos outros direitos (SANTANA, Isamar, 2016).

Como constatado pela professora Ivane Pedrosa, do CEEL, em visita à biblioteca, o amor ao trabalho coletivo e participativo em busca de cidadania é o motor que move o Centro para a formação dos leitores brincantes: “Leitura e cultura popular são parte do mesmo tecido [...] o CEPOMA é, de fato, uma escola alternativa: aqui a literatura e a leitura se articulam com o maracatu, com a pintura, a escrita, com a cultura popular” (A FORMAÇÃO DE LEITORES BRINCANTES DO CEPOMA, 2012, *on-line*).

O único critério para as crianças participarem das atividades do CEPOMA é que ela tenha mais de seis anos e esteja matriculada na escola (pública ou privada). As atividades oferecidas são pintura, danças populares, percussão (maracatu) e todas elas são precedidas e mediadas pela leitura de um livro, podendo ser uma história temática do dia da atividade ou uma história livre escolhida por elas. De segunda a quinta-feira, são oferecidas as oficinas, e na sexta é feito o ensaio de maracatu das 17 às 19h (SANTANA, Isamar, 2015). O trecho abaixo mostra a importância que o Maracatu e o CEPOMA têm para essas crianças e jovens através da união da leitura com a cultura:

Recife é a minha cidade,  
a terra dos maracatus  
As loas bonitas eu canto,  
pra Nação Erê e pros maracatus  
Tem a escola do CEPOMA,  
ali foi que aprendi a ler  
Danças do coco de roda,  
ciranda, xaxado e maracatu<sup>9</sup>

**Fonte:** (PRANDI, 2016, *on-line*).

Uma das atividades que ocorre mensalmente como uma forma de mediação é a mala de leitura. A atividade é um sucesso entre as crianças e jovens. A mala passa pelas oficinas e acontece um sorteio para saber quem vai levá-la para casa. A cada mês, uma criança escolhe de 15 a 20 livros na biblioteca e leva-os na mala de leitura para a família e vizinhos lerem. As crianças e adolescentes formam a mala com livros tanto do interesse delas como do interesse das mães, tios e vizinhos.

A mediadora da biblioteca anota os livros que o interagente pegou e faz os empréstimos. Caso ele ou ela não termine de ler tudo ou alguém da sua família esteja terminando a leitura de acordo com o prazo determinado, ela renova os livros e depois a criança os traz. Quando esta criança traz a mala, esta é passada para a outra criança que está na vez do sorteio, que escolhe novamente os livros de seu interesse e assim por diante (SANTANA, Ilma, 2016).

Segundo Ilma Santana, coordenadora da equipe de dança e percussão e mediadora de leitura, as crianças ficam atentas aos prazos de entrega da mala e ansiosas para que chegue sua vez, o que gera nas crianças uma expectativa e estímulo à leitura. A mala de leitura é confeccionada por Ilma, que reutiliza caixas de papelão de aparelhos de DVD ou impressoras que consegue através de pedido às mães e aos membros da unidade, e faz a decoração e ornamentação com imagens de calendários, tecidos, fitas coloridas, entre outros. As malas ficam tão bem elaboradas e encantadoras que fica difícil mantê-las na biblioteca, já que as pessoas que visitam o espaço sempre querem levar uma mala como lembrança (SANTANA, Ilma, 2016).

---

<sup>9</sup> Trecho da música **Brasume**. Autores: Bruno Alison, Elza Tatiane. Intérprete: Eva Marinho. Disco: Maracatu Atômico gravadora. Ano: 2000.

**Figura 15** - Mala de leitura da Biblioteca do CEPOMA.



**Fonte:** Fanpage da Biblioteca do CEPOMA  
(<https://www.facebook.com/cepoma2015/>).

Além do empréstimo de livros, mediações de leitura, e das atividades de pintura, leitura e escrita, dança e percussão que o Centro oferece, a biblioteca também realiza ações fora do CEPOMA. Atividades como Correio poético, Intervenção literária, Parada literária, Leitura na praia são uma forma de estender as ações da biblioteca para mais perto da comunidade, nas esquinas, paradas de ônibus, praças.

**Figura 16-** Correio poético.



**Fonte:** Blog da Biblioteca do CEPOMA (<http://cepoma.blogspot.com.br/>).

**Figura 17-** Parada Literária.

**Fonte:** Blog da Biblioteca do CEPOMA (<http://cepoma.blogspot.com.br/>).

Também existe o bazar, que é realizado duas vezes por ano e tem como parceria tanto os moradores da comunidade quanto os voluntários do IC&A, que fazem a doação das roupas. O recurso adquirido serve para o pagamento da energia e na ajuda de custo de algum profissional (SANTANA, Isamar, 2016).

O Centro procura ser uma entidade à qual a comunidade possa recorrer para pedir instruções e se informar sobre os diversos assuntos e orientações jurídicas. Além da biblioteca como fonte de informação, o Centro possui uma equipe de educadoras com formação política e interdisciplinar que preza pelos direitos humanos (RAMOS, 2015). O relato da mediadora Zuleide expõe essa função social que o centro assume enquanto disseminador de informação:

Mas a gente não fica só no CEPOMA. É uma família que precisou de uma orientação, é o acesso ao Conselho Tutelar, é o acesso à Delegacia da Mulher, é o acesso para encaminhar a pessoa para que ela tenha orientação sobre a questão da sua moradia, é o acesso de grupos que não têm tanto conhecimento, mas que o CEPOMA dá uma assessoria na questão de ele estar inserido dentro do calendário cultural [...]. Então a gente sempre participa das conferências, todos os encontros, tudo que for discutir cultura a gente está presente. É como diz a história, o dinheiro é necessário, mas o conhecimento ele nos dá muito mais horizonte. Então, é desse conhecimento de tudo isso que a gente tem oportunidade de ter é que a gente se fortalece para que a gente possa lá na frente também ter outras conquistas (RAMOS, 2015).

O público que frequenta a biblioteca é, em sua maioria, crianças e adolescentes do bairro e as que participam das atividades do CEPOMA. Além dos moradores da comunidade, como pais e idosos, que aos poucos vêm se aproximando da biblioteca (SANTANA, Isamar, 2016; SOUZA, 2010). O Centro atende a cerca de 70 crianças e possui em torno de 500 interagentes

cadastrados, com uma média de 20 interagentes frequentando diariamente. Seu acervo contém cerca de 3.500 livros, com mais da metade já cadastrada no sistema (SANTANA, Isamar, 2016).

**Figura 18-** Interagentes da Biblioteca do CEPOMA.



**Fonte:** Blog da Biblioteca do CEPOMA <<http://cepoma.blogspot.com.br/>>.

Assim como relatado por outras bibliotecas, a identificação das demandas dos interagentes acontece a partir da interação com eles. Os interagentes adolescentes sempre sugerem livros e séries de títulos que estão na mídia ou livros populares que são ainda mais atraentes por serem acompanhados de uma produção cinematográfica que leva milhões de pessoas ao cinema. A compra desses livros é feita e tornada disponível na biblioteca, porque a equipe trabalha numa perspectiva de formação de leitores. Creem, portanto, que, para formar leitores, é necessário ponderar sobre suas preferências literárias iniciais e depois ir moldando essa sensibilidade com outras leituras semelhantes do acervo, proporcionando leituras mais sólidas (SANTANA, Isamar, 2016).

A adoção desses títulos permite que a biblioteca seja visitada por leitores novos que aos poucos vão se tornando frequentadores, graças ao trabalho de negociação e mediação de leitura feito pelas mediadoras, que vão apresentando ao leitor outras temáticas e gêneros literários, amadurecendo seu gosto e aproximando-os mais da leitura. Essa estratégia consegue captar novos leitores e diversificar o acervo da biblioteca. Além disso, a biblioteca ainda promove ações na escola e na rua para atrair mais leitores e divulgar seus serviços.

O espaço onde fica localizado o Centro possui dois andares, com várias salas, e inclui as salas de atividades, sala de dança, a sala de instrumentos do maracatu, a sala da parte administrativa, a sala com os utensílios do bazar e uma cantina, além da sala da biblioteca. Na biblioteca, encontramos um salão com mesas e estantes e um pequeno espaço para a catalogação

dos livros, com um computador para a realização dos cadastros e empréstimos. Um espaço aconchegante que fica logo na entrada do Centro facilita a acessibilidade.

**Figura 19-** Espaço da Biblioteca do CEPOMA.



**Fonte:** Blog da Biblioteca do CEPOMA <<http://cepoma.blogspot.com.br/>>.

A biblioteca se mantém hoje através da parceria com o IC&A, assim como as outras bibliotecas da Releitura para a manutenção dos bolsistas, aquisição de acervo e formação. Também tem vínculo com a WFD organização alemã que apoia iniciativas locais e comunitárias em vários continentes, desenvolvendo projetos para contemplar as necessidades da população local que tenta melhorar seu nível de vida<sup>10</sup>. Além do CCLF, do CEEL, da Releitura e da comunidade de Brasília Teimosa.

### 6.2.3 Biblioteca Multicultural do Nasedouro <sup>11</sup>

Localizada em Peixinhos, bairro situado na divisa entre Recife e Olinda, a Biblioteca Multicultural do Nasedouro (BMN) é fruto da luta e busca por ressignificação de um espaço social marcado pela violência, vulnerabilidade e exclusão social que carimbam a região desde

<sup>10</sup> O WFD - Weltfriedensdienst (Serviço comunitário para a paz mundial) “é uma organização de utilidade pública, atualmente com quase 350 sócios, que apoia projetos da cooperação internacional em países emergentes como no Brasil e países em via de desenvolvimento, principalmente na África, em Palestina e América do Sul” Disponível em: <<https://www.wfd.de/portugues.html>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

<sup>11</sup> Localização e Contatos: Endereço: Av. Jardim Brasília, s/n Olinda –PE. Nasedouro de Peixinhos. Telefones: (81) 3224-3325 // 98403-4007). E-mail: [bibliotecanasedouro@gmail.com](mailto:bibliotecanasedouro@gmail.com)/[movimentobocalixo@yahoo.com.br](mailto:movimentobocalixo@yahoo.com.br) Site: [movimentobocalixo.wordpress.com](http://movimentobocalixo.wordpress.com). Facebook: Biblioteca Multicultural do Nasedouro. Funcionamento: segunda a sexta-feira, das 8:30h às 12h e das 13:30h às 17h.

a década de 1980. A construção da biblioteca está intimamente ligada ao contexto histórico-cultural pelo qual o bairro se formou.

O bairro de Peixinhos é considerado o segundo maior bairro da cidade de Olinda e um dos mais populosos da RMR, possuindo atualmente 36.133 habitantes, localizado na zona norte de Recife e zona sul de Olinda, contando com 54 mil hectares de área territorial (Figura 19) (PEIXINHOS, 2016; PEIXINHOS, 2016a).

**Figura 20-** Localização do bairro de Peixinhos.



**Fonte:** Prefeitura do Recife (<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/peixinhos>),

Apesar de ser um dos principais polos comerciais de Olinda, já foi conhecido como um dos bairros mais violentos da região e possui graves problemas de infraestrutura, segurança e outros serviços básicos. Atualmente, o bairro se mantém, sobretudo, pela atividade comercial, representada por pequenos comércios, feiras e lojas (BREVE HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO, 2007; MACHADO, 2010). O texto abaixo ilustra de forma poética a formação desse bairro:

### **A exploração invisível**

Peixinhos  
 Enorme bairro, na fronteira imaginária Recife / Olinda  
 Aterros cotidianos, noturnos, silenciosos, transformaram o mangue em cidade  
 Água encanada, luz elétrica, armazém, sapateiro, costureira, farmácias...  
 As escolas poucas, insuficientes  
 As crianças muitas, carentes.  
 O povo constrói sua escola,  
 Escolhe sua professora,  
 E vamos arranjar merenda, salário, material escolar.  
 Os meninos aprendendo / ensinando

O que o mundo soprou no ouvido  
 fotografou em olhar  
 cheirou sem saber / sabendo  
 Milhares de homens, mulheres, crianças.  
 Qual a classe? A única...  
 (MONTENEGRO, [1984] citado por SILVA, 2013, p. 61).

Um grande marco da formação do bairro foi a construção do Matadouro Industrial Municipal de Olinda, que foi criado em 1874 e inaugurado em 1919, com abrangência territorial de 40.992 m<sup>2</sup>, divididos em 15 blocos. A chegada do Matadouro atraiu muitos trabalhadores, originando a população de Peixinhos. No entanto, em 1976, o governo de Pernambuco desativa o Matadouro de Peixinhos, causando desemprego em massa e déficit econômico à comunidade. Embora o Matadouro tenha se tornado sítio histórico em 1980, como se não bastasse a desativação, grande parte da área do espaço foi demolida a mando da prefeitura do Recife em 1985 (BARBOSA, 2008).

**Figuras 21-22-** Antigo Matadouro de Peixinhos.



**Fonte:** Fanpage da Biblioteca Multicultural do Nascedouro.  
 ([www.facebook.com/pg/BibliotecaMNascedouro/photos/](http://www.facebook.com/pg/BibliotecaMNascedouro/photos/)).

Desse momento em diante, o local se tornou em espaço de venda e uso de drogas, violência e crimes. O completo abandono do poder público, juntamente à degradação do espaço feita por uma parcela de moradores, causou a perda de outra parte da estrutura do espaço (DE PAULA, 2000). Até que, no início dos anos 1990, essa cena se altera graças a vários grupos culturais da comunidade que buscam revitalizar o espaço (BARBOSA, 2008).

A necessidade que esses grupos culturais tinham de ter um local para realizar suas atividades levou-os a ocupar o Matadouro de Peixinhos, até mesmo como uma forma de retirar o estigma daquele local. A instalação e permanência desses grupos foi feita, a princípio, sem

resistência por parte da prefeitura, até porque já funcionava no prédio o Centro Social Urbano (CSU), entidade ligada à prefeitura criada em 1982, que fez com que inclusive a comunicação desses coletivos com o poder público fosse facilitada (MACHADO, 2010).

Em resposta à reivindicação da comunidade para a requalificação do espaço abandonado e por transformações em suas instalações para atividades socioculturais, o poder público aprovou o projeto de transformação do antigo Matadouro proposto pela população, inaugurando em 2006 o Centro Cultural Desportivo Nascedouro de Peixinhos, e, em 2008, o Centro Tecnológico de Cultura Digital de Peixinhos (CTCD), ambos localizados no Matadouro (BARBOSA, 2008; ANTIGO MATADOURO ..., 2008; MACHADO, 2010).

Na década de 1990 para o início dos anos 2000, começaram então a surgir vários tipos de manifestações culturais no local, como grupos de dança, ONGs, cursos técnicos, cursos de teatro, dança, música, grupos de terceira idade, incluindo o Movimento Cultural Boca do Lixo (MCBL) e um importante balé afro do Estado, o Balé Afro Mojê Molê, totalizando cerca de 15 grupos comunitários de educação, cultura e esporte que atuavam no Matadouro (MACHADO, 2010; SOUZA, 2010; BREVE HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO, 2007).

Esses grupos com linguagens artísticas diferentes tinham o mesmo objetivo de mudar a imagem daquele local de um espaço de morte e tristeza para um local de convivência e alternativa de lazer a todas as pessoas da comunidade, sobretudo crianças e jovens. A começar pelo nome, o espaço foi rebatizado para Nascedouro da Cultura de Peixinhos, título de um poema homônimo do poeta Oriosvaldo de Almeida, o qual transcrevemos a seguir:

### **NASCEDOURO**

Essa terra banhada  
em sangue de animais  
e suor de homens,  
não será mais matadouro  
posto que doravante  
será o nascedouro  
da cultura popular

Não mais a morte  
Nem violência.  
Sim a alegria das crianças  
Cantando e dançando.  
A perspicácia  
dos artistas jovens  
e a esperança  
dos velhos artistas

(Oriosvaldo de Almeida citado por DE PAULA, 2000, p. 56).

O MCBL surgiu em 1993, inicialmente conhecido como “Movimento Underground” como um grupo musical de jovens que, em busca de um local para expor sua música, inicia suas atividades nas ruas de Peixinhos (MACHADO, 2010). O movimento era uma manifestação musical com tendências ao estilo punk que aconteceu paralelamente ao movimento manguê beat, com o qual as pessoas confundiam um pouco e às vezes até associavam (VICIOSF, 2016).

**Figura 23-** Grupo Musical de jovens de Peixinhos.



**Fonte:** Fanpage do Movimento Cultural Boca do Lixo ([www.facebook.com/movimentobocalixo/](http://www.facebook.com/movimentobocalixo/)).

As ruas se tornaram palco de denúncia e busca melhorias sociais no bairro através da música, sobretudo do *Rock and Roll*. Em 1995, o grupo promove, junto com alunos de uma escola pública do bairro, a 1ª Semana de Cultura em Peixinhos, que contou com a colaboração de diversas expressões culturais, como música, poesia e dança, chegando em 2002 à sua oitava edição e sendo um sucesso no bairro e na mídia. Dois anos depois, em homenagem a um grupo de pessoas que lutaram contra a instalação de um lixão no bairro, o movimento muda seu nome para “Movimento Cultural Boca do Lixo” (MACHADO, 2010; BREVE HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO, 2007).

Também nesse período, necessitados de um local para se encontrarem semanalmente e definir os objetivos do movimento, o grupo articulado com a ONG Comunidade Assumindo Suas Crianças (CASC), entidade com a qual até hoje mantém parceria, decide que, além da música, buscaria promover a interação entre as várias expressões culturais do bairro. Quanto ao local, a ocupação do antigo Matadouro se deu tanto para dar apoio aos eventos que vinham sendo realizados como para sediar o movimento e a ideia futura de uma biblioteca comunitária (MACHADO, 2010; BREVE HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO, 2007).

O projeto de criação da biblioteca comunitária surge durante a participação de alguns integrantes do MCBL em um curso de elaboração e gestão de projetos, oferecido pelo CCLF em 1999. Como trabalho final de curso, os integrantes propõem o projeto de uma biblioteca comunitária que foi originalmente impulsionada através de uma ideia do já mencionado Sr. Caetano como uma “sociedade dos poetas”. O termo *multicultural* foi atribuído por causa do objetivo de se trabalhar a cultura em sua multiplicidade como a música, literatura, pintura, entre outros.

**Figura 24-** Organização dos livros para a criação da Biblioteca do Nasedouro.



**Fonte:** Fanpage do Movimento Cultural Boca do Lixo ([www.facebook.com/movimentobocalixo/](http://www.facebook.com/movimentobocalixo/)).

Em 2000, na inauguração oficial da sexta Semana da Cultura de Peixinhos, com o tema “Viva a Leitura, Viva”, o movimento buscou uma conscientização da importância da leitura e do espaço da biblioteca por meio de oficinas de arte e cultura oferecidas a crianças e jovens (BREVE HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO, 2007).

**Figura 25-** Semana de Cultura de Peixinhos.



**Fonte:** Fanpage do Movimento Cultural Boca do Lixo <[www.facebook.com/movimentobocalixo/](http://www.facebook.com/movimentobocalixo/)>.

A biblioteca foi escolhida para ser um instrumento de intervenção da comunidade pelo fato de os integrantes do movimento acreditarem na leitura como um instrumento de transformação da realidade local, que promove o pensamento crítico do sujeito. As atividades culturais, juntamente com a leitura e escrita de textos e poesias, têm o objetivo de modificar a comunidade através do acesso à informação, que, para eles, deve ser mediada, discutida e negociada ao invés de imposta (MACHADO, 2010).

De lá para cá, a biblioteca tem sido uma ação permanente do MCBL através de suas atividades educativas, culturais e políticas. No ano de 2007, o MCBL, em parceria com outras três bibliotecas comunitárias, cria a Releitura – Rede de Bibliotecas Comunitárias da RMR, com o fim de otimizar a troca de experiências entre as diferentes bibliotecas comunitárias desta região e da proposição e monitoramento de políticas públicas de democratização do livro, da leitura e das bibliotecas. Desde a criação da Releitura até ano de 2012, o MCBL esteve à frente de sua coordenação (BIBLIOTECA MULTICULTURAL..., 2016a).

Para os integrantes da biblioteca, as bibliotecas comunitárias enquanto espaços comunitários de leitura são ambientes que visam a melhorar a qualidade de vida da população, buscando contribuir para o letramento e para o aprendizado dos habitantes. É através da mudança das pessoas que haverá a mudança da comunidade. Para eles, o trabalho de sensibilização à leitura no bairro é inspirado “pela convicção de que o saber é a forma de poder social mais perene e emancipadora” (PEIXINHOS, 2016, *on-line*).

Durante a sua trajetória, a biblioteca vem oferecendo diversos tipos de atividades e eventos, procurando constantemente desenvolver novos projetos e estratégias para se manter e cumprir sua missão na comunidade. Assim, foram estabelecidos diversos tipos de parcerias buscando apoio técnico, formação, serviços voluntários, arrecadação de recursos, além de procurar divulgar o local enquanto espaço público de discussão de temas da comunidade e um local de convivência do qual as crianças, pais, estudantes e aposentados possam participar.

**Figuras 26-27** - Atividades da Biblioteca Multicultural Nascedouro.



**Fonte:** Fanpage da Biblioteca Multicultural do Nascedouro.  
([www.facebook.com/pg/BibliotecaMNascedouro/photos/](http://www.facebook.com/pg/BibliotecaMNascedouro/photos/)).

A biblioteca possui um blog, no qual estão registradas suas atividades desde 2011. A BMN já ofereceu diversas atividades e eventos, como oficina de desenhos, semana do folclore (brincadeiras regionais, parlendas e mala de leitura), semana temática da literatura, em 2010, quando comemorou 10 anos de fundação da biblioteca, semana temática do carnaval, em 2011. Fez parte do evento Festival de Literatura de Peixinhos em 2010, assim como integrou o evento Semeia Urbana em 2013, sempre participando da programação com atividades temáticas de mediação de leitura (MOVIMENTO CULTURAL BOCA DO LIXO, 2016).

Também promoveu o Projeto “Ouvir, ler e contar histórias” durante o ano de 2012, que foi encerrado com o evento Mini Festival de Contação de Histórias. O projeto teve apoio do Governo do Estado e da Fundarpe através da Lei de Incentivo à Cultura, o Funcultura. Com este Mini Festival de Contação de Histórias, a biblioteca quis tornar públicos os resultados do Projeto, cuja finalidade foi desenvolver a prática do ouvir, ler e contar histórias com a participação de 60 crianças dos 07 aos 10 anos de idade e 10 professores (as).

Em busca de atrair contadores de histórias voluntários, em maio de 2013, a biblioteca realiza a campanha “Seja contador de histórias, seja um voluntário BMN”, criando um vídeo em parceria com os alunos do 5ª período do Curso de Publicidade e Propaganda das Faculdades Integradas AESO Barros Melo para ser divulgado nas redes sociais. A biblioteca conseguiu duas voluntárias nessa campanha que atuaram na biblioteca durante vários meses, inclusive na colônia de férias do referido ano (VOLUNTÁRIOS ..., 2013).

A biblioteca também é um espaço de debate. Em outubro de 2013, por exemplo, houve um momento de discussão e debate do “Conexão Recife/Medelin” que fez parte da programação da IX Bienal Internacional do Livro de Pernambuco. Participaram do encontro,

além das bibliotecas que compõem a Releitura, Luz Estela Peña Gallego, líder de Projetos do Sistema de Bibliotecas da Subsecretaria de Leitura, Bibliotecas e Patrimônio – Secretaria de Cultura e Cidadania – da Cidade de Medellín, professores, diretores de escolas públicas, moradores de Peixinhos, líderes de grupos comunitários e organizações da sociedade civil. O objetivo foi apresentar “os desafios que a sociedade colombiana enfrentou para a formulação e efetivação de uma política pública do Livro, da Leitura e das Bibliotecas no intuito de confrontar as realidades de Medellín e Recife/Olinda/Pernambuco” (CONEXÃO RECIFE MEDELÍN..., 2013, *on-line*).

Em 2008, a BMN foi uma das 11 melhores iniciativas de promoção à leitura do Brasil premiadas no 1º Concurso Pontos de Leitura: homenagem a Machado, promovido pelo Ministério da Cultura, e, em 2009, o MCBL teve sua experiência social publicada no livro *Sistematização de experiências de prevenção à violência contra jovens de espaços populares*, organizada pelo Observatório de Favelas e patrocinada pelo MEC (BOCA DO LIXO, 2016).

A biblioteca desenvolve vários serviços e atividades que podem ser permanentes ou temporárias. Algumas atividades são desenvolvidas por determinado período de tempo para concretizar ações específicas, sejam elas financiadas ou não, além de outras comemorativas ou de curta duração.

Dentre os serviços oferecidos pela biblioteca, além do empréstimo de materiais e acesso ao acervo, está o “Bibliobôca Mambembe” que é uma extensão da biblioteca à comunidade ou uma biblioteca itinerante que “vai às ruas a cada quatro meses, visitando comunidades da Região Metropolitana do Recife que têm o acesso à informação bastante dificultado, realizando atividades lúdico-educativas de cultura e lazer” (BIBLIOBÔCA..., 2011, *on-line*). A Bibliobôca é uma atividade de muito sucesso na comunidade, na qual são montadas tendas e nelas são realizadas atividades de contação de histórias, teatro de rua, teatro de bonecos, oficinas pedagógicas, apresentações culturais, exibição vídeos e filmes, brincadeiras populares e cantigas de roda, e também é montado um cantinho de leitura (BIBLIOBÔCA..., 2011).

**Figuras 28-29-** Bibliobôca Mambembe.

**Fonte:** Fanpage da Biblioteca Multicultural do Nascledouro.  
([www.facebook.com/pg/BibliotecaMNascledouro/photos/](http://www.facebook.com/pg/BibliotecaMNascledouro/photos/)).

Durante o ano de 2015, a biblioteca dedicava um dia da semana para trabalhar a mediação de leitura, na atividade “Quintas D’Leitura”, durante os turnos da manhã e da tarde. O momento que foi oferecido tanto para o público que estava na biblioteca no dia quanto para crianças de grupos comunitários parceiros foi feito mediante a leitura de um conto, um conto de encantamento, um conto de fadas, uma fábula, ou um conto da tradição popular, com a intenção de despertar o prazer e encantamento pela leitura (BIBLIOTECA MULTICULTURAL..., 2016). Além disso, a biblioteca possui uma parceria forte com as escolas e instituições comunitárias do bairro, realizando atividades de mediação de leitura, contação de histórias, sessões de cinema, cantigas de roda, parlendas e trava-línguas (BIBLIOTECA MULTICULTURAL..., 2016).

O acervo é composto de livros de diversos temas. Os primeiros livros foram doados pelos moradores da comunidade e amigos. A temática comporta livros de literatura juvenil, literatura brasileira, literatura afro-brasileira, literatura estrangeira, música, poesia, romance, filosofia, arte, religião - misticismo, biologia, química, saúde, gramática, geografia, dicionários, enciclopédias, idiomas, matemática, literatura indígena, religião, psicologia, educação, história, biografia, comunicação e política. Atualmente, a biblioteca possui em seu acervo aproximadamente 7.000 exemplares (OLIVEIRA, 2016).

**Figura 30-** Acervo da Biblioteca do Nasedouro.



**Fonte:** Blog do Movimento Cultural Boca do Lixo (<https://movimentobocalixo.wordpress.com/bmn/>).

A aquisição de livros ocorre por meio de doações ou por compra através de projetos. Os empréstimos e devoluções ocorrem manualmente mediante carteirinha e o interagente pode permanecer oito dias com os livros. A biblioteca possui uma área reservada ao acervo da produção local de poetas e escritores, já que o bairro é rico em artistas literários.

Os interagentes da biblioteca são, sobretudo, crianças das escolas com as quais a biblioteca tem parceria e moradores da comunidade, com destaque para os jovens e adultos. Também é muito frequentada por pessoas que fazem concursos públicos. Ao todo, a biblioteca atende a 857 interagentes cadastrados. Para atendê-los, a biblioteca conta atualmente com uma equipe de quatro pessoas, um quadro reduzido que impede a realização de algumas atividades. Para amenizar esse cenário, a biblioteca busca apoio de voluntários (SILVA, 2016).

Uma das formas de identificação das necessidades de informação dos interagentes ocorre por meio de caixas de sugestões, nas quais os interagentes colocam os livros de seu interesse e, após uma análise, a biblioteca faz a aquisição do livro, quando existe o recurso. Como ocorre em outras bibliotecas, mesmo que os livros indicados sejam livros populares muito vendidos, essa leitura é considerada a leitura inicial e pontual que, após ser mediada, poderá ser transformada em uma leitura mais aprimorada (SILVA, 2016).

O espaço da biblioteca fica localizado no 2º andar do prédio CSU Cláudio Gueiros Leite, no Nasedouro de Peixinhos. O salão de leitura tem um tamanho relativamente grande que comporta em seu redor as estantes de livros e o balcão de atendimento. Na sacada do prédio, existe um espaço interno para reuniões e catalogação de livros. O local é amplo e ventilado.

**Figuras 31-32-** Espaço da Biblioteca do Nasedouro.



**Fonte:** Fanpage da Biblioteca Multicultural do Nasedouro  
([www.facebook.com/pg/BibliotecaMNAScedouro/photos/](http://www.facebook.com/pg/BibliotecaMNAScedouro/photos/)).

Apesar das conquistas a biblioteca ainda trava discussões e luta por um espaço próprio. Em 2015, em comemoração aos 15 anos de existência e resistência, a biblioteca promove o movimento “Resiste Biblioteca Nasedouro”, com o evento “Apagando as velinhas e ascendendo as parcerias: 15 anos de resistência e muita história pra contar” para demonstrar sua resistência e luta pelo espaço. A programação contou com oficinas de fotografia, espetáculo musical, artesanato, recitais, contação de histórias, entre outros (BIBLIOTECA NASCEDOURO..., 2015).

Acerca das parcerias já estabelecidas no decorrer da sua trajetória, a BMN já recebeu apoio financeiro da UNICEF (*United Nations Children's Fund*), da Ação Mundo Solidário da Alemanha (ASW), do programa Projeto da Biblioteca e do Instituto C&A de Desenvolvimento Social.

Mesmo com essas parcerias, conseguir incentivo e apoio para essas iniciativas não é tarefa fácil, sobretudo quando se trata de suporte do governo. A biblioteca já participou de campanhas para doação de equipamentos e mobiliário, bem como promoveu bingos para arrecadar fundos e desenvolver as atividades (MOVIMENTO CULTURAL BOCA DO LIXO, 2016).

Assim como todas as bibliotecas comunitárias, a BMN enfrenta um desafio e um árduo trabalho diário na criação de projetos para conseguir apoio e poder continuar com suas atividades. Para lidar com a descontinuidade desses ciclos de projetos e manter sua sustentabilidade, a biblioteca tem como rotina a submissão de projetos a entidades federais como o MinC, Funcultura, Mais Cultura, entre outros (VICIOSF, 2016). Em busca de melhorar

este quadro, a biblioteca vem trabalhando para construir uma maior autonomia financeira a partir de ações de geração de renda dentro da própria comunidade, com produções artísticas que lhe são características, como também de seus integrantes (BREVEHISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO, 2007).

A equipe da biblioteca é formada por quatro pessoas, das quais duas são mediadoras de leitura e outras duas atuam na gerência administrativa da biblioteca e do MCBL, além do processamento técnico dos livros. A gestão da biblioteca ocorre de forma horizontal e compartilhada, na qual a equipe se reúne semanalmente para deliberar as ações (SILVA, 2016).

Os recursos advêm de editais públicos, editais privados e parcerias com instituições de empresas. Tal dependência de editais e financiamento de entidades privadas ocasiona uma instabilidade de recursos que prejudica o planejamento das ações e ampliação dos serviços. Por isso, atualmente, um dos maiores desafios da biblioteca é justamente a sustentabilidade financeira, sobretudo para conseguir aumentar a equipe de mediadores e assim poder oferecer mais atividades e atender a um público maior. Além disso, existe a manutenção da estrutura física e operacional do local, que também não pode ser ampliada por conta da escassez de recursos.

#### **6.2.4 Biblioteca Popular do Coque**<sup>12</sup>

Construída através de uma parceria entre a ONG Núcleo Educacional dos Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), a Igreja São Francisco de Assis do Coque, o Movimento Arrebrandando Barreiras Invisíveis (MABI), o projeto de Extensão Coque Vive e universitários vinculados ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, a Biblioteca Popular do Coque busca ser um espaço comunitário de leitura e discussão da realidade social e política do bairro. A iniciativa coletiva idealizou a proposta em 2006, e em 30 de julho de 2007 a biblioteca foi oficialmente inaugurada (O PROJETO, 2016; BIBLIOTECA POPULAR..., 2016).

Dentre os integrantes dessa iniciativa, Maria Betânia do Nascimento Andrade, moradora do bairro, ao lado do Frei Aluísio Fragoso, foram dois expoentes. Betânia tinha o sonho de construir uma biblioteca na comunidade e até hoje faz parte da biblioteca, acompanhando e liderando as lutas e ações desde o início. O espaço em que a biblioteca está instalada foi conseguido em 2007 através da aprovação de um projeto no Programa de Cultura Banco do

---

<sup>12</sup> Rua Centenário do Sul, 70, Coque – Recife PE – CEP:50080-490 Fone: (81) 98830-3642 Maria Betânia – coordenadora // 3448.2048. E-mail: bpcoque@gmail.com. Site:www.bpcoque.com.br. Facebook: Biblioteca Popular do Coque. Funcionamento: segunda à sexta-feira 08h às 12h e as 13h30 às 17h.

Nordeste. Porém, depois do projeto, a manutenção do aluguel é custeada até hoje por uma rede de amigos (O PROJETO, 2016; BIBLIOTECA POPULAR..., 2016).

As atividades iniciais se baseavam em oficinas para crianças e adolescentes realizadas por jovens da comunidade e universitários da UFPE que buscavam, por meio de ações pedagógicas, culturais e lúdicas, alterar o cenário de violência que marca o bairro. É com o intuito de mudar esse quadro de violência - uma violência sobretudo simbólica de um estigma pelo bairro, que faz com que as pessoas se sintam rejeitadas e sem autonomia - que a biblioteca surge como uma alternativa para liberdade e estímulo das potencialidades da população através dos princípios da solidariedade, paz e respeito (BIBLIOTECA POPULAR..., 2016).

**Figura 33-** Fachada Biblioteca Popular do Coque.



**Fonte:** Fanpage da Biblioteca do Coque <[www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos](http://www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos)>.

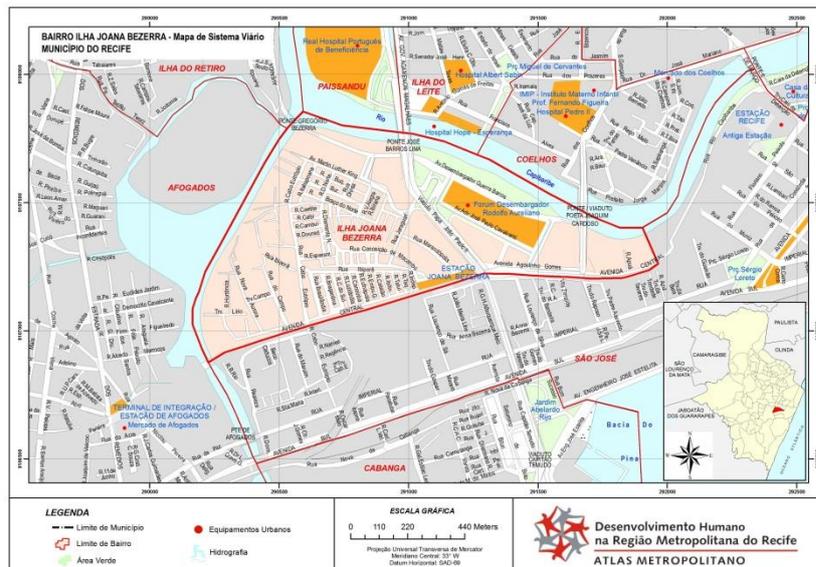
A comunidade do Coque localiza-se no bairro da Ilha Joana Bezerra, no centro do Recife, e possui cerca de 40 mil habitantes numa área de 133 hectares (COQUE VIVE, 2016). Conforme relatado por Silva (2013) sobre a formação e origem do local, tal região:

[...] é composta principalmente por migrantes de cidades interioranas do Estado de Pernambuco, do Agreste, da Zona da Mata e do sertão, frutos do êxodo rural. Esse público ocupou a região, sobretudo na década de 80, quando foram prometidas, pelo governo federal, a posse das terras aos seus novos moradores, os quais não receberam investimentos do Estado no desenvolvimento do bairro. Houve, também nessa época, um acentuado quadro de desagregação social, em decorrência do narcotráfico - então estimulado pela demanda dos bairros vizinhos. A condição de rápida ascensão econômica atraiu muitos jovens, que começaram a formar *gangues* no local. [...] [Atualmente] do ponto de vista econômico, 57% da população vive com uma renda mensal entre meio e um salário mínimo, número acima da média estadual. São outras características da região: domicílios estruturados

sobremaneira com a "autoconstrução"; a alta densidade de habitações, bem como a elevada densidade demográfica; e a grande concentração de negros e descendentes de indígenas (SILVA, 2013, p. 78, grifo do autor).

O local tem um histórico marcado por um forte índice de violência e crime resultado dos graves problemas de saneamento, moradia, meio-ambiente, educação e saúde que levam o bairro a ser alvo de preconceitos por parte da mídia, que atribui constantes adjetivações negativas à comunidade (COQUE VIVE, 2016; FREITAS, 2005). Por isso, esse estigma social que generaliza e caracteriza todos os seus moradores como tal, termina por gerar atitudes preconceituosas por parte de outros bairros e faz com que a população da comunidade tenha suas oportunidades sociais minimizadas e até bloqueadas pelos olhares externos (FREITAS, 2005).

**Figura 34-** Localização do bairro Joana Bezerra.



**Fonte:** Prefeitura do Recife (<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/ilha-joana-bezerra>).

Com efeito, esse quadro existiu. Contudo, a comunidade tem conseguido mudanças significativas, graças ao esforço de seus moradores e maior presença do Estado (MENDES, 2011). Desse modo, apesar da forte exclusão social e altos índices de violência urbana, a população vem lutando para mudar esse cenário que vem se alterando de fato, através de diversas ações e iniciativas. Dentre elas, o movimento Coque Vive e a Biblioteca Comunitária Popular do Coque.

O projeto Coque Vive, por exemplo, é um movimento de destaque que reúne diversas entidades que decidiram lutar por melhoras sociais, sobretudo das crianças e jovens, com ações que possibilitem formação educacional, cultural e profissional a esses sujeitos. Através de um

coletivo formado por estudantes de jornalismo da UFPE, jovens do MABI e formadores da associação NEIMFA, a rede Coque Vive surge em 2006, com várias ações nas áreas de comunicação, educação e cultura publicando em diversas fontes de divulgação midiática um Coque para além da violência e do medo (VASCONCELLOS, 2011).

O projeto lançou, em 2008, na comemoração de um ano de existência da biblioteca, além do documentário *A linha, a maré e a terra: memórias do Coque*, dois livros sobre a comunidade. O primeiro é um livro de fotografias e memórias chamado *Coque Vive: exercícios do olhar*, com imagens feitas desde 2006 por pessoas da própria comunidade através de um curso oferecido por alunos da UFPE.

As fotos e os textos têm o objetivo de “construir um contra-discurso à dominante estigmatização do Coque como um lugar de pessoas violentas”. O segundo “Coque Vive: notícias” é uma clipagem de notícias publicadas sobre o Coque nos últimos 30 anos, com uma “seleção das reportagens consideradas mais significativas para a formação da imagem da comunidade” (COQUE..., 2008, *on-line*).

Além deles, o bairro também se destaca pela Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque, o Natal Crianças do Coque e o movimento Coque (R)Existe. Este último organizou, junto com os moradores, líderes comunitários, organizações, instituições, centros de ensino, movimentos e ativistas, da própria comunidade ou de fora, o evento “Coque (R)Existe”, em agosto de 2013.

Com o objetivo de mostrar a existência e resistência do Coque, o evento mobilizou a comunidade, que promoveu exibição de vídeos, rodas de debate, oficinas literárias, meditação coletiva, shows, entre outras atividades, para mostrar todas as facetas do local e não apenas o estereótipo negativo que lhe é concebido por muitos sem o devido conhecimento das dimensões humanas, culturais e artísticas que permeiam o lugar.

Por ser localizada em zona estratégica do Recife, a comunidade é constantemente ameaçada pela especulação imobiliária, que já tomou mais de 51% da área, levando empreendimentos que não beneficiam a população, mas, ao contrário, tiram-lhe o direito à moradia, quando, na verdade, foi ela que construiu e desenvolveu o local (CONTENTE, 2013; IMAGINA COLETIVO, 2013).

A biblioteca participou da referida ação com as atividades de leitura e ludicidade, promovendo a Semana do conto com o tema “Literatura e (R)existência”, além de um concurso poético com o tema “O bairro onde moro também mora dentro de mim”, que teve como um dos textos premiados a poesia do interagente Joel Maciel, de 15 anos:

## O COQUE É NOSSO

Coque é virtude  
Coque é família  
Coque é harmonia

O coque traz projetos de vida  
projetos de paz  
no Coque tem pessoas  
que não botam você para trás

Renascemos das cinzas  
vamos mudar esse clima  
não olhar para trás  
é um passo para chegarmos na sociedade, rapaz

Biblioteca popular  
abrindo as portas pro mundo, meu irmão  
vamos sentir a emoção  
de estar entre família,  
de estar entre irmãos

Vem chegando gente  
que quer nos derrubar  
que quer nos humilhar  
quer nos dar merreca  
pra gente se mudar  
o Coque é nosso, amigo  
não dá pra acabar

(CONFIRA..., 2013, *on-line*).

O trecho abaixo também representa a voz da comunidade diante dessa conjuntura, mostrando que no Coque existem pessoas acima de tudo, acima da violência, das condições sociais precárias, do esquecimento do poder público ou da negação dos direitos e que essas pessoas, a partir de sua capacidade de transformação, têm o poder de mudar esse cenário:

Quando se pensa em Coque qual a primeira ideia que vem na nossa cabeça? Uma comunidade que fica na área central do Recife, perto da cidade, de Afogados, dos Coelhos. Todo mundo que passa no ônibus no viaduto Joana Bezerra vê o Coque lá embaixo. Pois é. O Coque é ali mesmo! E o que é que tem no Coque? Tem mãe, tem pai, tem menino jogando bola, estudando! Tem um céu bonito que enche os olhos, um sol quente de rachar, tem até cavalo! E sabe o que mais? Tem uma Biblioteca Popular, tem banda de rock, tem maracatu, tem o Neimfa (casa bonita, colorida, cheia de gente aprendendo e ensinando), tem igreja, tem escola!! É por isso que o Coque Vive! Por que tem muita gente nele, e onde tem gente tem vida! (COQUE VIVE, 2016, *on-line*).

A biblioteca do Coque, portanto, busca, a partir do fortalecimento do elemento cultural e educacional, afastar e superar os aspectos negativos da comunidade através de um projeto coletivo que possibilite a construção de representações próprias de seus membros (O PROJETO, 2016; BIBLIOTECA POPULAR..., 2016).

Desde sua inauguração, em 2007, que a biblioteca possui um blog. Nele, é registrada a maioria das atividades que ela oferece. A biblioteca oferece semanalmente atividades de contação de histórias e pintura. Também possui parceria com escolas e creches do entorno da região, com as quais desenvolve atividades de mediação de leitura. Nessas atividades, algumas vezes a biblioteca vai à escola e em outras as crianças da escola vão à biblioteca.

Existe um grupo de teatro e letramento com crianças e um grupo de jovens chamado “Movimenta Coque”, que, juntamente com os mediadores da biblioteca, fazem oficinas de poesia, produção textual e encenação para desenvolver a leitura e o senso artístico entre eles. Desses grupos já foram gerados muitas poesias e textos em blogs, todos inspirados pelas atividades.

**Figuras 35-36-** Atividades na Biblioteca do Coque.



**Fonte:** Blog da Biblioteca do Coque (<http://bpcoque.com.br/>).

Os cursos e oficinas são oferecidos de acordo com a disponibilidade financeira adquirida por editais e patrocínios ou pela atuação de voluntários. Dessa forma, já foram oferecidas oficinas de língua espanhola, de quadrinhos, de poesias, apresentação de teatro, apresentações musicais, bate-papo com escritores. Sobre esta última atividade, em visita à biblioteca, a poeta Magna Santos escreve:

Poesia é ver Drummond e outros mestres repousarem em estantes da periferia  
 É encontrar pessoas, cuja crença num mundo melhor faz parte da prática  
 Poesia é sentar na calçada, escutando canções, histórias, poemas e tantas risadas  
 É receber um abraço e uma declaração de uma menina recém conhecida: “eu gosto

de você”

Poesia é ser alçada por uma criança de 3 anos em plena biblioteca.

(COM A PALAVRA..., 2010, *on-line*).

Um trabalho muito característico da biblioteca, que foi uma conquista e fruto de um desejo antigo, foi o curso de artesanato com as mulheres. A biblioteca sempre teve o interesse de atrair as mães, avós e parentes das crianças, e com essa oportunidade conseguiu, além de atraí-las, proporcionar a elas uma nova especialidade e tornar muitas delas leitoras e escritoras.

**Figuras 37-41** – Encontro com as mães e oficinas de artesanato na Biblioteca do Coque.



**Fonte:** Blog da Biblioteca do Coque (<http://bpcoque.com.br/>).

As artesãs produziam um tipo de arte que lhes rendeu a denominação de “Fuxiqueiras do Coque”, tanto por elas fazerem fuxicos artesanais como por elas decorarem cornetas e promoverem o cochicho poético ou poesia ao pé do ouvido, uma inovação na arte de recitar poesias, idealizada pela equipe da biblioteca e pelas artesãs junto com a poetisa Silvana

Menezes. Sandra Barros, educadora e “oficineira” de artesanato, relata sua percepção sobre um dos encontros:

Achei muito legal a autoestima das participantes, os sorrisos e as brincadeiras. Cada uma verbalizava seu sonho e desejo com o artesanato. Mas o principal foi perceber uma nova expectativa. Valeu a experiência!!! Para mim só veio aumentar o meu desejo de continuar o trabalho. Ficou para todas, inclusive para mim, o gosto de quero mais e a certeza de que posso ajudá-las a ter uma vida diferente e mais produtiva (BIBLIOTECA POPULAR DO COQUE, 2016, *on-line*).

Em relação às atividades externas, a biblioteca já levou seus interagentes a museus, a locais históricos e culturais da cidade, além de promover a própria extensão da biblioteca às casas ou às ruas do bairro. As ações da biblioteca ocorrem tanto nela como em sua frente, e também na rua da biblioteca, nas casas de moradores ou em retiro pela comunidade, como é o caso da atividade “poesia na esquina”, leitura na praça e “Urso Leitor”, no carnaval.

As datas comemorativas e eventos são sempre trabalhados na biblioteca, tendo o livro como ponto de partida. Assim, o dia do livro, do índio, São João, folclore, dia da consciência negra, Natal, semanas do conto e colônia de férias são todos realizados e mediados por uma história. A valorização da cultura africana, da cultura pernambucana, do cordel, o reconhecimento dos elementos sociais e culturais da comunidade e o trabalho com princípios de solidariedade e respeito são norteadores dessas ações.

**Figuras 42-43** – Comemoração de datas festivas na Biblioteca do Coque.



**Fonte:** Fanpage da Biblioteca do Coque ([www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos](http://www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos)).

As leituras trabalhadas nas atividades oferecidas pela biblioteca são sempre previamente escolhidas nas reuniões dos mediadores de leitura e planejadas em função das demandas apresentadas pelos interagentes. A concepção das crianças sobre a cultura, o local onde moram,

princípios de amizade e relação com a família são discutidos visando ao (re)conhecimento de sua identidade (BARROS, 2016).

A biblioteca conta com um acervo de cerca de 1.300 livros cadastrados no sistema Biblivre e um total de quase 2.500 exemplares, que abarcam, em sua maioria, gêneros da literatura infanto-juvenil e da literatura adulta nacional e estrangeira, cordéis e contos populares. Um acervo aberto para atender à comunidade e aos seus quase 600 interagentes que frequentam a biblioteca mensalmente (ANDRADE, 2016<sup>13</sup>).

O público da biblioteca em sua maioria é composto por crianças na faixa-etária de até 10 anos. As escolas, tanto públicas como privadas, também frequentam a biblioteca, seja para uma atividade extraclasse ou participando dos eventos da biblioteca. Nos meses das férias escolares a biblioteca é bem movimentada nos dois turnos, já em meses normais a frequência maior é a tarde (ANDRADE, 2016).

Para atender as necessidades dos interagentes a biblioteca registra as sugestões de livros indicados por eles, e posteriormente fazem uma discussão sobre os livros sugeridos, incluindo outros títulos mediante suas experiências, pesquisas e necessidade de demanda de trabalhar aquele tema específico na biblioteca. A renovação e atualização do acervo é feita tanto por compra como por doações de livros (ANDRADE, 2016).

No espaço da biblioteca encontramos no salão principal a maioria do acervo infantil com várias estantes expositoras de os livros infantis e livros para bebês e o tradicional tapete de chita com almofadas coloridas e as mesinhas e cadeiras para as crianças. Na outra sala fica a outra parte do acervo infantil como os gibis e um espaço para o processamento técnico dos livros. Na última sala ficam o acervo de literatura adulta nacional e estrangeira e uma mesa para reuniões e oficinas.

---

<sup>13</sup> Dados conseguidos de Rafael do Nascimento Andrade por meio de resposta do questionário (2016).

**Figuras 44-45** – Espaço e acervo da Biblioteca do Coque.



**Fonte:** Fanpage da Biblioteca do Coque ([www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos](http://www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos)).

Desde que foi criada, a biblioteca recebe a colaboração de várias instituições, como a União de Cordelistas de Pernambuco, a Fundação Joaquim Nabuco e o Ministério da Cultura. Recebeu o patrocínio do Programa BNB de Cultura, do Banco do Nordeste, Prefeitura do Recife, a partir do projeto Manoel Bandeira, Projeto Coque Vive, entre outros. Atualmente, a biblioteca se mantém através da parceria com a Releitura, IC&A, CCLF, Chesf, Projeto Xucuru e SESC.

A Biblioteca Popular do Coque também se mantém com o apoio de amigos que ajudam com o aluguel do espaço, além do apoio do Projeto Prazer em Ler, do Instituto C&A, projetos do Funcultura, o Centro de Cultura Luiz Freire, com formações e o Centro de Estudos em Educação e Linguagens (CEEL), da UFPE (ANDRADE, 2016).

## 7 DESCOBRINDO OS ATORES E SUAS PRÁTICAS

Então, a leitura amplia nosso campo de visão, nosso raio de visão e ampliando seu campo de visão você tem uma perspectiva de futuro, porque quando a pessoa está só ali na sua “caixinha”, ela acha que a vida é aquilo, ela não transcende aquilo (Sérgio, gestor).

Neste capítulo, apresentaremos as práticas informacionais e leitoras existentes nas bibliotecas comunitárias por meio da voz dos entrevistados. Ao todo, foram 31 entrevistas, 40 horas de áudios gravados e 305 páginas de transcrição.

Em se tratando do perfil dos entrevistados, temos pessoas de diferentes formações e ocupações que possuem envolvimento extenso com as bibliotecas. Todos eles residem na RMR, estando a maioria localizada em Recife (19) e Olinda (11). Dos gestores e mediadores das bibliotecas, dentre os nove entrevistados, apenas três deles não moram no bairro em que a biblioteca está localizada, e desses três, dois residem em bairros vizinhos. Da mesma forma, a maioria dos interagentes das bibliotecas moram no bairro em que está instalada a biblioteca, exceto um.

A formação e ocupação dos 18 sujeitos gestores e mediadores das bibliotecas é heterogênea, contemplando em sua maioria áreas ligadas à Educação (Quadro 3). Os níveis escolares vão desde o ensino médio (1), graduação (10), magistério (1), especialização (2) ao mestrado (4). Cerca de cinco deles possuem envolvimento de 10 a 30 anos com as bibliotecas e 11 possuem ligação de até 10 anos com a biblioteca.

**Quadro 3** – Ocupação dos sujeitos gestores e mediadores de leitura.

Ocupação	Quantitativo
Professores de do ensino fundamental, médio e universitário.	11
Bibliotecária	1
Consultora de projetos culturais	1
Educador físico	1
Estudante universitário	1
Educador social	1
Arte educador	1
Jornalista	1

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Para esse grupo, consideramos também o depoimento realizado para pré-teste do gestor da biblioteca comunitária, Caranguejo Tabaiães, pela importância do conteúdo da sua entrevista perante os objetivos da pesquisa e pela trajetória da biblioteca que, embora não esteja na Releitura atualmente, participou do processo desde o início.

Sobre os 12 interagentes das bibliotecas, a faixa etária variou de 11 a 34 anos, com níveis de escolaridade do 2º ano do Ensino Fundamental até o nível técnico (Quadros 4-5). A maior parte é estudante, contendo também um artista de rua e uma doméstica. Moram com duas até sete pessoas em casa. Sete deles apontaram a frequência de familiares, como mães, irmãos e sobrinhos, à biblioteca.

**Quadros 4-5** – Idade e nível de escolaridade dos interagentes.

Idade	11	13	14	15	16	17	18	25	34
Quantidade	1	3	1	2	1	1	1	1	1

Nível de Escolaridade	Quantidade
Nível Técnico	1
Ensino Médio incompleto	2
1º ano Ensino Médio	1
9º ano do Ensino Fundamental	2
7º ano do Ensino Fundamental	1
6º ano do Ensino Fundamental	1
3º ano do Ensino Fundamental	1
2º ano do Ensino Fundamental	1

**Fonte:** Dados da pesquisa.

As bibliotecas serão tratadas por suas siglas, a saber: BAL (Biblioteca Amigos da Leitura), BCEPOMA (Biblioteca do CEPOMA), BMN (Biblioteca Multicultural do Nasedouro) e BPC (Biblioteca Popular do Coque).

Os nomes dos entrevistados foram trocados para manter sua integridade, preservando apenas o sexo. Escolheu-se para essa substituição nomes de personagens literários (Quadro 6). Sempre que fizemos referência aos entrevistados, optamos por identificá-los apenas pelo nome fictício e por sua função, sem identificar a biblioteca à qual ele ou ela estava vinculado porque, caso ocorresse dessa forma, sua integridade ficaria mais exposta, visto que a equipe da biblioteca é pequena e as funções de cada um são amplamente conhecidas.

**Quadro 6-** Nomes substituídos dos sujeitos da pesquisa

<b>Sujeitos do sexo masculino</b>
Álvaro (Escrava Isaura, Bernardo Guimarães)
Augusto (A moreninha, Joaquim Manuel de Macedo)
Ezequiel (Dom Casmurro, Machado de Assis)
Fabiano (Vidas Secas, Graciliano Ramos)
Fabício (A moreninha, Joaquim Manuel de Macedo)
Felipe (A moreninha, Joaquim Manuel de Macedo)
Leonardo (Memórias de um Sargento de Milícias, Manuel Antônio de Almeida)
Manuel (O Auto da compadecida, Ariano Suassuna)

Miguel (Escrava Isaura, Bernardo Guimarães)
Sérgio (O Ateneu, Raul Pompeia)
Severino (Morte e vida Severina, João Cabral de Melo Neto)
Vicente (O Quinze, Rachel de Queiroz)
<b>Sujeitos do sexo feminino</b>
Adelaide (Triste Fim de Policarpo Quaresma, Lima Barreto)
Ana Clara (As meninas, Lygia Fagundes Telles)
Carolina (A moreninha, Joaquim Manuel de Macedo)
Conceição (O Quinze, Rachel de Queiroz)
Dalva (Capitães de Areia, Jorge Amado)
Dora (Capitães de Areia, Jorge Amado)
Emília (Sítio do Pica Pau Amarelo, Monteiro Lobato)
Estela (O Cortiço, Aluísio Azevedo)
Glória (A Hora da Estrela, Clarice Lispector)
Isabel (O Guarani, José de Alencar)
Lia (As meninas, Lygia Fagundes Telles)
Lorena (As meninas, Lygia Fagundes Telles)
Lúcia (Vestido de Noiva, Nelson Rodrigues)
Magali (Turma da Mônica, Maurício de Souza)
Marcela (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis)
Raquel (A Bolsa amarela, Lygia Bojunga)
Rosa (Escrava Isaura, Bernardo Guimarães)
Sofia (O mundo de Sofia, Jostein Garden)
Susana (Casamento suspeito, Ariano Suassuna)

**Fonte:** Elaboração própria (2017).

Como já reforçado, deu-se mais prioridade às singularidades do que à representatividade. Pensamos como Petit (2008, p.52) que afirma:

Apreendi que, embora os determinismos sociais e familiares pesem muito, cada destino é também uma história particular, constituída de uma memória e de suas lacunas, de acontecimentos, de encontros, de movimento. [...] Ele, ou ela, se constrói de maneira singular e tenta criar, com as armas que possui, com maior ou menor êxito, um espaço em que encontre seu lugar; trata de elaborar uma relação com o mundo, com os outros, que dê sentido a sua vida.

Por fim, considerando a afirmação de Almeida Júnior (2007, p. 2), para quem a informação “só pode se realizar, se fazer presente, se concretizar, com base e fazendo uso da leitura”, esta seção irá tratar das práticas de leitura e informação dos sujeitos integrantes das bibliotecas comunitárias, considerando primeiramente a relação dos participantes com a leitura e, posteriormente, as maneiras de se informar pelas quais tais sujeitos se realizam.

Em seguida, esboçaremos os desdobramentos dessas práticas que originaram o surgimento dessas bibliotecas de maneira mais temática do que temporal, e suas diversas práticas de organização e desenvolvimento das atividades, bem como suas experiências, sentimentos e vivências resultantes dessas interações, de modo a valorizar as experiências singulares em detrimento de generalizações.

## 7.1 A LEITURA COMO FIO: maneiras de ler e de se informar

Ler é outra história, ler é tudo de bom, sabe como é, né, é o máximo do máximo, ouvir a história é bom, mas ler com seus próprios olhos é mágico (Ana Clara, educadora)

### 7.1.1 Práticas leitoras

Por entendermos que a leitura é a instância que une e que reuniu todas essas pessoas, sentimentos e vontades em torno dessa rede de bibliotecas, mesmo sabendo que para alguns a relação com a leitura já existia antes da biblioteca e em outros essa relação só veio surgir a partir dela, optamos por categorizar como primeira instância de análise a leitura como o fio que impulsionou e estabeleceu o vínculo entre essas pessoas e as estimulou a ler mais, informar-se e estar na biblioteca.

Os motivos que trouxeram cada sujeito para o mundo da leitura são diversos e singulares. Percebe-se, contudo, que, é no período da adolescência que esse afloramento acontece de forma mais consciente. Se bem que, de modo comparativo, observou-se que, para os entrevistados de 20 anos ou mais de idade, o acesso aos livros na infância era bem menor do que o que mostram os relatos dos adolescentes e jovens interagentes das bibliotecas comunitárias, cujo incentivo leitor é bem maior, tanto na escola como na família. Da mesma forma, o contato com bibliotecas na infância ficou mais nítido pelas gerações mais novas.

É de evidente destaque o papel que a família teve no processo de leitura dos sujeitos que escutamos. Na maioria das vezes, os pais, tios e irmãos incentivaram filhos, sobrinhos e irmãos, como no caso da educadora Ana Clara, que diz: “minha vida toda foi com leitura. Minha mãe é educadora, eu cresci dentro de uma casa que parecia uma biblioteca”. Ou os filhos incentivando os pais, como nos disse a interagente Rosa, que leva livros apenas para ler para sua filha: “acho que estimula até os pais, até me estimula a ler também quando eu levo uns livrinhos”.

No seio familiar, a lembrança não é só dos impressos, enciclopédias ou gibis, que poderiam estar jogados na sala ou em estantes bem altas, quase inalcançáveis pelos pequenos, mas das histórias faladas, contadas e recontadas pelos pais e avós, como recorda Emília:

“lembro da minha mãe sempre contar as histórias dos meus avós, dos avós dela... que tinha a história do Lampião”. Sobre este ato familiar de contar histórias para seus rebentos, diria Daniel Pennac (2011, p.16):

Para ele, nos transformamos em contador de histórias. Desde o seu desabrochar para a linguagem, nós lhe contamos histórias. [...] E mesmo se não contássemos histórias, mesmo se nos contentássemos em ler em voz alta, nós, ainda assim teríamos sido o romancista dele, o contador único por quem, no final de cada dia, ele escorregava dentro dos pijamas do sonho antes de se dissolver nos lençóis da noite. Melhor, éramos o Livro.

Ainda neste sentido, temos o caso curioso da mediadora de leitura Sofia, que, por ser criada pela avó e por conta de esta ser analfabeta, além das histórias orais que escutava, esta última sempre a presenteava com livros; a citamos:

Minha avó era analfabeta. Por mais que ela não soubesse ler, ela sempre me dava livros de presente. Porque ela justamente queria que eu tivesse tudo aquilo que ela não teve: acesso a uma boa educação, irá à escola, ler e tudo mais. Eu comecei a ler cedo. Me alfabetizei cedo.

A posição da avó de Sofia revela a realidade de muitas famílias nas quais os pais ou familiares, embora muitas vezes não leiam - seja porque não sejam alfabetizados ou porque não tiveram essa oportunidade – fazem muito esforço para manter os filhos na escola e expressam o desejo de que eles se apropriem dessa instrução da qual foram privados (PETIT, 2008).

Além da voz materna ou familiar, a oralidade se fez presente na vida de uma entrevistada por meio de “disquinhos”, que eram gravações de histórias infantis em discos de vinil muito reproduzidas nas décadas de 1960 a 1980 (Figura 46). Os LPs eram coloridos e marcaram muitas gerações, como a da gestora Glória, que evoca:

Mas eu tinha um incentivo que, na época, eram discos, LP de histórias. Vinha verde, amarelo e azul. Era uma caixinha que vinha cheia de LP. Esses LPs vinham contando histórias da Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau. Eu lembro que minha mãe comprava para gente escutar essas histórias. Então eu botava na vitrola, que eram poucas pessoas que tinham aqui [...], e começava a escutar as histórias e ficava me envolvendo.

**Figura 46** – Vinis de histórias infantis.



**Fonte:** <<http://anacaldatto.blogspot.com.br/2014/08/lebradosdisquinhosdehistoria.html>>.

As narrativas orais são reconhecidas como de suma importância para o desenvolvimento da capacidade imagética e criativa das crianças. A voz e a performance corporal do narrador, aliadas à histórias que resgatam as memórias individuais e coletivas de um povo, vão estimulando uma leitura visual e imaginada do público e causando sentimentos diversos de surpresa, medo, alegria ou tristeza, auxiliando, assim, o desenvolvimento das habilidades de fala e comunicação dos ouvintes.

Além das histórias orais escutadas em casa pelos familiares muitos participantes iniciaram seus primeiros contatos com a leitura por meio de uma biblioteca. Uma experiência curiosa ocorreu com a mediadora Estela, cuja mãe a deixava na biblioteca pública da cidade para ir trabalhar, e ela assim foi obtendo uma convivência diária com os livros, a ponto de no Natal pedir, ao invés de brinquedos, livros:

Eu fiquei várias tardes ali na biblioteca [...] sendo como os meninos daqui [biblioteca], sendo como as mediadoras. Não eram mediadoras na época, eram as bibliotecárias. Tinham umas três bibliotecárias que trabalhavam lá, não tinha essa coisa de mediador de leitura, de nada, eu mesma ia lá, pegava os livros e ficava lendo. Então, desde pequeninha, eu já tenho essa relação com as bibliotecas e eu gostava muito de ler, sempre gostei de ler.

Há aqueles, no entanto, que só tiveram o contato mais profundo com a leitura depois de conhecer ou criar a biblioteca comunitária, mesmo já sendo alfabetizados, seja pela vontade de “querer ler para saber o que passar para os meninos”, como nos disse a mediadora Marcela, seja

por se deliciar com a leitura pelo fato de estar lendo para outros e descobrindo o prazer de ler juntos, como no caso do gestor Álvaro.

Também existem os que aprenderam a ler na biblioteca comunitária, algo bastante lembrado pelos interagentes, como a leitora Carolina, de 17 anos. Quando questionada sobre quais razões a motivavam a ler, respondeu:

Então tipo... Quando eu entrei na biblioteca, eu não sabia ler. Então, tudo que você tá aprendendo de novo é sempre muito empolgante. Como eu aprendi a ler aqui, na biblioteca, cercada de livros, sempre aquilo vinha puxando mais pros livros. Então, acho que por isso, uma coisa mistura a outra.

No caso dos mediadores Miguel e Augusto, foi a leitura obrigatória pela escola que os levou a descobrir quão boa era a sensação de ler. O primeiro recorda que, “apesar de ter sido uma leitura obrigada - que não é a ideal em termos de sensibilização à leitura - no meu caso funcionou, talvez em outra pessoa ocasionasse uma aversão, mas, no meu caso, funcionou”. A leitura obrigatória a que eles se referem é porque a nota da disciplina estava condicionada à realização da leitura, além da ficha de leitura, que deveria ser feita. E foi justamente essa leitura para atividade avaliativa que o deixou com “gosto de quero mais”, e terminou levando-o para outros livros.

Em compensação, para dois entrevistados, a leitura obrigatória no período escolar lhes causou grandes traumas e afastamento da leitura, o que perdurou por muito tempo. O gosto pela leitura só veio a ser recuperado depois do contato com a biblioteca comunitária. O impacto com a professora que lhe obrigava a ler causou no gestor Felipe um entrave com a leitura, que o impedia ler em sala de aula, mesmo com advertências e presença da sua mãe. No caso de Marcela, mediadora, causava-lhe nervosismo e medo.

Nesse sentido, a obrigatoriedade da leitura na escola é defendida por Riter (2009) na medida em que considera o educador um agente facilitador da leitura, que tem como função promover esse encontro dos estudantes com os livros, por meio de estratégias de leitura planejadas que tornem a leitura algo prazeroso e desafiador. Contudo, o autor não é a favor da cobrança por si mesma, deslocada de um projeto formador maior, isto é, não ler apenas para fazer uma prova ou para identificar características de estilos de época, nem mesmo ler apenas o que o leitor já conhece ou quer ler, mas estimulá-lo a ampliar seus horizontes de leitura, desde que tal indicação e mediação sejam planejadas de forma adequada, ou seja, mais mediada e negociada do que exigida.

Em se tratando das pessoas que incentivaram a relação dos sujeitos da pesquisa com a leitura, citados temos os pais e familiares, os professores (de maneira espontânea ou obrigatória, resultando em aproximações ou rejeições com a leitura) e alguns mediadores de leitura e bibliotecários, no caso de Estela:

Teve uma professora minha de História também que foi uma mediadora de leitura maravilhosa, porque ela me dava livros para ler, ela via que eu gostava, me dava livros, não me forçava a ler. Ela dizia: “Olha, tem um livro massa sobre isso, leva”. Então, essa professora também foi fundamental para mim, tanto para minha formação como leitora quanto para a minha formação como cidadã.

Sobre os gêneros e livros mais apontados entre nossos leitores, nota-se que, para os que tiveram acesso ao livro quando pequenos, suas infâncias foram marcadas pelas histórias em quadrinhos e enciclopédias. Os gibis da “Turma da Mônica” foram citados quase que por todos os entrevistados, tanto pelos mediadores como pelos interagentes. Para os que viveram a adolescência nos anos 1980, os romances “Sabrina”, “Júlia” e “Bianca” foram frequentemente recordados.

Estes últimos, editados pela Nova Cultural, foram famosos romances de banca e um sucesso de vendas nas décadas de 1970 e 1980, chegando a atingir cerca de 600 mil exemplares por mês. Considerados como literatura de entretenimento ou de massa com finalidade comercial nítida, embora tais livros tenham sido alvo de crítica pela academia, não se pode negar seu caráter incentivador da leitura para essas pessoas (RODRIGUEZ, 2005).

**Figura 47** – Romances “Sabrina”, “Júlia” e “Bianca”.



**Fonte:** <<http://www.livroseopiniao.com.br/2013/02/sabrinajuliaebiancaosfamosos.html>>.

Para os mais jovens, os livros citados foram *Harry Potter*, *Diário de um Banana*, *Jogos Vorazes*, entre outros. Os clássicos brasileiros de autores como Jorge Amado, Machado de Assis e estrangeiros, como Edgar Allan Poe, Sidney Sheldon e Agatha Christie, também foram mencionados.

Nossos entrevistados demonstraram gostar de vários tipos de leitura. Apresentando alguns tipos de leitores, o escritor francês Daniel Pennac (2011, p. 62, grifo do autor), com sua ironia e humor marcantes, alerta:

Tem aqueles que nunca leram e têm vergonha, os que não têm mais tempo de ler e que cultivam o remorso, há os que não leem romances, só livros *úteis*, ensaios obras técnicas, biografias, livros de história, há os que leem tudo e não importa o quê, os que “devoram” e têm olhos que brilham, há os que só leem os clássicos, meu senhor, “porque não há melhor crítica do que a peneira do tempo”, os que passam a sua maturidade a “reler” e aqueles que leram o último livro e tal e o último tal outro, porque é preciso, o senhor sabe, estar atualizado [...].

Nessa linha, acerca das preferências leitoras dos nossos entrevistados, enquanto alguns são bem ecléticos e não têm preconceito com nenhum tipo de gênero, outros são mais contundentes e leem apenas um ou dois tipos de gêneros. Vejamos:

Eu não tenho isso de gênero não, é mais fácil dizer o que eu não gosto, não gosto muito de livro de autoajuda, tipo Augusto Cury.

Vários tipos de livros, só não gosto de histórias de terror.

É porque tipo assim, pego o livro, leio a sinopse, gosto aí pego, bem eclético.

Humm... romance, como eu pego vários livros, aí pego romance, ficção científica não é minha praia, ficção científica jamais.

Quando questionados sobre os tipos de livros que gostavam de ler atualmente, o romance foi bem citado, assim como biografias, contos, crônicas e poesias. Notamos que, embora as histórias em quadrinhos tenham sido bastante mencionadas na formação leitora da infância, na vida jovem e adulta, essas pessoas não apontam mais o quadrinho como um gênero literário que leem atualmente. Da mesma forma, as maneiras de ler são plurais quando os entrevistados mais jovens expressam gostar de ler durante a madrugada como Vicente, Dora e Carolina e outros preferem ler no metrô ou ônibus como Lia.

Sobre isso, o historiador francês Roger Chartier (1998, p. 77) pontua: “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas,

outras se extinguem. Do rolo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler”.

O contato com os livros e o acesso a eles pelos participantes da pesquisa se deram e se dão por meio de diversas formas e locais. Em relação ao uso de outros espaços informacionais para ler e se informar, obtivemos um quadro que mostra que o uso de outras bibliotecas é bem restrito pelos entrevistados, estando a maioria em contato apenas com as bibliotecas comunitárias da Releitura.

Muitos apontaram o uso de bibliotecas de universidades públicas ou privadas, mas apenas quando no período de graduação ou pós-graduação. Também era bastante frequentada por dois entrevistados uma das maiores livrarias dos anos 1970 e 1980, localizada no centro do Recife, a Livro Sete (Figura 48). O espaço que se tornou a maior livraria do Brasil, aparecendo no Guinness Book durante cinco anos consecutivos (ANDERSON, 2012), foi lembrado como um local onde os entrevistados iam e liam à vontade, a ponto de não quererem mais sair de lá.

Tinha dias que eu passava quase o dia na Livro Sete. Eu não tinha dinheiro para comprar livro, aí eu ficava lendo na Livro Sete. Sentava lá no banquinho, fazia um lanche.

Era muito legal porque você ia lá entrava e tinha um sofá, você sentava, ficava lendo, tinha uma mesa de xadrez, podia jogar xadrez, então quer dizer, era o parque de diversões de quem gostava de ler.

**Figura 48** – Livraria Livro Sete.



**Fonte:** <<http://angustiacriadora.blogspot.com.br/search?q=livro+sete>>.

As bibliotecas públicas municipais e estaduais já foram muito utilizadas pelos sujeitos da pesquisa. Todavia, o afastamento do uso dessas bibliotecas foi ocasionado, segundo eles, devido à falta de condições físicas e estruturais do espaço; o acervo de pouca qualidade e sem atualização; a distância de suas residências e falta de atendimento interpessoal adequado. Outro motivo elencado para o não uso das bibliotecas públicas em detrimento das bibliotecas comunitárias foi a qualidade e riqueza do acervo de literatura que a Releitura possui, as quais não são encontradas nas bibliotecas municipais das cidades de Olinda e Recife.

No que tange ao uso de bibliotecas escolares, como a maioria dos interagentes entrevistados está em fase escolar, dos nove que estão estudando, sete deles apontaram que a biblioteca da escola ou está fechada, sem funcionamento, ou não funciona exatamente como biblioteca. Vejamos o relato dessas duas interagentes:

Não pode usar, ela é assim, é uma biblioteca, só que ela é como se fosse uma sala da coordenadora e é mais assim, quando uma pessoa desobedece e não pode pegar livro nenhum e tem que ler lá, não pode pegar emprestado e você não pode ir para a biblioteca para tá lendo, só quando faz alguma coisa errada, aí fica lá.

Na escola tem biblioteca, mas [...] tem mais livro didático e é mais usada como uma sala de castigo, quando alguém faz uma coisa na sala, aí leva para lá ou para a diretoria.

Para outros dois interagentes, as bibliotecas de suas escolas funcionam bem, possuem bom acesso e bom acervo de acordo com a sua concepção. Para Isabel, a única diferença entre a biblioteca comunitária e a da sua escola é que a primeira é mais próxima de sua casa e ela pode pegar mais livros emprestados ao mesmo tempo, ao passo que a segunda só permite um.

Outros espaços indicados também foram: a biblioteca da estação do metrô, a biblioteca do Compaz<sup>14</sup> e algumas bibliotecas de associação de moradores que conforme o interagente Manuel, são “conselhos integrados a certas ONGs ou a certos projetos sociais feitos autodidaticamente, ambientes que tenham muitos livros e pessoas que interajam sobre o assunto”.

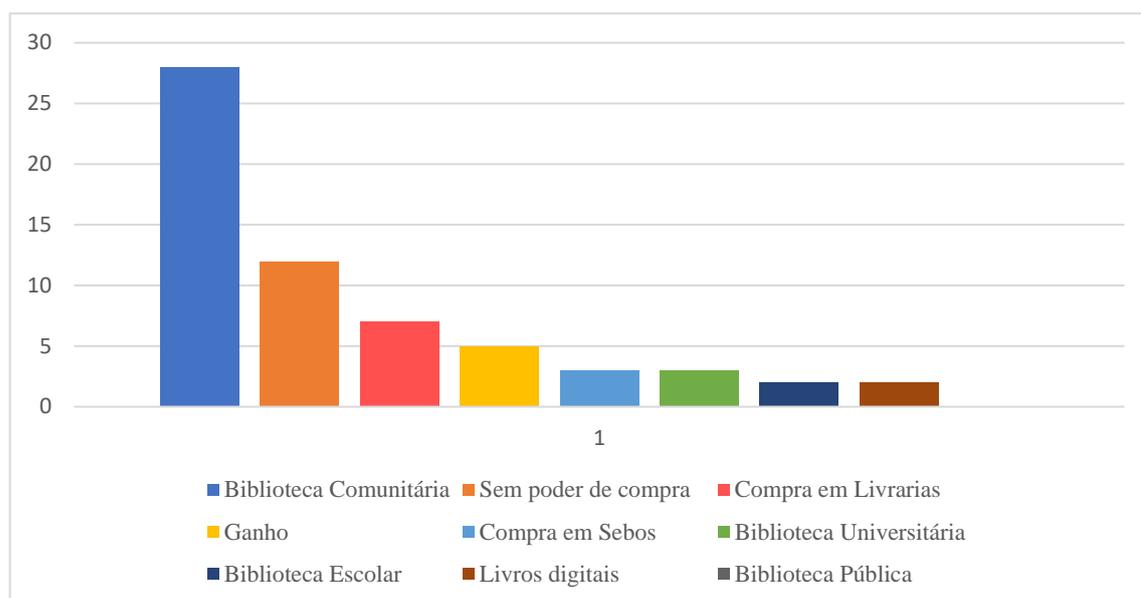
Outras formas de ter acesso ou de adquirir livros sinalizadas pelos participantes, além do empréstimo nas bibliotecas comunitárias, foram: compra em livrarias e sebos físicos e

---

<sup>14</sup> Centro Comunitário da Paz - Compaz. Vinculados à Secretaria de Segurança Urbana do Recife, são, conforme site da Prefeitura do Recife, espaços de cidadania e promoção de Cultura de Paz oferecem diversos atendimentos e atividades esportivas. O Compaz foi concebido sob a ideia de oferecer “o melhor para os mais pobres”, com o objetivo de garantir inclusão social e fortalecimento comunitário. Dados adquiridos no site da Prefeitura do Recife.

virtuais, acesso a ebooks disponíveis gratuitamente na internet ou ganho de livros por colegas, familiares e em lançamentos. Muitos participantes relataram não ter poder aquisitivo suficiente, e por isso o frequente acesso às bibliotecas comunitárias. Dessa forma, observam-se as múltiplas formas de ler e de ter acesso ao livro, conforme as preferências de suportes dos leitores ou as restrições financeiras ou de localização de acesso a esses suportes ou lugares, conforme Gráfico 1.

**Gráfico 1-** Formas de acesso ao livro.



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Por isso, observou-se que a descoberta das bibliotecas comunitárias para esses leitores, tanto por já se trabalhar nela (como no caso dos gestores e mediadores), como por ela estar mais próxima deles (no caso dos interagentes), por conta da qualidade do acervo, da ambiência e do atendimento, manteve a permanência desses sujeitos nos espaços dessas bibliotecas em detrimento dos outros espaços de leitura da cidade.

Dessa forma, com a biblioteca comunitária fazendo parte da vida desses leitores, eles foram se apropriando cada vez mais do espaço e da leitura, ampliando o leque de conhecimento sobre obras e autores. Para o gestor Sérgio, a biblioteca trouxe o conhecimento de certos gêneros que não conhecia, como literatura africana e indígena. Para Miguel, trouxe o interesse pela poesia, além de uma “formação política e uma formação humana”. A participação da biblioteca comunitária no processo leitor do mediador Augusto é fundamental, pois diz ele: “como não tenho condições de comprar, a biblioteca oferece esse acesso”. Manuel conclui

dizendo: “acho que se não fosse aqui eu não teria contato com tantos livros que me fizeram pensar.

Se foi a biblioteca que muitas vezes proporcionou a leitura a esses sujeitos, o que dizer então da importância da leitura para eles? Questão complexa que envolve uma pluralidade de motivos, já que a leitura, em sua multiplicidade, permite várias concepções e causa sentimentos variados em cada ser. Leonardo diz:

Eu sou meio dramático com isso, sabe? Porque leitura é como beber água. Se você deixa de beber água, você vai ficar com sede, vai morrer, desidratar. Então, se você deixar de ler, eu acho que você se torna uma pessoa menos criativa, mais apática com o mundo, mais apática com você mesmo. Eu tenho a necessidade de ser desestabilizado a todo o momento. Para mim, eu busco na leitura essa desestabilização e esse crescimento, tanto pragmático, em termo de vocabulário, em termo de raciocínio lógico, e tem uma dimensão subjetiva da sensibilidade, da tua relação com o mundo, do teu carinho com as coisas, dessa coisa de se apaixonar fácil. Eu acho que a leitura é uma grande fonte de força.

O que Leonardo chama à atenção neste relato é o fato de ele considerar a literatura como algo de que depende sua sobrevivência espiritual. É como se a necessidade vital de ler para viver fosse colocada no mesmo patamar de qualquer necessidade biológica, sob pena de desintegrar seu estado psíquico e criativo. É isso também que afirma Cândido (2012), ao aludir às categorias de bens compressíveis e incompressíveis, quando elenca ao segundo grupo os bens que asseguram não somente a sobrevivência física, mas que garantem, além dela, a integridade espiritual.

Se, por um lado, para a interagente Isabel o prazer de ler está na sensação de viajar para vários lugares sem sair do lugar, como uma forma de prazer inesgotável, um hobby, uma diversão, por outro lado, o despertar num outro mundo, em outra realidade, é, para o gestor Álvaro, uma válvula de escape face às preocupações do dia a dia.

Os leitores entrevistados também identificaram na leitura o poder da alteridade e de humanização. Assim, se atentam a capacidade que ela tem de humanizar por meio do “se colocar no lugar do outro”. Como disse o mediador Vicente, “acho que quando você lê, você conhece, você vive outras situações, você, além de conhecer outras situações, você se coloca em outros personagens”. É a passagem de um lugar cômodo, de uma posição alheia, para conhecer a realidade do outro, desmistificando muitos preconceitos: “você consegue ter mais pontos de vistas das coisas... e a entender também o lado do outro, também mais humanidade, de não só conhecer a si, mas conhecer o outro também”, conclui a interagente Carolina.

A leitura também representa, para os interagentes Carolina e Severino, tranquilidade e paz. Este último nos conta ter sido uma criança muito agressiva que encontrou nos livros e na biblioteca momentos de calma, concentração e descobertas, já que o livro ajuda a afastar o medo e a dor, “transformar a agonia em ideia e a reencontrar a alegria” (PETIT, 2009, p. 34). Para Glória, foram a autoconfiança e a autoestima que melhoraram depois que ela começou a ler. Ela nos diz: “eu modifiquei muito até meu modo de pensar, meu modo de viver, de agir através da leitura [...] eu acho que ela nos deixa mais confiante, falante, você fica mais apropriado do que você fala”.

No caso da mediadora Sofia, a importância da leitura para o trabalho de mediador é imprescindível:

Eu não consigo conceber um professor que não lê, um professor que não é pesquisador. Como eu também não consigo conceber um mediador de leitura que não é leitor. Como é que você vai incentivar alguém a ler se você não lê? Como é que você vai passar esse deleite da leitura? Que aquilo é uma coisa prazerosa? A todo o momento, a gente tem ensinado que aquilo é uma tarefa árdua. Na escola, eu não tive essa experiência de ser uma coisa maravilhosa. Pelo contrário, de ser uma coisa árdua. Como eu passava muito tempo na escola, tudo que eu aprendi foi nos livros. Era a única chance que eu tinha de aprender as coisas, era no livro.

A criticidade e o processo de politização que a leitura desenvolve nos sujeitos foram relevâncias trazidas por Emília e por Sérgio. Este último sublinha que: “por exemplo, a leitura, essa leitura política que a gente teve não só dos livros, mas a leitura que a gente traz para cá para a discussão das bibliotecas comunitárias foi o que nos manteve até hoje nesse espaço”. Fala isso em se tratando do empoderamento político que eles obtiveram por meio da leitura, que lhes possibilitou ter posicionamento crítico e resistência frente às adversidades e ameaças pelas quais a biblioteca passou na luta pelo espaço, muito mencionada entre os entrevistados da biblioteca da qual Sérgio faz parte.

E quando a leitura se torna vital e viciante? A necessidade de ler e o amor pela leitura são tão presentes na vida da professora Ana Clara que, em alguns momentos, chega a causar ciúmes entre os familiares, pela atenção dada ao livro, pois ela, mesmo estando cansada, não abre mão da leitura antes de dormir: “criou-se o hábito de sentar na cama e ler pelo menos um capítulo para poder dormir, é uma rotina diária, aí a gente viaja (risos)”. Ou até mesmo no acúmulo de livros, a ponto de não ter mais espaço em casa onde guardá-los. Vejamos:

[...] a gente tinha uma biblioteca na sala, mas há uns anos eu fui obrigada pelos três [marido, filha e filho] a dar fim, pois era livro demais e estava tomando conta da casa... pronto, livro infantil de onde eu trabalhava eu lia e não queria mais devolver, aí aprendi a desapegar, aí pronto, eu tô proibida (risos).

No entanto, a relação com a leitura não é sentida de forma tão positiva ou de fácil assimilação para todos os participantes. É o caso do interagente Fabiano, de 15 anos, que diz: “eu não tenho paciência para ler livros. Eu venho para cá [para biblioteca] tanto para ficar no lazer como para estudar”. Como também é o caso de Ezequiel, de 14 anos, que lê mais por pressão escolar do que pelo prazer de ler: “porque minha professora disse que eu preciso ler mais para ficar estudando e eu tenho matéria para ler muita. Então, tenho que estudar”.

Muitos gestores e mediadores, assim como interagentes, sobretudo aqueles que ainda estão no período escolar, apesar de gostarem do deleite da leitura, revelaram também o lado mais utilitário desta atividade, como ler para argumentar ou escrever melhor, por exemplo. Ler para melhorar o domínio da norma culta, conhecer novas palavras, fazer boas redações, entre outros, o que não deixa de ser uma faceta da leitura, mas que pode ser tomada como uma consequência desta, e não um fim em si, sobretudo em se tratando da leitura literária.

A leitura também tem seus impactos e pode ser algo muito doloroso em alguns momentos, Glória nos relatou o sentimento de se manter tão presa emocionalmente à história a ponto de não conseguir ler um livro após o outro desde que a última história tenha sido suficientemente “digerida” (processada), ou, como disse Pennac (2011, p. 75), porque “precisamos deixar o tempo fazer seu delicioso trabalho de destilação”.

A contribuição para a construção de si mesmo, da própria história e do seu futuro foi outro lado da leitura apontado por duas mediadoras de leitura. Esse também foi um dos aspectos mais frequentemente mencionados pelos jovens entrevistados por Michèle Petit em seu livro *Os jovens e a leitura*. “Conhecer-se um pouco melhor, poder pensar-se em sua subjetividade, manter um sentimento de individualidade” são fatores que, além de fortalecer o nosso próprio reconhecimento, tornam-nos menos submissos às relações totalizadoras de um modelo religioso, étnico ou territorial, por exemplo, diz a autora (PETIT, 2008, p.73). Para a educadora Ana Clara, a leitura é importante porque:

Eu faço a minha história, eu posso ler a mesma coisa com você, mas eu estou lendo com os meus olhos, com as minhas concepções, com os meus conhecimentos, com os meus sentimentos. Possa ser que você leia a mesma coisa e não sinta nada do que eu senti... Então, para mim, leitura é primordial. E outra, a partir da leitura é que a gente vai descobrindo as coisas do mundo, é a partir de ler e da leitura do outro, da leitura do mundo que eu faço que eu

vou me descobrindo, que eu vou me achando, que eu vou me encontrando, que eu vou podendo ensinar. Eu não vou poder ensinar nem lidar com nenhuma situação se eu não fizer a leitura de nada, não só das letras, mas do mundo em si, fazer leitura das situações, do que a gente ouviu, que leitura eu vou fazer daquilo?

Esta leitura em sua plenitude, tanto o modo íntimo e único de cada leitor como o conceito amplo do modo de ler são defendidos por Almeida Júnior (2007). Cada leitura é feita mediante o repertório leitor de cada sujeito e, além disso, fazemos diversas leituras do nosso contexto e não apenas do texto escrito, mas de diversos suportes e expressões informacionais e culturais. Ainda sobre esse mundo amplo que a leitura proporciona, o depoimento da mediadora Estela revela não só a importância da leitura para a interferência no que se é hoje, mas na construção do que ainda se quer ser. Citamos suas palavras:

Quando você tem leitura, quando você tem mais histórias, sua visão de mundo se amplia, [...] a falta de leitura produz um monte de gente que tem uma visão de mundo muito pequena, muito fechada e aí é muito fácil de ser manipulado, e quanto mais histórias você conhece, quanto mais livros você lê, quanto mais informações você tem de todo tipo, esse seu mundo se expande [...], você não vai ter tantos estereótipos, tantas visões preconceituosas, porque você vai conhecer histórias diferentes de culturas diferentes, de pessoas diferentes, de mundos diferentes, de lugares diferentes. Não é nem só a questão de que “Ah, vá ler para ser alguém na vida”, ser alguém todo mundo já é. Mas assim, vá ler para você poder ter autonomia, ser um cidadão mesmo autônomo. Não é porque você vai ter um futuro, mas você poder criar o seu futuro, porque você tem mais informações. Quanto mais informação, maior a sua visão de mundo, mais você vai ter autonomia para escolher o que você quer, para criar e ser o condutor mesmo da sua própria vida.

Por fim, e de maneira a sintetizar esta seção, trazemos Manuel, que mostra várias facetas da leitura, tanto pelo seu lado mais instrumental como pelo empoderador e fortalecedor do pensar:

Eu acho que a leitura é essencial para qualquer pessoa, até pelo fato de ajudar fisicamente e mentalmente, pelo fato de você lidar melhor na escrita, na compreensão das coisas, no modo de falar. Isso eu notei que eu melhorei bastante, eu acho que é essencial. Alguém que não lê é alguém que não pensa direito. Você vê um excesso de ignorância porque as pessoas só fazem, não aprendem o que fazem, não sabem explicar, não leem sobre o assunto [...]. E a leitura é meio que um cálculo, meio que um degrau para você sair desse meio para você aprender a pensar e organizar as palavras na cabeça. A leitura ela ajuda a gente a traçar uma rota... É isso, leitura é essencial. Sem leitura, você não tem noção do que pensar. Com a leitura, você tem opiniões para dar, eu acho que é isso.

Nota-se, portanto, que tais sujeitos possuem uma relação ampla com a leitura, mesmo que majoritariamente tenham citado o livro como o principal suporte. Alguns entrevistados observaram o conceito amplo de leitura de mundo, tanto realizado por eles como passado e trabalhado com os interagentes. Mesmo considerando como base principal a palavra escrita, a leitura representa para os depoentes uma variedade de valores e prazeres, uma fonte de conhecimento e sabedoria, bem como uma porta para o mundo da ficção e da criação.

### 7.1.2 Práticas informacionais

Para tratar da busca, uso e partilha de informação pelos depoentes, percebemos a leitura de textos escritos como fator impulsionador e influente desse processo, porquanto foi a forma mais citada para se obter informações. Constatou-se, portanto, a posição de Almeida Júnior (2009), ao afirmar que só existe apropriação da informação mediante a realização da leitura, embora este considere leitura em seu sentido amplo, e não apenas a leitura de textos escritos.

Em primeira instância, é importante observar que algumas pessoas têm uma noção mais ampla do conceito de informação do que outras. Conforme pensado por Capurro (2003), as práticas informacionais são as próprias definições do que cada sujeito cognoscente social considera como informação, do que ele seleciona e coloca como critério para acessar ou descartar, num processo sócio-histórico.

Se, para alguns participantes, a informação é tudo o que eles tenham interesse de saber, para outros, a informação remete apenas a notícias. Fazendo um paralelo entre essas concepções e a posição dos dois autores, pode-se compreender que, no primeiro caso, *a informação* é entendida em seu sentido terminológico grego, que significa “dar forma a algo”, numa ação dupla de “in-formar” algo ou se “in-formar” de algo. Isso pode ser identificado nos exemplos dados por Araújo (2014, p. 150), como “produzir pesquisa científica, construir sua identidade, monitorar o ambiente mercadológico, testemunhar direitos e deveres, etc.”.

No segundo caso, o conceito de informação é similar à noção trazida por Castrillón (2011), que a define em três grupos: científica e técnica, utilitária e notícias. Esta última, diz a autora, é a forma pela qual as pessoas criam os imaginários sobre sua nação e por meio deles participam da sociedade. É o modo com o qual as pessoas formam ou deformam sua opinião, mas constituem patrimônio das mídias, que “a criam, a condicionam, a difundem e lucram com elas” (CASTRILLÓN, 2011, p. 75).

Para os entrevistados que consideram o conceito de informação de maneira mais ampla, as fontes pesquisadas podem ser livros, bases de dados, encontros científicos, portais de notícias e colegas. Eles compreendem o livro como sua maior fonte de informação, a exemplo de Sofia, que diz: “os livros ainda são a minha base principal, apesar de utilizar muito a internet”, ou Vicente: “eu hoje, leio muito. É livro, seja o que for, todo tipo de livro”. Também foram identificadas como fonte de informação as próprias pessoas, os colegas, a troca de informação oral como forma de permutar opiniões, entendimentos e críticas. Nesse sentido, Sérgio menciona que “a melhor estratégia de você se manter informado é estar com as pessoas, conversando com as pessoas que estão fazendo”.

Para os entrevistados que limitam o conceito de informações a notícias, foram apontados como fontes mecanismos de busca, redes sociais, jornais e revistas impressas e online, programas jornalísticos de TV e rádio. Este segundo grupo constituiu a maioria dos entrevistados para os quais o acesso à informação está ligado a abastecer-se de notícias, das coisas que estão acontecendo à sua volta, em tempo real. Ou seja, constituem formas de identificação, busca, uso e compartilhamento de informações disponíveis nas mais variadas fontes (SAVOLAINEN, 2008).

Para o caso de se informar sobre notícias, a maioria dos entrevistados demonstrou repúdio aos grandes veículos de comunicação de massa impressos ou televisivos, apontando para seu caráter manipulador e tendencioso. Ao invés disso, eles procuram ser mais cautelosos na seleção das fontes e recorrem aos veículos chamados alternativos, como no caso de Ana Clara: “tento filtrar cada informe e retirar dele o máximo de clareza da ótica da minha realidade, tarefa difícil diante das mídias tendenciosas que temos acesso e das nossas construções pessoais”.

Em contrapartida, o interagente Severino, de 16 anos, defende os jornais tradicionais por se tratar de meios “mais conhecidos”, de mais confiança, pois “eles têm que ser rigorosos com os perfis deles porque eles têm um nome a prezar. Então, como a informação bem dada é tudo”, continua ele, “eu procuro justamente nesses locais. Se eu não puder ler um jornal físico, eu procuro no site dos jornais”.

Sabe-se que o amadurecimento da leitura, sobretudo da leitura crítica, não é algo que se adquire rapidamente ou de forma fácil. Com isso, ao mesmo tempo em que não podemos negar o papel manipulador da mídia, não podemos julgar a forma como cada sujeito se informa. Entretanto, entendemos que o nível de leitura de cada sujeito e seu poder de compreensão são fatores que influenciam as escolhas das fontes, e por isso temos um quadro diverso de perfil de interagentes de informação.

Porém, cabe aqui uma consideração pontuada por Castrillón (2011, p. 79), para quem a biblioteca “deve contribuir para encontrar soluções ao problema da desinformação, originado da manipulação que a mídia faz da informação”. Dito de outro modo, deve agenciar espaços de debate para a discussão desses temas, pois, continua a autora, “da mesma maneira que a sociedade civil se organiza para conseguir o aperfeiçoamento da qualidade de outros produtos e serviços, ela poderia fazê-lo para exigir melhores condições de informação [e comunicação] e nisso a biblioteca tem um importante papel” (CASTRILLÓN, 2011, p. 79).

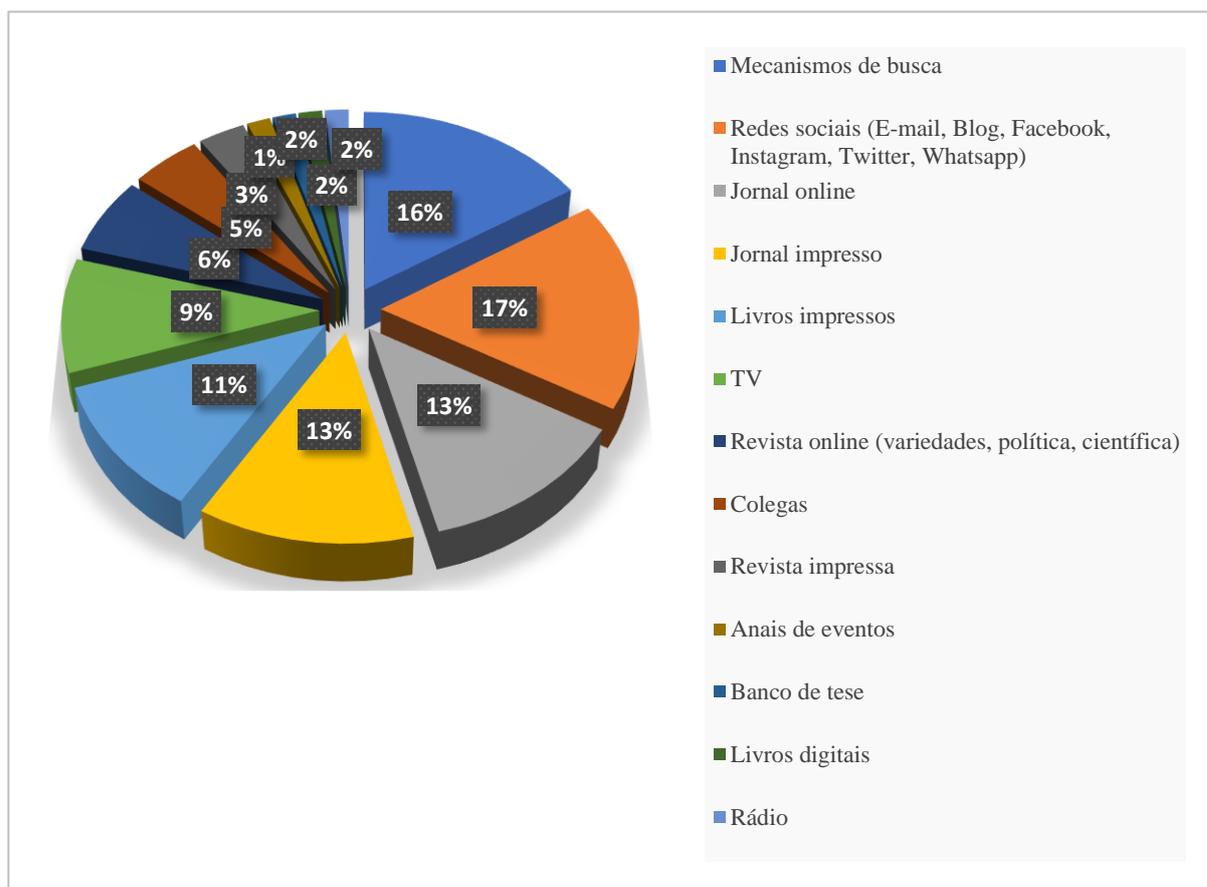
Com relação às fontes de informação utilizadas pelos entrevistados, apresentamos o Quadro 7, que apresenta quais foram os veículos citados pelos sujeitos. Observa-se, a partir desse quadro, uma priorização das fontes escritas, embora se subentenda o uso de outras formas de expressão, como imagens, vídeos e sons, devido ao uso das redes sociais na internet, que agregam em si essa multiplicidade de mídias.

**Quadro 7** - Fontes de informações utilizadas pelos entrevistados.

Jornais online	Jornais impressos	Revista online	Noticiários de TV	Redes sociais	Mecanismos de busca	Rádio
Brasil de Fato Caros amigos Carta Maior Diário do Centro do Mundo O Economista	Destak Diário de Pernambuco Folha de Pernambuco	Continente Cult Fórum Revista Brasil	TV Brasil TV Câmara TV Senado	E-mail Facebook WhatsApp Twitter Instagram Blog	Google	CBN

**Fonte:** Dados da pesquisa.

As formas pelas quais os participantes se informam são bem variadas e estão representadas no Gráfico 2. Nesse quesito, alguns deles citaram exatamente em quais fontes eles se informavam (Quadro 7) e outros disseram apenas os meios que os levavam às fontes, a exemplo da amplamente citada “Internet”, por meio dos mecanismos de busca e redes sociais. Nesses casos, são esses meios que os levam às diversas fontes e suportes.

**Gráfico 2-** Formas pelas quais os sujeitos se informam.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Em relação às preferências dos meios impressos, audiovisuais ou virtuais, os usos são múltiplos. Há aqueles que gostam apenas de ler jornais impressos, como a mediadora Lia: “eu uso jornal, para mim. Ler é mais emocionante que assistir. Prefiro comprar meu jornal na integração e vir lendo”, e outros que só acessam fontes de notícias online.

O grande uso das mídias virtuais, como mecanismos de busca e redes sociais na internet, sinaliza o importante recurso da interatividade e da autonomia no uso e apropriação da informação, na medida em que a internet permite o compartilhamento de informações em um ambiente colaborativo e coletivo, além de oferecer maior vantagem na escolha das fontes que se deseja acessar.

Contudo, a Internet, apesar de ser a forma de busca de informação aludida pela maioria, foi também colocada como bastante fluida e perigosa, inspirando cautela ao utilizá-la. Esse cuidado se referiu tanto ao indivíduo não se limitar a ela enquanto fonte de busca, mas extrapolá-la, utilizando-a como ponto de partida para outros meios, como também na filtragem das informações. Sofia nota que: “a internet é território de ninguém, as informações estão lá...

É muito bom, é colaborativo, você pode ter autonomia de achar informação, mas nem sempre a informação vai ser boa, vai ser válida”.

A falta de leitura e seleção adequada das informações, por exemplo, é evocada por Conceição, quando retrata o fato de as pessoas não lerem as informações que compartilham em seus perfis nas redes sociais, por exemplo, ocasionando a viralização de notícias falaciosas e prejudicando a compreensão de outras pessoas devido ao ruído na comunicação.

Observamos, portanto, uma relação existente entre a conduta leitora e informativa dos entrevistados para com seus contextos pessoais e sociais, sobretudo na concepção de Courtright (2007), para quem existe uma interação dinâmica e complexa entre as pessoas e a informação destas com relação aos fatores políticos, tecnológicos e culturais de modo mútuo, em que os atores não são apenas formados pelo contexto, mas fazem parte dele também.

Nesse sentido, tanto as fontes de pesquisa citadas como a leitura engajada realizada pelos profissionais e interagentes das bibliotecas se relacionam com seus históricos de vida e suas posições políticas, que convergem sempre na busca de uma conscientização e empoderamento político para a condução de ações que melhorem a qualidade de vida social e educacional da sua comunidade.

O uso da leitura para a busca de informações de diversos teores e temas é feita tanto em busca da realização de uma satisfação fundamental na vida deles, que é a de ler, prática vista como um direito humano, que eles lutam para que seja de todos, como também em busca de um corpo de conhecimentos e habilidades para uma melhor condução e ativismo nas lutas sociais em busca dos seus direitos e de políticas públicas para o setor.

Percebemos que o repúdio a certos tipos de canais informativos advém de seus repertórios e de suas trajetórias sociais e políticas, que já atingiram um patamar de criticidade tal que lhes permite filtrar essas informações e usar fontes alternativas que respondam aos anseios de suas demandas e que promovam a discussão de uma maneira mais próxima daquilo que eles defendem. Ou seja, as fontes utilizadas não são usadas de modo ingênuo ou aleatório, mas de modo consciente e atuante.

Nota-se, desse modo, nas práticas informacionais dos entrevistados, o uso da competência informacional e leitora, que permite, por meio das habilidades adquiridas, a apropriação da informação. E isso reflete tanto a forma que se conduzem os espaços informacionais, nos quais atua a figura interferente do mediador, como na interação gerada pelos leitores, que se mesclam e se amalgamam nas trocas e compartilhamentos de informações.

Enfim, em meio a esse mundo tão repleto de informações, trazemos Augusto, que, além de mediador de leitura, é escritor e ilustrador de livros infantis, ao tratar do seu processo

criativo. Ele acredita que se informar representa apenas parte do processo formativo, pois a enxurrada de informações que recebemos hoje nos exige mais do que apenas passividade de busca e uso, mas a paciência e o dom da escuta e da criação. Cedemos-lhe a palavra:

Quando tenho um tempinho, eu prefiro inventar alguma coisa, criar alguma coisa, botar a informação para fora do que botar a informação para dentro. Acho que a gente tá num mundo atolado em informação, e às vezes é preciso silenciar um pouquinho.

De maneira sintética, montamos um quadro que resume os principais elementos que representam as práticas leitoras e informacionais dos sujeitos da pesquisa.

**Quadro 8** – Práticas leitoras e informacionais

	PRÁTICAS LEITORAS	PRÁTICAS INFORMACIONAIS
<b>Gestores (bibliotecas e Releitura)</b>	Contato com a leitura inicia na fase juvenil e adulta. Influência da oralidade. O gostar de ler surge com contato de bibliotecas públicas, escolares e com a biblioteca comunitária. Preferências por gêneros literários como romances, biografias, poesias. Uso restrito a outras unidades de informação, sendo o contato maior com a biblioteca comunitária.	
<b>Mediadores (mediadores de leitura e educadoras)</b>	Aquisição de livros é feita por meio do acesso à biblioteca comunitária, compra ou ganho. A leitura é tida como vital, fonte de saber, humanização e politização.	Maneiras de se informar vão desde livros, bases de dados, portais de notícias, redes sociais na Internet e colegas. Predominância do uso da leitura de fontes escritas impressas ou digitais. Amplo uso da Internet por meio de mecanismos de buscas e redes sociais e por meio destas, utilização de outras modalidades de leitura como imagens, sons e vídeos. Uso de canais informativos alternativos em função do caráter manipulador e tendencioso dos grandes veículos de comunicação, buscando dessa maneira fontes que respondam aos seus anseios tendo em vista seus contextos históricos e sociais de luta e engajamento político.
<b>Interagentes</b>	Contato com a leitura se inicia na infância. Presença maior do texto escrito. O gostar ou aprender a ler surge com o contato com a biblioteca comunitária. Preferências por gêneros literários em séries e publicações recém-lançadas ou best-sellers. Uso restrito a outras unidades de informação, sendo o contato maior com a biblioteca comunitária. Aquisição de livros é feita por meio do acesso à biblioteca comunitária. A leitura é tida como fonte de conhecimento, meio para aprimoramento da fala e da escrita, forma de viajar na imaginação, humanização, tranquilidade e construção de si mesmo.	

**Fonte:** Dados da pesquisa

## 7.2 A BIBLIOTECA COMO ARTESÃ: costurando as histórias de leitura

Considerando que foram as práticas leitoras e informacionais desses sujeitos que os impulsionaram a forjar os espaços de leitura, destacaremos nesta seção as práticas resultantes da criação de cada biblioteca e da conexão das bibliotecas (a Releitura) e suas parcerias, conforme Figura 49.

**Figura 49** – Esquema representativo dos desdobramentos das práticas leitoras e informacionais



**Fonte:** Elaboração própria (2017)

Essas gerações foram embaladas por múltiplos motivos e por perfis de pessoas diferentes, mas todos com o mesmo objetivo de transformar a vida das pessoas por meio da leitura. A biblioteca atuou, dessa forma, como uma artesã que coseu os encontros de cada pessoa que participou da formação da biblioteca, as quais encontraram novas pessoas e montaram a Releitura, e tudo isso por causa do fio comum existente entre eles, que é a leitura.

As quatro bibliotecas analisadas nesta pesquisa foram geradas por fruto tanto de iniciativas individuais como de iniciativas coletivas. Como no capítulo 6 caracterizamos cada espaço e apresentamos essas informações com mais detalhes. Para este momento, elencaremos aqui inicialmente os objetivos que norteiam a jornada de cada biblioteca conforme mencionados pelos sujeitos da pesquisa, por entendermos que esses objetivos guiam as diversas práticas leitoras e informacionais que serão descritas em seguida.

As bibliotecas projetam seus objetivos, de modo a permitir, por meio da leitura, o acesso dos sujeitos a infinitas vivências que garantam sua autonomia enquanto cidadãos e enquanto seres humanos. Dentre alguns objetivos da biblioteca mencionados pelos entrevistados, estão:

- Compreensão da leitura como um direito humano;
- Formação de leitores para avançar níveis de raciocínio crítico, ter poder de escolha;
- Oferecimento de mais literatura para a vida das pessoas;
- Trabalhar a autonomia da criança;
- Fazer com que os lares sejam leitores;

- Sensibilização para o hábito de ler de leitores, leitura literária, formação de uma sociedade leitora;
- Educação de crianças por meio de atividades artísticas, culturais e leitoras para que elas reconheçam seu papel na sociedade;
- Formar pessoas para que elas sejam protagonistas;
- Formação de leitores como algo importante para formação humana, para a transformação pessoal e social;
- Ser um instrumento de politização;
- Aproximar, quebrar a barreira entre o livro e a pessoa;
- Fornecer o livro como intermediador da formação cidadã, da valorização da criança e do adolescente.

Observamos, desse modo, que, para além da formação de leitores e do simples contato do sujeito com o livro, essas bibliotecas estão preocupadas também com formação humana e político-social dessas pessoas por meio do contato com a fabulação e com a informação em sua perspectiva crítica, revelando, portanto, o trabalho com a leitura como um Direito Humano, amplamente defendido por essas bibliotecas. Esses objetivos estarão diluídos também nos relatos que seguem. Categorizaremos agora algumas práticas realizadas por essas bibliotecas, de modo a caracterizar suas ações de práticas informacionais e leitoras.

### **7.2.1 Práticas de gestão e organização e incidência política**

Uma das preocupações que as bibliotecas sempre demonstraram ter e sempre se esforçaram para buscar novas alternativas para melhoria foi com relação à maneira de gerir seus espaços, seja enquanto bibliotecas individuais ou enquanto Releitura. No início, cada biblioteca tentava fazer os serviços da melhor da maneira possível, mas elas não tinham uma prática de gestão estruturada. Ao passo que elas foram adquirindo conhecimento da existência de outras bibliotecas comunitárias e foram se articulando, passaram a trocar informações sobre como cada uma atuava, chegando, assim, a se organizar em Rede e a manter muitos procedimentos em comum.

Essas práticas de gestão incluíam tanto o estudo de teóricos para pensar suas práticas como se começava a pensar em formas de capacitação da equipe para a melhoria da gestão pedagógica, financeira e estrutural do espaço. A ideia era criar vínculos entre elas para que houvesse interação e permuta de ações e conhecimento, e que elas pudessem ser revigoradas pedagógica e politicamente, já que a “dimensão política sempre foi o fator preponderante nas bibliotecas, [pois] elas surgem por uma incitação política no contexto de carência, carência de

acesso a livro, carência afetiva, carência de falta de reconhecimento, carência de visibilidade”, explica Leonardo.

O resultado dessa cumplicidade foi a formação pioneira de uma Releitura que influenciou a construção de outras, conforme esclarece Conceição. Influenciou inclusive o programa Prazer em Ler, que, ao repensar sua prática de apoio e tendo em vista a diminuição de recursos, decidiu como uma das alternativas, o financiamento de projetos coletivos ao invés de projetos individuais, sobretudo por entender que, por meio das redes, a força de negociação política aumenta, continuou a entrevistada. O financiamento de ações por meios dos chamados polos de leitura foi algo que trouxe mais sustentabilidade para as bibliotecas em diversos âmbitos.

A partir da articulação da Releitura, portanto, as bibliotecas deixaram de fazer apenas ações isoladas de cada biblioteca e passaram a realizar também práticas conjuntas de criação de eventos; classificação e automação de acervo; articulação para captação de recursos; gestão pedagógica e financeira; formação e capacitação da equipe e comunicação e incidência política na proposta, acompanhamento e controle das políticas públicas para o setor do livro, leitura e biblioteca. Além disso, começou-se a desenvolver uma dinâmica de ação baseada em Grupos de Trabalhos, na qual deixa de existir a figura do coordenador e a gestão passa a ser feita de forma compartilhada.

Basicamente as três entidades que mais se relacionam com a Releitura no que tange ao apoio pedagógico e/ou financeiro são o CCLF, o Instituto C&A e o CEEL, bem como são consideradas igualmente instituições parceiras. Por isso, estão entrelaçadas tanto com as práticas de gestão e incidência política como com as práticas de formação e capacitação da equipe.

A relação entre as bibliotecas e o CCLF é bem antiga, quando ainda não existia a Releitura de Bibliotecas. Na verdade, esta última surgiu a partir de uma proposta e de uma reflexão junto ao Centro, o qual possui uma filosofia institucional que prefere apoiar coletivos a instituições individuais, por acreditar que a força de luta aumenta.

O Centro de Cultura Luiz Freire é uma ONG que atua há quase cinco décadas na luta pelos direitos humanos e surgiu “a partir de um grupo que buscava a restauração da democracia, através de atividades culturais e projetos de desenvolvimento comunitário, durante o período autoritário da Ditadura Militar brasileira” (SOBRE [CCLF], 2016, *on-line*).

Sempre teve foco no fortalecimento de organizações populares e comunitárias, bem como na defesa e promoção dos direitos humanos, políticos, econômicos, sociais e culturais, tratando-se transversalmente as questões de gênero, raça, etnia, geração, orientação sexual e

das pessoas com deficiência. Além disso, prioriza a incorporação e participação de grupos excluídos, em especial povos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhas, assentados e organizações populares (SOBRE [CCLF], 2016, *on-line*).

De acordo com Conceição, o apoio dado pelo Centro às bibliotecas é bem amplo e se estende desde uma formação e participação política até uma formação no âmbito da educação, cultura e direitos humanos. No que se refere à incidência política, o Centro atua numa parceria com as bibliotecas comunitárias tanto no Conselho Nacional e Estadual de Políticas Culturais como no Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas Livro, Leitura e Literatura.

Sobre o Instituto C&A, algumas bibliotecas já recebiam apoio dessa instituição de forma individual pelo desenvolvimento de atividades culturais, até aproximadamente o ano de 2006, quando esta instituição tinha esse foco. Depois que o foco passou a ser o financiamento de projetos de leitura, por meio do Programa Prazer em Ler, e posteriormente a projetos coletivos de leitura, todas as bibliotecas conseguiram respaldo de tal instituição (PRAZER EM LER..., 2016).

O Programa, que tem como objetivo contribuir para a efetivação do direito à leitura por meio da formação de leitores e da formulação e aperfeiçoamento de políticas públicas, investiu recurso para o fortalecimento de quatro eixos gerais: espaço, acervo, mediação e gestão, sendo posteriormente complementados com mais três eixos: gestão compartilhada, comunicação e incidência política (PRAZER EM LER..., 2016).

As orientações pedagógicas e gerenciais, sobretudo no que se refere ao espaço, acervo, mediação e gestão, foram passos essenciais para a apuração dos serviços oferecidos nas bibliotecas comunitárias. Isto incluiu a requalificação dos espaços para torná-los mais convidativos e propícios à leitura, bem como para valorizar a autonomia do leitor; as revisões do acervo quanto à diversidade temática e de gêneros, seguidos de discussões sobre qualidade literária e aquisição de novos títulos; as noções de mediação de leitura no que se refere às possibilidades de realizá-la e a interação com os leitores, e, por fim, o planejamento e avaliação sistemática das ações coletivas, a exemplo da automação e classificação do acervo, gestão compartilhada, dentre outras práticas (PRAZER EM LER..., 2016).

Durante esses dez anos, cujo desenvolvimento ocorreu em ciclos trienais (estando atualmente no 4º ciclo), o Programa articulou e agenciou diversas ações de apoio às bibliotecas. Destacamos como algumas de suas marcas, além da formulação dos eixos:

- A estruturação de uma equipe de assessores e consultores (ligados ao Instituto), mediadores e gestores (ligados às bibliotecas) e posteriormente bibliotecários ligados

aos polos, que fornecem um potencial humano fundamental para o desenvolvimento das ações;

- O engajamento e intervenção no debate e articulação das políticas públicas do livro, leitura e biblioteca com foco no Plano Nacional e nos Planos Estaduais e Municipais de cada localidade;
- O incentivo à construção de projetos coletivos, como os polos e a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, visando a maior consistência nas ações de incidência política, comunicação e visibilidade, gestão e enraizamento comunitário.

No que se refere às políticas públicas, além da presença e intervenção nos debates para a formulação do PELL, a Releitura também é atuante no Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura, ambos já apresentados no Capítulo 4, buscando justamente a participação no debate, a formulação e o monitoramento dessas políticas tanto no âmbito nacional como nos estaduais e municipais (PRAZER EM LER..., 2016).

Para este ciclo que se inicia e segue até o ano de 2018, a proposta do Programa mantém o foco no fortalecimento dos parceiros para o avanço e mobilização de novas estratégias de sustentabilidade para que eles possam continuar o trabalho da forma mais autônoma e coletiva possível (PRAZER EM LER..., 2016).

Dessa maneira, o impacto dessas ações nas comunidades é evidente. Sem dúvida, a parceria com todas essas instituições trouxe para as bibliotecas um aperfeiçoamento na forma de gerência dos espaços perceptível no relato de todos os sujeitos. Ressaltamos que o respaldo das parcerias é indispensável para essas práticas. No entanto, o esforço e dedicação dos gestores e mediadores é que fazem a diferença na execução e nos resultados alcançados. Sem eles e sem o apoio da comunidade, isso não seria possível. A síntese das práticas de gestão, organização e incidência política, resultaram no Quadro 9.

**Quadro 9** - Práticas de gestão e organização e incidência política

<b>PRÁTICAS DE GESTÃO E ORGANIZAÇÃO E INCIDÊNCIA POLÍTICA</b>	
<b>Gestores (bibliotecas e Releitura)</b>	Criação da Releitura. Realização de práticas conjuntas e organização de procedimentos em comum. Criação de uma gestão compartilhada por meio do desenvolvimento de Grupos de Trabalhos. Parceria com CCLF para desenvolvimento político e educacional das bibliotecas. Parceria com Programa Prazer em Ler (Instituto C&A) que fornece apoio pedagógico, financeiro e incentivo à participação e formulação das políticas públicas para o setor do livro, leitura, literatura e biblioteca. Incidência por meio do FDBLLL/PE na elaboração e monitoramento das políticas públicas do Estado para causa do livro e biblioteca.
<b>Mediadores (mediadores de leitura e educadoras)</b>	Por se tratar de uma gestão compartilhada tanto os mediadores como os gestores participam das decisões e atuam de forma conjunta na articulação e execução das ações.
<b>Interagentes</b>	Os interagentes são o foco principal de todas as ações de gestão que as bibliotecas realizam, embora não participem diretamente, é em função de otimizar cada vez mais os serviços e os espaços e proporcionar um melhor ambiente para eles que os gestores e mediadores mobilizam esses esforços.

Fonte: Dados da pesquisa

### 7.2.2 Práticas de formação e capacitação da equipe

A busca e o desejo de capacitação surgem em meio a um contexto de atuação empírica em que as bibliotecas foram criadas, cuja iniciativa parte de pessoas não ligadas ao campo da Biblioteconomia, mas que tinham vínculos com o campo da Educação e viam no livro a possibilidade de mudança de vida da comunidade. Por isso, embora não tivessem o conhecimento teórico inicialmente, aos poucos elas o foram buscando como forma de aprimoramento da sua atuação prática. Nesse sentido, reflete Sofia:

Talvez a gente não tivesse todo o conhecimento teórico que precisasse, mas o conhecimento prático, ao menos eu via que se fazia no dia a dia mesmo. Em cima disso, a gente buscava o conhecimento teórico. Se a gente não tinha o conhecimento teórico, a gente ia atrás.

O CCLF foi uma das primeiras instituições a quem a Releitura procurou para obter orientações. Nesse momento, ele ainda apoiava as bibliotecas de forma individual na década de 1990. Conforme relata Conceição, a procura pelo Centro partiu das pessoas que criaram as bibliotecas comunitárias devido ao primeiro ser uma instituição de referência no que concerne ao engajamento com movimentos sociais e de periferia, sobretudo na luta pela educação, comunicação e cultura.

Ainda de acordo com Conceição, o Centro fornecia apoio técnico e pedagógico de capacitação sobre como montar espaços de leitura às escolas comunitárias, já que duas das bibliotecas surgiram no espaço de uma escola dessa natureza, além de ter projetos sobre desenvolvimento da educação infantil e qualificação de creches. O Centro oferecia e ainda oferece formação política tanto à Releitura quanto a outros grupos locais sobre a conjuntura político-social do país, bem como sobre formas de intervenção nas políticas públicas e legitimação da democracia. A intenção é, conforme revela Conceição:

[...] fazer com que essas informações cheguem nas comunidades e as bibliotecas comunitárias são muito importantes. Então, a gente precisa pensar juntos como é que a gente faz debate, como a gente faz discussão [...], a gente leva vídeos, a gente leva competências, circula competência nas comunidades para poder entender o que tá acontecendo.

Relata ainda Conceição que o CCLF também é consultor do Instituto C&A na produção de conhecimento a partir das experiências dos polos e da RNBC, no estímulo de reflexões no âmbito nacional sobre a mobilização de estratégias para incidir politicamente na esfera das políticas sobre livro, leitura e bibliotecas e na questão técnica da classificação do acervo, pois

o sistema de Classificação por Cores utilizado nas bibliotecas comunitárias foi desenvolvido pelo Centro.

O Programa Prazer em Ler, por sua vez, além das ações já destacadas, mostrou-se relevante também no investimento de formação continuada dos profissionais das bibliotecas por meio da formação dos assessores e, estes, por conseguinte, formam os gestores e mediadores e fazem o acompanhamento das ações. Dedicou atenção também à promoção de seminários, encontros regionais e nacionais, grupos de estudos, promovendo, assim, interação e trocas com gestores e mediadores de coletivos diferentes, bem como oportunizando a socialização das boas práticas que são frequentemente permutadas entre eles (PRAZER EM LER..., 2016). O reconhecimento sobre a capacitação em recursos humanos dada por esta instituição fica claro no relato de Conceição:

O Instituto foi uma das organizações que conheci que mais liberou investimento em pessoa, em ser humano. Em geral, todos os projetos sociais limitam X dinheiro para recursos humanos, entre 40% e 60%. O Instituto chegou ao momento de ir a quase 80% em recursos humanos, porque ele entendia que na Rede todos os outros recursos tinham sido mobilizados, então aquele dinheiro poderia ser investido em recursos humanos.

Da mesma maneira, a gestora Raquel reconhece que houve um progresso e dinamização das formações propostas pelo Instituto:

Porque ele também deu formações de acordo com a necessidade que ia se criando. No primeiro ano, o foco, se não me engano, foi acervo. Então, a gente teve contato com diversos escritores, com diversas pessoas que discutiam acervo, principalmente acervo infanto-juvenil. Então, acho que o Instituto C&A foi fundamental tanto na formação das pessoas que estavam envolvidas nesse projeto quanto o Centro de Cultura Luiz Freire, inicialmente com os cantinhos de leitura.

Em relação ao CEEL, a parceria teve início no ano de 2012, quando da proposta e articulação pelo ex-coordenador da Releitura. Inicialmente, o processo formativo se configurou como uma relação vertical do CEEL para a Releitura, na qual foi realizado um curso de formação para os mediadores de leitura, com foco nos fundamentos e estratégias de leitura literária e no apoio às bibliotecas em relação aos critérios de seleção, organização e disponibilização dos acervos (ROSA; DUBEUX, 2016).

Contudo, a partir desse ano, começou um processo intenso de troca e aprendizagem mútua entre ambas as partes. Como resultado, a parceria foi se solidificando, de modo que “cada vez mais a universidade passou a ir para as bibliotecas comunitárias e as bibliotecas comunitárias também passaram a estarem mais presentes na universidade, trazendo essa experiência de biblioteca”, relembra Adelaide. Ou seja, continua a entrevistada: “no lugar de a gente passar a ter aquela relação de formador, a relação passou a ser como já estava acontecendo, uma relação de parceria, de via dupla, de mão dupla”.

Posteriormente, surgiu a proposta de integrar as equipes das bibliotecas comunitárias em um processo de formação amplo que o CEEL estava desenvolvendo, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Conforme Adelaide, “a proposta foi a equipe de mediadores passarem a se integrar ao PNAIC e agora também como formadores”.

Tal experiência foi se desdobrando e abriu caminho para o desenvolvimento de outra parceria, dessa vez realizada com uma comunidade indígena do interior do estado de Pernambuco, o povo Xucuru. O chamado Intercâmbio Recife-Xucuru consistiu, de acordo com Adelaide, numa “troca de experiência entre as bibliotecas comunitárias e as escolas [indígenas], os professores Xucurus para que fossem descobertas as afinidades, as diferenças e que as experiências de lá e de cá pudessem promover reflexões nesses espaços”. Ela sintetiza alguns desses momentos no seguinte relato:

Pelo curso, a gente viu que eles [indígenas] ficaram fascinados por esse processo de ambientação, por esse processo de conquista da leitura. Da própria forma de atuação do mediador nas sessões de mediação. Então, eles vieram aqui a Recife e viram toda a experiência nas bibliotecas. Então, essas duas professoras [...] conheceram a maneira de catalogação e ficaram encantadas. Elas pegaram a ideia, o formato e adaptaram para o que elas chamaram a cultura local. Ao invés de usar cor, elas primeiro fizeram uma catalogação geral. Então, por exemplo, livro de poesia, botaram um símbolo, o Memby, que é a flauta. Pegaram o programa da classificação por cores e aí foram fazendo a adaptação com cada um dos objetos da cultura, justificaram o porquê daquelas escolhas e organizaram toda a biblioteca, isso num período de um mês. Quando a gente viu, impressionante! Como a biblioteca passou a ter outra configuração, outra funcionalidade.

Os gestores e mediadores de leitura que tiveram acesso a essas formações revelaram o quão importante elas foram para o desenvolvimento das ações da biblioteca e para o aprendizado delas: “achei que foi muito importante porque aprendi muita coisa justamente nestas formações, nestes encontros, nessas trocas. Não foi feito tudo jogado, foi tudo esquematizado. Muitas coisas deram certo, outras nem tanto” admitiu a mediadora Sofia.

Dessa forma, notamos que as formações foram sempre lembradas pelos entrevistados como oportunidades essenciais para a otimização do trabalho com a gestão e com a mediação, capacitando-os da melhor maneira para enfrentar os desafios cotidianos. Além disso, ressaltamos o perfil de liderança, humildade e articulação demonstrado pelas ações da Releitura, no que se refere à busca dessas parcerias e ao compromisso e empenho na luta pelos seus objetivos. Mais resultados de tal parceria serão relatados mais adiante, quando tratarmos das práticas de parceria entre a biblioteca e as escolas. No Quadro 10, consta uma síntese dos principais pontos apresentados nesta categoria.

**Quadro 10** - Práticas de formação e capacitação da equipe

<b>PRÁTICAS DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO DA EQUIPE</b>	
<b>Gestores (bibliotecas e Releitura)</b>	O agenciamento de parcerias para capacitar a equipe surge para aprimorar as habilidades que estes sujeitos já possuem e como forma de harmonizar a prática com a teoria. O CCLF inicialmente com capacitações sobre como montar espaços de leitura e qualificação de escolas comunitárias de educação infantil e posteriormente com oficinas de leitura, elaboração de projetos, formação política e social. O Programa Prazer em Ler oferece formação continuada aos profissionais das bibliotecas bem como promove encontros, seminários regionais e nacionais e grupos de estudos para interação, troca e criação de informações referente às bibliotecas comunitárias. O CEEL inicialmente ofereceu uma formação teórica envolvendo temas como formação de leitor e leitura literária, que ao se mesclar com a atuação prática das bibliotecas foi se fortalecendo e hoje ambos mantêm uma relação de troca e as equipes das bibliotecas também atuam como formadoras em projetos do CEEL. Ressalta-se o empenho e dedicação da Releitura tanto na articulação como na execução dessas ações.
<b>Mediadores (mediadores de leitura e educadoras)</b>	Essas capacitações, encontros e trocas possibilitam aos mediadores e a todos os envolvidos o aprimoramento de suas atividades e de sua atuação na biblioteca e na comunidade, bem como em outros espaços de atuação e se refletem em suas próprias vidas.
<b>Interagentes</b>	É a partir das demandas apresentadas pelos interagentes que os gestores e mediadores buscam formas de aperfeiçoamento das ações.

Fonte: Dados da pesquisa

### 7.2.3 Práticas de comunicação e divulgação das ações

Em todas as atividades e ações realizadas, a equipe da biblioteca sempre faz o possível para registrá-las e divulgá-las, desde a etapa do planejamento até o momento da execução. Por isso, outra prática informacional e leitora observada foi a produção e compartilhamento da informação realizada por meio dos dispositivos de divulgação das atividades, seja em cartazes, redes sociais ou oralmente.

A comunicação realizada pelas bibliotecas envolve tanto a divulgação do próprio espaço, das ações realizadas para dentro e fora da comunidade, quanto as estratégias de comunicação com os entes públicos e privados para dar visibilidade e sustentabilidade às suas ações.

Notamos que existem duas formas de comunicação: uma interna e outra externa. A interna se refere ao ato de informar a comunidade sobre as atividades que serão oferecidas. Já a externa visa a dar visibilidade às ações para o público que não convive nela.

Assim em relação aos meios de comunicação pelos quais elas publicizam suas demandas, notamos que existe uma apropriação das mídias impressas e orais bem como das mídias virtuais. O Blog, a o Facebook, o E-mail e o WhatsApp foram as redes sociais citadas pelos entrevistados para divulgação de suas ações na internet, conforme figuras 50 e 51.

**Figuras 50-51** – Uso de redes sociais para comunicação e divulgação das ações



**Fonte:** Fanpage Releitura-PE (<https://www.facebook.com/Releitura-PE>)  
Blog da Biblioteca do Coque (<http://bpcoque.com.br/>).

Para os meios impressos eles relataram utilizar panfletos, cartazes e folders e distribuir ou afixar em locais públicos de grande circulação na comunidade ou em instituições educacionais e comerciais.

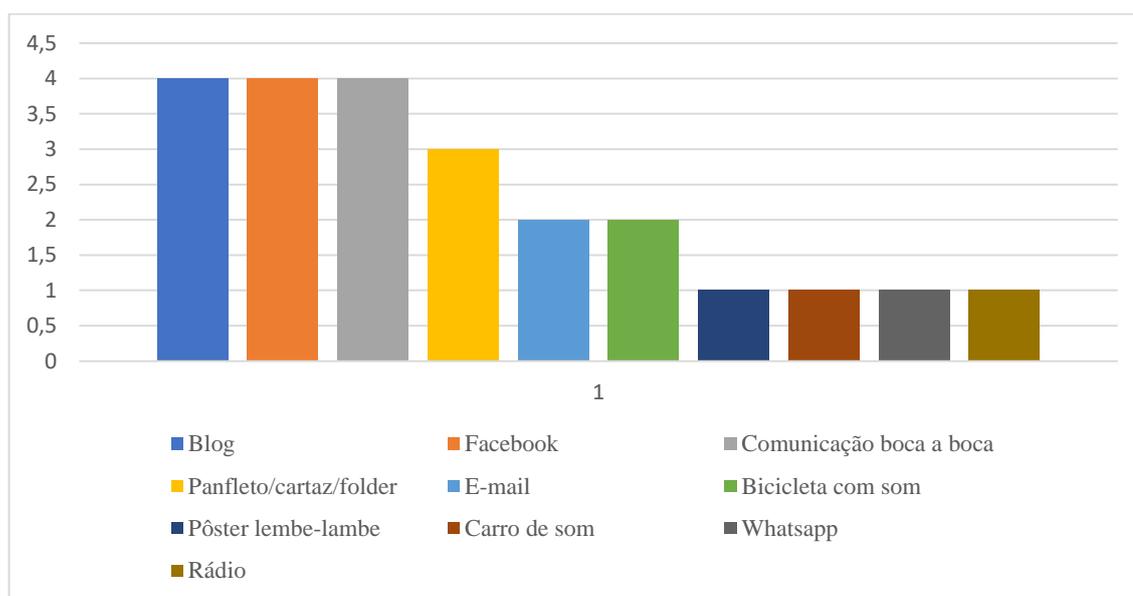
**Figura 52-53** – Uso de cartazes e panfletos para comunicação e divulgação das ações



**Fonte:** Blog da Biblioteca do Coque (<http://bpcoque.com.br/>).  
Blog do Movimento Cultural Boca do Lixo (<https://movimentobocalixo.wordpress.com/bmm/>).

Conforme o Gráfico 3, o rádio, carros e bicicletas com som também são usados na comunicação dessas atividades, por atingirem um grande número de pessoas, mais até do que as mídias impressas. Mas a forma mais indicada, e que segundo eles é a que dá mais resultado, é o chamado boca a boca, a comunicação oral que parte da biblioteca para os interagentes e depois deles para seus colegas, vizinhos e familiares.

**Gráfico 3-** Formas de comunicação e divulgação das ações realizadas nas bibliotecas.



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Quanto aos locais de divulgação das atividades, as bibliotecas costumam propagá-las em escolas, postos de saúde, paradas de ônibus, estabelecimentos comerciais entre outros. Dessa forma eles pretendem atingir aos diversos públicos e ampliar o raio de abrangência de divulgação da unidade.

Das quatro bibliotecas, a BPC e a BMN possuem blogs que são alimentados frequentemente, no caso da primeira desde 2007, e da segunda desde 2009. A BCEPOMA possui um blog, mas ele está sem atualizações, e a BAL possuía um site, mas atualmente está inativo. A Releitura também possui um blog mantido desde 2007 com atualizações constantes. Quanto a páginas na rede social Facebook, todas as bibliotecas possuem Fanpages. No entanto, algumas são mais atualizadas que outras.

O fato de as bibliotecas se utilizarem de meios virtuais para a divulgação de suas atividades e a comunicação com seu público se configura como uma forma a mais de interação e compartilhamento de informações com ele, de modo a facilitar o acesso às suas opiniões e

sensações. Além disso, refletem de forma mais direta as práticas informacionais dessas bibliotecas quando elas registram e produzem informações sobre suas ações.

Contudo, foram apresentadas algumas dificuldades encontradas na comunicação, como a falta de recurso para fazer peças gráficas ou para a alocação de pessoal para fazer a divulgação das ações. Notou-se especialmente na comunicação externa, sobretudo nas redes sociais de algumas bibliotecas, a não atualização de informações, o que dificulta muito a visibilidade das ações para pessoas não ligadas às comunidades que possuem interesse em conhecer ou acompanhar essas ações. O gestor Felipe reconhece a importância dessa atualização de informações, quando afirma que:

Nosso blog é uma das coisas que eu dou muita prioridade porque é a nossa voz no mundo inteiro. Então, como nós temos esse projeto internacional de intercâmbio [...], a gente entende que o nosso blog é a porta para divulgar nosso trabalho, ele sempre tá atualizado o máximo possível que a gente consegue atualizar.

A falta de um plano de comunicação organizado ou de alimentação de informações nessas redes sociais na Internet impede inclusive a articulação de parcerias e a sustentabilidade das ações. Isto fica claro na fala de Estela, ao defender que:

A divulgação é essencial até para a visibilidade, para depois a gente conseguir parceiro, até para as atividades. Para fazer as atividades, muitos poetas, muita gente que vem aqui faz de graça, sem cobrar, contador de história, poeta que vem aqui numa parceria e faz a atividade para a gente porque acompanha, e aí a coisa da comunicação é muito legal para isso também, porque a pessoa acompanha, vê que tem um trabalho sendo feito, e aí se sente mais à vontade de tá contribuindo.

Esse aspecto também é notado pelo Programa Prazer em Ler quando reconhece que os polos precisam avançar nesse sentido, pois, embora todas as bibliotecas já possuam peças gráficas e meios de divulgação, essas estratégias são pontuais e de pouca repercussão, atuando, portanto, de forma incipiente na projeção local, municipal e estadual de cada biblioteca (PRAZER EM LER..., 2016).

As estratégias e ações de comunicação e divulgação das atividades das bibliotecas e da Releitura demonstram que, além de produção e criação de informações, essas bibliotecas também registram e divulgam esses dados, seja de maneira escrita, em blogs ou cartazes, ou de forma oral. Existe um ciclo informacional no qual essas pessoas se apropriam da informação, produzem suas informações e, por sua vez, as registram e disseminam para que novamente elas sejam reapropriadas por outros sujeitos e por eles mesmos.

Além disso, observa-se o quanto a divulgação dessas informações é relevante para a mobilização de outros sujeitos em prol da articulação de pessoas e de recursos. As campanhas de doação de acervo, as campanhas de voluntariado nas bibliotecas, são exemplos disso, porquanto facilitam e ampliam o acesso de mais pessoas na interação com esses espaços e na adesão à causa.

A comunicação, desse modo, além de ser uma prática que mantém as ações registradas, é uma forma de prestação de contas à sociedade das ações que se realizam nesses espaços. Constituem-se ações informacionais inseparáveis do contexto social, histórico, cultural e político no qual estas práticas estão inseridas, configurando-se como um movimento mediador de recepção, apropriação e reapropriação da informação. A síntese desta categoria é apresentada no Quadro 11.

**Quadro 11** - Práticas de comunicação e divulgação das ações

<b>PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS AÇÕES</b>	
<b>Gestores (bibliotecas e Releitura)</b>	A comunicação ocorre de forma interna (comunidade) e externa (público fora da comunidade). Formas de divulgação impressa (oral, audiovisual e imagética) e em redes sociais na internet, se destacando os seguintes meios: blog, Facebook, comunicação oral e cartazes. A comunicação em algumas unidades de mostrou deficiente, seja por falta de recursos ou seja pela ausência de pessoal para realizar essas ações. As estratégias e ações de comunicação e divulgação das atividades demonstram que além da criação de informações as bibliotecas se preocupam em registrar e divulgar seus feitos revelando um ciclo de apropriação, registro e disseminação de informações.
<b>Mediadores (mediadores de leitura e educadoras)</b>	
<b>Interagentes</b>	Os interagentes se apresentam tanto como receptores como divulgadores de informações, quando também informam e compartilham com seus colegas e familiares sobre as atividades ocorridas ou que irão ocorrer nas bibliotecas seja de modo presencial ou virtual por meio das redes sociais na internet.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

#### 7.2.4 Práticas de mediação de leitura e ações culturais

Outra prática de leitura e informação entendida para nós como o momento em que as bibliotecas fazem uso da mediação e apropriação da informação e leitura são as atividades e serviços oferecidos por elas, que serão vistos tanto do ponto de vista da equipe como da interação pelos interagentes.

Antes de adentrar nas atividades realizadas pelas bibliotecas, gostaríamos de sublinhar a prática de planejamento e avaliação dos serviços realizados por elas como um reflexo das práticas de gestão e de interação com a informação e da leitura. Ao explicarem como fazem para idealizar, executar e avaliar suas ações, percebemos que os gestores e mediadores sempre buscam destacar, de um lado, o caráter de discussão, diálogo e colaboração da equipe da biblioteca na elaboração dessas ações, e, de outro, sempre buscam privilegiar as demandas apresentadas pela comunidade.

Os calendários e as programações de cada biblioteca são diversos e dinâmicos. Por isso, cada uma possui um tempo de planejamento diferenciado, podendo ocorrer diariamente, semanalmente, mensalmente, semestralmente e anualmente. Dentro de cada planejamento de atividade, os entrevistados apontaram fazer discussões acerca do estudo do autor e do tema a ser trabalhado, da metodologia para execução da atividade e, posteriormente, da forma de avaliação. Além disso, põem em relevo o aspecto coletivo e dialógico de elaboração dessas ações nas reuniões, estudos e discussões dos momentos de planejamento. Miguel ilustra um pouco parte desse processo:

A gente marcava depois momentos específicos de planejamento para desenvolver uma metodologia de planejamento de execução dessa atividade. E aí a gente via o que precisaria de recursos materiais, financeiros e se delegava quem seriam os responsáveis e a gente fazia esse planejamento. O planejamento geralmente entrava dentro do planejamento semestral da biblioteca junto com outras atividades, a gente sempre construía agendas de trabalho para seis meses e no final tinha a avaliação: o que fez, como foi feito, o que não foi feito, o que deixou de ser feito.

Além dos aspectos já citados pelo entrevistado, o planejamento das mediações de leitura também envolve a preparação do espaço, escolha do acervo e promoção da interatividade dos leitores com os outros leitores visando tornar o momento mais adequado possível ao público a que se destina a ação (PRAZER EM LER..., 206). Nota-se que esses planejamentos e avaliações sistemáticas das atividades de leitura estão atrelados ao processo mais amplo de gestão das bibliotecas, advindos das práticas de formação e capacitação antes mencionadas.

Já na etapa de execução das atividades, destacamos outro fator que é trabalhado nessas bibliotecas: os meandros entre o brincar e o ler. Os mediadores e gestores possuem a concepção de que tanto a leitura como a brincadeira são peças fundamentais no desenvolvimento da criança, e por isso apresentam a biblioteca como um local para ler e se divertir, respeitando os momentos de cada um e de cada atividade. Citaremos o gestor Sérgio:

Aí tem uns que realmente vêm com essa energia de querer só recrear, alguns realmente não estão a fim mesmo de ler, então a gente não força. Nós temos alguns jogos aqui, nós temos dama, temos o xadrez, temos o uno, então quando eles não estão mesmo a fim de ler no momento, aí eles vão fazer esse tipo de brincadeira.

Em duas outras bibliotecas, os depoimentos relatam que a brincadeira é usada tanto na sua função primordial, isto é, uma forma de ludicidade e interação, como no processo de atração e estímulo à leitura. Ouçamos alguns relatos:

Então a gente via que algumas atividades que precisavam ser feitas eram justamente atividades mais lúdicas, e a partir desse momento que a gente poderia puxar para o lado da leitura. [...] Inicialmente, a gente pensava que ia atrapalhar o desenvolvimento da biblioteca, mas, na verdade, foi o contrário, porque eles se aproximaram da biblioteca através disso (Sofia, mediadora).

É dessa forma que eu tento conquistar os meninos para virem para cá. - "Eu não gosto de ler não, tia". - "Gosta de fazer o quê?" - "Eu gosto de tocar, gosto de dançar". - "Então vem". Todos participam da aula de dança, tocam. Futuramente, ele estará na biblioteca. Se for jogar um livro logo, eles se envergonham, se intimidam. Eu não faço isso. Eu faço brincadeira, faço dinâmica na sala. A gente faz dinâmica com as palavras. E assim vai desenrolando (Marcela, mediadora).

**Figuras 54-57** – Atividades envolvendo brincadeiras.



**Fonte:** Fanpage da Biblioteca Multicultural do Nascedouro.  
<[www.facebook.com/pg/BibliotecaMNascedouro/photos/](http://www.facebook.com/pg/BibliotecaMNascedouro/photos/)>.

**Fonte:** Fanpage da Biblioteca do Coque.  
<[www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos/](http://www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos/)>.

Por isso, as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas atuam sempre nessa mediação entre a comunidade e a biblioteca, a criança e a leitura, em busca de estratégias de aproximação seja com o público-alvo, com os familiares desse público ou com as escolas ou instituições locais. A seguir, destacamos algumas atividades oferecidas por essas bibliotecas e alguns elementos que marcam sua preocupação com o envolvimento da comunidade.

A **Mediação de leitura** é a atividade mais desenvolvida em todas as bibliotecas, porque envolve diversos tipos de ações que têm como fim a interação e o contato entre a obra e o leitor. Acontece mediante o diálogo que promove a partir da exposição e discussão de ideias, múltiplas visões sobre o que está sendo expresso, lido (FERNANDEZ; DOURADO, [no prelo]). Também é considerada pela Releitura uma ação capaz de promover o gosto pela leitura e pela cultura letrada nas comunidades onde as Bibliotecas comunitárias estão inseridas.

Inclui diversas atividades, como rodas de leitura, recitais, bate-papo com autor, visitas a espaços culturais, contação de histórias, entre outras atividades. Sublinhamos a seguir algumas atividades de mediação de leitura que mais se destacam nas bibliotecas comunitárias pelo seu caráter criativo e semântico.

**Figuras 58-59** – Práticas de mediação de leitura.



**Fonte:** Fanpage Biblioteca Amigos da Leitura.

<[www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/](http://www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/)>.

**Fonte:** Fanpage da Biblioteca do Coque.

<[www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos](http://www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos)>.

A ação **Vida e obra do autor** ou **bate-papo com o autor** são atividades cujo objetivo é fazer uma aproximação do público com o acervo e com biografia de determinado escritor literário escolhido, por meio de mediações de leituras, como contação de histórias, rodas de leitura, leitura do livro. Pretende-se com ela apresentar e discutir a obra de um autor e sua biografia com mais profundidade, e, caso haja a oportunidade, trazer inclusive o autor para dialogar com o público da biblioteca.

**Figuras 60-61** – Encontro com escritores nas bibliotecas.



**Fonte:** Fanpage da Biblioteca do Coque.

<[www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos](http://www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/photos)>.

**Fonte:** Perfil Biblioteca Multicultural do Nascedouro.

<<https://www.facebook.com/profile.php?id=100013483747879&fref=ts>>.

As famosas **Rodas de leitura** são leituras circulares frequentemente desenvolvidas em grande parte das bibliotecas, que permitem a criação de vínculos entre o educador e os interagentes, além de possibilitar que eles conheçam diversos gêneros literários. Tal leitura compartilhada é apreciada pelo público porque é feita a partir da escolha de livros feita mediante suas preferências literárias. Mas ela não é obrigatória, como explica Raquel:

Porque se a pessoa não sentir vontade de ler, ela vai passar o livro para outra pessoa, aí a gente tem meninos que não são alfabetizados, aí a gente tem a proposta que ler é muito mais do que ler só palavras, é uma coisa que a gente diz sempre a eles. Você pode até não tá lendo a palavra hoje, mas você pode ler as pessoas, você pode ler o tempo, você pode ler a ilustração, tem várias formas de leitura. E aí a gente fica conversando, sempre salientando que a leitura da palavra é importante para que você compreenda e faça sua inserção dentro do mundo, você precisa tá apropriado da cultura letrada, é uma coisa que a gente sempre “bate nessa tecla”.

**Figuras 62-65** – Rodas de leituras.



**Fonte:** Fanpage Releitura-PE.

(<https://www.facebook.com/Releitura-PE-382633838492107/photos/>).

O **Correio poético e Parada literária** são duas atividades criativas que buscam atrair a comunidade para a biblioteca, sendo a primeira feita nas casas das pessoas, em que a equipe da biblioteca sai às ruas entregando “cartas literárias”, e a segunda ocorre nos pontos de ônibus, com a exposição de livros e a leitura de poesia, ambas convidando o público para conhecer a biblioteca.

A **Mala de leitura** é uma atividade bastante receptiva pelo público, que normalmente é emprestada ao intergente para ele levar para casa e ler junto com seus familiares por um prazo determinado. Contudo, em uma das bibliotecas, ela possui uma configuração de empréstimo diferente, sendo este feito a uma escola ou instituição parceira. Nesse caso, a montagem da mala é feita a partir da escolha de cada aluno e o educador se responsabiliza pela mala e por realizar as mediações de leitura na sala de aula. Conforme declara Sérgio:

Quando a mala volta para cá, a gente faz novamente essa roda e essa leitura, essa memória da leitura é compartilhada. E aí a gente vai colocando: “Qual foi o livro que você mais gostou e por quê?” e eles recontam essa história. Então, é uma forma deles estarem se apropriando, lendo.

Por fim, a **Poesia na Esquina**, que é uma ação que também vai às ruas, nesse caso, nas esquinas das ruas, e os mediadores montam um espaço leitor itinerante e abordam as pessoas com a leitura de poemas e com o convite para a biblioteca. A atividade atrai muitos visitantes que ainda não conhecem a biblioteca e proporciona um momento de deleite literário aos transeuntes, em meio aos afazeres do cotidiano.

Além dessas, existem as práticas ligadas à **ação cultural**. A própria mediação de leitura em si já é uma prática de ação cultural, pois, conforme o conceito de ação cultural de Flusser (1983), ela vai além da disponibilização de livros, torna-o vivo por meio do uso e da apropriação por um leitor. Observamos que o livro, assim como Flusser (1983) indica, é o ponto de partida para a ação cultural. Nas bibliotecas, isso é bem representativo, quando as atividades têm o livro como carro-chefe para começar uma oficina com as mães, por exemplo, ou para introduzir um evento. Tudo é mediado e marcado pela poesia e pela história.

Outras atividades realizadas nas bibliotecas que promovem o encontro com a cultura acontecem por meio de uma multiplicidade de suportes ou expressões, seja através da palavra escrita ou oral, como lendas, contos, parlendas, músicas ou por meio da imagem, do teatro, da dança, da percussão, do cinema, bem como a expressão em si, como outras expressões como a capoeira, o maracatu, o bumba-meu-boi.

**Figuras 66-67** – Práticas de mediação cultural.



**Fonte:** Fanpage Releitura-PE.

(<https://www.facebook.com/Releitura-PE-382633838492107/photos/>).

Identificamos também *práticas de escrita* nas quais se oferecem oficinas de poesia ou propõem-se releituras de obras para que o grupo crie e recrie textos e ilustrações a partir daqueles autores, obra ou tema. Em uma das bibliotecas, essa prática gerou a produção de um livro lançado em 2016, e em outra, este livro ainda está em processo de desenvolvimento. A primeira também dedica um espaço na biblioteca que reúne obras ligadas à produção de autores e interagentes do bairro.

Há outra biblioteca que, de maneira semelhante, possui atividades voltadas para esse fim, com a produção de poesias interagentes retratando a vida deles e da comunidade, bem como vídeos e documentários. Essas dimensões apresentam o interagente como produtor de informações que, mediante o uso da biblioteca e da leitura, começam a ser atores do processo informacional.

Dessa forma, as bibliotecas atuam como dispositivos de ação que promovem - por meio da valorização da cultura e da arte - vivência das memórias, a releitura de textos, a criação de imagens, entre outras possibilidades, de modo a proporcionar um empoderamento simbólico desses artefatos, contribuindo, assim, para a emancipação de tais espaços e de tais sujeitos.

**Figuras 68-71** – Outras práticas culturais realizadas nas bibliotecas.



**Fonte:** Fanpage Releitura-PE.

(<https://www.facebook.com/Releitura-PE-382633838492107/photos/>).

Outrossim, não podemos nos esquecer da importância do mediador de leitura. Essa função que é constantemente fortalecida por meio das formações e capacitações possui como ocupadores desse ofício sujeitos apaixonados pela leitura e pela arte que buscam difundir essa paixão a seus interagentes. Sublinhamos também o perfil de referência figurado por essas pessoas para os que interagem com essas bibliotecas.

Para Almeida Júnior e Bortolin (2008, p. 8), o mediador de leitura passa, dessa forma, “a ser entendido em uma outra esfera, em um outro estrato profissional, o daqueles que fazem história, são sujeitos na sociedade e participam efetivamente da construção do destino da humanidade”. O mediador Vicente conta-nos alguns aspectos sobre isto:

E a biblioteca me trouxe isso. Apesar de ler muito, eu preciso ler mais. Alguém que tá dentro da biblioteca não pode não deixar de ler. Tem que estar sempre lendo. Porque acho que a leitura tem que vir de exemplo, não só exemplo de casa, mas como exemplo dentro das escolas, dentro da biblioteca. Eu conheço muitos professores que não leem. Aí como esse professor quer incentivar? Ainda professores de português e literatura que não leem. Tem muitos, muitos. Eu não vejo desse jeito. Por isso que eu leio. Tô sempre me atualizando. Sempre que chega um livro novo, pego aqui e leio.

Enfim, essas atividades, bem como outras de cunho cultural, são de fundamental importância, pois, quando a biblioteca “organiza atividades culturais e veicula para a população quando serão elas realizadas, está ela permitindo e possibilitando a relação dos usuários, ainda que de maneira transitória, com a informação” (ALMEIDA JÚNIOR, 2004).

Além disso, identifica-se nessas ações um trabalho voltado tanto para o desenvolvimento de habilidades leitoras como de valores. Ao considerar os diversos tipos de leitura, por exemplo, a biblioteca se torna inclusiva e faz com que tanto os alunos alfabetizados como os não alfabetizados sejam leitores.

O trabalho com a mala de leitura, que traz em si um ato de disseminação da leitura no ambiente familiar é um exercício de empatia, a partir do momento em que as crianças escolhem os livros para seus parentes e se preocupam com as preferências leitoras de cada um. Ou quando a biblioteca não subestima a capacidade de discernimento dos seus frequentadores, mesmo que eles sejam crianças e jovens, e trabalha temas políticos e sociais, potencializando sua autonomia e apresentando a leitura como forma de acesso a outros direitos. Como salienta a gestora Dalva:

Essa leitura vem junto de todos os princípios educativos do projeto político-pedagógico do [nome da Biblioteca], que é a coisa da convivência

democrática, do respeito ao outro, da realimentação dos brincantes, da cultura popular, dos valores do ser humano, da sua identidade cultural, tudo isso são os princípios educativos que a gente trabalha junto desse projeto.

Destarte, temos que o trabalho desenvolvido nessas bibliotecas está pautado numa linha de pensamento que tem como função primordial o desenvolvimento de habilidades de leitura e criação, a partir de uma proposta integradora e de um ambiente receptivo e adaptado ao uso de qualquer tipo de público. Todo o cuidado, planejamento, estudo e oferecimento de ações empreendidas pelos gestores e mediadores são feitos com o fim de inclusão, de aproximação do leitor com a obra, de modo a propiciar vivências diversas e superação de desafios. A intenção é oferecer um ambiente agradável de leitura, de lazer ou de refúgio, já que muitas vezes a biblioteca é o único equipamento cultural existente na comunidade. O Quadro 12 sintetiza algumas considerações sobre essas práticas.

**Quadro 12** - Práticas de mediação de leitura e ações culturais

<b>PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA E AÇÕES CULTURAIS</b>	
<b>Gestores (bibliotecas e Releitura)</b>	As atividades de mediação de leitura e ações culturais se revelam por meio de diversas manifestações como práticas de mediação e apropriação da leitura e da informação. Envolve todo um processo de planejamento e organização para a criação das atividades. Incluem ações com leitura, escrita, cultura, arte e brincadeira. Promovem o desenvolvimento de habilidades leitoras e escritas, bem como proporcionam o fomento de valores.
<b>Mediadores (mediadores de leitura e educadoras)</b>	O mediador de leitura é o principal condutor dessas ações que procura desenvolver atividades adequadas para cada tipo de público e busca potencializar a inventividade de cada interagente. Também é visto como uma pessoa de referência por estes últimos.
<b>Interagentes</b>	Usufruem de forma interativa e avaliativa das ações de mediação de leitura e atividades culturais.

**Fonte:** Dados da pesquisa

### 7.2.5 Práticas de articulação com entidades locais

Optamos para esta categoria, considerar como entidades locais instituições de ensino ou organizações de base comunitárias com as quais as bibliotecas se relacionam. Contudo, as bibliotecas interagem com diversos tipos de instituições governamentais, não governamentais e comerciais dos bairros. A intenção foi pôr em relevo as atividades mútuas realizadas entre as bibliotecas e essas instituições de formação, por serem ações de troca destacadas por eles como fundamentais para ambas as atuações.

A interação das bibliotecas com as escolas é uma prática que ocorre como uma forma de fortalecer os laços de relacionamento com as crianças e estudantes da comunidade, seja para dar ou para ampliar o acesso à leitura, pois em muitas dessas escolas as bibliotecas não funcionam da forma como deveriam. Esta ação conjunta das bibliotecas com as escolas vem

sendo calcificada por outra parceria, realizada entre a Releitura e o CEEL, que, por meio de formações e ações, vêm propiciando uma rotina de atividades de leitura para tal grupo.

A parceria da Releitura com CEEL, que teve início em 2012, vem sendo cada vez mais articulada com ações e projetos novos a cada ano. Nos anos de 2015 e 2016, uma das ações que podemos destacar foi o trabalho realizado em escolas públicas próximas das bibliotecas comunitárias, com sequências didáticas voltadas para a leitura de diferentes gêneros literários nas salas de aula em turmas de primeiro a terceiro ano. Serão analisadas aqui a experiência de duas bibliotecas que fizeram parte direta e indiretamente de projetos com o CEEL.

Para a escola parceira da BCEPOMA, o projeto foi composto por momentos de formação da equipe docente da escola junto à equipe da biblioteca comunitária, para que as ações ocorressem tanto na sala de aula como na biblioteca. O projeto incluiu também a discussão sobre qualidade dos espaços de leitura existentes nas escolas e as possibilidades de requalificação. Nesta escola, por exemplo, os alunos elaboraram a seguinte carta intitulada “Carta da Brigada da Biblioteca para a direção”, em 21 de dezembro de 2015:

Grande diretora!

Somos os alunos do 4º ano B e formamos a Brigada Abrindo Caminhos, que tem como missão a organização da nossa biblioteca escolar. Para realizar nossa missão, a primeira tarefa é pedir a sua permissão para realizar o nosso objetivo. Portanto, estamos pedindo a autorização e sua ajuda para a gente organizar a biblioteca. Nossa biblioteca está cheia de muitas coisas – lotada, desorganizada, com estantes quebradas, etc. Nós queremos mudar isso. Quando a gente ajuda um ao outro, juntos, a gente consegue mais. Nós agradecemos tudo que a senhora faz pela gente e agora queremos ajudar também. Queremos que a nossa biblioteca seja um lugar mais limpo, organizado e bonito para gente se sentir bem à vontade, como se fosse a nossa casa. Um lugar que todas as turmas, todos os alunos da escola, possam visitar e gostar. Nós pedimos que a senhora tente arranjar uma pessoa para ficar o tempo todo lá, novas estantes, livros novos, um tapete bonito para gente deitar de rir quando o livro for engraçado. Um espaço organizado que dê para receber uma pessoa de cadeiras de rodas, um lugar mais aconchegante. Para isso nós pensamos em renovar o que dá para renovar, doar livros velhos e estragados, colocar todos os outros em ordem alfabética, etc. Queremos que esse sonho aconteça para gente ter uma biblioteca nova de presente para a escola. Uma biblioteca escolar para ler, fazer teatro e cinema, brincar, pesquisar e estudar para ter um futuro melhor. Nós todos vamos ficar muito felizes e agradecer muito. Feliz Natal e Feliz Ano Novo com todo nosso amor e carinho, Brigada Abrindo Caminhos, alunos do 4º ano B (CARTA...2015, *on-line*).

Nesta escola, o projeto se refletiu em diversas ações, como mediação de leitura pelas educadoras na escola e pelas mediadoras na biblioteca comunitária; ações para o desenvolvimento do estímulo à leitura; troca e recomendação de livros entre os alunos;

circulação da mala de leitura entre as casas dos estudantes; oficinas oferecidas pela biblioteca aos alunos da escola, bem como a já citada reativação da biblioteca escolar.

**Figura 72-73** – Estudantes desenvolvendo práticas de leitura.



**Fonte:** <<http://aguapraquepraviver.blogspot.com.br>>.

Como muitos alunos da escola também participavam das atividades do CEPOMA no contraturno, a troca de leituras se tornava mais intensa, de modo que os alunos levavam livros da BCEPOMA para ler na sala de aula. Dessa forma, o despertar para o buscar, para o ler, para o “procurar saber lendo” foi um dos sinais demonstrados pelos alunos, conforme declara a professora Ana Clara:

Eu percebi de mudanças o interesse pela leitura, a gente realmente percebe [...] a gente trabalhou muito com ervas medicinais, tivemos uma oficina com ervas medicinais e eu disse: “Olhem, descubram em casa qual é uma erva que a mãe de vocês usa constantemente e façam uma pesquisa, para saber para que ela serve, se ela faz algum mal, porque não tem só o lado bom, mas tem o lado ruim também”. [Nome da estudante] no outro dia chegou com várias folhas sobre Boldo: - “Minha mãe usa muito o Boldo e eu fui saber o que era e eu procurei saber”. Pois ela fez uma pesquisa, registrou à mão, não foi impresso, fez o desenho do Boldo e disse para que servia, para o que não servia e o que podia fazer mal. Quer dizer, para mim isso é um grande salto, pois não precisei dizer “olha, você vai fazer esse trabalho para nota e se você não fizer, você vai tirar zero”. Não, busque! E eles estão partindo para isso. Então, eu percebi que houve esse **interesse de descobrir lendo**, eu digo alguma coisa na aula mesmo e peço para eles procurarem saber para que serve, aí no outro dia: - “Professora, eu procurei saber, olha é isso, isso e isso”. Aí eu digo: “muito bem!” E eles perguntam: “vou ganhar o quê?”. Eu digo: “nada, você ganhou conhecimento, tá ruim?” (risos).

A escola também tem um blog e os alunos ajudam tanto na escrita como na interação com os posts. Além disso, esses alunos, que são as turmas de 1º e 4º ano, também são compartilhadores de informações e textos pelo aplicativo de troca de mensagens WhatsApp.

**Figuras 74-75** – Estudantes participando de atividades de leitura na biblioteca BCEPOMA e na escola.



**Fonte:** (<http://aguapraquepraviver.blogspot.com.br>).

Notamos, nessa passagem, que a busca de informações estimulada pelo trabalho com a leitura indica a formação do desenvolvimento da competência leitora desses alunos como atores que localizam, pesquisam, apropriam-se e disseminam informações já nesta fase inicial do período escolar. Por meio das atividades de mediação de leitura literária e das práticas semanais de leitura, esses estudantes foram adquirindo o gosto por ler e por se informar. Nesse sentido, a educadora relembra um episódio curioso, fruto dessa parceria:

Teve um dia que a gente teve um problema, eu não lembro o que foi... E eu tive que sair para resolver esse problema e eu não tinha com quem deixar a turma, aí ele [Nome do estudante] disse: “Professora, eu tenho um livro na bolsa. A senhora deixa eu contar para a turma?”. Ele sentou naquele canto, leu e os meninos todos ficaram ouvindo... Pois é, graças a Deus eles já entraram nesse clima de ler e de que ler é legal.

Na BMN, por sua vez, a relação se deu com uma escola e duas ONGs de base comunitária que desenvolvem trabalhos com crianças e já possuem um relacionamento contínuo com a biblioteca. A proposta foi um projeto que buscou trabalhar semanalmente em forma de leitura compartilhada de obras de três autores pernambucanos, na qual os encontros ocorriam tanto nas instituições como na biblioteca.

As mediações abordaram os vários gêneros literários presentes nas obras dos autores e tiveram como ponto crucial o desenvolvimento de uma releitura sob o olhar das crianças.

Portanto, além da leitura de livros, os participantes assistiram a filmes, conheceram a biografia dos autores e escreveram, desenharam e reinventaram histórias e poemas, convergindo, ao final, na elaboração de um livro em três volumes contendo as produções das crianças.

**Figuras 76-77** – Produção dos estudantes de escola parceira da BMN.



**Fonte:** Blog do Movimento Cultural Boca do Lixo (<https://movimentobocalixo.wordpress.com/bmn/>).

Para a professora da escola participante, Lúcia, a ação valeu muito a pena, sobretudo por ter despertado nas crianças o gosto pela leitura. Embora ela tenha notado que o interesse não foi de todos, a maioria das crianças se sentiu tocada pela leitura que, de uma maneira ou de outra, acabou contagiando a todos. Outro fato observado pela educadora neste grupo de crianças, que possui entre 11 a 13 anos, foi a troca de livros, os comentários sobre eles e a recomendação das leituras feitas. Assim, a educadora ressalta:

Esse desejo por essa leitura de deleite, então isso foi muito interessante, a movimentação na biblioteca vindo pegar livros emprestados para ler, a movimentação que a gente gerou lá na [BMN], eles largando daqui e passando por lá para pegar livro para ler no final de semana. Então assim, entre todas as outras coisas, claro que ter escrito o livro, que ter desenhado, que ter feito a releitura toda foi muito importante, principalmente para eles se perceberem dessa forma, mas foi muito bom esse despertar.

A dialogicidade, a interpretação e a fluidez na leitura foram outros aspectos potencializados com esse grupo, além de ter abreviado o medo do livro:

Eles passaram também a fazer [a leitura] com mais prazer e com mais facilidade, encontraram mais facilidade... aquilo que para eles...: “ai, meu Deus, ler um livro todo, interpretar esse livro e não sei o quê, fazer uma releitura, ai é muito...” passou a ser uma coisa muito pequena, muito simples de fazer. Encontramos dificuldades ainda com alguns alunos sim, mas a resistência a esse tipo de trabalho eu acho que foi bem minimizada.

Observa-se novamente o desenvolvimento do letramento literário, que promove por meio da leitura e da produção de textos a apropriação do lido, a fluidez na interpretação de textos e o conseqüente aprimoramento da oralidade, do vocabulário e ampliação do mundo simbólico do universo da criança e do jovem. Além da leitura do texto escrito, a parceria também sempre trabalhou com outras expressões, a exemplo da música, imagem, vídeos, e envolveu visitas a instituições culturais e a eventos.

**Figuras 78-79** – Visitas a locais culturais.



**Fonte:** Blog do Movimento Cultural Boca do Lixo (<https://movimentobocalixo.wordpress.com/bmn/>)

Notamos, durante as leituras e a partir do contato com essas ações, que a dinâmica trabalhada pelas bibliotecas e pelas escolas segue os preceitos indicados por Cosson (2016), quando elenca quatro características fundamentais do processo de letramento literário:

Em primeiro lugar, não há letramento literário sem o **contato direto do leitor com a obra**, ou seja, é preciso dar ao aluno a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias. Depois, o processo do letramento literário passa necessariamente pela **construção de uma comunidade de leitores**, isto é, um espaço de compartilhamento de leituras no qual há circulação de textos e respeito pelo interesse e pelo grau de dificuldade que o aluno possa ter em relação à leitura das obras. Também precisa ter como objetivo a **ampliação do repertório literário**, cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios. Finalmente, tal objetivo é atingido quando se oferecem **atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária**, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário (COSSON, 2016, *on-line* grifo nosso).

Percebe-se que as práticas de parcerias com essas instituições formadoras são de ganhos mútuos entre elas e possuem boa recepção pelas crianças e jovens atendidos. O interesse pelo uso da biblioteca cresce, bem como o interesse pela leitura. Ressaltamos o trabalho desempenhado pelas educadoras mediadoras de leitura como de fundamental importância para o desenvolvimento do projeto, bem como a atuação da biblioteca na execução e articulação dessas parcerias. O Quadro 13 de maneira resumida mostra alguns pontos sobre essas práticas. Em seguida, veremos qual o olhar que os interagentes possuem sobre as atividades desfrutadas por eles e qual o uso que é feito dela.

**Quadro 13-** Práticas de articulação com entidades locais

<b>PRÁTICAS DE ARTICULAÇÃO COM ENTIDADES LOCAIS</b>	
<b>Gestores (bibliotecas e Releitura)</b>	Realizada com escolas ou ONGs. Buscam promover a troca de ações entre as duas instituições com o fim de fortalecer e ampliar o acesso à leitura dos estudantes e crianças participantes. Ação potencializada a partir da parceria da Releitura com o CEEL.
<b>Mediadores (mediadores de leitura e educadoras)</b>	As educadoras e os mediadores de leitura planejam e põem em prática as ações de letramento literário e atividades culturais por meio de atividades como leitura e releitura de obras, rodas de leitura, trocas de livros, mala de leitura, oficinas, ações na escola e na biblioteca comunitária.
<b>Interagentes</b>	Usufruem e interagem com as atividades adquirindo gosto pela leitura, habilidades de leitura e de pesquisa, fluidez na leitura de textos e ampliação do mundo simbólico.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

## 7.2.6 Práticas de interação com a biblioteca pelos interagentes

Nesta categoria, detalharemos alguns aspectos relacionados aos modos como os sujeitos se apropriam das bibliotecas, a partir de uma sintonia observada que relaciona a maneira como o espaço foi criado e instalado e a forma como os frequentadores chegaram até ele.

Na BAL, pelo fato de a biblioteca ter sido criada por um educador físico, morador da comunidade que desenvolve trabalhos voltados para a área do esporte com as crianças e jovens dessa comunidade, muitos interagentes conhecem a biblioteca devido a esses vínculos, tanto do esporte como da proximidade com a comunidade.

Dois dos interagentes dessa biblioteca, Fabiano e Ezequiel, fazem parte do time esportivo liderado pelo gestor da biblioteca e chegaram até ela por essa via. Já Magali conheceu a biblioteca por morar próximo a ela e pelo convite do gestor. Os três interagentes conheceram a biblioteca desde 2010 e frequentam-na quase que diariamente, de três a cinco dias por semana.

Em relação à BCEPOMA, por conta de a instituição ser antiga na comunidade e ser legitimada por ela como uma instituição de educação séria e dedicada (porquanto atua desde a década de 1980), é criado um ciclo geracional de crianças e adolescentes frequentadores que vai se renovando a cada geração. Muitas das crianças e jovens que frequentam atualmente são

filhos, netos, parentes ou conhecidos de familiares que passaram por lá nas décadas de 1980 e 1990. Como o centro oferece atividades diariamente, as crianças frequentam a biblioteca por cerca de quatro a cinco dias por semana, antes, nos intervalos e no final de cada atividade oferecida no dia.

A BMN atua de modo semelhante, pois já existe desde a década de 1990, mas o que levou os interagentes ao local foi a historicidade do espaço onde ela se localiza, o antigo Matadouro de Peixinhos, que depois de ser revitalizado na década de 1990 passou a atrair diversas pessoas pelo oferecimento de atividades culturais, entre elas, a biblioteca.

Dois dos entrevistados chegaram à biblioteca dessa forma. Manuel foi por conta própria, há 10 anos. Severino foi por meio da sua irmã, quando ele tinha apenas cinco anos. Hoje (2016), está com 16. No caso da interagente Isabel, a indicação da biblioteca veio a partir de sua professora, há cerca de quatro anos. A partir daí, ela não deixou mais de frequentá-la. Os interagentes costumam frequentar a biblioteca de três a quatro dias por semana.

Na BPC, por estar localizada bem próximo às moradias, o contato das interagentes entrevistadas com a biblioteca se deu por elas morarem na mesma rua ou em ruas próximas à biblioteca, e pelo convite da equipe. Carolina, 17 anos, e Susana, 13 anos, frequentam-na desde os cinco anos de idade. Rosa, por sua vez, frequenta há seis anos.

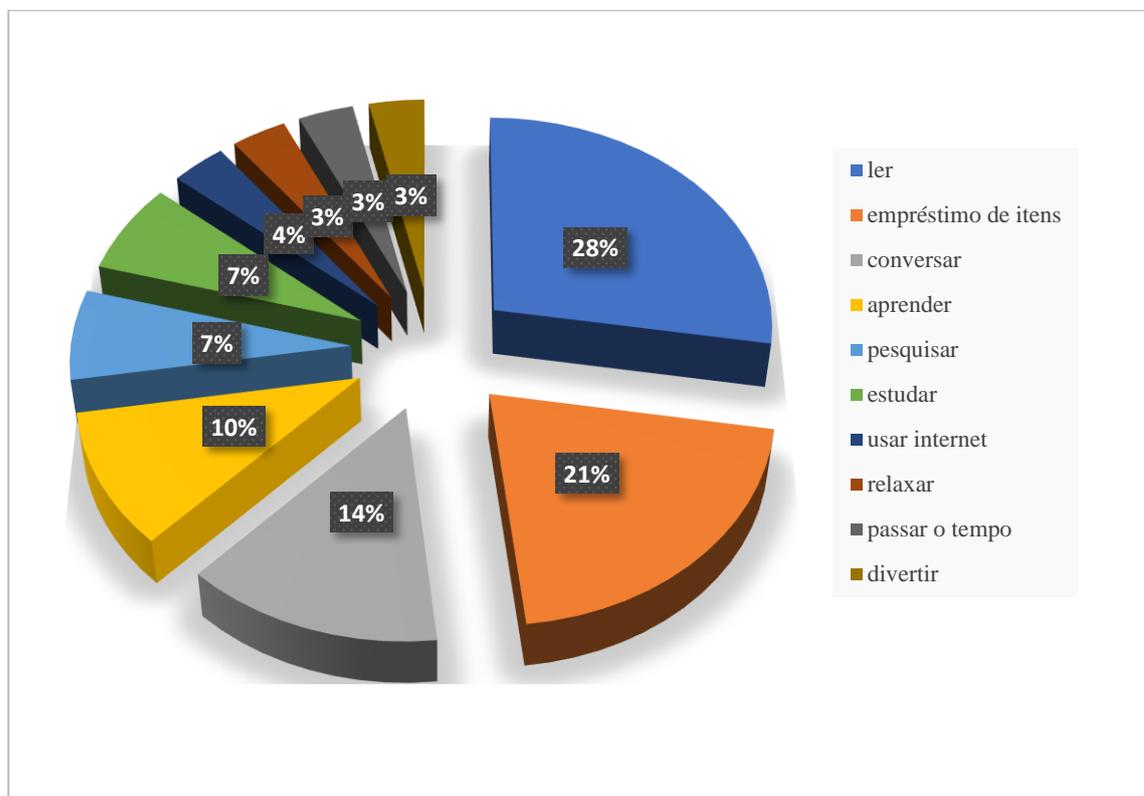
A aproximação que a equipe da biblioteca possui com os interagentes, devido a muitos membros serem da comunidade, é um fator que leva grande parte desses interagentes às bibliotecas. A relação de proximidade e acolhimento que o ambiente da biblioteca proporciona faz com que ela seja um espaço vivo e transformador. Os interagentes expressam admiração e gratidão à equipe das bibliotecas pelo cuidado, acolhimento e atenção dispensados a eles, não encontrados em outros espaços informacionais, o que constitui outro fator que garante a permanência deles nos espaços.

Essa configuração diferencial de atuação desenvolvida pelas bibliotecas comunitárias advém da concepção que elas têm do processo educativo e literário, que não condiz com uma metodologia tradicional de ensino e formação, mas sim com uma compreensão de que o processo formativo é constituído por uma estrutura de ações que demandam não apenas o arsenal de conhecimentos técnicos, mas também de concepções afetivas que ensejem vivências múltiplas.

Acerca das formas de interação com a biblioteca, as ações de ler e pegar livros emprestados foram apontadas como as de mais interesse e uso pelos interagentes (Gráfico 4). Também afirmaram ir à biblioteca para conversar com os colegas ou com a equipe. Sobre isso, Severino

diz: “é muito bom mesmo debater, porque é papo de gente que realmente sabe do que fala, e, quando não sabe, dão uma dica ou indicam alguém que sabe”.

**Gráfico 4-** Motivos pelos quais os sujeitos interagem com a biblioteca.



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Outra razão apontada foi o uso da biblioteca para aprender, pesquisar, estudar ou usar a Internet, visto que as bibliotecas comunitárias atendem a um público estudantil infantil, juvenil e adulto, e disponibilizam em seu acervo livros técnicos e didáticos para suprir essas demandas. Algumas delas oferecem inclusive serviços de reforço escolar.

A biblioteca também é lugar de lazer e de descanso, onde as pessoas vão para brincar, divertir-se, jogar, trocar ideias ou pedir um conselho. A esse respeito, citaremos novamente Severino, quando fala dos motivos que o levam à biblioteca:

É um lugar que se você parar para pensar, eu estudo, eu me divirto, eu aprendo, eu esvazio a mente, eu venho aqui porque, quando eu chego aqui e tô precisando de ajuda, estressado porque briguei com alguém na escola, aí eu chego aqui, eles dizem: “lê tal livro ali que vai passar”, ou então “senta aqui e me explica tudinho como é que foi que eu te digo uma solução”.

Quer dizer, os interagentes utilizam a biblioteca como um espaço de muitas possibilidades, um local seguro que possui pessoas em quem eles podem confiar e a quem podem recorrer para pedir indicação de livros, para fazer pesquisas escolares, para pedir uma palavra amiga ou até mesmo para namorar, para fazer travessuras ou para fugir dos pais. Contudo, os leitores também possuem alguns desejos que gostariam que fossem realizados na biblioteca, como a introdução de novos serviços ou a aquisição de mais livros.

Os interagentes Fabiano, Ezequiel, Susana e Carolina gostariam que a biblioteca oferecesse aulas de computação para que eles pudessem aprender a utilizar programas ou usar melhor a Internet. Dora, Isabel e Lorena gostariam que lá tivesse mais livros atuais, contemporâneos. Citam *Jogos Vorazes*, *Diário de um Banana* e *Harry Potter*.

Essa ânsia dos leitores é sabida e identificada pelas bibliotecas e foi pontuada pela mediadora Raquel em seu relato, quando conta que a biblioteca possui um caderninho no qual se registram todas as sugestões de livros e “quando aparece um dinheiro para comprar acervo, a gente prioriza também o que os meninos querem ler, tem essa escuta também deles”. O que ocorre muitas vezes é que, por não existir um recurso fixo para a aquisição de acervo, isso impede que a biblioteca adquira de forma mais rápida os livros que são lançados no mercado editorial.

Carolina gostaria que fossem retomadas as aulas de espanhol e flauta e oferecidas oficinas de maracatu. Manuel, por sua vez, sente falta de atividades como “introdução a certos esportes intelectuais”, como xadrez e oficinas de macramê, pois, segundo ele, “são coisas que se oferecem que são fáceis de fazer, geram uma certa atração, um certo olhar para a molecada, aí é uma distração, um divertimento a mais para a juventude”.

Ele também sente falta de mais divulgação da própria biblioteca no bairro e na cidade. Nas palavras dele, “mais divulgação sobre esse lugar e sobre as atividades que rolam aqui, no bairro pela localidade na cidade inteira, acho que isso seria interessante”. Finalizamos com Ezequiel, que queria que tivessem “mais brinquedos para as crianças (risos)”.

Compreendemos, portanto, que existe uma relação comunitária forte entre a população e as bibliotecas comunitárias, de modo que se percebe o quão imprescindível elas são para a comunidade e o quanto as pessoas precisam de um espaço que forneça informações, livros, recreação e apoio e que esteja próximo a elas. A síntese dessa seção, se encontra no Quadro 14.

**Quadro 14-** Práticas de interação com a biblioteca pelos interagentes

<b>PRÁTICAS DE INTERAÇÃO COM A BIBLIOTECA PELOS INTERAGENTES</b>	
<b>Gestores (bibliotecas e Releitura)</b>	Cada biblioteca possui uma singularidade e essa peculiaridade está relacionada com a forma como os interagentes chegam à biblioteca.
<b>Mediadores (mediadores de leitura e educadoras)</b>	A relação de proximidade e acolhimento que a equipe da biblioteca proporciona por meio de suas atitudes e da ambiência é um fator que garante a permanência dos interagentes na biblioteca e por ela se manter próxima a comunidade.
<b>Interagentes</b>	O que atrai os interagentes a biblioteca é o acolhimento, atenção, qualidade do acervo e mediadores. Interagem com a biblioteca, sobretudo, para ler, estudar, pegar livros emprestados e conversar. A biblioteca é tida por eles como um local de leitura, convívio, estudo e lazer. Gostariam que fossem oferecidos cursos de informática, mais atividades culturais e que tivessem mais livros recém-lançados.

**Fonte:** Dados da pesquisa

### 7.3 ALINHAVANDO REDES E PRODUZINDO NOVOS TECELÕES

Concebemos, para esta última seção, expor os resultados, mudanças e sensações que reverberaram nos entrevistados depois do envolvimento deles com as bibliotecas. O que tais práticas leitoras e informacionais significam para eles, como cada sujeito percebe a importância da biblioteca para ele e para o outro. As práticas informacionais e leitoras aqui são as experiências singulares, os desdobramentos, os efeitos, as ações em que os sujeitos se apropriam da leitura e informação. Em outros termos, o que uso da leitura, da informação e da biblioteca gera nesses indivíduos e o que eles produzem e sentem a partir disso.

E quanta mudança foi apontada! Muitas das respostas eram iniciadas sempre com um “total”, ou seja, total mudança de vida, total mudança de comportamento, total ampliação de horizontes tanto para a vida dos interagentes como para a vida dos familiares e dos colegas. A diferença entre o antes e o depois do uso da leitura e da biblioteca é mais facilmente identificada pelos entrevistados adultos do que pelos mais jovens, para estes últimos as mudanças são identificadas pelos pais ou pela escola.

Isso ocorre porque, como esclarecem dois mediadores, o trabalho com a leitura e com a educação não é um trabalho cujos resultados sejam imediatos. O amadurecimento e as consequências dessa ação, sejam elas positivas ou negativas, só serão vistos com o passar do tempo, ou seja, é “um trabalho de formiguinha” disse Glória. “A gente só tá plantando a semente. Provavelmente, o fruto mesmo a gente não vai ver [...] uma semente boa, uma semente de luz, semente de prosperidade, prosperidade no sentido mais amplo” conclui Miguel.

Por isso, cabe reconhecer que, devido à natureza singular dos impactos trazidos pela leitura à vida dos sujeitos, diferentemente de outros tipos de projetos e ações de ordem mais exata, direta e mensurável, os benefícios das ações de leitura na vida dos indivíduos nem sempre

são possíveis de medir em curto prazo. As ações de democratização da leitura são um trabalho paciente e longo, que vai pouco a pouco dando frutos à sementinha que foi plantada (PETIT, 2008).

Veremos a seguir as concepções dos sujeitos sobre a biblioteca, a importância desse espaço para a manutenção da cultura local e identidade da comunidade, bem como dos saberes, valores e vivências adquiridos por essas pessoas.

### **7.3.1 Uma peça fundamental**

A biblioteca comunitária é considerada pelos entrevistados um lugar imprescindível dentro da comunidade, que dá acesso a um grupo periférico frequentemente excluído da sociedade. Apresenta-se como um elemento essencial que faz a diferença na história do local, a ponto de a comunidade não querer que ela acabe ou se enfraqueça, pois já se sente parte da biblioteca e abraça a causa.

Os gestores relataram que, na existência de momentos que ameaçam a permanência da biblioteca nas comunidades ou quando isso é colocado como suposição por eles, há um movimento de negação e repúdio a isso pelos interagentes, os quais afirmam que a biblioteca é o único local que eles têm para estar.

Outro fator relevante diz respeito à proximidade. Por estarem próximas da população, permitem que o acesso seja mais frequente e mais intenso, já que as bibliotecas públicas geralmente localizam-se no centro da cidade, e por isso, diz Leonardo, “difícilmente uma família vai vir para uma biblioteca pública do Município ou Estado porque elas estão localizadas em centros. Então, é muito distante e a passagem é cara”. De maneira semelhante, dizem outros dois mediadores:

[as bibliotecas públicas estaduais e municipais] são bibliotecas que são centrais e são bibliotecas que a população mesmo que tá nas periferias não tem acesso. Como estratégia de formação de leitores, as bibliotecas comunitárias fazem a ponte mesmo, estão na ponta desse processo de sensibilização à leitura porque estão onde o povo está (Miguel).

Primeiro porque é perto da comunidade. A biblioteca mais perto que a gente tem é em Olinda. Mais perto entre aspas, porque é longe. O pessoal tem que gastar passagem para poder ir e nem todo mundo tem esse recurso. E segundo por isso, porque ela promove essa questão da leitura sem nenhum custo, é gratuito (Augusto).

Tais motivos elencados por esses mediadores foram apontados no nosso referencial teórico por Suaiden (1995) e Almeida Júnior (2007), ao afirmar que a Biblioteca Pública não conseguiu estender e interiorizar seus serviços às comunidades da zona periférica e rural, o que causou o desinteresse desses grupos. Além disso, a falta de condições para acessar esses espaços e a distância impedem que essa interação seja feita de forma mais intensa e frequente.

E se não fosse a biblioteca? Se a biblioteca comunitária não existisse? Vários mediadores afirmaram que a biblioteca muitas vezes é o único equipamento cultural existente na comunidade, é o único local que as crianças e jovens têm para ler, pintar, conversar, e talvez, se não fosse ela, a situação seria muito mais difícil. Para Fabiano, “se não fosse a biblioteca, eu não teria tanta coisa para fazer hoje”. A sensação de ocupação é muito presente no discurso dos interagentes mais jovens. O fato de estarem na biblioteca produzindo algo é muito relevante para a vida deles, que afirmaram ser melhor “do que ficar em casa sem fazer nada ou assistindo TV”.

Se não fosse a biblioteca, não só a situação de alguns interagentes seria mais difícil. Os gestores e mediadores também a sentem como fundamental. Vejamos o depoimento de Estela:

Eu sempre gostei muito do meu trabalho também, era um trabalho que eu era [...] Há alguns anos, aconteceram algumas mudanças de direção que me deu uma frustração tão grande com o trabalho lá, que eu acho que se não fosse o trabalho cá eu tinha entrado numa depressão. Se eu só tivesse aquele trabalho e não tivesse outra coisa que me fizesse acreditar, porque eu acreditava muito naquele trabalho que eu exercia, aí, quando você se decepciona, se você não tem mais nada em que acreditar, você... Mas eu tinha, eu tinha a biblioteca aqui, eu tinha um trabalho aqui para acreditar, eu acho que ele me segurou muito, foi essencial.

Manuel, por sua vez, deixa claro o papel fundamental da leitura e da biblioteca para a reorganização de sua identidade, num movimento de filtragem das coisas ruins e abertura para as coisas boas, passando a se conhecer melhor e conhecer outras pessoas, além de ter se tornado referência para seus colegas:

Aconteceram muitas mudanças porque primeiramente eu aprendi a cortar tudo aquilo que não me convinha, que não me fazia melhorar. Eu me descobri contundente depois da relação com a biblioteca, eu comecei a cortar aquilo que não tinha influência alguma, comecei a adicionar coisas que tinham algo para me oferecer e a biblioteca mudou não só a mim, como meu social, véi, as pessoas ao meu redor, não só as que eu tinha, como as que eu aprendi a ter [...] também foram influenciadas. Eu acho que elas também conheceram o meio da cultura, o meio da leitura, através disso, através de mim e do contato que

eu tinha com a biblioteca, e hoje elas são ídolos de várias outras pessoas que também seguem. É um ciclo. Então, a gente começa a seguir para a educação.

### 7.3.2 Um lugar para estar, ler, se educar e se divertir

As bibliotecas são vistas também como espaços de socialização e convivência. Um local de estudo, de aprendizado, espaço de lazer e de cultura, isto é, “tem essa função social fundamental, tanto na questão da leitura quanto também nessa questão de facilitar a convivência entre as pessoas, contribui de certa forma também até para diminuição da violência indiretamente”, pontua Miguel.

Para montar essa ambiência e esse lugar de convivência, sobretudo para o público infantil e juvenil, os gestores e mediadores se apropriam do conceito de bibliotecas vivas e fogem daquele padrão estigmatizado e estereotipado de biblioteca do silêncio, e é justamente isso que atrai as crianças e que faz com que elas não se sintam intimidadas, mas, ao contrário, permite que elas usem e abusem da biblioteca. Deixo-os continuar:

[...] Uma biblioteca para ser viva, que é o conceito que trabalhamos, ela tem que ter pessoas circulando. Quando as crianças vêm para cá para ler, elas fazem muito barulho e a gente não vai ficar: “Silêncio, silêncio”, controlando. Eu acho que uma biblioteca viva tem que ter barulho, fazer zoadas. Hoje está até silencioso aqui, tem dias que está barulhento, barulhento assim, de pessoas circulando, conversando (Sérgio, gestor)

A gente também precisa desmistificar que essa ideia de biblioteca é um espaço morto porque eu cresci ouvindo todo mundo dizer que biblioteca é um lugar de silêncio, na maioria das vezes um lugar muito, muito chato. Por quê? Por que você vem para cá, você não pode abrir a boca, quando abre a boca já tem alguém: “Psiu!”. Então, a criança ela vem, ela lê, mas não pode falar sobre o que ela tá lendo, ela não pode rir, ela não pode se emocionar, o livro ele é uma coisa que ele vai despertar tuas sensações, tuas emoções. Então assim, você tá lendo um livro de piada e você não pode rir, você lê um livro que lhe emociona, você não pode chorar porque você não pode fazer barulho. Então, essa relação que se estabeleceu há muito, muito tempo e tá estabelecida ainda de que biblioteca é um lugar de silêncio absoluto, é um lugar onde não se fala, é um lugar onde não se ri, é um lugar onde não se interage é uma coisa muito complicada ainda, entende? Então, por que eles [estudantes] gostam tanto de fazer trabalho na biblioteca [comunitária]? Porque eles ouviram música, porque eles fizeram dinâmica e eles estavam onde? Na biblioteca. Então, a biblioteca, como diz o próprio livro, é a biblioteca encantadora, ela encantou o olhar dessas crianças (Lúcia, educadora).

A observação da educadora Lúcia é pertinente na medida em que percebe que a construção do saber não se dá apenas de modo isolado e silencioso. Diante das novas

configurações culturais e tecnológicas, e pela própria característica dos interagentes, o trabalho com o público infantil e juvenil exige posturas diferentes àqueles que trabalham em unidades de informação. Caso contrário, corre-se o risco de distanciamento dos interagentes e subutilização do espaço.

Sete pessoas relataram, ainda, terem aprendido a ler e a escrever dentro da biblioteca. Ou a aprimorar a leitura e a escrita, bem como o falar ou se expressar em público. Para Leonardo mudou o

modo de lidar com a escrita, essa coisa mais pragmática, escrevo muito melhor a partir dessa experiência, leio muito melhor, posso compreender os mecanismos de controle, de gestão, de prática de mediações de leitura, ampliou meu repertório de leitura, de títulos, minha relação com a literatura infanto-juvenil.

Além de ser um espaço para a leitura e para a escrita, a biblioteca também se configura como um lugar para estudo e pesquisa. Ela também oportunizou a muitos mediadores, gestores e interagentes o ingresso a um curso de graduação e pós-graduação, e, da mesma forma, o ingresso no mercado de trabalho, resultados do uso da leitura e da informação que eles adquiram no contato com a biblioteca.

Tal uso se refere ao hábito da leitura, à naturalidade do ler, pois esses espaços possuem atividades de leitura diária e trabalham uma metodologia de mediação de leitura que leva o ato de ler a se tornar prazeroso e comum no cotidiano. É por isso que Dora diz: “antes, eu não me interessava por leitura. Eu tenho livros, só que eu não me interessava. Aí, quando eu cheguei aqui, todo mundo aqui lê, então agora eu me interesse por leitura, pego livro para ler”. O mesmo se aplica a Lorena: “eu lia, mas eu não lia muito, e agora eu tô lendo mais”. É interessante pontuar esse caráter de presença da leitura no dia a dia das bibliotecas, que termina se tornando natural também para seus interagentes.

Nos momentos de visitação *in loco*, percebemos o quão forte isso é, tanto para os mediadores e gestores como para os interagentes. Na BCEPOMA, as crianças receberam a pesquisadora mostrando seus livros preferidos e entregando-lhe outros para que ela contasse histórias. Ela também observou mães chegando para devolver livros que as filhas tinham levado emprestado.

Quer dizer, é perceptível que isso muda a vida dessas pessoas, já que não é muito fácil encontrar tal comportamento hoje em dia nas comunidades. Não é fácil encontrar um grupo de crianças que, embora possam não ter livros em casa, possuem todos os dias acesso a uma biblioteca e a atividades de leitura duas vezes por semana. Isso certamente deve ensejar outro

horizonte para elas. O contato diário com a literatura, como defendido por Castrillón (2011), com certeza, faz delas crianças diferenciadas, e isso foi visível nos modos de agir entre elas mesmas e entre elas e os adultos.

Os mediadores também percebem o progresso literário dos interagentes, a movimentação maior na biblioteca, e recebem depoimentos de pais e professores sobre a mudança de conduta como o hábito da escuta e a afetividade. Por exemplo, Augusto, Miguel e Estela, respectivamente, evocam que:

[...] Os meninos vieram em peso para fazer a carteirinha. Às vezes, a gente tá aqui e eles invadem a biblioteca. A gente percebe que depois desse projeto, o movimento cresceu, teve um resultado bem bacana. Quem lia continua lendo e quem não lia tá começando a ler. Descobri alguns poetas no meio da escola, algumas crianças que de repente até elas mesmas nem sabiam.

Um pai e uma mãe disse que se surpreendeu, que tava gostando muito da participação do filho no projeto, que o filho voltava empolgado, contando histórias em casa, contando histórias pros coleguinhas, juntava os coleguinhas na rua, aí contava as histórias pros colegas, que contava aqui e ficava pedindo à mãe e à avó para contar histórias para ele [...] teve outra mãe que disse que a filha só pedia para comprar brinquedo, passou a pedir para comprar livro, só que ela ficava muito triste porque não tinha dinheiro para comprar livro porque era muito caro e que ia se esforçar para trazer a filha para frequentar aqui.

As escolas chegam para a gente para comentar que os próprios alunos pedem para os professores e cobram dos professores que leiam as histórias para eles e afirmam “Por que na biblioteca faz”.

Também é nítida a função da biblioteca comunitária como instrumento de politização e desenvolvimento da cidadania e autonomia. Um local que, por meio da disponibilização de livros, da mediação literária e da ação cultural, vai atuando num processo de educação cidadã e suas formas de intervenção:

Eu acho que a biblioteca comunitária é esse lugar de acesso à cultura letrada, acesso a um lugar de fortalecimento político, de exercício do discurso mesmo, da prática de falar, do conviver. Atualmente, eu encaro as bibliotecas nesse sentido, para além desse lugar da democratização do acesso, da democratização da informação, mas de produzir uma informação, é um lugar de empoderação, fortalecimento (Leonardo)

Mas essa relação de estar com a biblioteca até hoje é de acreditar que isso aqui é um espaço de transformação, até um espaço mesmo de empoderamento político, humano, das pessoas estarem em um espaço como esse, de ter acesso ao livro, porque o livro no Brasil é caro (Sérgio).

A autonomia, por sua vez, é outra questão incentivada pelas bibliotecas, que inclui, além da já citada maneira de uso e apropriação do espaço da biblioteca, a competência informacional e a autonomia perante os discursos repressivos e dominantes no enfrentamento das condições de exclusão social:

[a biblioteca pretende] quebrar essas barreiras que existem e mostrar que todos eles podem fazer o que eles quiserem. Porque o poder público, enfim, todo esse sistema... eles colocam muito a comunidade como um espaço onde eles não têm chance para nada. Eles não têm direito a quase nada e eles são praticamente mão de obra barata. E a biblioteca tá aqui dentro para mostrar que não, que eles podem fazer, eles podem mudar se eles quiserem (Vicente, mediador).

A autonomia também se refere ao protagonismo criativo do sujeito e sua capacidade de fabulação e de emancipação pela apropriação do literário. A literatura se apresenta, portanto, como um elemento criativo que promove a prática de questionamento do mundo (PAULINO, 2016) e reforça as singularidades dos sujeitos, como sublinha outro mediador:

Então, a minha perspectiva maior é a questão da imaginação e do pensamento, do pensar. Se o menino sair pensante, uma pessoa pensante e que imagine coisas, coisas boas, para mim tá tudo certo. Meu objetivo é esse. Até porque não existe uma pessoa pensante se ela não ler. O que faz a gente se tornar um ser pensante é a leitura. A leitura que vai fazer você refletir, mas basicamente é isso: que o menino saia questionador. Então acho que se os meninos entrarem nessa história de eles mesmos inventarem a sua história e não ficar dentro dessa forma que o mundo diz que é assim. Se a moda é amarelo, tem que usar amarelo. Acho que valeu a pena. Pelo menos meu objetivo pessoal é esse aí. É os meninos ficarem pensantes e criadores da sua própria história (Augusto).

Por fim, a biblioteca comunitária também foi frequentemente denominada como uma saída, uma rota de fuga face aos problemas existentes na vida familiar e comunitária. Lia diz que o refúgio dos frequentadores é na biblioteca “diante de algumas famílias que têm desequilíbrio familiar, tem vezes que eles vêm para cá, querem um abraço, querem um beijo”, Sofia também enxerga assim: “eu vejo a biblioteca como uma possibilidade, é um cano de escape, é uma fuga, uma possibilidade que eles têm de sair daquela realidade”. Também é considerada assim por Manuel (que teve de parar os estudos para trabalhar. Por isso, faz menção à “não frequência de ir à escola”);

É uma rota de escape muito grande e é quase um alicerce assim, quem não tem uma frequência para ir à escola, pelo menos tem uma frequência para ir à leitura e através da leitura a gente aprende muita coisa [...]. E isso ajuda a rapaziada, ajuda a molecada, é crucial, se não tivesse isso aqui, a ignorância ia ser total, a gente ia tá lascado (risos).

Para algumas dessas crianças, tem sido um refúgio para um lugar saudável, fora de casa, porque a comunidade não possibilita ter um lugar de lazer, a violência, tudo isso. Então, a criança acaba vindo para cá e muitos se despertam, acho que você consegue ver nos brilhos nos olhos de alguns deles esse desejo de mudança, de aprender [...] É uma saída para a comunidade. Assim, é um espaço, é um equipamento cultural, um equipamento público de construção de sonhos... onde as pessoas vão vir e vão viajar na leitura, vão viajar no conhecimento e também vão ter a possibilidade de construir suas vidas (Felipe).

Esse lugar onde eles se sentem seguros é muitas vezes recordado como o único local de respaldo encontrado. Estela relata o caso de um interagente preso que se lembra da biblioteca na penitenciária: “lembra-se da gente... aí você diz: ‘Poxa, é aqui que ele tem algum apoio’, por que ele não tem escola, ele não tem uma família equilibrada, ele não tem ninguém que o receba e acredite”.

Dessa forma, a biblioteca se apresenta para a comunidade como esse lugar de pertencimento, cujas vantagens de uso e interação incluem a própria ambientação, que mesmo em espaços pequenos são elaborados e decorados de forma aconchegante e propícia ao público leitor; a equipe da biblioteca com atendimento diferenciado ao público, embora seja um desafio cotidiano de aprendizados e trocas; o acervo de grande qualidade encontrado nessas bibliotecas; o encontro com os colegas, entre tantas outras razões que promovem a convivência comunitária.

### **7.3.3 Produção de sentimentos e valores**

O trabalho em uma biblioteca comunitária é algo desafiador que exige o constante exercício da empatia e da persistência e traz diversas possibilidades de vivências aos seus colaboradores. A importância do trabalho na biblioteca comunitária foi comentada por dois entrevistados como grande proporcionador de oportunidades e como formador no quesito aquisição de responsabilidade e amadurecimento profissional: “me tornei uma profissional mais completa”, reconhece Emília.

O conhecimento de outras histórias de vida e de outras realidades foi um fator notado como fundamental na sensibilização dessas pessoas para a compreensão e aceitação do outro. E isso está ligado não apenas à questão do atendimento ao público e no conhecimento de outras

peessoas, mas ao fato de o sujeito se colocar no lugar do outro e se preocupar com o futuro deste, dedicando parte da sua vida para isso. Como afirma Dalva, “quando você começa a trabalhar com esse público, você começa a pensar no futuro, que futuro vai ter essas crianças se elas não lutarem, se a gente não lutar por uma educação de qualidade hoje?”. Ou Carolina, que diz que a biblioteca não é só importante para ela, mas principalmente para as novas gerações: “não só para mim, mas pros meninos que estão crescendo agora”. Passamos a palavra para Vicente:

A biblioteca me fez conhecer muitas histórias. Histórias felizes e histórias tristes. A história já é triste quando é com um adulto, e quando é com uma criança é mais triste ainda. Então, conheci muitas coisas, me identifiquei com muita gente. Acho que isso é bom para quebrar... O ser humano, às vezes, é um pouco hipócrita. Se esconde, tenta fechar os olhos para certas coisas e quando a gente tá aqui dentro, vivendo, se identificando com os meninos e os meninos também se identificam com a gente, a gente conhece tanta coisa. Isso humaniza tanto a gente. Eu acho que é muito importante isso, a questão da humanização.

A biblioteca também propiciou uma maior segurança de si mesmo e valorização dos ideais. Miguel destaca que se tornou uma pessoa mais segura e mais valorizada:

Eu diria que o mais importante que a biblioteca me trouxe foi o valorizar e investir nos sonhos e nos ideais, porque o nosso trabalho aqui não é um trabalho para quem quer um resultado imediato, não é um trabalho para quem quer ser muito pragmático, utilitarista, um trabalho de pessoas idealistas mesmo; mesmo que a gente para si colha pouca coisa, tenha pouco retorno em termos de [bens] materiais, mas isso não é o mais importante, o mais importante realmente é pensar em ser menos egoísta e ser mais altruísta, ser uma pessoa melhor e ter ideais, ter utopia, utopia é fundamental.

Eu comecei a ver que existe outro mundo, outra história, que diz assim: “olha, o que você faz vale a pena. O que você faz tem uma importância. Tem gente lutando por isso. Tem gente lutando pelo direito à leitura. Tem gente que valoriza a arte” (Augusto).

A mudança de comportamento foi outro aspecto observado, tanto pelos mediadores e gestores como pelos próprios interagentes. Eles relatam que, no começo das atividades da biblioteca, as crianças eram mais agressivas, mais eufóricas, não tinham o hábito da escuta, mas depois que o trabalho começou a ser desenvolvido, percebeu-se uma melhora nesse quadro educacional e comportamental. Inclusive passaram a ter o local da biblioteca como deles; começaram tanto a defender como a ajudar o espaço.

Nesse sentido, muitas crianças e jovens são alcançados pelas ações das bibliotecas e conseguem seguir numa direção positiva de ganhos. Contudo, a biblioteca sozinha não consegue alcançar todo esse público, pois ela depende de outros fatores. Na verdade, a educação depende de outros fatores, tanto da biblioteca, como da escola, da família. E quando há falhas em um desses elementos, a situação se torna mais complexa de ser resolvida. Por isso, os mediadores também relatam e lamentam muitas crianças e jovens que se enveredaram por outros caminhos, caminhos mais escuros e que perderam o contato com a biblioteca.

Por fim, as pessoas que trabalham na biblioteca muitas vezes possuem a identidade confundida com a história daquele espaço, porque estão envolvidas desde o começo e acreditam nesse ideal. Conceição menciona o seguinte: “a mudança na minha vida vem de toda essa trajetória da construção da Releitura, não teve um antes e um depois porque eu me misturo também com essa história”. Glória, por sua vez, reflete: “acho que ela faz parte da minha vida, ela faz parte da minha vida total. Se acontecer alguma coisa comigo eu não sei [...], possa ser que ela continue [...], eu tenho esperança através do meu filho”. Do mesmo modo, os gestores Sérgio e Felipe reiteram, respectivamente:

A biblioteca comunitária é importante para a gente porque ela é um projeto de vida para as pessoas, para aquelas que passaram e as que estão aqui, porque se a gente for pensar de retorno financeiro, acho que ninguém estaria mais aqui, mas é um projeto de vida. A gente tem que pensar numa biblioteca comunitária para além das remunerações, que a biblioteca seja um espaço afetivo para as pessoas [...] ela tem que ser um espaço que crie essa relação de afetividade, que as pessoas entendam que não é só pelo dinheiro, mas é importante manter essa biblioteca na comunidade, como eu falei, como espaço de formação, espaço de incidência política, de formação de leitores, de formação de pessoas críticas e de formação de pessoas humanas, de seres humanos.

Isso aqui faz parte da minha vida. Eu faço o possível para não procurar outro trabalho fora numa empresa, para não deixar isso aqui... Ou seja, se eu for para uma empresa trabalhar 8h, eu não vou ter mais tempo para cá. Então, eu tento o máximo possível me sustentar aqui e sustentar minha equipe [...] faço porque eu gosto, eu não faço aqui por dinheiro, [...] é necessário ter o dinheiro para sobreviver, mas eu faço porque eu gosto, com todas as limitações que eu tenho aqui [...] mas tá no meu sangue, é parte de mim isso aqui, ter um dia que dizer que vou sair daqui e deixar isso tudo assim e dizer que não tenho mais condição ou fechar as portas e dizer que a criança não vai ter mais a oportunidade de acessar o livro é frustrante para mim.

Portanto, fica evidente o quão relevante tais espaços são para as pessoas que com eles têm contato. O lamento, tanto dos interagentes como dos gestores e mediadores, com a

possibilidade de fechamento da biblioteca significa a ruptura com o vínculo criado com esses locais, que, por sua vez, são mantidos diante de insistência e resistência de um conjunto de pessoas que doam suas vidas para a causa.

Fica claro, pois, o amor pelas bibliotecas e a vontade de mudança por parte desses sujeitos. A biblioteca comunitária representa um local de convivência diária entre pessoas e de contato dessas pessoas com a leitura, informação e cultura, que buscam diariamente superar o desafio da sustentabilidade para que assim possam continuar na construção de comunidades mais leitoras e críticas. As práticas leitoras e informacionais existentes nessas bibliotecas são resultados dos modos de mediação e apropriação da leitura e informação realizadas por eles, e revelam o quão significativos são esses espaços para a vida dos sujeitos.

## **8 PREGANDO BOTÕES:** algumas considerações

Esta pesquisa procurou descobrir quais eram as práticas de leitura e informação desenvolvidas nas bibliotecas do coletivo Releitura-PE, tanto por meio das ações realizadas por cada biblioteca como pelas condutas, vivências e sentimentos dos sujeitos que delas fazem parte. De maneira específica, buscamos caracterizar cada uma das quatro bibliotecas, verificar quais eram as práticas de leitura e informação existentes nesses espaços, bem como compreender o que estas práticas significavam para os sujeitos.

Para nos apoiar nesse processo analítico, recorreremos a um referencial teórico que buscou discutir o conceito de leitura de maneira ampla, além de sua relação com os conceitos de mediação e apropriação da informação. Também esboçamos algumas considerações sobre o conceito de informação e suas implicações com as práticas informacionais. Assim, como parte do processo leitor e informacional, a apropriação da informação por meio da leitura implica a produção de novos conhecimentos e a criação de novas relações.

Nosso processo metodológico, além da pesquisa bibliográfica, contemplou um estudo empírico de cotejo de informações sobre as bibliotecas e a coleta de depoimentos com sujeitos que fazem parte dessas bibliotecas por meio de entrevistas semiestruturadas, as quais foram analisadas e categorizadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo. Foi, então, a partir dessas direções que traçamos nossa abordagem com o fim de revelar as práticas de leitura e informação existentes nessas bibliotecas comunitárias.

Nesse sentido, as práticas de leitura individuais se mostraram bastante plurais, na medida em que tivemos sujeitos que se sentem felizes lendo e outros que sentem dificuldade ou angústia ao ler. Enquanto uns não conseguem viver sem ler, sendo, dessa forma, a leitura associada a um “vírus” que contagia e que permanece, outros miram no seu caráter instrumental e escolar. Dessa forma, a leitura possibilita a ampliação do universo da linguagem e do universo cultural, da mesma forma que auxilia no exercício escolar e profissional.

Foram apresentadas pelos entrevistados as diferentes formas de contato com a leitura em distintas fases da vida, bem como as referências desse processo como a família, a escola ou a livraria, biblioteca pública e a biblioteca comunitária. Os sujeitos também citaram suas maneiras de ler, suas preferências e gostos literários, assim como os significados que a leitura transmite para eles e o que é produzido ou sentido a partir dessa interação com a leitura. Sendo assim, a leitura representa uma fonte de criatividade, criticidade, diversão, alteridade e humanização, como também uma forma de se construir a si mesmo. Encontramos nesses

leitores pessoas sensíveis e críticas, altamente politizadas e engajadas e, sobretudo, sonhadoras, que possuem um ideal e que buscam concretizar esse ideal individual ou coletivo.

Em relação às práticas de informação, apesar de elas terem sido tratadas diretamente em apenas uma das seções do texto, considerando o conceito amplo de informação que trouxemos, as práticas informacionais existentes nessas bibliotecas vão além da busca e leitura de notícias, estando presentes também nas outras ações, sobretudo, nas atividades de mediação e de comunicação e divulgação de atividades, entre outras. Todavia, ressaltamos também que o conceito de informação discutido na CI diverge bastante do conceito de informação entendido pelo público em geral, e nesta pesquisa não foi possível realizar um aprofundamento desta questão. Portanto, caberia uma exploração maior para identificar o que é informação para esses sujeitos e quais são as fontes pelas quais eles se informam e comparar esses resultados com as discussões teóricas estruturadas na CI.

Notamos que as práticas informacionais são ações essenciais desempenhadas pelos sujeitos entrevistados quando estes recorrem ao ato de se informar sobre um variado conteúdo de informações para se manterem atuantes em suas funções e atualizados das coisas que ocorrem à sua volta. Além dos processos de busca e uso da informação mediante um processo de mediação e apropriação informacional, os entrevistados também registram e partilham informações que são produzidas por meio de suas ações individuais e coletivas nas bibliotecas através das formas de comunicação e divulgação de atividades, sobretudo por meio de práticas escritas e orais. Além disso, não concebem o ato de se informar como algo ingênuo ou passivo, mas procuram atuar de modo ativo na seleção de fontes de informação que sejam condizentes com suas perspectivas políticas e históricas tentando se manter críticos em meio ao processo manipulador midiático e ao mesmo tempo demonstrando uma postura criativa diante deste cenário.

Concebemos, portanto, de uma maneira não linear, que foram e são essas práticas de leitura e informação que impulsionaram esses sujeitos a interagir com essas bibliotecas comunitárias na criação dos espaços e no desenvolvimento das ações cotidianas, incluindo a criação da Releitura e o agenciamento de parcerias. De maneira geral, as razões para a criação das quatro bibliotecas partiram tanto de pessoas que tinham envolvimento com a leitura como de pessoas que não tinham, mas que legitimavam a prática da leitura como algo importante a ser realizados na comunidade. Tendo sempre o envolvimento com a área da Educação, os sujeitos procuraram criar esses espaços como uma forma de beneficiar a comunidade por meio do acesso à leitura, informação e cultura.

Em relação à estrutura física e formas de sustentabilidade, apenas uma biblioteca possui um espaço próprio legalizado. Outras duas funcionam em locais custeados por outros entes e uma delas ocupa um prédio público. A forma de sustentação atual é feita por meio de projetos ou prêmios, acompanhada do apoio do Programa Prazer em Ler. Esses recursos destinam-se, principalmente, à compra de acervo e pagamento dos gestores e mediadores de leitura.

Seu público é formado pela população comunitária que frequenta o local por ele se mostrar acolhedor e próximo a suas residências. Na maioria das vezes, este mesmo público não tem condições de ir à biblioteca pública, seja pelo distanciamento ou pelo desconhecimento. É composto também por estudantes de escolas estaduais e municipais que, na maioria das vezes, possuem bibliotecas desativadas e as que são abertas não funcionam como deveriam.

O modo como foi criada cada biblioteca comunitária reflete o forte vínculo que elas possuem com a comunidade, de modo que cada biblioteca tem algo marcante que se relaciona com a história e com as características dos bairros em que elas estão inseridas.

Assim, na Biblioteca Amigos da Leitura o que chama atenção é a educação como uma via dupla por meio do esporte e da biblioteca. A bola e o livro se ligam a outras linguagens como o cinema e com outros espaços como o trabalho com creches, as semanas de leitura e o trabalho com jovens.

O que sela a Biblioteca do CEPOMA é a questão da cultura popular e do acolhimento, da relação familiar. Da luta de pessoas que criaram a comunidade e hoje lutam contra a especulação imobiliária. Da valorização da cultura brasileira e todas as suas influências, por acreditar na educação pela arte, pela cultura e pela leitura.

Na Biblioteca Multicultural do Nascadouro o destaque é para a questão política, originada com todo o processo de formação pelo CCLF e a partir da trajetória das pessoas que lá trabalharam. O ativismo em movimentos sociais, as ações políticas, culturais e literários e a ocupação e resistência na luta pelo espaço são pontos fundamentais que carimbam essa biblioteca e isso vai sendo apreendido pelos interagentes, pois a própria comunidade tem um histórico de luta.

O enraizamento comunitário forte é o que marca a Biblioteca Popular do Coque acompanhado da valorização da identidade e da memória da comunidade, da luta contra os estereótipos que a mídia faz do local e o trabalho singular com as mães. Atua no empoderamento dos sujeitos para que se construam tendo como norte as histórias de lutas de seus ancestrais e ao mesmo tempo elaborando seu presente de modo a ir além dos seus antecedentes.

Todas essas bibliotecas, contudo, possuem muitos pontos em comum. O principal deles é desejo de democratização do livro e da leitura, tendo como guia o princípio da leitura como

um direito humano que fez com que esses espaços se reunissem e articulassem a Releitura. A Releitura foi criada com o intuito de fortalecer e qualificar as bibliotecas comunitárias da RMR, que hoje conta com sete bibliotecas, mas já chegou a ter dez, e a perspectiva é de ampliação desse número. A formação político-social e humana é um dos nortes desse coletivo, que busca, por meio do acesso à leitura, informação e cultura, a formação de pessoas.

Apesar de não ser o seu objetivo primordial, as bibliotecas contribuem também indiretamente para a minimização de diversos problemas existentes nesses locais, tais como desigualdades sociais, tráfico de drogas (muito presente e aliciador dos jovens), prostituição e exploração infantil, carência afetiva e desequilíbrio familiar, quando são vistas como um espaço alternativo pelos interagentes a todas essas outras possibilidades. Dito de outro modo, desempenham um papel relevante na luta contra a exclusão e a marginalização.

As práticas leitoras e informacionais estão vinculadas também à participação política da Releitura no que tange às práticas de incidência política desempenhadas por este coletivo no cenário pernambucano. Isto pode ser observado quando esta Releitura atua no planejamento de formas de sustentabilidade das bibliotecas, bem como na participação nos debates sobre políticas públicas para a intervenção nas propostas de orçamentos públicos destinados ao livro, leitura e bibliotecas e, conseqüente, formulação de políticas que garantam o desenvolvimento de suas atividades.

Ressaltamos aqui a importante parceria estabelecida entre a Releitura e instituições como o Instituto C&A (Programa Prazer em Ler), o Centro de Cultura Luiz Freire e o Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura para a potencialização desse engajamento político, que vem aos poucos conquistando seu espaço nesse panorama.

Essas habilidades de articulação da Releitura se mostraram fundamentais também para o agenciamento de outras parcerias, que lhes proporcionaram a ampliação de suas competências no que respeita à formação da equipe e à gestão e planejamento dos espaços e das ações. Além das citadas instituições, a parceria com o CEEL foi apresentada como fundamental para lhes capacitar, inclusive, nas práticas de relacionamento com as escolas.

As atividades realizadas nessas bibliotecas retratam seu caráter criativo de desenvolver ações que sejam características das comunidades, visando a estreitar os vínculos com o público e articulando formas inventivas de intervenção em tais locais. As práticas de mediação de leitura e ações culturais representam, portanto, uma forma de manter vivo o acervo e os traços identitários e culturais dessas populações, de modo fazer com que eles mesmos construam suas singularidades por meio de práticas escritas e artísticas.

É notório também o papel interferente do mediador na sua atuação em todas as modalidades de mediação executada pelas bibliotecas. Seja a que ocorre na aquisição de livros, quando as bibliotecas não abrem mão de comprar *best-sellers* ou títulos de grande veiculação editorial - que são julgadas em primeira instância pela crítica como de baixa qualidade literária - por acreditarem que tal leitura não pode ser impedida pela biblioteca e por acreditarem no poder mediador da biblioteca, que atua justamente no acompanhamento desse leitor.

Como também nas diversas formas de mediação da leitura, que abarcam rodas de leitura, leitura compartilhada, contação de histórias, narrativas orais, cinema, apresentações culturais, datas comemorativas com mediação de leitura, festividades com leitura (hora do conto, cine debate, correio poético, parada literária, poesia na esquina, balada literária) entre tantas outras atividades que são sempre mediadas pela leitura em sentido amplo. Ou nas intervenções mais diretas, no momento do atendimento do leitor, quando este devolve um livro, ou no momento da montagem da mala de leitura, em que são escolhidos os livros para ler com a família, como também nas conversas. E isso é percebido pelos interagentes quando relatam ter esses mediadores como referências, como pessoas que lhes ensinaram a ler e a escrever, como pessoas de confiança dos pais, pessoas de mente aberta, a quem se pode recorrer para conversar e debater sobre temas políticos e sociais e ter apoio afetivo.

A aliança das bibliotecas com as escolas, por seu turno, é um elemento importante neste quadro, que possibilitou aproximar ainda mais a leitura e a cultura do ambiente escolar, fazendo com que a comunidade se fortaleça e seus membros possam ter pontos de referência educacionais nas comunidades. O contato dos estudantes com as bibliotecas comunitárias permite que eles desenvolvam o gosto pela leitura e adquiram competências escritas, bem como habilidades de pesquisa e o deslumbramento com o mundo da fabulação e imaginação por meio da leitura literária.

Para os interagentes, as bibliotecas correspondem a lugar vivo e acolhedor que eles frequentam para ler, estudar, conversar ou brincar. Constituem espaços de discussão e de encontros afetivos imprescindíveis nas comunidades pois em muitas delas a biblioteca é o único equipamento cultural existente. Mas eles também sentem falta de usufruir de mais serviços, voltados especialmente para cursos de informática e de língua estrangeira ou oficinas de expressões culturais e artesanato, bem como gostariam que houvesse mais livros recém-lançados.

Por fim, a biblioteca foi considerada pelos gestores, mediadores e interagentes como um espaço vivo, local de convivência, aprendizado e lazer. Também ficou clara a relevante função da biblioteca como instrumento de politização e desenvolvimento da cidadania e da autonomia.

Além de ser um espaço estimulador de sonhos e de humanização, tido muitas vezes como essencial, a ponto de ser um projeto de vida desses sujeitos.

Em termos dos resultados da pesquisa, o corpus teórico e metodológico apresentado suscita diversas possibilidades de análise pela sua amplitude e riqueza. Fizemos apenas algumas das relações possíveis no que tange a esses pontos, não sendo nossa intenção esgotá-las, mas continuar as explorações que dessa pesquisa emergiram, além de estimular o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a temática.

Uma das lacunas observadas foi que nossas entrevistas não abarcaram suficientemente os interagentes, o que suscita, inclusive para pesquisas futuras, um estudo mais aprofundado com esse grupo, sobretudo para estabelecer as correspondências com relação às atividades oferecidas e aos modos de recepção dessas ações.

O campo de pesquisas sobre o tema é largo. Logo, ainda há muitos pontos a se explorar no desenvolvimento de trabalhos sobre bibliotecas comunitárias. Acreditamos ser interessante para futuras pesquisas explorações mais aprofundadas sobre a atuação política da Releitura, como também estudos mais voltados para o conhecimento de seu público interagente.

Desse modo, os avanços alcançados pela Releitura de bibliotecas são grandes e jamais imaginados pelos seus integrantes. Todavia, devido aos percalços apresentados pelo cenário político e social pelo qual o país passa, acreditamos que a ampliação das parcerias e a elaboração de novas formas de sustentabilidade devam ser angariadas com cada vez mais intensidade e articulação, bem como as estratégias de comunicação devam ser mais incisivas e consistentes para que o coletivo consiga permanecer e conquistar novos espaços, novas comunidades e novos leitores.

Também cremos ser interessante a criação de mecanismos para uma possível integração dos catálogos de cada biblioteca e disponibilização deste online, já que todas possuem parte do acervo catalogado no sistema Biblivre, e tendo em vista a qualidade do material bibliográfico existente nessas bibliotecas. Isso possibilitaria a potencialização do uso do acervo e ampliaria as práticas leitoras, oferecendo mais formas de acesso aos livros pela população.

Por fim, deixamos aqui nosso reconhecimento e admiração a essas pessoas que trabalham nas bibliotecas comunitárias, pois são incansáveis no seu ofício de mediadores de leitura, já que abrem e abrem mão de muitos desejos pessoais em prol do benefício do outro e da causa leitora. Nem tudo o que foi dito por eles pôde ser analisado, mas fica nítido o esforço cotidiano de todos em, a todo o momento, buscarem alternativas e procurarem caminhos para que a leitura esteja viva nas comunidades. São, pois, costureiros que têm o livro como agulha e

a leitura como linha, para assim construírem mais redes leitoras e continuarem nesse movimento de existência e resistência, mas nunca de desistência.

## REFERÊNCIAS

- A FORMAÇÃO DE "LEITORES BRINCANTES" NO CEPOMA. 2012. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/2012/04/12/aformacaodeleitoresbrincantesnocepoma/>>. Acesso em: 15 maio. 2016.
- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALBAGLI, S. Informação, territorialidade e inteligência local. In: ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, MG: Escola de Ciência da Informação da UFMG. 1 CD- ROM.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Competência em Informação**: algumas considerações críticas. 2016. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=966](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=966)>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- \_\_\_\_\_. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J.P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.
- \_\_\_\_\_. Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, p. 89-103, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Todos lemos, mas não lemos - 1**. 2012. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=686](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=686)>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- \_\_\_\_\_. Bibliotecas públicas e alternativas: bibliografia comentada. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n.1/2, p.115-127, jan./jun.1993. Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2011/10/pdf\\_a725a4bdc0\\_0019248.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/10/pdf_a725a4bdc0_0019248.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: UEL: 1997.
- \_\_\_\_\_. Implicações entre formação e objeto da área de informação. In: ENCUESTRO DE DIRECTORES, 7; ENCUESTRO DE DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA Y CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 6, 30 ago./01 set. 2004, Mar del Plata, Argentina. **Anais...** Mar Del Plata: [s. n.], 2004. 1 CD-ROM.
- \_\_\_\_\_.; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, T. E. (Org.). Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação. **Nectar**, Recife, v. 1, p. 67-86, 2008.
- ALMEIDA, M. A. A informação, seus personagens e histórias. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 116-119, mar./ago. 2015. Resenha de: GLEICK, James. A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ALMEIDA, M. C. B. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2005.
- ALVES, M. S.; SALCEDO, D. A.; CORREIA, A. E. G. C. Um mapeamento da produção científica sobre Bibliotecas Comunitárias na Ciência da Informação brasileira. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 40-66, set. 2016/fev. 2017.

ANDERSON, N. **Uma livraria que entrou para a história**. 2012. Disponível em: <<http://angustiacriadora.blogspot.com.br/2012/10/uma-livraria-que-entrou-para-historia.html>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

ANTIGO MATADOURO DE PEIXINHOS VIRA CENTRO DE PRODUÇÃO. 2008. Disponível em: <<http://www.topgyn.com.br/conso01/conso01/noticias159.php?ultima=1095>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

AO NOSSO REDOR. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/nossoaoredor/>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

ARAÚJO, C. A. A. Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação, **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 2-32, set. 2010a.

\_\_\_\_\_. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**: o diálogo possível. Brasília, DF: Briquet de Lemos; São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ABRAINFO), 2014.

\_\_\_\_\_. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. Estudos de usuários: pluralidade teórica, diversidade de objetos. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, SP: USP. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/bogliolo/downloads/ARAUJO%20Enancib%202008.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 145-159, 2012.

\_\_\_\_\_. Teoria matemática da comunicação e a questão da interdisciplinaridade. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v.16, n. 2, p. 545-570, set./dez. 2011.

AUDIÊNCIA PÚBLICA É PASSO IMPORTANTE NA BUSCA DE APOIO ÀS BIBLIOTECAS E À LEITURA LITERÁRIA, ACREDITAM GESTORES. 2013. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/2013/05/25/1949/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

AUSÊNCIA DE FUNDO PÚBLICO IMPEDE FINANCIAMENTO E EXPANSÃO DAS POLÍTICAS DE LEITURA. In: **No centro do debate**: As bibliotecas comunitárias e a construção do direito à leitura. Centro de Cultura Luiz Freire, 2015. Disponível em: <<http://cclf.org.br/documento/as-bibliotecas-comunitarias-e-a-construcao-do-direito-a-leitura-revista-no-centro-do-debate-edicao-1/>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

BARBOSA, Virgínia. **Matadouro de Peixinhos**. Pesquisa escolar on-line. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2008. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=706&Itemid=192](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=706&Itemid=192)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BARRETO, A. A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002.

BARROS, Sandra. **Entrevista informal concedida a Mariana de Souza Alves**. Recife, 20 maio. 2016.

BASTOS, G. G.; ALMEIDA, M. A.; ROMÃO, L. M. S. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 1, 2011.

BASTOS, G. G.; GALLI, F. C. S.; ROMÃO, L. M. S. Discursividades sobre o bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, 2013.

BATES, M. J. Information Behavior. In: BATES, Marcia J.; MAACK, Mary Niles (Orgs.). **Encyclopedia of Library and Information Sciences**, 3. ed., New York, NY: CRC Press, v. 3, p. 2347-2360, 2010. Disponível em: <<https://pages.gseis.ucla.edu/faculty/bates/articles/information-behavior.html>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BIBLIOBÔCA MAMBEMBE UMA TARDE DE LAZER DIFERENCIADA PARA VOCÊ E SUA FAMÍLIA! 2011. Disponível em: <<https://movimentobocalixo.wordpress.com/2011/03/15/biblioboca-mambembe-uma-tarde-de-lazer-diferenciada-para-voce-e-sua-familia/>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

BIBLIOTECA CEPOMA. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/about/biblioteca-cepoma/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA AMIGOS DA LEITURA. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/about/biblioteca-solar-de-ler/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA AMIGOS DA LEITURA. **Manual de Procedimentos técnicos**. 2013.

BIBLIOTECA MULTICULTURAL NASCEDOURO. Disponível em: <<https://movimentobocalixo.wordpress.com/bmn/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. **Bibliotecas comunitárias e Pontos de Leitura**. [2014?]. Disponível em: <<http://snbp.bn.br/bcpl/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BIBLIOTECA NASCEDOURO: 15 anos de resistência e muita história pra contar!. 2015. Disponível em: <<https://movimentobocalixo.wordpress.com/2015/10/23/biblioteca-nascedouro-15-anos-de-resistencia-e-muita-historia-pra-contar/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BIBLIOTECA PERÓ RELATA EXPERIÊNCIA EM REDE. 2009. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/2009/08/05/biblioteca-pero-em-manifesto/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BIBLIOTECA POPULAR DO COQUE. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/about/biblioteca-popular-do-coque/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS ATENDEM A INTERESSES SOCIAIS, MAS AINDA LUTAM PELO DEVIDO RECONHECIMENTO DO PODER PÚBLICO. In: **No centro do**

**debate:** As bibliotecas comunitárias e a construção do direito à leitura. Centro de Cultura Luiz Freire, 2015a. Disponível em: < <http://cclf.org.br/documento/as-bibliotecas-comunitarias-e-a-construcao-do-direito-a-leitura-revista-no-centro-do-debate-edicao-1/>>. Acesso em: 05 maio 2016.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS, ESCOLARES E COMUNITÁRIAS: IDENTIDADE E SUSTENTABILIDADE. In: **No centro do debate:** As bibliotecas comunitárias e a construção do direito à leitura. Centro de Cultura Luiz Freire, 2015b. Disponível em: <<http://cclf.org.br/documento/as-bibliotecas-comunitarias-e-a-construcao-do-direito-a-leitura-revista-no-centro-do-debate-edicao-1/>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

BOCA DO LIXO. Disponível em: < <https://movimentobocalixo.wordpress.com/boca-do-lixo/>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

BORGES, J. L. **Esse ofício do verso**. 2. reimp. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOTELHO, C. N. **A formação do bibliotecário e as bibliotecas comunitárias**. 2010. 53 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BOTLER, Alice; SANTANA, Gabriel. AVALIAÇÃO EM REDES SOCIAIS: um estudo da rede de bibliotecas comunitárias releitura. In: IV Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação / VII Congresso Luso Brasileiro de Política e Administração da Educação Porto, Portugal, 2014. Disponível em: <[http://www.anpae.org.br/IBERO\\_AMERICANO\\_IV/GT3/GT3\\_Coimunicacao/AliceMiriamHappBotler\\_GT3\\_integral.pdf](http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT3/GT3_Coimunicacao/AliceMiriamHappBotler_GT3_integral.pdf)>. Acesso em: 20 jul 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 196**, de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 1996. Disponível em: <[http://www.prppg.ufg.br/coep/uploads/files/res\\_196.php](http://www.prppg.ufg.br/coep/uploads/files/res_196.php)>. Acesso em: 19 jan. 2017.

BRASIL. **Decreto n. 7.559**, de 1º de setembro de 2011. 2011. Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura PNLL e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20112014/2011/decreto/d7559.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2011/decreto/d7559.htm)>. Acesso em: 22 mai. 2016.

BRASIL. **Lei n. 10.753**, de 30 de outubro de 2003. 2003. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.753.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm)>. Acesso em: 22 mai. 2016.

BREVE HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO. 2007. Disponível em: <<http://bibliotecanascedouro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

CÂNDIDO, A. Direito à Literatura. In: LIMA, A. de et al. **O Direito à Literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 17-40.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo

Horizonte, MG: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003. 1 CD-ROM.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARNEIRO, D. **Guia prático para bibliotecas comunitárias**. Curitiba: Magnolia Cartoneira, 2016.

CARTA DA BRIGADA DA BIBLIOTECA PARA A DIREÇÃO. 2015. Disponível em: <<http://aguapraquepraviver.blogspot.com.br/2015/12/carta-da-brigada-da-biblioteca-para.html>>. Acesso em 02 jan. 2017.

CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CAVALCANTE, L. E. Bibliotecas autogeridas e participação comunitária. In: \_\_\_\_\_; ARARIPE, F. M. A. (Orgs.). **Biblioteca Comunitária: entre vozes e saberes**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014. p. 27-33.

CAVALCANTE, L. E; FEITOSA, L.T. A mediação da informação sob a perspectiva do usuário em comunidades locais. In: CASARIN, H. C. S. (Org.). **Estudos de usuários da informação**. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 255-271.

CENSO NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS: estudo quantitativo: principais resultados. Brasília: FGV, 2010. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/05/microsoft-powerpoint-fgv-ap-minc-completa79.pdf>>. Acesso em: 14 maio. 2014.

CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE. Disponível em: <<http://cclf.org.br/documento/as-bibliotecas-comunitarias-e-a-construcao-do-direito-a-leitura-revista-no-centro-do-debate-edicao-1/>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

CEPOMA. **Projeto Político Pedagógico (PPP) 2007/2009**.

CERVINSKIS, A. C.; SANTANA, G. **Relatório de pesquisa referente ao projeto Mapeamento de Bibliotecas Comunitárias – Etapa 1 – Caruaru e São José do Egito – n. 348/2012**. Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2014.

CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: **Práticas da leitura** [sob a direção de Roger Chartier]. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 77-105.

COELHO NETO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COM A PALAVRA, A POETA. 2010. Disponível em: <<http://bpcoque.com.br/?p=387>>. Acesso em: 15 maio. 2016.

CONEXÃO RECIFE MEDELÍN: identidade, bibliotecas e pertencimento. 2013. Disponível em: <<https://movimentobocalixo.wordpress.com/2013/10/?blogsub=confirming#subscribe-blog>>. Acesso em 24 fev 2016.

CONFIRA OS POEMAS PREMIADOS. 2013. Disponível em: <<http://bpcoque.com.br/?p=1494>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

CONTENTE, R. Apesar dos pesares, o Coque existe, vive e sempre resiste. **Folha Pernambuco**, ano 16, n. 212, ago. 2013. Cotidiano, p. 3. Disponível em: <<http://www.folhape.com.br/edicaodigital/2013/agosto/04/files-2013-08-04/assets/basic-html/page17.html>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

COQUE VIVE EXIBE SEU PRIMEIRO DOCUMENTÁRIO NO 1º ANO DA BPC. 2008. Disponível em: <<http://bpcoque.com.br/?p=67>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

COQUE VIVE. Coque. Disponível em: <<https://coquevive.wordpress.com/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

CORRÊA, Elisa C. D. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 19, n. 41, p. 23-40, set./dez., 2014.

COSSON, R. **Círculos e leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. Letramento Literário. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva et al. (Org.). **Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

COSTA, L. M. R. **Biblioteca de caráter público e práticas leitoras**. 2011. 227f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

COURTRIGHT, C. Context in Information Behavior Research. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 41, p. 273-306, 2007.

COX, A. M. An exploration of the practice approach and its place in information science. **Journal of Information Science**, v. 38, n. 2, p. 176-188, 2012.

CUNHA, M. B.; AMARAL, S. A.; DANTAS, E. B. **Manual de estudo de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015.

DAVENPORT, E. Review of everyday information practices: A social phenomenological perspective. **Journal of the American society for information science and technology**, v. 60, n. 12, p. 2590–2591, 2009.

DE PAULA, Z. **Peixinhos: Um rio por onde navegam um povo e suas Histórias**. Recife: Bagaço, 2000.

DERVIN, B.; NILAN, M. Information needs and uses. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 21, p. 03-33. 1986.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

EDUCAÇÃO. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/about/biblioteca-solar-de-ler/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

EM NOME DAS BIBLIOTECAS, DO LIVRO, DA LEITURA E DA LITERATURA. 2013. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/2013/06/22/emnomedasbibliotecasdo-livrodaleituraedaliteratura/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

FELL, A. F. A. et. al. A produção acadêmica no Brasil sobre Ciência da Informação: um estudo a partir da Teoria do Conhecimento de Habermas. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 20, n.1, jan./jun. 2014.

FERNANDEZ, Cida. **Entrevista informal concedida a Mariana de Souza Alves**. Recife, 08 mar. 2016.

FERNANDEZ, C. A qualidade da educação pública não diz respeito somente à educação escolar. In: **No centro do debate**: As bibliotecas comunitárias e a construção do direito à leitura. Centro de Cultura Luiz Freire, 2015. Disponível em: <<http://cclf.org.br/documento/as-bibliotecas-comunitarias-e-a-construcao-do-direito-a-leitura-revista-no-centro-do-debate-edicao-1/>>. Acesso em: 05 maio. 2016.

FERNANDEZ, C.; DOURADO, A (no prelo). **Fase de planejamento de práticas sistemáticas de mediação e integração da comunidade e atividades culturais**. Acesso em: 2016.

FERNANDEZ, C.; RONDON, H. **Sustentabilidade**: como mobilizar pessoas e recursos para sua biblioteca São Paulo: Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural Bibliotecas e Leitura, SP Leituras, 2017.

FERNANDEZ, M. A. A.; MACHADO, E. **Bibliotecas públicas**: um equipamento cultural para o desenvolvimento local: guia político-pedagógico para ampliação do número de bibliotecas públicas no Brasil. Recife: Centro de Desenvolvimento e Cidadania, 2016.

FERREIRA, Maria Mary. Políticas públicas de informação e políticas culturais: e as bibliotecas públicas para onde vão? **TransInformação**, Campinas, v.18, n. 2, p. 113-122, maio/ago., 2006.

FERREIRA, S. M. S. P. Novos paradigmas e novos usuários de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, 1995.

FLUSSER, V. A biblioteca como instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.

FLUSSER, V. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 131-138, set. 1980.

FREIRE, G. H. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11 n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREITAS, A. S. **Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana**: um estudo sobre o papel das redes associacionistas. 2005. 398f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Recife.

GADOTTI, M.; GUTIERREZ, F.P. **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993.

GAIMAN, N. **Por que nosso futuro depende de bibliotecas, de leitura e de sonhar acordado**. 2013. Disponível em: <<http://indexadora.wordpress.com/2013/10/17/neil-gaiman-por-que-nosso-futuro-depende-de-bibliotecas-de-leitura-e-de-sonhar-acordado/>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Comentários ao artigo “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia”. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 44-56, set./dez. 1996.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: **Práticas da leitura** [sob a direção de Roger Chartier]. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 107-116.

GRZYBOWSKI, L. (Coord.). **Brasília Teimosa: projeto escola Z – 1. 2. ed.** Recife: Liber, 1989.

GUARALDO, T. S. B. **Práticas de informação e leitura: a mediação leitor e jornal na leitura diária**. 2012. 240f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2012.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, jul.1995.

IMAGINA COLETIVO. História #37 - Coque (R)Existe - Recife | PE. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3alsMCnut8>>. Acesso em 25 mar 2016.

INTERAÇÃO. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2016. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=BVqoW>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

MACHADO, A. M. Alguns equívocos sobre leitura. In: INSTITUTO C&A (São Paulo) (Org.). **Nos caminhos da literatura**. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 48-67.

MACHADO, E. C. Análise de políticas públicas para bibliotecas no Brasil. InCID: R. Ci. **Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n.1, p. 94-111, 2010.

MACHADO, E. C. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, 2008.

MACHADO, N. F. **Do Matadouro ao Nascedouro: a criação de novos espaços de participação juvenil**. 2003. 131f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPE, Recife.

MADELLA, R. **Bibliotecas comunitárias: espaços de interação social e desenvolvimento pessoal**. 2010. 222f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MAIA, D. et. al. **Antropólogos se retiram do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da UEL**. 2014. Disponível em:

<<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/antropologos-se-retiram-do-comite-de-etica-em-pesquisa-envolvendo-seres-humanos-da-uel/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: \_\_\_\_\_. **A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação Especial**: uso e processo de análise. Marília, SP: UNESP, 2008. Disponível em: <[http://www.oneesp.ufscar.br/texto\\_orientacao\\_transcricao\\_entrevista](http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista)>. Acesso em: 31 jan. 2017.

MARACATU NAÇÃO ERÊ 1/2. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A3voOKtcq5s>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MARTUCCI, E. M. **A abordagem sense-making para estudo de usuário**. Porto Alegre: ABEED, 1997 (Texto-Roteiro).

MCKENZIE, P. J. A model of information practices in accounts of everyday life information seeking. **Journal of Documentation**, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

MCKENZIE, P. J. Communication barriers and information-seeking counter-strategies in accounts of practitioner-patient encounters. **Library and Information Science Research**, v. 24, n. 1, p. 31-47, 2002.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MEIRELLES, Mariana Barros; GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. O uso do termo de consentimento informado na mediação infocomunicacional: implicações éticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17, Salvador, 2016. **Anais...** Salvador, BA: UFBA.

MELLO, G. **Meu bairro, moro aqui**: Alto José Bonifácio. 2012. Disponível em: <<http://agendaculturaldorecife.blogspot.com.br/2012/10/meu-bairro-moro-aqui-alto-jose-bonifacio.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

MENDES, F. **Coque/Ilha Joana Bezerra**. 2011. Disponível em: <<http://agendaculturaldorecife.blogspot.com.br/2011/05/coqueilha-joana-bezerra.html>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

MILANESI, L. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 4. ed. rev. e ampl. Cotia, SP: Ateliê, 2003.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MILANESI, L. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MOVIMENTO CULTURAL BOCA DO LIXO. Início. Disponível em: <<https://movimentobocalixo.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

MULHERES ARTESÃS. 2012. Disponível em: <<http://bpcoque.com.br/?p=742>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

NEITZEL, A. A; BRIDON, J.; WEISS, C. S. Mediações em leitura: encontros na sala de aula. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 97, n. 246, p. 305-322, mai./ago. 2016.

NOSSA HISTÓRIA. 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecaamigosdaleitura.com.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

O PROJETO. Disponível em: <[http://bpcoque.com.br/?page\\_id=16](http://bpcoque.com.br/?page_id=16)>. Acesso em: 25 mar. 2016.

O QUE É UMA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA? 2014. Disponível em: <<http://releiturape.wordpress.com/o-que-e-uma-biblioteca-comunitaria>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

OLIVEIRA, Antônio. **Entrevista informal concedida a Mariana de Souza Alves**. Olinda, 02 mar. 2016.

ONG CIRANDAR. **Projeto submetido ao Prêmio Viva Leitura**. Porto Alegre, 2014. Disponível em:

<[http://www.premiovivaleitura.org.br/projetos\\_uploads/28112014113343.pdf](http://www.premiovivaleitura.org.br/projetos_uploads/28112014113343.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2016.

ØROM, A. Information Science, historical changes and social aspects: a Nordic outlook. **Journal of Documentation**, v. 56, n. 1, p. 12-26, jan. 2000.

PARCERIA RELEITURA E UFPE QUALIFICA MEDIAÇÃO DE LEITURA. 2012. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/2012/04/05/parcieriareleituraeufpe-qualificamediacadeleitura/>>. Acesso em: 19 maio. 2016.

PAULINO, G. Leitura literária. In: FRADE, I. C. A. S. et al. (Org.). **Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

PÉ NA RUA ATELIÊ. **Nação Erê**. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eiMkOL7Wq1E>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

PEIXINHOS. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/peixinhos>>. Acesso em: 23 fev. 2016a.

PEIXINHOS. Disponível em: <<https://movimentobocalixo.wordpress.com/peixinhos/>>. Acesso em: 23 fev. 2016b.

PENNAC, D. **Como um romance**. Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

PERCURSO METODOLÓGICO FEITO PELA REDE, PARA ELABORAÇÃO DA CARTA DE PRINCÍPIOS NORTEADORES-OPERACIONAIS. Recife, 2012.

PEREIRA, P. A.P. Discussões conceituais sobre política social como política pública e direito de Cidadania. In: BOSCHETTI, I. et al. **Política Social no Capitalismo: Tendências Contemporâneas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p.87-107.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETTIGREW, K. E.; FIDEL, R.; BRUCE, H. Conceptual frameworks in information behavior. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 35, p. 43-78, 2001.

PINA. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/pina>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

PINTO, L. P. Bibliotecas comunitárias: dispositivos de ação. In: PINHO, Fábio Assis. **Dispositivos culturais e espaços de memória** [online]. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA – PNLL. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pnll>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 215-253.

PRADO, G. M. Bibliotecas comunitárias como território de memória interagindo práticas da aprendizagem e mudanças. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 10, n. 6, dez. 2009. Seção Colunas.

PRADO, G. M.; MACHADO, E. C. Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SP: USP, 2008. 1 CD-ROM.

PRANDI, R. **Orixás na música popular brasileira**. Diretório de 761 letras da MPB com referências a orixás e outros elementos das religiões afro-brasileiras, período de 1902 a 2000. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/orixampb.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PRAZER EM LER: dez anos de fomento à leitura literária. [São Paulo]: Instituto C&A; 2016. V1.

PRIMO, A. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. **Limc**, Porto Alegre, n. 45, 2005. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques\\_desfoques.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2017.

PRINCIPAIS REIVINDICAÇÕES DO I ENCONTRO DE BIBLIOTECAS. 2012. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/2012/11/20/principaisreivindicacoesdoiencontrode-bibliotecas/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

PROGRAMA IBERO-AMERICANO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS - IBERBIBLIOTECAS. Disponível em: <<http://www.iberbibliotecas.org/concurso-de-ajudas/>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

PROJETO CULTURAL INTERCÂMBIO RECIFE/XUCURU. 2016. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/2016/02/22/projeto-cultural-intercambio-recifexukuru/>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

QUAL SITUAÇÃO DO PLANO ESTADUAL POLÍTICAS DE LEITURA E MERCADO DO LIVRO E LEITURA DE PERNAMBUCO? In: **No centro do debate: As bibliotecas comunitárias e a construção do direito à leitura**. Centro de Cultura Luiz Freire, 2015.

Disponível em: <<http://cclf.org.br/documento/as-bibliotecas-comunitarias-e-a-construcao-do-direito-a-leitura-revista-no-centro-do-debate-edicao-1/>>. Acesso em: 05 maio. 2016.

QUEIRÓS, B. C. **Manifesto por um Brasil literário**. Parati, RJ, 2009. Disponível em: <<http://www2.brasilliterario.org.br/pt/home>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

RABELLO, R. **Usuário, informação e ciência e tecnologia: aspectos comunicativos e institucionais em um modelo sociotécnico emergente**. 2012. 169f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, Rio de Janeiro.

RAMOS, M. **Maracatu Cepoma Brasília Teimosa**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IHcVJUnqC5c>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

RELATÓRIO PRELIMINAR. In: ENCONTRO ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE PERNAMBUCO, 1, 2012, Recife. Anais... Recife, PE: UFPE. 1 CD-ROM..

RELEITURA BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/>>. Acesso em: 18 maio. 2016.

RELEITURA BIBLIOTECAS EM REDE: fortalecendo conexões leitoras. Projeto submetido ao Prêmio Viva Leitura. Recife, 2014. Disponível em: <[www.premiovivaleitura.org.br/projetos\\_uploads/22112014101625.doc](http://www.premiovivaleitura.org.br/projetos_uploads/22112014101625.doc)>. Acesso em: 05 abr. 2016.

RELEITURA PARTICIPA DE ESCUTA PÚBLICA PARA ELABORAÇÃO DO PLANO ESTADUAL DO LIVRO, LEITURA, LITERATURA E BIBLIOTECAS. 2016. Disponível em: <<https://releiturape.wordpress.com/2016/06/20/releitura-participa-de-escuta-publica-para-elaboracao-do-plano-estadual-do-livro-leitura-literatura-e-bibliotecas/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

RELEITURA. **Bibliotecas comunitárias em rede: para tecer os futuros nas teias da literatura e da criatividade**. [2013]. 1 folder. Apoio Instituto C&A, Centro de Estudos em Educação e Linguagem e Centro de Cultura Luiz Freire.

RITER, C. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

RODRIGUEZ, S. M. Leitoras com coração: usos de leitura dos romances sentimentais de massa. **Revista Letras, Curitiba**, n. 65, p. 23-37. jan./abr. 2005.

ROSA, E. C. S.; DUBEUX, M. H. S. Apresentação. In: ROSA, E. C. S.; DUBEUX, M. H. S. (Org.). **Abriu-se a biblioteca: mitos, rimas, imagens, monstros, gente e bichos: literatura na escola e na comunidade**. Recife: Editora UFPE, 2016. p. 5-11.

SANTANA, G. L. **Escola em rede: bibliotecas comunitárias e as demandas sobre a gestão escolar**. 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Recife, 2014.

SANTANA, Ilma. **Entrevista informal concedida a Mariana de Souza Alves**. Recife, 03 mar. 2016.

SANTANA, Isamar. **Entrevista informal concedida a Mariana de Souza Alves**. Recife, 26 mai. 2016.

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SAVOLAINEN, Reijo. Spatial factors as contextual qualifiers of information seeking. **Information Research**, ano 11, n. 4, 2006. Disponível em: <<http://InformationR.net/ir/11-4/paper261.html>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

SEVERNO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Abraão Antunes. **Releitura: Bibliotecas Comunitárias em Recife**. 2013. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia)– Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2013.

SILVA, A.; NUNES, J. Práticas informacionais como paradigma: por uma teoria social da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15, 2013, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ECI, UFMG. 1 CD-ROM.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. **É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias**. 2011. 386f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SILVA, Cristiane Maria. **Nação Erê: o maracatu de baque virado no processo de arte educação**. 2003.35f. Monografia (Especialização em Etnomusicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2003.

SILVA, Fábio Rogério Rodrigues. **Entrevista informal concedida a Mariana de Souza Alves**. Recife, 04 mar. 2016.

SILVA, Gilvanedja Ferreira Mendes da. **Políticas públicas: acesso, disseminação e uso da informação e da cultura nas bibliotecas públicas pernambucanas**. 2015. 164 f.: il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Recife, 2014.

SILVA, Rogério. **Entrevista informal concedida a Mariana Alves**. Olinda, 26 mai. 2016.

SILVA, Ronaldo Alves. **As práticas informacionais das profissionais do sexo da Zona Boêmia de Belo Horizonte**. 2008. 170f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SOBRE [CCLF]. Disponível em: <<http://cclf.org.br/sobre/>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

SOBRE MIM. 2008. Disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/09338111857942863684>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

SOUZA, Kassandra Kallyna Nunes de. **Biblioteca comunitária: uma questão social**. 2010. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia.

SOUZA, Kassandra Kallyna Nunes de; BEZERRA, Priscila do Nascimento; BRÁZ, Márcia Ivo. Biblioteca Multicultural Nascidouro: sua história a partir do estudo dos usuários. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA,

DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO, E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33, 2010, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, PB: UFPB, 2010. 1 CD-ROM.

SOUZA, Maria Tenório. **Entrevista informal concedida a Mariana de Souza Alves**. Recife, 03 mar. 2016.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e a informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

TARGINO, Maria das Graças. Biblioteconomia, informação e cidadania. **Revista Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 149-160, jul./dez., 1991.

THE PUBLIC library service: IFLA/UNESCO guidelines for development. [International Federation of Library Associations and Institutions]. Ed. pela Section of Public Libraries por Philip Gill et. al. - München : Saur, 2001, XVI, 116 p. (IFLA publications ; 97) ISBN 3-598-21827-3.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa e educação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas**. 1944. Disponível em: <<http://www.ifla.org/publications/iflaunesco-public-library-manifesto-1994>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

UNIR PARA CONQUISTAR E AVANÇAR. 2012. Disponível em: <https://releiturape.wordpress.com/2012/11/15/unirparaconquistareavancar/>. Acesso em 25 jun. 2016.

VASCONCELLOS, Rafaela de Melo. Relações e novas configurações numa comunidade do Recife: a experiência da rede coque vive. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (CONLAB), 11, Salvador. **Anais...** Salvador, BA: UFBA, Campus Ondina. 1 CD-ROM.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. **Templários da ausência em bibliotecas populares**. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

VICIOSF, Rogério. **Entrevista informal concedida a Mariana de Souza Alves**. Recife, 05 mar. 2016.

VIEIRA, Heloisa Maria. **Bibliotecas comunitárias em belo Horizonte: atores em cena**. 2007. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

VOLUNTÁRIOS REALIZAM ATIVIDADES NA BIBLIOTECA MULTICULTURA NASCEDOURO. 2013. Disponível em: <<https://movimentobocalixo.wordpress.com/2013/07/11/voluntarios-realizam-atividades-na-biblioteca-multicultura-nascedouro/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

WERSIG, Gernot. Information theory. In: FEATHER, J.; STURGES, P. (Ed.). **International Encyclopedia of library and information science**. London: Routledge, 1996. p. 200-227.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. Os fenômenos de interesse para a ciência da informação. Texto publicado originalmente em inglês no Periódico **Information Scientist**, v.9, n.4, p.127-140, dec., 1975. Disponível em:  
<<http://www.alvarestech.com/lillian/GestaoDaInformacao/Rogério/WersigNeveling.pdf>>.  
Acesso em: 23 jan. 2016.

**APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO**

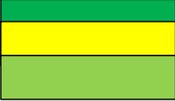
<b>Nome da Biblioteca</b>
<b>Nome e função do respondente</b>
<b>Data de criação da biblioteca</b>
<b>Por quem foi criada?</b>
<b>Bairro/comunidade em que se localiza</b>
<b>Bairros a que atende</b>
<b>Como se mantém atualmente</b>
<b>Elenque o máximo possível de serviços e eventos que a biblioteca oferece/ofereceu</b>
<b>Qual o quantitativo de itens do acervo</b>
<input type="checkbox"/> cadastrados no Biblivre
<input type="checkbox"/> número total de itens

<b>Quais as temáticas que compõem o acervo</b>
<b>Quantidade de usuários</b>
<input type="checkbox"/> cadastrados no Biblivre
<input type="checkbox"/> frequentam diariamente, se souber
<input type="checkbox"/> frequentam mensalmente, se souber
<b>Qual perfil dos usuários (faixa-etária, idade, entre outras características)? Qual o período em que os usuários mais frequentam a biblioteca?</b>
<b>Qual a forma de identificação das demandas/necessidades de informação e de leitura dos usuários da biblioteca? O que é feito para atender essas demandas? Explique o mais detalhado que puder.</b>
<b>Informar o endereço e contatos atualizados da biblioteca.</b>

## ANEXO A - CLASSIFICAÇÃO POR CORES (EXEMPLO)

LITERATURA INFANTIL	
Literatura Infantil-	
Africana	
Arte/artesanato	
Crônica	

LITERATURA JUVENIL	
Literatura Juvenil-	
Africana	
Arte/artesanato	
Crônica	

LITERATURA ADULTA			
Nacional		Estrangeira	
Autoajuda		Autoajuda	
Crônica		Crônica	
Espiritualidade/ religiosidade		Espiritualidade/ religiosidade	

**ANEXO B- CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaramos, para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Mariana de Souza Alves desenvolver o seu projeto de pesquisa *Práticas Informacionais e leitoras nas Bibliotecas Comunitárias em Rede da Releitura-PE*, que está sob a coordenação/orientação da Prof.<sup>a</sup> Anna Elizabeth Coutinho Correia e co-orientação de Diego Andres Salcedo, cujo objetivo é analisar as práticas informacionais e leitoras nas bibliotecas comunitárias desta Rede.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se o/a mesmo/a a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados, o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Recife, \_\_\_\_ de abril de 2016

---

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição ou pessoa por ele delegada

## ANEXO C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS – Resolução 466/12)

Convidamos o (a) Sr.(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa PRÁTICAS INFORMACIONAIS E LEITORAS NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA-PE., que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Mariana de Souza Alves, residente na \_\_\_\_\_ – telefone para contato: \_\_\_\_\_ e e-mail mdsa24@gmail.com Também participam também desta pesquisa os pesquisadores e está sob a orientação da Profa. Dra. Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia – Telefones para contato: \_\_\_\_\_, e-mail (aegcc3@gmail.com). Também participa desta pesquisa, como co-orientador, o Prof. Dr. Diego Andres Salcedo. Contatos: (salcedo.da@gmail.com).

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Descrição da pesquisa: nossa questão de pesquisa reside no fato de compreender quais são as práticas informacionais e leitoras nas bibliotecas comunitárias, a partir de dois pilares: das ações que ela realiza e das condutas/vivências/sentimentos dos sujeitos envolvidos com essas bibliotecas. A partir disso, temos como objetivo geral investigar as práticas informacionais e leitoras nas bibliotecas comunitárias da Releitura de forma a descobrir o que é produzido e vivenciado nesses espaços a partir da interação com a informação e com a leitura. Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) caracterizar as comunidades, o histórico, os serviços, o acervo e os usuários das bibliotecas comunitárias escolhidas; b) verificar a interação dos participantes com a leitura e com a informação; c) identificar quais são as práticas de gestão e organização dos espaços, bem como as práticas de mediação de leitura e cultura realizadas nas bibliotecas e d) compreender qual a importância das práticas de informação e leitura para os participantes da pesquisa. Para tanto, utilizaremos a entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa. Pretende-se utilizar um gravador de voz, se assim permitido pelo sujeito a ser entrevistado, para o registro de suas falas. Os nomes solicitados na entrevista serão trocados por nomes fictícios para manter a integridade dos mesmos.

A duração da entrevista terá cerca de 30 a 40 minutos, podendo esse tempo ser expandido, a depender das características do sujeito que estiver sendo pesquisado. As perguntas se referem às práticas realizadas nas bibliotecas e hábitos informativos e leitores dos participantes.

RISCOS diretos: Os riscos são mínimos, como eventual constrangimento frente às perguntas que, por ventura, não sejam de conhecimento destes atores. No entanto, tendo em vista que estas perguntas giram em torno das atividades diárias destes sujeitos, cremos que este eventual risco seja praticamente nulo.

BENEFÍCIOS diretos e indiretos: Não prevemos, neste trabalho, benefícios diretos aos sujeitos consultados. Como benefícios indiretos, cremos que a pesquisa tornará possível uma compreensão acerca das práticas informacionais e leitoras realizadas nas bibliotecas comunitárias, além de ser um registro sobre a atuação e práticas da Releitura. Para o campo teórico prático da biblioteconomia e ciência da informação será mais uma contribuição para reflexões e trará mais visibilidade para essas iniciativas no contexto nacional da comunicação científica.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações de áudio, entrevistas e questionários) ficarão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal da pesquisadora, ou pastas-arquivo físicos (para questionários), sob a responsabilidade desta, no endereço acima informado, pelo período mínimo de 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharias/n-1º Andar, sala4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP:50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

\_\_\_\_\_  
(assinatura do pesquisador)

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu,

\_\_\_\_\_  
CPF

abaixo assinado, após a leitura (ou a escutada leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo PRÁTICAS INFORMACIONAIS E LEITORAS NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA-PE, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

\_\_\_\_\_  
Local e data

Impressão  
digital  
(opcional)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante:

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

**ANEXO D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MENORES DE 12 a 18 ANOS)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(PARA MENORES DE 12 a 18 ANOS - Resolução 466/12)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 12 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos

\_\_\_\_\_ você

\_\_\_\_\_ após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais]

para participar como voluntário (a) da pesquisa: PRÁTICAS INFORMACIONAIS E LEITORAS NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA-PE. Esta pesquisa é da responsabilidade do (a) pesquisador (a) Mariana de Souza Alves, residente na \_\_\_\_\_ – telefone para contato: \_\_\_\_\_ e e-mail mdsa24@gmail.com Também participam também desta pesquisa os pesquisadores e está sob a orientação da Profa. Dra. Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia – Telefones para contato: \_\_\_\_\_, e-mail (aegcc3@gmail.com). Também participa desta pesquisa, como co-orientador, o Prof. Dr. Diego Andres Salcedo. Contatos: (salcedo.da@gmail.com).

Caso este Termo de Assentimento contenha informação que não lhe seja compreensível, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados e concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guardá-la e a outra ficará com o pesquisador responsável. Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida e estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

Descrição da pesquisa: nossa questão de pesquisa reside no fato de compreender quais são as práticas informacionais e leitoras nas bibliotecas comunitárias, a partir de dois pilares: das ações que ela realiza e das condutas/vivências/sentimentos dos sujeitos envolvidos com essas bibliotecas. A partir disso, temos como objetivo geral investigar as práticas informacionais e leitoras nas bibliotecas comunitárias da Releitura de forma a descobrir o que é produzido e vivenciado nesses espaços a partir da interação com a informação e com a leitura. Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) caracterizar as comunidades, o histórico, os serviços, o acervo e os usuários das bibliotecas comunitárias escolhidas; b) verificar a interação dos participantes com a leitura e com a informação; c) identificar quais são as práticas de gestão e organização dos espaços, bem como as práticas de mediação de leitura e cultura realizadas nas bibliotecas e d) compreender qual a importância das práticas de informação e leitura para os participantes da pesquisa. Para tanto, utilizaremos a entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa. Pretende-se utilizar um gravador de voz, se assim permitido pelo sujeito a ser entrevistado, para o registro de suas falas. Os nomes solicitados na entrevista serão trocados por nomes fictícios para manter a integridade dos mesmos.

A duração da entrevista terá cerca de 30 a 40 minutos, podendo esse tempo ser expandido, a depender das características do sujeito que estiver sendo pesquisado. As perguntas se referem às práticas realizadas nas bibliotecas e hábitos informativos e leitores dos participantes.

RISCOS diretos: Os riscos são mínimos, como eventual constrangimento frente às perguntas que, por ventura, não sejam de conhecimento destes atores. No entanto, tendo em vista que estas perguntas giram em torno das atividades diárias destes sujeitos, cremos que este eventual risco, seja praticamente nulo.

BENEFÍCIOS diretos e indiretos: Não prevemos, neste trabalho, benefícios diretos aos sujeitos consultados. Como benefícios indiretos, cremos que a pesquisa tornará possível uma compreensão

acerca das práticas informacionais e leitoras realizadas nas bibliotecas comunitárias, além de ser um registro sobre a atuação e práticas da Releitura. Para o campo teórico prático da biblioteconomia e ciência da informação será mais uma contribuição para reflexões e trará mais visibilidade para essas iniciativas no contexto nacional da comunicação científica.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações de áudio, entrevistas e questionários) ficarão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal da pesquisadora, ou pastas-arquivo físicos (para questionários), sob a responsabilidade desta, no endereço acima informado, pelo período mínimo de 5 anos.

Nem você nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharias/n-1º Andar, sala4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP:50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

---

(assinatura do pesquisador)

#### ASSENTIMENTO DO (DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, \_\_\_\_\_ portador do documento de identidade \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo PRÁTICAS INFORMACIONAIS E LEITORAS NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA-PE, como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante:

\_\_\_\_\_  
Impressão  
digital  
(opcional)

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

**ANEXO E- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS - Resolução 466/12)

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) (ou menor que está sob sua responsabilidade) \_\_\_\_\_ para participar como voluntário (a) da pesquisa PRÁTICAS INFORMACIONAIS E LEITORAS NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA-PE, Esta pesquisa é da responsabilidade do (a) pesquisador (a) Mariana de Souza Alves, residente na \_\_\_\_\_ – telefone para contato: \_\_\_\_\_ e e-mail mdsa24@gmail.com Também participam também desta pesquisa os pesquisadores e está sob a orientação da Profa. Dra. Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia – Telefones para contato: \_\_\_\_\_, e-mail (aegcc3@gmail.com). Também participa desta pesquisa, como co-orientador Prof. Dr. Diego Andres Salcedo. Contatos: (salcedo.da@gmail.com).

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubricue as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização nem para o (a) Sr.(a) nem para o/a voluntário/a que está sob sua responsabilidade, bem como será possível ao/a Sr. (a) retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

Descrição da pesquisa: nossa questão de pesquisa reside no fato de compreender quais são as práticas informacionais e leitoras nas bibliotecas comunitárias, a partir de dois pilares: das ações que ela realiza e das condutas/vivências/sentimentos dos sujeitos envolvidos com essas bibliotecas. A partir disso, temos como objetivo geral investigar as práticas informacionais e leitoras nas bibliotecas comunitárias da Releitura de forma a descobrir o que é produzido e vivenciado nesses espaços a partir da interação com a informação e com a leitura. Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) caracterizar as comunidades, o histórico, os serviços, o acervo e os usuários das bibliotecas comunitárias escolhidas; b) verificar a interação dos participantes com a leitura e com a informação; c) identificar quais são as práticas de gestão e organização dos espaços, bem como as práticas de mediação de leitura e cultura realizadas nas bibliotecas e d) compreender qual a importância das práticas de informação e leitura para os participantes da pesquisa. Para tanto, utilizaremos a entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa. Pretende-se utilizar um gravador de voz, se assim permitido pelo sujeito a ser entrevistado, para o registro de suas falas. Os nomes solicitados na entrevista serão trocados por nomes fictícios para manter a integridade dos mesmos.

A duração da entrevista terá cerca de 30 a 40 minutos, podendo esse tempo ser expandido a depender das características do sujeito que estiver sendo pesquisado. As perguntas se referem às práticas realizadas nas bibliotecas e hábitos informativos e leitores dos participantes.

RISCOS diretos: Os riscos são mínimos, como eventual constrangimento frente às perguntas que, por ventura, não sejam de conhecimento destes atores. No entanto, tendo em vista que estas perguntas giram em torno das atividades diárias destes sujeitos, cremos que este eventual risco, seja praticamente nulo.

BENEFÍCIOS diretos e indiretos: Não prevemos, neste trabalho, benefícios diretos aos sujeitos consultados. Como benefícios indiretos, cremos que a pesquisa tornará possível uma compreensão acerca das práticas informacionais e leitoras realizadas nas bibliotecas comunitárias, além de ser um registro sobre a atuação e práticas da Releitura. Para o campo teórico prático da biblioteconomia e ciência da informação será mais uma contribuição para reflexões e trará mais visibilidade para essas iniciativas no contexto nacional da comunicação científica.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário (a). Os dados coletados nesta pesquisa (gravações de áudio, entrevistas e questionários), ficarão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal da pesquisadora, ou pastas-arquivo físicos (para questionários), sob a responsabilidade desta, no endereço acima informado, pelo período mínimo de 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharias/n-1º Andar, sala4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP:50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

\_\_\_\_\_  
(assinatura do pesquisador)

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu,

\_\_\_\_\_  
CPF \_\_\_\_\_,

abaixo assinado, abaixo assinado, responsável por \_\_\_\_\_, autorizo a sua participação no estudo PRÁTICAS INFORMACIONAIS E LEITORAS NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA-PE, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento/ assistência/tratamento) para mim ou para o (a) menor em questão.

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante:

\_\_\_\_\_  
Impressão  
digital  
(opcional)

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

**ANEXO F - TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE**

**Título do projeto:** PRÁTICAS INFORMACIONAIS E LEITORAS NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA-PE,

**Pesquisador responsável:** Mariana de Souza Alves

**Instituição/Departamento de origem do pesquisador:** UFPE/PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**Telefone para contato:**

**E-mail:** mdsa24@gmail.com

O(s) pesquisador (es) do projeto acima identificado(s) assume(m) o compromisso de:

Preservar o sigilo e a privacidade dos voluntários cujos dados serão estudados;

Assegurar que as informações serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto em questão;

Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o voluntário da pesquisa.

Os dados coletados nesta pesquisa (gravações de áudio, entrevistas e questionários) ficarão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal da pesquisadora, ou pastas-arquivo físicos (para questionários), sob a responsabilidade desta, no endereço \_\_\_\_\_ telefone para contato: \_\_\_\_\_ e e-mail mdsa24@gmail.com, pelo período de mínimo 5 anos.

O(s) Pesquisador (es) declara(m), ainda, que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco – CEP/CCS/UFPE.

Recife, ..... de abril de 2016

---

**Assinatura Pesquisador Responsável**